

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRISCILA DO ROCIO OLIVEIRA DE SOUZA

CELEBRANDO CORPOS, DEBATENDO MOVIMENTOS – A SEXUALIDADE DA  
MULHER NEGRA DAS REDES ÀS FESTAS NEGRAS EM SP

CURITIBA  
2018

PRISCILA DO ROCIO OLIVEIRA DE SOUZA

CELEBRANDO CORPOS, DEBATENDO MOVIMENTOS – A SEXUALIDADE DA  
MULHER NEGRA DAS REDES ÀS FESTAS NEGRAS EM SP

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Elda Lopes Lira – CRB 9/1295

Souza, Priscila do Rocio Oliveira de

Celebrando corpos, debatendo movimentos: a sexualidade da mulher  
negra das redes às festas negras em São Paulo. / Priscila do Rocio Oliveira  
de. – Curitiba, 2018.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira

1. Antropologia social - Brasil. 2. Feminismo – Brasil. 3. Sexualidade –  
Gênero. 4. Cultura política - Brasil. 5. Mulheres- Aspectos sociais. I. Título.

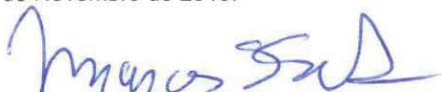
CDD – 305.420981


### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ANTROPOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **PRISCILA DO ROCIO OLIVEIRA DE SOUZA**, intitulada: **CELEBRANDO CORPOS, DEBATENDO MOVIMENTOS - A SEXUALIDADE DA MULHER NEGRA DAS REDES ÀS FESTAS NEGRAS EM SP.**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 19 de Novembro de 2018.

  
MARCOS SILVA DA SILVEIRA  
Presidente da Banca Examinadora

  
ROSENILTON SILVA DE OLIVEIRA  
Avaliador Externo (USP)

  
FABIANA MAIZZA  
Avaliador Externo (UFPR)



## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Para além das formalidades, devo registrar o quanto o financiamento da CAPES foi de fato imprescindível na realização desse trabalho. Para alunos advindos de realidades periféricas e que veem nos estudos e na pesquisa não apenas uma paixão, mas uma forma de ascensão social, se dedicar à um curso no período da tarde sem qualquer forma de renda seria um privilégio ao qual não obtemos.

O apoio financeiro à pesquisa que para muitos pode ser dispensável, para nós é fundamental pois permite não apenas que este grupo de indivíduos advindo de camadas mais pobres da sociedade alcancem graus de instrução maior, mas também que estes mesmos tragam novas temáticas de pesquisa a partir de seus olhares e experiências.

Outra financiadora que devo agradecer é minha mãe, esta mulher que pariu três filhos, mas criou sete sozinha, quando a morte de sua irmã mais próxima se abateu a nossa porta, tendo assim lhe dado a confiança nos cuidados de quatro de seus cinco filhos menores, pois seu desejo era que crescessem juntos como família, ao passo que seus outros irmãos planejavam distribuir os filhos entre os tios que moravam em cidades diferentes.

Prosperamos enquanto família graças à força e dedicação desta matriarca que se desdobrou, e como ela escreveu certa vez em uma redação quando estudava para terminar o segundo grau, quando eu já estava na faculdade: *“faço de tudo, sou como um rádio 3 em 1”*, e sempre fez mesmo, e esteve disposta a nos dar mais que financiamento monetário.

Durante minha trajetória acadêmica outras mulheres que fizeram parte dessa caminhada e gostaria de registrar aqui minha gratidão por tê-las conhecido, entre elas estão: Alcione Leite e Rosana Santiago e Márcia Cristina (do Afroatitude), Isabella Sacramento, Adriana Ignácio, Débora Araújo, Megg Rayara (do NEAB e do Coletivo Sou Neguinh@), Brunna França e Débora Montagnoli (minhas véias da CEUC), as conversas, as bebidas, os momentos, foram todos de grande aprendizado e certeza

que estava diante de mulheres grandiosas, às quais me ofereceram suporte (inclusive à distância) e bateram de frente quando foi preciso, nos diversos momentos dessa trajetória.

Ao programa Afroatitude, que ingressei em 2005 juntamente com outros estudantes cotistas raciais, do qual fiz amizades que estão ainda hoje presentes na minha vida, meus grandes e queridos amigos: Júlio Cezar e José Roberto (várias histórias), Thiago Felício (dividimos as lamúrias um do outro sóbrios e bêbados) e Wellington dos Santos (muita bolacha de R\$0,50 pra um NEAB só), nossas trajetórias se cruzaram e fizemos nossas histórias (algumas melhor nem contar).

O Afroatitude abriu as portas para o conhecimento das relações raciais no nível acadêmico, uma vez que nosso conhecimento da nossa história, arte e cultura no nível escolar sempre foi escasso, e permitiu inclusive que alunos do grupo se interessassem e desenvolvessem suas carreiras acadêmicas na área.

No NEAB-UFPR desenvolvi minha primeira pesquisa acadêmica que foi essencial para que descobrisse o gosto de fazer pesquisa, e desenvolver o olhar de pesquisadora nas mais diversas áreas, ainda hoje essa pesquisa se reflete na minha mente, seu processo e seu resultado. Estive durante alguns anos no NEAB, pois lá junto com os demais alunos fizemos um espaço de convívio onde não éramos apenas alunos, mas amigos dividindo histórias e aproveitando o tempo e o espaço que estava disponível para nós. Obrigado a todos que lá estiveram.

Ao coletivo Sou Neguinh@ e todos os membros que vimos tornarem-se mestres e doutores(as), além de todas as intervenções executadas nas denúncias de racismo, posicionamentos, cartas de repúdio, ensinamentos, e momentos de diversão. José Marçal, Jorge Santana, Maria Patrícia, Solange Rosa, Hilton Costa, Sergio Nascimento, Sergio Miguel, Debora Araújo e Megg Rayara, são pessoas inestimáveis e grandes intelectuais.

Aos amigos que fiz durante os dois anos de estágio na Biblioteca Pública do Paraná (e à BPP também), em especial ao Ricardo Peixoto que depois de terminado nosso estágio, estivemos ao lado um do outro, nos divertindo e trocando momentos de cumplicidade que duram até hoje.

De áreas distintas traçamos caminhos e dividimos grandes momentos, Daniel Marcelino, da Agronomia, porém sempre interessado nos assuntos das humanidades, minha gratidão e saudade dos nossos dias e noites nesta cidade.

Júlio Sérgio, do curso de Música, morador da CEU – Casa do Estudante Universitário, muitas conversas e histórias em noites de cerveja e conhaque, me apresentou muita gente nova e o seu mundo também, grata por todos nossos momentos memoráveis e incontáveis.

Meus amigos das demais áreas cujo intercâmbio sempre deixou uma fagulha de curiosidade acesa. Meus últimos chefes de estágio na CIPEAD-UFPR, Daniel Tozzini e Natalia Savione, sempre compreensíveis e atentos à importância da dedicação acadêmica nas nossas vidas.

Aos professores do curso de Ciências Sociais que se dedicaram no ensino e na compreensão destes alunos que chegavam na universidade, advindos das mais diversas realidades. Em particular ao meu orientador Marcos Silva da Silveira, que sempre esteve presente e dando suporte aos alunos cotistas, além da dedicação na orientação deste trabalho.

À UFPR e aos programas de bolsa que foram essenciais para a manutenção e conclusão do curso. À CEUC – Casa da Estudante Universitária de Curitiba, onde morei e presidi por duas vezes, dois ambientes com experiências para vida.

O campo de pesquisa me permitiu conhecer pessoas maravilhosas que contribuíram e muito para a realização desta pesquisa, em especial Kamilah Pimentel da festa Wine, uma pessoa maravilhosa, de prestatividade e simpatia tão grande que nos surpreende, a ela e a todos em que estive em contato na Batekoo também, minha gratidão.

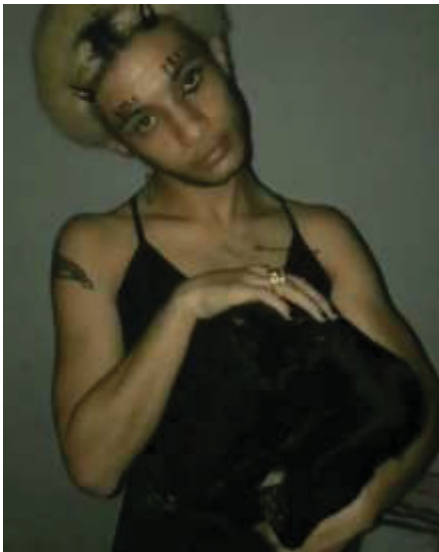
À minha turma do mestrado, repleta de pessoas maravilhosas, em tempos onde ouvia sobre a competitividade e falta de apoio por parte dos alunos nos cursos de pós-graduação, eu só encontrei pessoas que refletiam o contrário dessa realidade, colegas dispostos a ajudar no que podiam junto aos demais, e sempre atuantes numa rede de suporte que se estende para além dos bancos acadêmicos. Meu <3 pra vocês.

Aos movimentos sociais e negros pela coragem e dedicação por lutar pelas mudanças que hoje muitos alunos periféricos e negros desfrutam, e encaram a luta a

ser seguida devido a tantos outros que deram inclusive suas vidas em nome da igualdade.

Ao presidente Luís Inácio Lula da Silva pela coragem e luta em prol da população negra, pelas leis implementadas e as políticas de cotas que fizeram com que muitos como eu chegassem ao ensino superior e além, obrigado pelas oportunidades e o olhar para nossa gente.

Nós (todos) iremos além, e juntos.



**Paulo Cruz - @bixapreta69**

## **Ovelha Negra**

Vou fazer meu serviço de preto  
Porque a coisa está preta!  
Denegrir meu ser  
Saber de mim  
Buscar minha cultura  
Nesse Mercado Negro  
Matar a mulata na sua boca  
Dessexualizar meu corpo  
Da cor do Pecado  
Exaltar meus traços não finos  
Aceitar a mim, você não importa  
Não temo a inveja branca.  
Soltar meu cabelo armado  
Duro, contra seu racismo!  
Pintar de lápis preto minha pele  
Matar o dia do Branco escravocrata  
Reduzir seu vocabulário a pó  
Para que você perceba  
Que não há mais correntes em meu pé  
Que há vingança em meu coração  
Disciplina na minha mente  
Entidades no meu sangue  
Presta bastante atenção  
Quando um pret@ fala  
Por que agora chega  
Não somos mais suas negas.



Enquanto mulheres convencionais lutam contra o  
machismo  
As negras duelam pra vencer o machismo, o  
preconceito, o racismo  
[...] Não sou a subalterna que o senhorio crê que  
construiu  
Meu lugar não é nos calvários do Brasil  
[...] O aço das novas correntes não aprisiona minha  
mente  
Não me compra e não me faz mostrar os dentes  
Mulher negra não se acostume com termo depreciativo  
Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino  
Nossos traços faciais são como letras de um documento  
Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos  
Fique de pé pelos que no mar foram jogados  
Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados  
Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria  
É atrair gringo turista interpretando mulata  
Podem pagar menos pelos mesmos serviços  
Atacar nossas religiões, acusar de feitiços  
Menosprezar a nossa contribuição para a cultura brasileira  
Mas não podem arrancar o orgulho de nossa pele negra  
Mulheres negras são como mantas kevlar  
Preparadas pela vida para suportar  
O racismo, os tiros, o eurocentrismo  
Abalam mais não deixam nossos neurônios cativos

**Yzalú – Mulheres Negras**



[...] É dia de encarar o tempo e os leões  
Se tudo é perigoso, solta o ar  
Escuta a maré, a lua, o rádio, a previsão  
Por nós, só nós, e o mundo inteiro pra gritar

Nós não temos o mesmo sonho e opinião  
Nosso eco se mistura na canção  
Quero voz e quero o mesmo ar  
Quero mesmo é incomodar  
Tem a voz que diz que não, não pode ser  
Mas eu digo sim, que sim pro que eu quiser  
Sexo, pelo, prego e futebol  
Putá, presidente e cardial

É dia de falar e de ouvir, também  
Com medo de careta, dou a mão  
E cala o horror, a cara feia, noite escura  
Que a coragem é língua solta e solução  
[...]  
Por nós, só nós, e o mundo inteiro pra gritar

**Elza Soares - Língua Solta**

## RESUMO

A proposição deste trabalho visa abordar a temática da sexualidade de mulheres e feministas negras e as discussões que estas desencadeiam em grupos de redes sociais. Veremos como a performance passa a ser a ferramenta utilizada por grupos que demandam políticas e pertencimentos, utilizando a exposição do corpo como demarcador e agente destas. Os debates acerca do corpo negros e sexualidade aqui está voltado para as práticas de jovens periféricos que encontram não apenas nas redes sociais formas de expressar suas identidades, mas também as expressam e performam em festas negras que ocorrem na cidade de São Paulo, utilizando assim de uma cultura política. O presente texto traz os dados de pesquisa coletas entre os anos 2015 a 2017 e busca demonstrar como nos espaços virtuais e físicos são utilizados como local discurso e atuação onde questões como performance, identidade, gênero e corporeidade estão em evidência e debate, onde o corpo se constrói, desconstrói, performa e se reconstrói.

Palavras-chave: Feminismo negro. Performance. Festas negras. Sexualidade. Cultura política. Corpo.



## **ABSTRACT**

The purpose of this paper is to discuss the sexuality issue of black women and feminists and the discussions that they have in social network groups. We will see how performance becomes the tool used by groups that demand policies and belongings, using the body's exposure as a path and agent of these. The debates about the black body and sexuality here are focused on the practices of young peripherals who find not only in social networks ways of expressing their identities, but also express and perform them in black parties that occur in the city of São Paulo, thus using a political culture. The present text brings the research data collected between the years 2015 to 2017 and seeks to demonstrate how in virtual and physical spaces are used as a place of discourse and performance where issues such as performance, identity, gender and corporeity are in evidence and debate, where the body is constructed, disrupts, performs and rebuilds.

Keywords: Black feminism. Performance. Black parties. Sexuality. Political culture. Body.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - PRODUTORAS DA FESTA WINE – CRISTINA FERNANDES E KAMILAH PIMENTEL .....	56
Figura 2 - DEBATE WINE NA MESA – CAROL ROMERO, LYS VENTURA, LAY, WELIDA, CRISTINA FERNANDES E KAMILAH PIMENTEL. ....	60
Figura 3 - WINE EDIÇÃO DE DEZEMBRO DE 2016 .....	64
Figura 4- DESCRIÇÃO DO EVENTO DE DEZEMBRO DE 2016.....	65
Figura 5 - PUBLICAÇÃO VIA STORIES INSTAGRAM DA WINE .....	66
Figura 6 - DEPOIMENTOS SOBRE A FESTA .....	76
Figura 7- CRIADORES/PRODUTORES DA BATEKOO – MAURICIO SACRAMENTO E WESLEY MIRANDA.....	78
Figura 8 - SUSI IN TRANSE – PARTE LATERAL INTERNA E PARTE EXTERNA ..	82
Figura 9 - BATEKOO NO PORÃO DA SANFRAN 2017.....	86
Figura 10 – JOVEM SENDO FOTOGRAFADO 2017.....	88
Figura 11 – FABI R. SILVA.....	91
Figura 12 – GABI ZIRIGUIDUM .....	92
Figura 13 – SEVERO 25 .....	93
Figura 14– NG COQUINHO .....	94
Figura 15 – FELIX PIMENTA .....	95
Figura 16 – LUCCI LC .....	96
Figura 17– LAY À ÉPOCA DA CRIAÇÃO DO TUMBLR .....	126
Figura 18 - PERGUNTAS DO TUMBLR.....	129
Figura 19 - COMENTÁRIO BLOGUEIRAS NEGRAS .....	131
Figura 20 - RESPOSTA A COMENTÁRIO NO TUMBLR.....	132
Figura 21 - POSTAGEM EM GRUPO DE FEMINISTAS NEGRAS .....	134
Figura 22 - COMENTÁRIOS EM RESPOSTA À POSTAGEM .....	136
Figura 23 - POSTAGEM RENATA PRADO.....	139
Figura 24 – IMAGEM DE EXEMPLO DO BLOGUEIRAS NEGRAS .....	145
Figura 25 – FOTOS DAS BUCEPOWERS.....	146

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO .....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>
<b>1 – Introdução - Antropologia, movimentos e performance .....</b>	<b>26</b>
1.1 – A questão racial posta em pesquisa: gênero e raça .....	29
1.2 – Cultura e política em movimento .....	35
1.3 – Um mesmo tema, um outro tempo – O corpo e o campo .....	38
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>
<b>Capítulo 2 – Festas negras no Brasil .....</b>	<b>48</b>
2.1 – Festa negra, medo branco .....	48
2.2 – Festas negras em São Paulo .....	53
2.3 – Organizando a festa .....	54
2.4 – Wine, a festa .....	56
2.5 – Qualquer dúvida pergunte a elas .....	64
2.6 – Batekoo .....	77
2.7 – Batendo o Koo .....	80
2.8 – O corpo, a festa e o movimento .....	101
2.9 – “...festa como ato político, política como festa...” .....	104
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>115</b>
<b>Capítulo 3 – Entre o corpo e o movimento - Mulheres negras, sexualidade e performance .....</b>	<b>118</b>
3.1 – Bucepower Gang .....	125
3.2 – Punhetas covardes não importam .....	128
3.3 – Rebolando a <i>raba</i> .....	133
3.4 – Entre a prática e a teoria .....	139
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>149</b>
<b>EPÍLOGO .....</b>	<b>151</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>163</b>
<b>APÊNDICE 1 – Entrevistas .....</b>	<b>199</b>
<b>APÊNDICE 2 – MAPA GERAL DO CAMPO – SÃO PAULO – SP (2016 A 2017) .....</b>	<b>254</b>

## PRÓLOGO

“*Som*”, era como chamávamos as casas noturnas frequentadas por jovens na época da minha adolescência, (início dos anos 2000), “*e aí, vai pro som hoje?*”, era a pergunta que surgia nas rodas de conversas às sextas no colégio.

O colégio<sup>1</sup> do meu bairro nesta época, era um dos poucos na região com a possibilidade de se fazer o ensino médio, mas apenas no período noturno. A implementação do ensino médio no período da manhã era uma demanda dos moradores da região e foi sendo feita aos poucos.

No ano de 2003 terminei o último ano do ensino médio, no ano seguinte foram finalmente ofertados todos os anos do ensino médio no período da manhã. Muitos pais já não precisavam se preocupar com a segurança dos filhos estudando à noite, pois a imagem de quem estudava nesse colégio à noite, era justamente daqueles que não querem estudar.

O espaço do colégio era um ponto de convivência também da juventude, sempre houve nas turmas noturnas, nessa época, poucos alunos que frequentavam de fato, apesar de um número maior de matriculados.

Quem saía de casa para o colégio nem sempre entrava nas aulas ou mesmo no colégio, se entrava por vezes era normal *gazejar/matar aula* para ficar conversando com os amigos, bebendo, ou simplesmente *ficar* com alguém entre uma aula e outra.

As experiências corporais da juventude nesse ambiente periférico perpassavam então por estes dois espaços noturnos.

Era comum ocorrer de, ao final das aulas da sexta à noite alguns jovens irem direto do colégio para o *som*, e enquanto aguardavam a casa noturna abrir sentavam na frente de uma loja, ponto de ônibus, ou bar e faziam o *esquentar* com a bebida do momento: o *tubão*.

O álcool é de certa forma, uma espécie de introdução na vida adulta e nas suas experiências, e era também uma das poucas diversões ao alcance das mãos.

Em um local onde não se encontram espaços culturais ou de lazer, os meios de convivência como o colégio passam a adquirir esta finalidade, e passam a ser um ponto de encontro da juventude onde era comum visualizar rodinhas de pessoas

---

<sup>1</sup> Colégio Estadual Papa João Paulo I, localizado em Almirante Tamandaré, região metropolitana de Curitiba, à Av. São Jorge, s/nº, no bairro Parque São Jorge- PR.

conversando e bebendo no seu entorno nos horários da entrada e saída, bebia-se antes e depois das aulas.

O *tubão* me parece ser algo regional, ao menos sei da sua presença em Curitiba e região, lembro de um amigo da faculdade, natural de Santos-SP que dizia ter conhecido o *tubão* em Curitiba, e que havia gostado.

Essa especialidade etílica assim como qualquer receita ou ritualística, tinha um modo de ser feito.

O primeiro passo para dar início era fazer a *intéra<sup>2</sup>pro gole*, cada um que fosse beber colaborava com quanto podia até fechar o total, em geral era necessário apenas R\$ 2 na época, R\$ 1 para a pinga e outro para o refrigerante.

A pinga utilizada devia ser das vendidas em garrafa de plástico, e o refrigerante, o mais barato também (utilizávamos muito a pinga Leãozinho e o refrigerante Cri-Cri).

O segundo passo após comprar os ingredientes era misturá-los dentro da garrafa de refrigerante, para isso fazia-se o seguinte: se havia meninas no grupo elas bebiam o refrigerante até chegar na metade da garrafa, quando não havia, por vezes, os meninos simplesmente jogavam o refrigerante fora, em um bueiro, pois não havia interesse deles no Líquido não-alcóolico.

Acredito haver uma alusão do refrigerante como algo pertencente à um universo infantil ou como bebida de mulher, cuja masculinidade desses jovens os impedia de bebê-lo.

Com 1 litro a menos na garrafa jogava-se a pinga dentro, fechava a garrafa para dar uma misturada sem chacoalhar e estava pronta a bebida para ser revezada no gargalo entre todos da roda, pois como bebida improvisada não se devia beber em copos e nem em casa, bebe-se em grupo e na rua, *no gole*.

A única bebida que se bebia na rua em copos era o vinho, que era comprado de garrafão, cujo copo por vezes era uma caneca azul do colégio, que foi “guardada” por alguém no horário do lanche já com a intenção do uso futuro na rua.

---

<sup>2</sup> Gíria cujo “verbo não existe, senão como uma corruptela da palavra ‘inteirar’. Enquanto substantivo (informal), uma ‘intera’ significa a parte faltante para completar um todo.” (Dicionário Informal), disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/intera/10778/>>. Acesso em: 03 de julho de 2018.

Lembro de uma conversa animada numa roda de amigos na rua à noite em que diziam que para ser *tubão* não podia trocar os ingredientes por outros: “*não pode usar Coca-cola nem Velho Barreiro, senão vira Cuba*<sup>3</sup>, hahahahahahaha”.

O colégio e o *som* dividiam a vida social dos jovens, e quem não ia para o *som* ia para o *bailão*, mas este era frequentado por um público mais velho. Enquanto no *som* tocava música eletrônica e o funk carioca que começa a ganhar um novo impulso com grupos como “O Bonde do Tigrão”, o *bailão* se reservava às músicas gauchescas e ao sertanejo do estilo Sergio Reis.

Em ambos os espaços (colégio e *som*) havia violência envolvida, no colégio com o passar dos anos isso me pareceu diminuir, mas o *som* era com certeza um local onde “*acerto de contas*” acontecia todo final de semana.

Havia no início dos anos 2000 em Almirante Tamandaré, três casas noturnas mais conhecidas: o Purkote, localizado no bairro Cachoeira, o Bailão Clube dos Amigos e o Magistral Dance (o *som*), estes últimos localizados no Parque São Jorge um ao lado do outro.

O *som* era o espaço onde os jovens se encontravam à noite para beber, dançar e paquerar, mesmo não sendo permitido a presença de menores eles geralmente entravam desde que estivessem com a identidade e acompanhados de outros maiores de idade.

Havia atrás da porta de entrada do Magistral Dance uma pequena caixa de madeira de cerca de 30x20cm pregada à porta, onde, por vezes, alguns frequentadores mais conhecidos e amigos do dono deixavam suas armas ou outros objetos para poderem entrar no local.

Mesmo com a revista que ocorria na entrada de homens e mulheres, houve um dia que um rapaz entrou armado e atirou contra outro jovem, matando o mesmo em meio às pessoas e do baile que ocorria, mas apenas o rapaz que era o alvo foi atingido. O procedimento (errôneo) escolhido no momento, foi de retirar o corpo para fora do estabelecimento e aguardar a polícia enquanto do lado de dentro o *som* continuava tocando.

No espaço de poucos metros que o corpo foi carregado para fora do local alguém furtou o tênis do rapaz morto, o que gerou revolta por parte dos amigos que

---

<sup>3</sup> Cuba Libre, bebida à base de refrigerante de cola, rum e limão, que em versões adaptadas da receita ou para baratear a sua produção em bares de bairros não-centrais, substitui-se o rum por aguardente.

já estavam consternados com o fato do corpo ter sido removido e o som continuar tocando como se nada tivesse acontecido.

Dada a violência que ocorria todo final de semana na saída do Magistral Dance, este era referido por alguns jovens e outros moradores dos bairros próximos como: marginal dance, reforçando uma visão de quem seriam os seus frequentadores.

As muitas histórias de violência relacionadas às casas noturnas ocorreram até o momento em que o então prefeito, Vilson Goinski, decretou a lei nº 1137/2005<sup>4</sup>, que estabeleceu a proibição da atividade e emissão de alvará para os “bailões” e “bailes dançantes”, a lei entrou em vigor em fevereiro de 2006.

A justificativa para a proibição segundo o prefeito era o barulho do som e o vandalismo causado nas imediações por parte dos frequentadores na saída das casas noturnas. Sendo permitidos apenas festas familiares e bailes de igreja, ou seja, os modelos óbvios de festas aceitáveis socialmente.

Este tipo de proibição demonstra mais uma vez a incapacidade do estado e da sociedade que optam por eliminar parte do problema ao invés de tentar lidar com a juventude, isso quando essa juventude não é também exterminada nas periferias.

Outra justificativa para a lei foi o alto índice de criminalidade, com o fim dos bailes acreditava-se que haveria uma diminuição na taxa. O que de fato não foi tão bem-sucedido, já que dez anos depois Almirante Tamandaré figura em uma pesquisa<sup>5</sup> no décimo lugar das cidades com mais de 100 mil habitantes mais violentas do país.

Nesse tempo e espaço da juventude, outras violências se aglutinam nesses corpos jovens, nos corpos negros principalmente, e nos femininos com estas características ainda mais.

Durante minha adolescência uma figura referencial pairava no imaginário dos jovens da época: “a *neguinha do 14*”. O “14” em questão é o nome de um bairro da região, a prefeitura parece ter mudado o nome, ou talvez ele já tivesse outro, mas ainda é conhecido por este mesmo<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/pdf/Lei-ordinaria-1137-2005-Almirante-tamandare-PR.pdf>>. Acesso em: 07 de julho de 2018.

<sup>5</sup> Ver mais em: <<https://www.tribunapr.com.br/noticias/seguranca/almirante-tamandare-e-uma-das-dez-cidades-mais-violentas-do-brasil/>> e <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cidades-mais-violentas-tem-9-vezes-mais-pessoas-na-extrema-pobreza-do-que-as-menos-ba-e-rj-concentram-recordistas.ghml>>. Acesso em: 07 de julho de 2018.

<sup>6</sup> Não há no site da prefeitura de Almirante Tamandaré um mapa dos bairros ou ainda qualquer informação que permita confirmar o nome oficial do bairro com exatidão.

Nas informações do boca-a-boca, a “*neguinha do 14*” existia de fato, apesar de não precisarem quem era e seu nome real (segundo informações ainda, ela teria sido assassinada em 2017 por envolvimento com o tráfico). Sua popularização ocorreu nessa época do início dos anos 2000, uma vez que quem lembra desse referencial hoje em dia, são apenas as pessoas dessa época. Conforme a juventude se renova referenciais e adjetivos acabam por surgir ao passo que outros desaparecem.

A “*neguinha do 14*” evoca a imagem de um corpo a ser rejeitado, ela se refere a uma jovem negra que se relaciona sexualmente com muitos homens e por esta razão as relações estabelecidas com ela seriam apenas de necessidades sexuais e o mais sigiloso possível, caso contrário isso poderia vir a ser motivo de chacota e constrangimentos.

Certa vez, uma amiga minha, negra de pele escura e cabelos crespos, havia *ficado* com rapaz branco da nossa roda de amigos em um dia que eu havia faltado aula, no dia seguinte comentei o fato com outro amigo nosso, como quem põe a conversa em dia. No dia seguinte na entrada da escola, este rapaz branco me puxou pelo braço e disse apenas: “*vê se não fica falando aí que fiquei com a G... porque você tá me queimando*”.

Por óbvio, o outro amigo com quem falei comentou em algum momento na roda masculina deles o fato, que deve ter gerado uma série de gozações e negações, como em geral acontecia.

Apesar de ninguém precisar quem de fato é a “*neguinha do 14*” real, ao meu ver pode ser qualquer jovem negra, pois este personagem torna-se um referencial imagético dos corpos a serem rejeitados.

Penso que grande parte das mulheres negras periféricas (neste caso) passam por este estágio de ser “*neguinha*”. Ser “*neguinha*” significa estar em uma posição de rejeição e exploração do seu corpo por outros, de ter seu intelecto posto em dúvida, e até a sua humanidade de lado.

“*Neguinha*”, “*nega*”, etc., determina na cultura do racismo<sup>7</sup> um estereótipo para a mulher negra onde através de tal referência lhe é apontado a posição social que esta deveria assumir, a da inferioridade em todos os sentidos.

---

<sup>7</sup> denomino como cultura do racismo um conjunto de práticas sutis ou explícitas que perpetuam, relativizam e mascaram o racismo e as violências resultantes destas em sociedade.



No conto “Negrinha” de LOBATO (2008), vemos a negrinha em questão ser alvo das mais diversas violências que foram incumbidas por sua patroa. A posição de submissão e humilhação que lhe impõem é a mesma que atravessa décadas e se impõe em tom pejorativo ainda, às mulheres negras do nosso tempo.

Sueli CARNEIRO<sup>8</sup> (2011) aponta sobre as relações estabelecidas em tais adjetivações na linguagem expondo que *“em todos os conflitos ou disputas entre brancos e negros, os adjetivos “crioulo”, “nega safada”, “macaco” etc. são usados para expressar o desprezo pela negritude e assim valorizar o oponente branco”*. (2011, pg.125)

Na construção do eu negro feminino, a imagem da “neguinha” vai acompanhá-la ao longo da sua vida, a neguinha vai ser o objeto sexual, aquela com quem se experimenta o sexo (sigiloso) mas não o afeto, lembro de uma outra conversa em tom de zombaria entre jovens nessa época sobre outra jovem negra: *“porque você não fica com fulana só pra perder o cabaço?”*, esse tipo de comentário ocorria inclusive entre jovens negros.

Existe uma versão masculina para o termo também, mas neste caso, o fetiche envolto do corpo masculino negro precede a imagem de rejeição. O termo “neguinho” acaba por evidenciar mais uma marginalidade social do que uma referência de rejeição de relações afetivas e sexuais.

Quando essas “neguinhas” crescem e atingem um grau de instrução qualquer que as permite questionar os mais diversos conceitos, ou ainda, permite a estas se posicionarem em qualquer questão, estas, passam a ser a *“neguinha metida”*, e precisam constantemente provar as suas capacidades e conhecimentos.

Grada KILOMBA (2010) nos recorda da “máscara do silenciamento” cuja finalidade era impedir que os escravizados se alimentassem de cana-de-açúcar e cacau nas plantações, mas principalmente dos silêncios *“visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura”* (pg. 172), sendo assim vemos que:

a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) ‘Outros(as)’: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (IDEM, 2010, pg. 172)

---

<sup>8</sup> Ao longo do texto o utilizo o prenome e sobrenome nas citações bibliográficas onde há a citação de autoras negras visando a identificação destas (sempre que possível) buscando dar uma maior visibilidade enquanto intelectuais, assim como de suas obras e pesquisas.

Ao corpo negro e sua existência são impostas por séculos o controle do seu corpo por outros não-negros. As máscaras do passado se reconfiguram no presente de forma a manter pessoas negras num estado de inferioridade,

Falar torna-se assim praticamente impossível, pois quando falamos, nosso discurso é frequentemente interpretado como uma versão dúbia da realidade, não imperativa o suficiente para ser falada, tampouco ouvida. Tal impossibilidade ilustra como o falar e o silenciar emergem como um projeto análogo. O ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem escuta, isto é, entre os sujeitos que falam e seus/suas ouvintes (Castro Varela & Dhawan, 2003 in: KILOMBA, 2010). Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nesta dialética, aqueles(as) que são ouvidos(as) são também aqueles(as) que “pertencem”. E aqueles(as) que não são ouvidos(as), tornam-se aqueles(as) que “não pertencem”. A máscara re-cria este projeto de silenciamento, ela controla a possibilidade de que colonizados(as) possam um dia ser ouvidos(as) e, consequentemente, possam pertencer. (Grada KILOMBA, 2010, pg. 177-178)

Pertencer, assim está envolto em todo uma esfera social, onde a muitas destas esferas são negadas o acesso. A estrutura se constrói e se mantém por ser pensada minuciosamente neste controle de acesso a ela, sendo o acesso à educação talvez a principal deles.

Minha mãe, uma mulher negra migrante do Rio Grande do Sul, quando chegou em Curitiba no início da década de 1970 trabalhou no comércio e de empregada doméstica, e nessa última profissão enfrentou preconceitos e restrições (passando fome inclusive, já que empregadas nem sempre podiam comer a comida dos patrões) que fizeram com que ela desejasse que suas filhas nunca precisassem recorrer a esta função, e se esforçou o quanto pode para garantir nossa educação, buscando traçar assim uma nova trajetória para nossas vidas por este meio.

Durante minha juventude em Almirante Tamandaré, minha mãe nos aconselhava: *“estudem pra vocês aprenderem a se defender”*, era seu modo de dizer que deveríamos estudar para termos argumentos quando estivéssemos de frente a situações de racismo ou outros preconceitos, pois, por muitas vezes a máscara do silenciamento ainda opera inconscientemente.

Nós mulheres negras, crescemos assim, imaginando o que diziam da gente, o que pensavam as pessoas que tinham acesso ao nosso corpo, quão *“neguinha”*

éramos (e ainda somos) para essas pessoas? Qual lugar ocupamos no imaginário do outro? Aonde esses espaços de violência que crescemos nos levam e qual impacto nos causam?

Este prólogo tem como intuito apresentar um dos personagens, por assim dizer, desta pesquisa: a pesquisadora.

Como refletir sobre o outro sem pensar sobre si mesmo? E quando o outro também é você? o outro é o mesmo, numa outra época, numa outra realidade, mas com resquícios que te ligam e te conectam.

Essas conexões se dão também, a partir do momento em que passamos a lançar um olhar sobre essas realidades próximas sendo parte destes contextos de pesquisa.

A chegada de um maior número de alunos negros e periféricos nas universidades traz uma nova concepção de trabalhos acadêmicos escritos por estes que antes eram objeto de estudo, assim, estas vivências e escritas tornam-se escrevivências.

Esta palavra que se tornou um conceito cunhado por Conceição EVARISTO (2007)<sup>9</sup> vem de encontro com esta realidade emergente de escritores negros dos mais diversos estilos que apresentam a realidade sob um olhar íntimo das questões ali sendo tratadas. Sendo assim, escrevivência é definida por EVARISTO (2017) da seguinte maneira:

A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande. [A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência. (EVARISTO, 2017)

---

<sup>9</sup> A autora utiliza a palavra pela primeira vez na frase: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”, EVARISTO (2007) na mesa de escritoras afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005, porém afirmou em entrevista (ver: EVARISTO, 2017) que já vinha trabalhando com o termo desde 1995.

Ainda que no próprio exercício antropológico esta visão de escrevivência possa já estar posta, pois estamos constantemente nos colocando no lugar do outro, buscando compreender suas visões daquilo que estamos investigando e ainda assim demarcando nosso lugar dentro de determinadas pesquisas, utilizo o termo “escrevivência” para reforçar este local de fala onde se mesclam estas experiências, dentro destas experiências que se apresentam ao meu tempo nas universidades públicas, onde pesquisa e pesquisadora se encontram e se transformam.

Desta maneira, cabe ressaltar aqui no âmbito desta escrevivência, que este texto é escrito por uma mulher negra, periférica, aluna da primeira turma de cotistas da UFPR, e nestes dois ambientes de vivência (universidade e periferia) não tem como nenhum deles serem contaminados um do outro, portanto, não se trata apenas de uma posição política, mas de uma realidade.

E esta realidade é também política uma vez que, dentro desta engenharia social, onde a desigualdade é também um projeto, emergem indivíduos que lutam para dar uma rasteira nesta estrutura, se sobressair nela, modifica-la e dela fazerem parte em igualdade, negociando assim, espaços que durante gerações lhes foram negados ou silenciados.

## REFERÊNCIAS

ACAYABA, Cíntia e PINHONI, Marina. **Cidades mais violentas têm 9 vezes mais pessoas na extrema pobreza do que as menos; BA e RJ concentram recordistas.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cidades-mais-violentas-tem-9-vezes-mais-pessoas-na-extrema-pobreza-do-que-as-menos-ba-e-rj-concentram-recordistas.ghtml>> Acesso em: 07 de julho de 2018.

Almirante Tamandaré. **Lei ordinária nº 1137/2005.** Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/pdf/Lei-ordinaria-1137-2005-Almirante-tamandare-PR.pdf>>. Acesso em: 07 de julho de 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Aquelas negas** in: Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. Selo Negro. São Paulo – SP. 2011, pg.123-126.

Dicionário Informal. **Intera.** Disponível em: <<https://bit.ly/2zQ5KHM>>. Acesso em: 03 de julho de 2018.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita** in: Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. (org.) Marcos Antônio Alexandre, Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007, p 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’.** Nexo Jornal. Disponível em: <<https://bit.ly/2HVfnIW>>. Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima em 26 maio de 2017.

FONTES, Giulia. **Cidade da RMC está entre as dez mais violentas do Brasil.** Gazeta do Povo. Disponível em: <<https://www.tribunapr.com.br/noticias/seguranca/almirante-tamandare-e-uma-das-dez-cidades-mais-violentas-do-brasil/>> Acesso em: 07 de julho de 2018.

KILOMBA, Grada.. **A máscara.** 2010. Tradução: DE JESUS, Jessica Oliveira. Cadernos de Literatura em Tradução, Brasil, n. 16, maio 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286/112968>>. Acesso em: 19 julho 2018.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha.** Editora Globo S.A. São Paulo – SP. 2008 (1920)

## **1 – Introdução - Antropologia, movimentos e performance**

Nas Ciências Humanas, é comum encontrarmos estudos sobre grupos de mobilização social e os indivíduos e as políticas relacionadas a estes mesmos. Cada estudo tende a seguir uma linha teórica e/ou analítica que guiará a pesquisa. Destaco aqui nesta introdução, um breve histórico relacionado as pesquisas e as conexões que estas fazem com a presente pesquisa, além de expor as linhas de pensamento que guiarão os capítulos seguintes.

No Brasil, os movimentos sociais relacionados à questão racial datam da época do império. Os negros já se aquilombavam num movimento de resistência e luta pela liberdade, sobrevivência física, cultural e social, que duram até os dias atuais através de seus descendentes que ainda buscam reconhecimento de suas identidades e territórios.

No período imperial havia também movimentos organizados no formato de grupos abolicionistas, que tiveram uma maior visibilidade na segunda metade do século XIX sendo este movimento apoiado por membros de diversos níveis sociais, entre eles: jornalistas, políticos, fazendeiros, escritores, etc. Podemos citar entre alguns nomes do período: Luís Gama, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e Rui Barbosa.

No último século (XX) é possível visualizar diversos grupos organizados em prol da promoção e inclusão social, cultural e identitária negra em diversas décadas diferentes.

DOMINGUES (2007) analisa os movimentos negros surgidos no pós-abolição como uma tentativa de reverter o quadro de marginalização que ex-escravizados e seus descendentes se encontravam nesse período, uma vez que não obtiveram do Estado quaisquer garantias, indenizações ou inserções sociais.

O autor apresenta o movimento negro brasileiro dividido em 3 fases: a primeira abrange a primeira República ao Estado Novo (1889-1937), a segunda vai da segunda República à ditadura militar (1945-1964) e a terceira seguindo a classificação do autor, vai da redemocratização à República Nova (1978-2000).

DOMINGUES (2007) aponta que estes arranjos no início do século passado estavam organizados no formato de associações, grêmios e clubes, que tinham um caráter recreativo/cultural ou assistencialista, e comumente tinham como membros trabalhadores ferroviários, portuários, entre outros, se assemelhando a uma organização sindical. (DOMINGUES, 2007, pg. 103)

O autor nos informa ainda que nesta primeira metade do século existiam, segundo levantamento de outros autores<sup>10</sup>:

123 associações negras em São Paulo, entre 1907 e 1937. [...] 72 em Porto Alegre, de 1889 a 1920, [...] 53 em Pelotas/RS, entre 1888 e 1929. Havia associações formadas estritamente por mulheres negras, como a Sociedade Brinco das Princesas (1925), em São Paulo, e a Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul (1908), em Pelotas. (DOMINGUES, 2007, pg. 104)

Para além destes clubes surge neste período também, a chamada imprensa negra, que tinha como objetivo propagar informações que não eram divulgadas por outros meios para a população negra, e traziam informações que abrangiam diversas áreas, além de denúncias de segregação e preconceitos diversos.

Na década de 1930 surge a Frente Negra Brasileira (FNB), uma das principais organizações nesta época, chegando a conseguir alguns avanços conforme aponta DOMINGUES (2007), conquistando algumas reivindicações junto ao Presidente Vargas como “*o fim da proibição de ingresso de negros na guarda civil em São Paulo*” (pg.107). A FNB chegou a se tornar um partido político em 1936, sendo extinto no ano seguinte junto com outras organizações políticas com a instauração da ditadura do Estado Novo (pg. 107).

Na década de 1940 vemos surgir a União dos Homens de Cor em 1943, em Porto Alegre, e o Teatro Experimental do Negro em 1944 no Rio de Janeiro. Na década seguinte novos grupos surgiram como o Conselho da Mulheres Negras em 1950, além de outros Grêmios e associações nos estados de Minas Gerais e São Paulo.

---

<sup>10</sup> Ver DOMINGUES (2007) pg. 104.

A chegada da ditadura demarca um declínio no movimento negro brasileiro, que só retomaria suas forças na década de 1970 com a novos jornais da imprensa negra surgindo e a criação do Movimento Negro Unificado em 1978, este marcado pela defesa não apenas da luta contra o racismo, mas contra o capitalismo também, que era visto como um dos mantenedores do racismo.

DOMINGUES (2007) conclui sua análise com a indicação de uma quarta fase do movimento negro sendo demarcado por ele, com ressalvas, pelo hip-hop que aliado ao rap mobiliza uma juventude periférica, mas ainda assim parece não ter um posicionamento mais político-ideológico atrelado.

Esta quarta fase que o autor demarca devo concordar em parte já que este o rap e o hip-hop de fato aparentam ser uma direção a qual o movimento vem se posicionando nas periferias, porém discordo que estes grupos não tenham um posicionamento político-ideológico, muitas das letras expõem seus posicionamentos desde a década de 1980-90, talvez a falta de um engajamento político partidário dê a impressão ao autor que falte posicionamento, quando na verdade falta um olhar para além das teorias acadêmicas prontas e mais imerso na realidade desses jovens que consomem e produzem tais ritmos.

Nesta pesquisa que apresento trato justamente de mobilizações de jovens periféricos que se encontram nesta última fase, ou podemos dizer ainda, num momento mais contemporâneo que data justamente dos anos 2000 em diante, onde a música, festas, questões raciais, de gênero e sexualidade estão atreladas neste fazer político.

Ao longo do texto, a categoria “movimento” é referida como uma categoria nativa estando relacionada a uma mobilização de pessoas (neste caso: negras(os), mulheres e LGBT's) em prol de sua identidade e luta por políticas os promovam nos mais diversos níveis sociais.

Nesta atual fase de movimento negro no Brasil acrescentaria ainda outro fator importante de militância a ser levado em conta: a internet. Com o acesso mais democratizado à internet e a criação de redes sociais onde a interação pode ser feita de qualquer aparelho conectado à esta, a troca de bibliografias, materiais audiovisuais, eventos, denúncias e suporte a assuntos que envolvam relações raciais,



tem se mostrado como grande fator dinâmico, de articulação e conexão do movimento neste período pós anos 2000.

### 1.1 – A questão racial posta em pesquisa: gênero e raça

Os estudos a respeito da população negra no Brasil tiveram na área das Ciências Sociais, assim como ocorreu em outras áreas, uma predominância masculina. Durante o século (XX), alguns nomes se destacam nas Ciências Humanas sendo comumente utilizados nos cursos de graduação: Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Caio Prado Junior, Otavio Ianni, e Florestan Fernandes, apenas para citar alguns.

A visão masculina e branca foi responsável pela descrição negra no Brasil. Não quero aqui apontar o conteúdo de tais obras dos autores em um tom mais crítico para não me delongar em tal questão, mas demarcar tal fato. Cabe ressaltar ainda, que dentre estes pesquisadores brancos, seus estudos se baseavam por vezes em teorias de autores internacionais e assim o resultado acabava por refletir um olhar enviesado em seus resultados de pesquisa (o olhar de dentro era também o olhar de fora, havia, e ainda há, um legado dependente das epistemologias eurocêntricas, toda uma colonialidade do saber).

Ainda no século XX estes estudos se diversificaram quanto ao seu teor, mas pode-se apontar que se organizam no início do século por uma questão mais nacionalista, onde a ideia de nação estava sendo debatida/construída. Já na metade seguinte os estudos sobre a integração do negro na sociedade, a cultura, preconceitos e a ideia de raça são os destaques.

Deste período até os anos 2000 os estudos se diversificaram ainda mais, questões religiosas, de mídia, educação, sociedade, saúde, etc., passam a figurar na academia e podemos encontrar a questão negra cada vez mais sendo tratada por pesquisadores negros.

Em relação aos estudos de gênero RAGO (1995) e (1999) afirma que é a partir dos anos 1970 que pesquisas de gênero começam a ter ênfase nas universidades devido a entrada massiva de mulheres neste meio,

as mulheres forçam a inclusão dos temas que falam de si, que contam sua própria história e de suas antepassadas, que permitem entender a origem de muitos temas e valores, de muitas práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de estigmatização. De certo modo, o passado já nada nos dizia e precisava ser re-interrogado a partir de novos olhares e problematizações, através de outras categorias interpretativas, criadas fora da estrutura falocêntrica especular. (RAGO, 1999, pg. 84)

A presença crescente de mulheres nas universidades se dá segundo PEDRO (2013) devido ao processo de urbanização que dispensou um grande contingente de trabalhadores rurais (sendo grande parte mulheres) com a intensificação da indústria agropecuária, assim, rostos femininos começam a fazer parte desse cenário urbano, desde universidades e serviços públicos a manifestações de rua. (PEDRO, 2013, pg. 117)

Neste período e na década seguinte, vemos surgir junto a todo esse movimento vários jornais feministas com um intuito semelhante ao da imprensa negra, onde temos um grupo de pessoas que buscam produzir e propagar informações que acreditam ser pertinentes e de interesse do seu grupo, e que muitas vezes não são encontradas nas páginas da imprensa usual.

Quanto ao desenvolvimento de novos estudos na área das relações raciais pode-se apontar que este seguiu o mesmo padrão em relação a entrada das mulheres nas universidades. A chegada de estudantes negros nos cursos universitários proporcionou um aumento e diversificação de estudos de relações raciais, sendo então a partir dos anos 1970 que autores negros acadêmicos começam a ganhar visibilidade com temas a respeito da sua identidade e condição social, destaco aqui Abdias do Nascimento, Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro.

A questão da mulher negra no Brasil a partir de um olhar “interno” recebe uma colaboração na década de 1970 a 1980 com os trabalhos destas autoras. Neste mesmo período, Cleonice Elias da SILVA (2018, pg. 197) aponta como os trabalhos de Lélia (em específico) trouxe uma visão a respeito da mulher negra nos aspectos de gênero e raça que se tornariam um diferencial, assim como sua trajetória nesse período. A partir da década de 1970 observamos no Brasil uma nova dinâmica nos estudos de gênero e raça.

Os estudos feministas que se propagam nesse período são denominados por alguns pesquisadores como a segunda onda do feminismo, esta se propaga da década de 1960 a 1980, e é referida por PEDRO (2013) como “*a onda que atingiu o Brasil*”, dado o impacto visualizado nos movimentos e o desenvolvimento não apenas de estudos, mas de grupos de reflexão/consciência e organização dentre as mais diversas camadas sociais no país.

Esta segunda onda do feminismo é marcada pela abordagem de temas que iam além da esfera dos direitos sociais. Questões como o trabalho, reprodução, educação, prazer, aborto, etc., emergem nas discussões nesse momento, o corpo entra em cena na sua totalidade.

Na abordagem destes temas a antropóloga Lélia González contribui trazendo seu recorte de gênero nas relações raciais no Brasil, incluindo também a dimensão da sexualidade das mulheres negras criticando inclusive a obra e conceitos de Gilberto Freyre que se difundiram na década de 1930:

(...) o resultado da violentação das mulheres negras por parte da minoria branca dominante: os senhores de engenho, os traficantes de escravos etc. E este fato teria dado origem, na década de 30, à criação do mito que, até os dias de hoje, afirma ser o Brasil uma democracia racial. Gilberto Freyre, famoso historiador e sociólogo brasileiro, é seu principal articulador com sua “teoria” do “lusotropicalismo”. O efeito maior desse mito é a crença de que o racismo é inexistente em nosso país, graças ao processo de miscigenação. (Lélia GONZALEZ, 1979, p. 3 apud Raquel de Andrade BARRETO, 2005, p. 37).

Em 1980, Lélia compila suas ideias e posicionamentos no artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, este torna-se destaque na sua obra pela abordagem e intersecção de dois grupos historicamente subordinados, “*Lélia irá abordar a definição sobre as afro-brasileiras na formação da cultura nacional, bem como as origens das representações existentes sobre elas no Brasil.*” (Raquel de Andrade BARRETO, 2005, pg. 45)

O referido artigo de Lélia busca apontar o “*lugar da mulher negra nesse processo de formação cultural, assim como os diferentes modos de rejeição/integração de seu papel.*” (Lélia GONZALES, 1984, pg. 226)

Assim como aponta Conceição EVARISTO (2017) sobre a necessidade de contarmos nossas histórias através da nossa escrivência, ou ainda, Grada KILOMBA (2010) sobre o silenciamento que se impõe às pessoas negras e o seu ato de falar, Lélia já abordava estas questões em seu texto 30 anos antes:

...o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. (Lélia GONZALES, 1984, pg. 225)

Assumindo então o risco Lélia aborda uma gama de questões que vão se costurando em seu texto. Aponta o extermínio da juventude negra, o abuso sexual contra as mulheres negras desde o império à república, o apelo sexualizado das mulheres negras nas propagandas, critica Caio Prado Júnior devido à sua visão do que ele denomina de *“necessidades sexuais dos senhores e dominadores”* e Gilberto Freyre em relação ao mito da democracia racial (que esconde as faces do racismo, principalmente contra a mulher negra), tece ainda um emaranhado histórico a respeito do sexismo em relação às mulheres negras de modo a expor e explicar as condições destas na sociedade.

O texto de Lélia é sem dúvida vasto, rico e único. A autora, nos apresenta além do conhecimento histórico acadêmico destas relações, dados da época como militante do movimento negro o qual ajudou a fundar, além de relatos pessoais e de conhecidos a respeito da objetificação dos corpos das mulheres negras que se encontram embalados no mito da democracia racial.

A autora aponta ainda que a mulher negra periférica seria a que mais sente o peso desse engendramento social secular já que é ela quem enfrenta as mais distintas adversidades:

Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país). Cabe de novo perguntar: como é

que a gente chegou a este estado de coisas, com abolição e tudo em cima? (Lélia GONZÁLES, 1984, pg.231)

Como mulher negra e periférica, testemunho aqui a similaridade dos eventos acima descritos pela autora, sendo estes facilmente visualizados ainda nestas mesmas situações nos nossos dias, o que me obriga a demarcar aqui que vários aspectos sociais parecem ter feito pouco progresso, assim, só me resta concordar com a resposta que a própria Lélia encontrou na época, e que parece ressoar ainda: *“...parece que a gente não chegou a esse estado de coisas. O que parece é que a gente nunca saiu dele”* (Lélia GONZÁLES, 1984, pg. 233)

A autora aponta ao longo do texto para questões que serão abordadas nesta pesquisa também: corpo negro, gênero, juventude, espaços sociais, identidade e discursos. E o faz utilizando desde conversas pessoais à casos noticiados pela mídia onde os abusos policiais estão evidentes contra a população negra, periférica e jovem de ambos os sexos.

Nas pesquisas de gênero e raça, outra pesquisadora importante à época para ser demarcada aqui é a historiadora Beatriz Nascimento. A autora, assim como Lélia, além de ativista dos movimentos negros, desenvolveu diversos textos onde a mulher negra é demarcada dentro dos contextos sociais que vão das relações afetivas ao mercado de trabalho da época. Beatriz NASCIMENTO (1990) aponta como a mulher negra era (e por vezes ainda hoje, ainda é) o centro do eixo econômico das famílias negras, *“essa família, grosso modo, não obedece os padrões patriarcais, muito menos os padrões modernos de constituição nuclear.”* (IDEM, 1990, pg.3)

Beatriz traz ainda uma visão desta mulher negra onde seu corpo presencia ambiguidades quanto a discriminação, hora afrouxadas, hora enrijecidas, dependendo do espaço por onde este corpo transita:

Convivendo em uma sociedade pluri-racial, que privilegia padrões estéticos femininos como ideal de um maior grau de embranquecimento, (desde a mulher mestiça até a branca), seu trânsito afetivo é extremamente limitado. Há poucas chances para ela numa sociedade em que a atração sexual está impregnada de modelos raciais, sendo ela representante da etnia mais submetida. Sua escolha por parte do homem passa pela crença de que seja mais erótica ou mais ardente sexualmente que as demais, crença

relacionada às características do seu físico [...] entretanto quando se trata de um relacionamento institucional, a discriminação étnica funciona como um impedimento, mais reforçado à medida que essa mulher alça uma posição de destaque social [...] (Beatriz NASCIMENTO, 1990, pg.3)

Dentro deste meio social complexo, a autora aponta esta mulher negra em mobilidade, se especializando cada vez mais nas suas redes de relações e adquirindo independência do seu corpo, mente e status social, esta, luta por ela e por seus iguais que fazem parte do seu contexto social e familiar.

Quanto mais a mulher negra se especializa profissionalmente numa sociedade desse tipo, mais ela é levada a individualizar-se. Sua rede de relações também se especializa. Sua construção psíquica, forjada no embate entre sua individualidade e a pressão da discriminação racial, muitas vezes surge como impedimento à atração do outro, na medida em que este, habituado aos padrões formais de relação dual, teme a potência dessa mulher. Também ela, por sua vez, acaba por rejeitar esses outros, homens, masculinos, machos. Já não aceitará uma proposta de dominação unilateral. (Beatriz NASCIMENTO, 1990, pg.3)

Neste cenário, um exemplo desta mulher negra urbana, lutando por sua mobilidade e a dos seus, é Carolina Maria de Jesus, a renomada autora cuja obra biográfica retrata a história e geografia aonde o negro estava inserido na metade do século passado. Seu corpo e suas características definem (pelos outros) sua mobilidade, a autora relata em seu primeiro livro, Quarto de despejo, que por vezes apresentou suas obras a diretores de circo, ao que ouvia: *“É pena você ser preta”* (Carolina Maria de JESUS, 1997, pg.58), e que por esta razão não conseguia ser publicada, e que suas demais relações sociais e de afeto se guiavam por esta razão racial também.

Os estudos acadêmicos subsequentes sobre a mulher negra destacam-se em parte nas análises a respeito da representação destas nos meios midiáticos (televisivos, filmes e de propaganda principalmente).

Um indicativo deste direcionamento nestas linhas de pesquisa parece ser devido a popularização da televisão e das telenovelas no público brasileiro, e isto pode ter despertado a necessidade destas análises, uma vez que a presença negra nestes

espaços comumente esteve associada a certos estereótipos denunciados nestas mesmas.

Como dito mais acima, os estudos nas áreas das relações raciais se diversificaram e atingiram também as mais diversas áreas do conhecimento, não se resguardando apenas às humanidades.

A seguir abordaremos algumas questões que se relacionam com estes contextos do passado e no presente também, e que vão lançar um posicionamento inclusive desta pesquisa.

## 1.2 – Cultura e política em movimento

Como vimos anteriormente, grupos de militantes negros ao longo do século XX tem se organizado em múltiplos espaços da sociedade em prol de direitos e reconhecimentos.

Esta organização se deu e se dá ainda em conjuntura com a cultura destes grupos específicos. A cultura é utilizada como ferramenta de promoção e fortalecimento de identidades, a diferença é demarcada e ressaltada positivamente (estética, religiosa, social, etc.) por militantes dos movimentos como parte da sua política.

A este modo de mobilização social onde a política e a cultura se encontram iremos chamar de “política cultural”. ALVAREZ, DAGNINO & ESCOBAR (2000) utilizam o termo no sentido de:

[...]chamar a atenção para o laço constitutivo entre cultura e política, e a redefinição de política que essa visão implica. Esse laço constitutivo significa que a cultura entendida como concepção de mundo, como conjunto de significados que integram práticas sociais, não pode ser entendida adequadamente sem a consideração das relações de poder embutidas nessas práticas. Por outro lado, a compreensão da configuração dessas relações de poder não é possível sem o reconhecimento de seu caráter “cultural” ativo, na medida em que expressam, produzem e comunicam significados. Com a expressão “política cultural” nos referimos então ao processo pelo qual o cultural se torna fato político. (ALVAREZ, DAGNINO & ESCOBAR, 2000, pg. 17)

Dentro deste contexto dos estudos de cultura e política, os autores apontam como estes estiveram muitas vezes voltados para um entendimento da cultura estando focadas nas formas artísticas e textuais, sendo esta a razão das críticas feitas a estas análises:

Isso explica, acreditamos, várias críticas feitas aos estudos culturais, tais como a dependência excessiva, aparentemente problemática, em etnografias “rápidas” (*quick and dirty*), a proeminência das análises textuais e a importância atribuída às indústrias culturais e aos paradigmas de recepção e consumo de produtos culturais. (ALVAREZ, DAGNINO & ESCOBAR, 2000, pg. 18)

Dentro destes estudos cabe encaixar os já citados anteriormente, estudos de representação a respeito da mulher negra que foram desenvolvidos em consonância com esta linha de análise voltada para recepção e consumo cultural.

Os autores ressaltam principalmente em suas críticas o fato destas análises no campo cultural terem se concentrado nesta visão dada de cultura e política, deixando de lado outro fator essencial na dinâmica das lutas pela democracia, sendo assim, “*é justo dizer que os estudos culturais não deram importância suficiente aos movimentos sociais como aspecto vital da produção cultural*” (ALVAREZ, DAGNINO & ESCOBAR, 2000, pg. 19)

Os movimentos sociais buscam através de uma política cultural não apenas reafirmar suas identidades, mas promover mudanças na sociedade que promovam e integrem estes grupos e seu campo cultural também.

De um primeiro momento ao analisar manifestações culturais o aspecto político pode acabar por não ser reconhecido como parte integrante destes, devido ao fato da política e da cultura serem reduzidos em termos que isolam sua interpretação e não permitem sua expansão analítica. Desta maneira, algumas manifestações podem não serem lidas como manifestações políticas também.

Incluindo os movimentos sociais como parte essencial das mudanças na sociedade vemos a importância destes grupos que se engajam cultural e politicamente:



Os movimentos populares urbanos de favelados, de mulheres e outros, também põem em movimento forças culturais. Em suas lutas contínuas contra os projetos dominantes de construção da nação, desenvolvimento e repressão, os atores populares mobilizam-se coletivamente com base em conjuntos muito diferentes de significados e objetivos. Dessa forma, as identidades e estratégias coletivas de todos os movimentos sociais estão inevitavelmente vinculadas à cultura. (ALVAREZ, DAGNINO & ESCOBAR, 2000, pg. 23)

No caso dos movimentos de mobilização da causa racial negra no Brasil, cultura e política estiveram sempre interligados, principalmente enquanto movimento de resistência, a política encontra na cultura um meio de atuar, mas se pensarmos bem, em grupos que tiveram sua cultura historicamente reduzida à outra hegemônica, sua expressão será com certeza política no intuito de se reafirmar e se reescrever.

A política cultural, como veremos nos capítulos que se seguem neste estudo, busca desafiar um modelo hegemônico cultural que atua principalmente através de um *modus operandi* sobre corpos negros, onde se determina uma maneira aceitável de sua existência e expressão em sociedade.

Nesta pesquisa sobre corpos e festas negras, os aspectos que estão em discussão destes dois fatores estão envoltos numa hegemonia cultural/social que estabelece modos de comportamento, danças, festas, etc., aceitáveis inclusive dentro do próprio movimento feminista negro que passa a se repensar sobre os aspectos da sexualidade e sua expressão.

A hegemonia cultural em relação a população negra no Brasil, encontra inclusive leis proibitivas ao longo da história relacionada a cultura a ela ligada, como foi o caso do samba e da capoeira entre os séculos XIX e XX.

Tais proibições vinham revestidas de um medo do governo de uma possível revolta negra no país, veremos no capítulo seguinte que nos anos 1980 esse medo ainda assombrava o governo em relação aos chamados bailes *blacks*.

Nos movimentos sociais aqui estudados, veremos como a performance destes corpos negros buscam marcar espaço nessa política cultural, ligando indivíduos do campo virtual ao físico, afirmando corpos, identidades, sexualidades, práticas culturais, oferecendo ainda suporte aos seus iguais de maneira a promovê-los socialmente.

### 1.3 – Um mesmo tema, um outro tempo – O corpo e o campo

O debate sobre corpos negros se desenvolve em várias áreas por diferentes perspectivas conforme a análise que se propõe na investigação. Neste estudo que apresento nos capítulos seguintes, descrevo manifestações que ocorreram em dois campos: um virtual e o outro físico.

No campo virtual, de onde a pesquisa deriva, acompanhei as discussões em grupos de feministas negras que surgiram sobre sexualidade e festas negras. De início pude visualizar jovens negras feministas da cidade de São Paulo criarem um grupo secreto na rede social *Facebook* e posteriormente no *Tumblr*<sup>11</sup> denominado: Bucepower Gang, onde a publicação de fotos nuas amadoras tinha o intuito de trabalhar ideias relacionadas ao corpo da mulher negra, principalmente no campo do que elas denominam como *autoestima* à sua sexualidade, ver seus corpos, conhecê-los e explorá-los para si mesmas.

No campo físico<sup>12</sup>, adentrei as festas negras que acontecem em São Paulo, capital, tendo escolhido duas delas: a Batekoo e a Wine, realizando o campo entre 2016 a 2017, sendo um total de 7 festas e eventos promovidas por estas. A ideia de se pesquisar as festas deve-se também pelo fato de nestas estar em evidência as relações com o corpo, sexualidade, gênero e raça. Cabe ressaltar ainda o fato da festa Wine ser também promovida por duas mulheres negras que fizeram parte do Bucepower Gang, apesar da festa já existir antes do grupo.

Ambos os campos aqui se complementam, já que é pela via das redes sociais que as festas se organizam, propõem apoio a causas políticas, e seus frequentadores se manifestam também, como veremos no capítulo 2.

Os temas debatidos por estas feministas negras trazem à tona uma conexão das suas práticas com uma discussão da sexualidade das mulheres negras que já

---

<sup>11</sup> Rede Social onde é possível publicar, foto, vídeo, texto, citação, links e áudios, além do chat, e que é utilizada principalmente para compartilhamento de fotos tendo em vista as políticas mais flexíveis quanto a conteúdos que contenham nudez ou sexo.

<sup>12</sup> Ver mapa de campo no APENDICE 1.

ocorrem há muito dentro do feminismo negro no Brasil, conforme ressaltamos anteriormente no trabalho de Lélia Gonzáles sobre racismo e sexismo.

Neste trabalho que apresento, o que diferencia das questões apresentadas por Lélia e por outras pesquisas relacionadas à sexualidade das mulheres negras, é que nesta perspectiva vemos mulheres negras pensando os usos do seu corpo e da sua sexualidade por elas próprias, trata-se de um reapropriação do corpo, e esta mudança de perspectiva, como veremos, revela uma certa insegurança entre feministas negras, gerando uma discussão em torno desta forma de empoderamento e liberdade corpórea, conforme veremos no capítulo 3.

Estas questões acima nos revelam uma nova face do feminismo negro no Brasil. Feminismo que neste contexto, é periférico, jovem, e atua por uma política cultural buscando combater velhos conceitos, termos e opressões, sempre que possível.

No tópico anterior, citei o combate à uma cultura hegemônica, e devo adicionar aqui que uma característica do movimento feminista, não apenas o negro, é justamente o combate a opressões que vem revestidas de “cultura”.

“Antigamente era assim e ninguém reclamava”, “no meu tempo não tinha disso”, “meus avós viviam de tal modo e eram felizes”, “hoje em dia não pode mais nem fazer piada”, “fui mal interpretado, sou um cidadão de bem”, “sou pai de família, não mereço isso”, “quem me conhece sabe quem eu sou”, “mas ele é só um garoto, não sabia o que estava fazendo”, “foi culpa do álcool, eu não sou assim, tenho princípios e família”, “eu acredito em Deus”...

As frases acima são comumente vistas quando denúncias contra machismo, racismo e estupro/assédio ganham as redes sociais e a internet em geral. Os acusados e outras pessoas que interagem na internet buscam justificar seus atos do presente com uma cultura patriarcal do passado, com a constituição familiar, com uma ligação religiosa, ou ainda, e talvez o pior das justificativas: culpam a vítima.

Os movimentos sociais buscam combater a naturalização da violência, seja ela simbólica ou física, e incentivam que outros façam o mesmo e busquem entender como a “cultura do estupro”, o racismo, a violência contra a mulher, e tantas outras formas de opressão ocorrem de forma histórica, organizada e sucessiva.

Estas “culturas” que naturalizam opressões buscam redenção nestas respostas batidas, sem refletir que a violência é causada também por pais de família, por religiosos que invocam Deus em cada frase, por cidadãos de bem pagadores de impostos, por “meninos” de 30 anos que insistem na irresponsabilidade dos seus atos, e entre tantas outras pessoas cheias do que chamam de “princípios”. É aquela velha história: “não adianta ir à missa e matar o gato envenenado”, defensores da família, da natureza, dos animais, etc., cometem abusos também. Referências morais e sociais não podem servir de salvo conduto para violências.

O feminismo dos anos 2010 é marcado principalmente por um conceito que o torna uma característica marcante do movimento neste período: a sororidade. Esta noção se baseia numa experiência subjetiva e de ação, trata-se de redefinir o olhar das mulheres para com outras mulheres, é a capacidade de assumir uma postura de ação prática e de solidariedade entre mulheres. Isto significa, destruir o imaginário de rivalidade entre mulheres e contribuir para uma aliança social de transformação contra o machismo que aprisiona nossas mentes também, disfarçado muitas vezes de proteção.

No decorrer deste estudo aqui apresentado, devo apontar que as manifestações de mulheres negras encontradas em campo estão sendo descritas no decorrer do texto como “performance”.

Os estudos de performance quando pesquisados na área de Antropologia tendem a estarem ligados aos estudos das artes cênicas, dança, festas populares, além de estudos que envolvem rituais de grupos específicos. Alguns exemplos de estudos recentes nestas áreas são de HEAD (2009) sobre capoeira angola e fotografia, CITRO (2012) examina a eficácia ritual a partir de experiências performáticas ligadas à ideia de corporeidade e emoções, e DAWSEY (2009) que investiga uma encenação e o uso de máscaras na periferia do interior paulista.

O estudo nesta esfera da sexualidade, sendo analisado pela ótica da performance no feminismo negro se demonstra necessário tendo em vista que, os trabalhos que envolvem a sexualidade da mulher negra tendem a se fixar em como esta é representada pela mídia ou nas performances estéticas como é o caso da análise desenvolvida por Rogéria Costa de PAULA (2012) onde esta analisa uma

matéria da Revista Raça Brasil sobre práticas com cabelos negros, em conjunto com jovens negras que opinam sobre a matéria e suas experiências pessoais.

Ao recortar a pesquisa pelo viés da sexualidade e da performance, busca-se explorar e conhecer as formas como mulheres negras se utilizam para falar a respeito destas questões que ainda parecem um campo sensível dentro do feminismo negro.

O uso da performance parece ser a maneira que mulheres negras que não estão nos meios de comunicação de massa, como atrizes e modelos, encontram para explorar seus corpos e seus potenciais. A performance é então utilizada como o erótico descrito por Audre LORDE (1984), como poder.

A performance neste contexto de pesquisa, passa a ser um meio de visualizarmos uma mudança na dinâmica de um determinado grupo. Conforme aponta Selma BAPTISTA (?) *“performance’ não é apenas um objeto de análise, é também um objeto de reflexão”* (pg. 10), a partir da performance os sujeitos podem pensar e se repensar quanto suas ações e suas identidades. Este estudo busca assim, visualizar os sujeitos desta ação e como suas práticas discursivas e performáticas são estabelecidas/propostas nos espaços que ocupam para reinscrever suas identidades no campo social.

Performance então, é uma ferramenta de análise, mas é também uma prática, descreve aqui um ato voluntário e consciente de indivíduos com uma finalidade política, não estando ligado a uma ideia de atuação teatral ou artística, embora alguns indivíduos invistam numa vestimenta neste sentido durante as festas.

Em relação às festas, já no início do século XX EVANS-PRITCHARD (2014) utilizava a performance para analisar a festa da cerveja do povo azande, mais precisamente a dança, que segundo o autor *“confere-se geralmente à dança um lugar que não faz jus a sua importância social”* (EVANS-PRITCHARD, 2014, pg.21). Desta forma veremos como as danças e as festas negras estão inseridas numa política cultural que vai além de uma mera organização de jovens periféricos para se divertir, como pode parecer à primeira vista de um observador menos atento para as questões ali postas, pois estas não estão presentes de maneira explícita necessariamente.

Interligadas a estas manifestações no campo virtual e físico, cabe demarcar também questões relativas ao corpo nesse campo, pois *“o corpo é, portanto, o signo do indivíduo, o lugar de sua diferença, de sua distinção”* (LE BRETON, 2013, pg. 11).

Trata-se de indicar que o corpo aqui está ligado à construção da pessoa negra também, construção esta que não se desliga de uma construção coletiva, mas demarca e busca respeitar a diferença dos corpos que carregam uma semelhança.

Esta construção da pessoa negra deve-se a fatores históricos onde encontramos negros e negras desumanizadas, este grupo de pessoas adentra o país já na condição de objetos de venda, seu status na sociedade enquanto ser social era assim demarcado conforme nos expõe Isildinha B. NOGUEIRA (1999):

O negro não era persona. Não era um cidadão nascido livre, como pessoa jurídica; na condição de escravo, não era pessoa; seu estatuto era o de objeto, não o de sujeito. Assim, o negro foi alijado do corpo social, única via possível para se tornar indivíduo. (NOGUEIRA, 1999, pg. 42)

Nesta construção da pessoa negra livre e de direito com seu corpo, intersecções vão moldando o caminho desta constituição conforme o território em que este corpo negro faz sua reivindicação.

No caso do movimento feminista que pesquisamos aqui, veremos como a prática das fotos nuas e danças performadas por corpos negros são debatidos justamente por este corpo negro fazer parte de um coletivo que partilha das mesmas características físicas e históricas relacionadas a este. O corpo negro carrega não apenas características fenotípicas que o identificam, mas todo um movimento histórico e social.

Por fim, enquanto metodologia de pesquisa, o estudo foi feito inicialmente coletando dados da internet, como as discussões nos grupos de feministas negras no *Facebook*, incluindo ainda informações relacionadas ao tema encontradas em sites diversos e na rede social *Tumblr*, além do acompanhamento da divulgação das festas e sua posterior repercussão nas páginas das mesmas nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*.

Num segundo momento em que estava em campo na cidade de São Paulo, a observação participante descrita por MALINOWSKI (1976) foi responsável em parte desta etapa, mas a participação observante descrita por DURHAM (2004) também se

fez presente, uma vez que o tema da pesquisa se integra a pesquisadora enquanto sujeito desta também.

Entrevistas abertas, informais e improvisadas foram realizadas com promotores das festas em 2016, nestas entrevistas ouvi também mulheres de outras profissões que faziam parte de um debate ocorrido no mesmo ano, o: “Wine na mesa”, que abordava a sexualidade das mulheres negras e a questão do mercado de trabalho.

Em 2017 a entrevista nos mesmos moldes foi feita com a cantora Tássia Reis no período noturno quando esta aguardava o *pocket show* que faria na edição da festa Wine de fevereiro do mesmo ano. As entrevistas aqui não foram anexadas, mas aparecem no decorrer do texto. Demais informações ao longo da pesquisa foram coletadas e descritas em diário de campo.

Meu interesse na temática da pesquisa se dá pela proximidade desta enquanto sujeito. Estas questões dos usos da sexualidade sempre me despertaram interesse. Esta exploração corporal sempre esteve presente na minha trajetória pessoal até quando não tinha ligação com a academia ainda.

O corpo enquanto construção social, individual e coletiva de um determinado grupo racial, abre percepções e interesses de pesquisas. Minhas pesquisas na área das relações raciais tiveram início no segundo ano da faculdade quando estive ligada ao NEAB-UFPR (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros) logo após ser desfeito o programa Afroatitude que estive ligada no ano anterior por ser aluna da primeira turma de cotas raciais na Universidade Federal do Paraná.

A experiência no Afroatitude despertou meu interesse nas pesquisas na área, pois quando havia entrado na universidade pouco sabia teoricamente sobre relações raciais, meu conhecimento vinha da minha vivência enquanto mulher negra e periférica. Acredito que se não fosse esta experiência Afroatitude-NEAB minha trajetória na academia teria seguido outros rumos de pesquisa.

Mais tarde, em 2008, passei a fazer parte do quadro de moradoras da CEUC (Casa da Estudante Universitária de Curitiba) onde estive na presidência da mesma por dois anos. Neste ambiente aprendi também através desta nova experiência coisas



das quais não sabia que tinha vocação, além de lidar com as questões de gênero e suas diversidades neste *“lar em terra estranha”*.

No NEAB, desenvolvi pesquisas relacionadas aos personagens negros na publicidade dos jornais paranaenses, juntamente com outros amigos que advinham do Afroatitude também. Este grupo de amigos/pesquisadores negros seguiu também trajetória de pesquisa das relações raciais nos anos seguintes até à pós-graduação, além de nos tornarmos um grupo de amigos muito próximos e mantermos contato até hoje. Como partilhávamos não apenas a pesquisa, mas também uma similaridade social nos víamos e convivíamos como uma família.

Um tempo depois com a entrada de novos pesquisadores no NEAB, esta família cresceu e acrescentou mais conhecimento teórico e de vida nas nossas práticas. Do meu ponto de vista, a introdução de José Marçal ao grupo foi responsável pela nova trajetória que seguimos em grupo.

Marçal já era mais velho do que nós, que estávamos ainda na casa dos 20 e poucos, e entre nossas conversas no NEAB falou a respeito dos coletivos estudantis e de como estes desempenhavam papéis fundamentais na militância. Pouco tempo depois desta conversa, o que era um grupo de estudantes do NEAB, que entre outras coisas faziam eventos em datas específicas e grupos de estudo, veio a se tornar o primeiro coletivo de estudantes negros da UFPR, o Coletivo Sou Neguinh@.

Nossas atividades enquanto coletivo cresceram e novos integrantes foram com o tempo se ajuntando, nosso principal objetivo era atuarmos como suporte entre nós e outros estudantes negros. Assim aconteceu no caso da professora que foi acusada pela aluna de tê-la chamada de *“macaquinha”* enquanto comia uma banana em sala de aula, pois soubemos do ocorrido no dia do acontecimento, acionamos algumas pessoas para que pudessem dar suportes outros quanto ao ocorrido.

O coletivo durou cerca de 4 anos quando os membros destes foram se formando e tomando outros rumos profissionais e em outras cidades, mas mantemos contato e nos encontramos sempre que possível, trocando ideias, memórias, teorias...

No meu trabalho de monografia da graduação trabalhei com o politicamente correto e a publicidade, a publicidade entrou no recorte em certa medida por conta da proximidade com a pesquisa que já havia desenvolvido no NEAB, o politicamente



correto era um tema que me despertava interesse, então com a ajuda de outro membro do Coletivo (Roberto Jardim) fechei minha temática monográfica e conclui mais tarde o curso.

O tema deste trabalho de mestrado já me despertava interesse, porém não sabia de que forma o abordar até que um dia abro o *Facebook* e dou de cara com uma postagem que viria a se tornar parte desta pesquisa. Feministas negras discutindo a sexualidade e seus usos da maneira que eu vinha me perguntando a respeito, pensando quando e como essa discussão seria possível, utilizando e explorando o corpo por elas próprias.

Assim a pesquisa teve início e acrescentei a ela as festas negras de São Paulo onde a dança e o corpo estavam em destaque em um movimento jovem que questionava padrões afirmando identidades próprias, veremos então que outros desdobramentos surgiram durante o período de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Sonia E., DAGNINO, Evelina., & ESCOBAR, Arturo. **O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos**. In: Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos – novas leituras. Editora UFMG. p. 15-57, 2000.
- BAPTISTA, Selma. **A Antropologia da Performance e as culturas populares**. <[https://www.academia.edu/6568812/A\\_Antropologia\\_da\\_Performance\\_e\\_as\\_culturas\\_populares](https://www.academia.edu/6568812/A_Antropologia_da_Performance_e_as_culturas_populares)> Acesso em 15 de janeiro de 2018. (?)
- CITRO, Silvia. **La Eficacia Ritual de las Performances en y desde los Cuerpos**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 13, n. 1,2, p. 061-093, dez. 2012. ISSN 2175-8034. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p61/23933>>. Acesso em: 28 mar. 2017.
- DAWSEY, Jonh Cowart. **Corpo, máscara e f(r)icção: a “fábula das três raças” no Buraco dos Capetas**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 11, n. 1,2, p. 41-62, maio 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2009v11n1-2p41>>. Acesso em: 28 mar. 2017.
- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Tempo* [online]. 2007, vol.12, n.23, pp.100-122. ISSN 1413-7704. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>> Acesso em: 30 de junho de 2018.
- DURHAM, Eunice. **A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas**. In: A aventura antropológica – teoria e pesquisa. Org. Ruth C. L. Cardoso. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2004, p. 17-37.
- EVANS-PRITCHARD. Edward. [1928] **A dança**. In: Ritual e performance: 4 estudos clássicos. Org.: Maria Laura Cavalcanti. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro. 7 Letras, 2014. p. 21-38.
- EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’**. Nexo Jornal. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2HVfnIW>>.
- Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima em 26 maio de 2017.
- GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- HEAD, Scott. **Implicações entre olhares: etnografia, fotografia e performance**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 11, n. 1,2, p. 85-109, maio 2009. ISSN 2175-

8034. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2009v11n1-2p85>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**. 6ª ed. São Paulo. Editora Ática. 1997.  
 KILOMBA, Grada, **A máscara**. Tradução: DE JESUS, Jessica Oliveira. Cadernos de Literatura em Tradução, Brasil, n. 16, maio 2016. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286/112968>>. Acesso em: 19 julho 2018.  
 LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 3ª ed. Petrópolis- RJ. Vozes, 2013.

LORDE, Audre. **Use of the Erotic: The Erotic as Power**, in: LORDE, Audre. Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. 1ª ed. São Paulo. Abril S.A. 1976

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra e o amor**. Jornal Maioria falante. Fevereiro-Março, 1990.

NOGUEIRA, Isildinha B. **O corpo da mulher negra**. In: Pulsional Revista de Psicanálise, ano XIII, no 135, 40-45, 1999.

PAULA, Rogéria Costa de. **Corpo negro – mediações e performances de raça**. Anais III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE, 2012. Disponível em: <[http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/PAULA\\_ROGERIA\\_COSTA\\_DE.pdf](http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/PAULA_ROGERIA_COSTA_DE.pdf)>.

Acesso em: 15 de janeiro de 2018.RO, Joana Maria. **O feminismo de “Segunda Onda” – o corpo, prazer e trabalho**. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla B. (orgs.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.

RAGO, Luzia Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995.

RAGO, Luzia Margareth. **A "nova" historiografia brasileira**. Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 11, p. 73-97, 1999.

SILVA, Cleonice Elias da. **Os feminismos emergentes na década de 70 no Brasil**. História e Cultura, v. 7, p. 181-203, 2018.

## Capítulo 2 – Festas negras no Brasil

Dentre as muitas formas de expressão da cultura negra no Brasil, parte delas se faz através de festejos e comemorações onde a memória coletiva é acionada e relacionada às suas identidades.

No Brasil algumas festividades da população negra se desenvolveram justamente pelo dos grupos étnicos que aqui foram trazidos, buscando uma forma de comunhão com sua ancestralidade, seja esta, sua terra, sua religião, estabelecendo assim laços com seus iguais.

Neste contexto de diversidade cultural ao qual estes grupos se encontravam, a música e a dança em certo sentido tornam-se linguagens universais, elas não precisam de uma língua comum já que se expressam através do corpo pelo movimento e pelo ritmo

Esta característica coletiva de celebração não ocorreu apenas no Brasil, em outros países onde a presença negra esteve presente de forma massiva, novos ritmos e danças surgiram ao longo da sua história, advindos de negros africanos escravizados.

### 2.1 – Festa negra, medo branco

As festividades da população negra, conforme demonstra NOGUEIRA (2008), ocorreram desde o século XIX, e estas eram carregadas de um caráter dual tanto em relação aos negros quanto às autoridades. Eram permitidas, porém temidas, dado a possibilidade de estas serem vistas por um caráter de pré-rebelião ou da probabilidade das mesmas.

As festas que ocorreram e começaram no período imperial foram alvo de perseguição, sendo por vezes cerceadas por decretos proibitivos e presença das autoridades nos locais públicos onde ocorriam conforme SILVA (2013) nos expõe. A intenção do império era criar uma nação nos moldes europeus, buscando inclusive

controlar os locais públicos, principalmente urbanos, onde se organizavam tais manifestações. (SILVA, 2013, pg. 121)

No contexto pós-abolição vemos surgir as agremiações e clubes, e mais tarde na metade do século XX os bailes *blacks*, conforme aponta DOMINGUES (2009) a respeito da cidade de São Paulo. Estes espaços e bailes surgem, segundo o autor, devido ao racismo que muitos jovens sofriam dos clubes brancos.

A partir dos anos 1970 quando há uma crescente expansão dos movimentos sociais negros e feministas no Brasil, os bailes ganham uma nova roupagem urbana influenciada pela música negra dos Estados Unidos.

É neste período que estes bailes se tornam alvo de investigação do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) durante a ditadura militar. Em documento de 1976<sup>13</sup> as informações destacam certa apreensão quanto aos bailes negros, pois temia-se que estes pudessem gerar uma sociedade segregada como nos Estados Unidos.

Em documento anterior de 1975<sup>14</sup>, Flavia OLIVEIRA (2016) aponta que o texto do documento:

alertava para a formação de “um grupo de jovens negros de nível intelectual acima da média, com pretensões de criar no Brasil um clima de luta racial”. Os militantes seriam liderados por um negro americano, que receberia dinheiro do exterior, e agiria na Portela, tradicional escola de samba carioca. O Informe 17/75-B também mencionava supostas metas do grupo: “Sequestrar filhos de industriais brancos; criar um bairro só de negros; criar ambiente de aversão aos brancos”. (OLIVEIRA, 2016)

Tais suspeitas nunca foram confirmadas, seu embasamento apoiava-se mais no medo do que em provas reais. Segundo PEDRETTI (2017) analisando a

<sup>13</sup> Documento de autoria do então delegado Antônio Viçoso Cotta Gomes, disponível em: <[https://www.historiadaditadura.com.br/destaque/dancando-sob-a-mira-do-dops-bailes-soul-racismo-e-ditadura-nos-suburbios-cariocas-nos-anos-1970/#\\_ednref3](https://www.historiadaditadura.com.br/destaque/dancando-sob-a-mira-do-dops-bailes-soul-racismo-e-ditadura-nos-suburbios-cariocas-nos-anos-1970/#_ednref3)> Acesso em: 20 de agosto de 2018.

<sup>14</sup> Informe 17/75-B, conforme citado pela autora do texto, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/ditadura-perseguiu-ate-bailes-black-no-rio-de-janeiro-16733859>> Acesso em: 20 de agosto de 2018.

documentação reunida sobre os bailes, o raciocínio dos agentes de repressão seguia a seguinte linha:

como não existe racismo no Brasil, quaisquer mobilizações que colocam em debate o tema da discriminação contra negros ou que promovem a valorização da cultura negra são subversivas, pois criam um problema racial. Portanto, segundo esse pensamento, os movimentos antirracistas e as associações culturais negras eram, elas sim, racistas. (PEDRETTI, 2017)

O autor acima, cita que nas investigações entre os depoimentos há o de Januário Garcia, fotógrafo e ex-presidente do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), que relatou à época, que durante os bailes o que ocorria era de alguém parar a festa e a música, subir ao palco e fazer algum discurso contra o racismo, a repressão e a ditadura. O baile era então, um espaço de consciência política e identificação racial, o que pode ter gerado tal temor ao regime.

Os organizadores dos bailes no Rio de Janeiro Asfilófilo de Oliveira Filho, o Dom Filó, da Soul Grand Prix chegou a ser capturado e encapuzado, sendo levado para interrogatório a respeito da festa e sua suposta organização revolucionária contra a nação, pois estes a entendiam a nação como uma formação harmoniosa, chegando a citar Gilberto Freyre no documento de 1976.

Em certa medida, uma revolução ocorreu no país, pois destes bailes e festas e toda sua influência advinda de fora do país viriam a surgir o funk carioca e o rap em São Paulo, tendo estes mesmos sido desenvolvidos pela influência de ritmos como o hip hop, *dancehall*, *raggaeton*, *R&B*, entre outros, divulgados e utilizados nestes eventos.

Olivia Maria Gomes da CUNHA (2000) aponta também em Salvador e no Rio de Janeiro o uso de festas como política cultural no período entre 1970-80. Segundo a autora *“o objetivo era ‘conscientizar’ jovens negros e mestiços através do lazer – sobretudo o carnaval – e fortalecer os laços de uma ação política e cultural voltada para a temática afro-brasileira.”* (CUNHA, 2000, pg. 350).

Esta pode ser uma das razões pelas quais grupos negros utilizam as festas ainda hoje como meio de ação política, pela possibilidade de alcançar justamente os

jovens que estão em idade e locais vulneráveis, e como há busca na juventude por espaços de lazer onde as festas fazem parte desta experiência, esta incorporação se dá através dela também.

Na segunda metade do século XX, as festas em São Paulo adquirem uma força surpreendente com eventos que traziam ritmos internacionais, chegando a reunir milhares de pessoas nos fins de semana em que ocorriam. A Chic Show é uma das festas mais marcantes nesse período que percorre as décadas de 1970-80.

D'ALLEVEDO (2014) destaca que a influência dessas festas entre os jovens que moravam nas periferias de São Paulo à época foi inclusive registradas pelos músicos Thaíde e Dj Hum, na música intitulada “Sr. tempo bom”, nela eles citam não apenas a Chic Show, mas outras festas que fizeram parte de suas juventudes que tinham o teor não apenas de sociabilidade mas também propiciavam a produção de identidades, entre estas outras festas encontramos a Black Mad, Zimbawe, Circuit Power, Transa Negra, Kaskata's, entre outros.

Durante os anos 1990 estas festas ocorridas nos anos 1970-80 que reuniam um grande público perdem força e com o passar do tempo acabam sendo mais espaçadas até o ponto de não serem mais oferecidas, conforme aponta D'ALLEVEDO (2014, pg.14).

O retorno desta “cena” de festas negras parece tomar novo fôlego a partir dos anos 2000-10, com uma nova juventude, mas que trazem os ritmos, principalmente do *dancehall* e do funk carioca como forma de expressão de seus pertencimentos sociais e identitários.

Um número de artistas neste meio surge com propostas musicais que trazem questões como o feminismo, machismo, identidade de gênero, etc., inserindo assim, uma nova página nestes ritmos que antes tratavam principalmente de relações como a pobreza, a violência urbana e a sexualidade.

Como vimos, o controle da população negra e da sua cultura se inicia com o desejo de alcançar uma cultura nos moldes europeus tentando promover uma cultura brasileira onde o negro não podia ser parte presente ou expressiva. Este pensamento ainda cerceia as manifestações negras no Brasil, uma vez que certas expressões são vistas como vulgares e por vezes designadas por “lixo” e não cultura.

Neste sentido me refiro aqui ao ritmo “funk”, música e dança periférica negra brasileira, onde pessoas das mais diversas dançam e cantam em bailes promovidos muitas vezes na rua, sendo alvo também da violência policial que busca restringir sua manifestação, por quaisquer motivos que desejam, sendo o preconceito quanto à esses grupos fato já conhecido.

Podemos citar ainda, neste contexto contemporâneo, uma recente sugestão legislativa<sup>15</sup>, identificada como SUG 17/2017, proposta por um morador da zona norte de São Paulo que sugeriu a criminalização do ritmo “funk” como “*crime de saúde pública a criança aos adolescentes e à família*”<sup>16</sup>. A sugestão acabou por ser rejeitada por ser considerada inconstitucional.

Parece evidente que a hegemonia dominante busca desfigurar a coesão identitária negra através de proibições da sua cultura, uma vez que ritmos e aspectos de outras culturas que aqui chegaram ao Brasil, não tiveram a mesma perseguição e proibições.

Esta resistência constante dos movimentos pela expressão legítima de uma dada cultura, demonstra como a política e a cultura estão não apenas ligadas, mas também buscando espaço de reconhecimento na nação. Assim, “*as políticas culturais dos movimentos sociais tentam amiúde desafiar ou desestabilizar as culturas políticas dominantes.*” (ALVAREZ, DAGNINO & ESCOBAR, 2000, pg. 26), sendo estas políticas dominantes ainda espelhadas num modelo eurocêntrico, onde as músicas clássicas, as danças de salão, os *ballets* e demais bens culturais tendem a demarcar um modelo civilizatório, mas que não passam de um modelo provinciano da *high society*, pois busca expurgar a diversidade dos povos constituintes da nação.

Os corpos negros na nossa sociedade são demarcados por estereótipos que tendem a delimitar não apenas a diferença, mas o controle. Pessoas negras são as maiores vítimas do abuso policial, das penalidades judiciais, das suspeitas, etc., ou seja, o corpo negro passa não apenas por uma estigmatização, mas por uma sub

---

<sup>15</sup> Modelo de participação popular onde qualquer cidadão pode criar online uma “ideia legislativa” e se esta alcançar um total de 20.000 apoios acaba por se tornar uma “sugestão legislativa” e será debatida pelos senadores.

<sup>16</sup> Para mais informações da tramitação completa da sugestão ver mais em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/129233>> Acesso em: 15 de agosto de 2018.



cidadania, onde seus direitos são menosprezados, postos em dúvida, ou ainda, sequer relevados.

## 2.2 – Festas negras em São Paulo

Neste fluxo de acontecimentos, São Paulo (capital) herda uma “cena” onde é possível angariar as mais diversas pesquisas, dado o tamanho e a diversidade da cidade, sem falar que ela abriga diversos artistas que começam suas carreiras nos espaços das festas e que mais tarde alcançam maior visibilidade nacional.

Minha escolha de campo na cidade de São Paulo, se deu justamente por esta cena que ocorre lá. Em Curitiba (onde estou situada), por exemplo, existe a festa Baile Bom, mas esta se diferencia quanto ao seu conteúdo, ela está mais próxima dos bailes de charme do que dos ritmos funk carioca, *dancehall*, etc., que encontro nestas festas paulistanas, e onde o tema da sexualidade conforme pensados aqui estão presentes também.

Para o estudo das festas em São Paulo, o trabalho de campo desta pesquisa foi realizado entre o campo virtual e o físico, acompanhando as páginas nas redes sociais das festas escolhidas e posteriormente a ida às mesmas.

A necessidade de acompanhar as redes sociais e tomá-la como campo se dá devido a dois fatores: o primeiro é que as festas escolhidas utilizam das redes sociais não apenas para a divulgação, mas também para expor as fotos de suas edições, e segundo porque podemos por vezes nos deparar com comentários, posicionamentos e outras publicações de matérias a respeito das festas que podem não aparecer no momento em que ela está ocorrendo.

As festas escolhidas para a pesquisa foram então a Wine e a Batekoo, falarei das características delas mais à frente em separado, por hora, basta dizer que ambas possuem o mesmo tempo de criação, 3 anos, e possuem um perfil muito parecido de realização.

Da organização da festa até seu acontecimento, pontos em comum também se observam, em geral, as festas fecham a data e o local onde se realizarão (no caso

da Batekoo, a festa é mais itinerante que a Wine que costuma ser realizada no mesmo local, ao menos assim foi durante o período de campo) e em seguida estas informações são repassadas nas redes sociais (acompanhei via *Facebook* e *Instagram*) com *flyer* virtual do evento e por vezes vídeos promocionais também. Estas ações promocionais ocorrem em geral com antecedência de cerca de duas semanas da realização da festa.

Desta maneira, minha incursão em campo se dava após a confirmação das datas, o período de campo em São Paulo se dividiu em uma visita à campo ainda no ano de 2016, mas esta foi para presenciar uma mesa de discussão que estava sendo organizada pela festa Wine e era a primeira experiência deste tipo organizada pelas produtoras, as demais incursões foram realizadas no ano de 2017 entre fevereiro e julho.

Em fevereiro de 2017, cheguei em São Paulo com o intuito de lá permanecer durante aquele mês para conhecer mais da cidade e suas dinâmicas, e assim o fiz, retornei no final do mês para Curitiba para ir me adaptando à volta às aulas (de reposição, tendo em vista a greve que ocorrera entre os discentes).

Minhas visitas a campo em São Paulo se deram então mensalmente, e apenas nos dias em que as festas iriam ocorrer, pois as mesmas ocorrendo uma única vez no mês não havia muito mais o que fazer na cidade durante o resto do mesmo. A cidade tem sua própria dinâmica assim como as pessoas que lá moram, os momentos de coleta de dados eram de fato no decorrer da festa ou via internet nas redes sociais.

A coleta das informações para pesquisa se deu pela interação com participantes da festa e pela observação no decorrer em que estas ocorriam. Tendo em vista estas informações preliminares passarei a uma descrição quanto à organização e sua realização em si.

### 2.3 – Organizando a festa

Como já dito anteriormente as festas se organizam em parte via redes sociais onde acontece a divulgação e a criação de eventos via *Facebook*, onde é possível confirmar sua presença ou interesse.

Quanto à organização física da festa, pude observar que ambas possuíam uma dinâmica parecida. Em geral o que ocorre é que os produtores da festa fazem certa parceria com o local onde se realizará a festa, ficando os produtores responsáveis pelo caixa das entradas e a casa fica com o dinheiro das bebidas que são vendidas lá, por esta razão a entrada de ambas as festas é feita em dinheiro apenas, e quem faz o controle deste é alguém ligado à produção da mesma.

As festas ocorrem em geral numa localização central da cidade, mas numa parte mais degradada do centro, onde podemos encontrar por exemplo a Aparelha Luzia e a Casa da Luz que ficam próximas à chamada *cracolândia*, ou pontos onde existem muitos usuários de drogas e moradores de rua.

No caso da Wine, em relação aos seguranças, os presentes eram contratados pela casa e trabalhavam lá durante outros dias do mês, já que esta festa ocorre sempre no mesmo local.

A Batekoo por outro lado, por ser uma festa que passou a ter um caráter mais itinerante, por vezes a segurança era feita por alguém já contratado da casa (e cabia a esta pessoa mais a verificação de bolsas e mochilas, pois nunca vi a necessidade de seguranças intervirem em algum tipo de problema ou briga que viesse a acontecer), e em outros momentos dependendo do local, havia apenas um controle de entrada e saída de pagantes (neste caso, demarcado por quem possuía pulseira da festa ou não).

Em relação aos *dj's*, estes costumam ser os mesmos em ambas as festas (alguns são os próprios produtores da festa também), por vezes ocorre a presença de algum *dj* convidado para tocar por um horário ou de algum artista para *pocket* shows.

Ressaltando que estes artistas convidados em geral são artistas locais, negros, e LGBT's, que estão despontando em suas carreiras, ou até mesmo já tem algum reconhecimento local.

Passemos então a descrição das festas, iniciarei com a Wine por ter sido esta a primeira a que fui à campo, em seguida apresentarei as experiências de campo com a Batekoo.

## 2.4 – Wine, a festa

A festa Wine, teve seu início em 2015, sendo denominada de “Wine, a festa”, o nome da festa surgiu de um passo do *dancehall* denominado “*wine*” que se assemelha com o passo que chamamos de “quadrado” no funk brasileiro, não tendo relação direta com a tradução “vinho” do inglês.

Meu contato inicial foi feito via mensagem de *Facebook*, onde verifiquei a possibilidade de uma entrevista, que foi confirmada, sendo então marcada sua realização no dia do evento “Wine na mesa”.

Kamilah Pimentel e Cristina Fernandes, ambas mulheres negras, são as responsáveis pela produção da festa. Em entrevista com Kamilah no dia do evento, esta me informou que o intuito era de fazer uma festa de música negra produzida por mulheres negras, tendo o *dancehall* como um dos ritmos marcantes da festa.

Figura 1 - PRODUTORAS DA FESTA WINE – CRISTINA FERNANDES E KAMILAH PIMENTEL



Fonte: Instagram setembro de 2016/Trap House

A entrevista com a Kamilah foi realizada em 22 de outubro de 2016 antes do evento que iria ocorrer, o “Wine na mesa” tinha como temas de discussão “A ascensão da mulher negra no meio artístico cultural e “A sexualização de seus corpos”.

Segundo Kamilah, já havia outras festas de dancehall na cidade, porém produzidas por homens e brancos, a intenção da festa seria também de colocar mulheres na *linha de frente*, além de trazer um posicionamento de *respeito* ou comportamento na própria festa, isso se relaciona, segundo ela, ao respeito na pista de dança e no decorrer da festa.

A Wine é uma festa que se descreve como: “festa feminina, dedicada a celebração da dança, liberdade e poder irrefutável de cada mulher” (Wine a Festa, Instagram, 2016) (ver ANEXO 1).

A respeito desta descrição questionei Kamilah em entrevista, pois havia claramente uma vertente feminista na festa e nas publicações nas redes sociais, ela me informou que optaram por não inserir a palavra feminista na descrição por haver determinadas coisas que elas poderiam fazer que talvez não se encaixasse dentro das bandeiras do feminismo e assim não acabarem por ser criticadas por uma destas. Não apenas na entrevista, mas acompanhando a festa e as produtoras via redes sociais fica claro que elas tem não apenas o pensamento feminista como também estão inseridas em organizações de mulheres (no caso da Kamilah, afirmou fazer parte do Fórum de Mulheres Negras), além de existir uma orientação para que os *dj's* não tocassem músicas machistas ou de artistas que tivessem algum tipo de atitude neste sentido.

O valor da entrada na festa é também decidido por elas, e Kamilah me informou que anteriormente havia um valor diferente entre homem e mulher, mas que depois tendo mais conhecimento das discussões em torno da questão fixaram um preço igual para ambos os sexos.

O debate proposto foi realizado no Aparelha Luzia, localizado na Rua Apá, 78, no centro de São Paulo e tinha como participantes 4 mulheres negras (ver ANEXO 2) que trabalham no meio artístico e de beleza, entre elas Lay – *rapper*, Lys Ventura – produtora, Welida – *hairstylist* e dançarina, e Carol Romero – *beauty stylist*.

Segundo a responsável pelo local, Erica Malunguinho, mulher negra, trans, nordestina, e que em 2018 foi eleita para o cargo de deputada estadual de São Paulo, na abertura do debate, apresentou o Aparelha Luzia como um espaço de criação, direção e circulação de artes negras, além de um espaço de resistência negra que é também apelidado de “*quilombo urbano*”.

O nome surge da junção de 2 termos, na descrição de Érica: “*aparelha*” traz a memória dos espaços que as esquerdas dos anos 1970 se reuniam no intuito de planejar e resistir contra o regime de ditadura, e eram denominados como “aparelhos”, a designação “aparelha” surge segundo Erica, “*porque a revolução há de ser feminista*”, e devido ao fato de estas mesmas esquerdas terem esquecido de discutir raça e gênero. “Luzia” se relaciona com o primeiro fóssil de mulher encontrado no território de Minas Gerais, sendo denominado por este nome, havendo ainda o quilombo das Luzias que seria também gerido por mulheres, além do significado do nome trazer consigo a ideia de iluminar/irradiar.

O Aparelha Luzia é um espaço físico no formato de um galpão, onde a cozinha fica ao fundo e possui ainda uma espécie de mezanino. Na data em que estive lá, no espaço térreo havia diversas cadeiras, móveis e objetos antigos de diferentes formatos e cores, nas paredes artes negras de artistas locais.

A mesa de discussão começou com algumas horas de atraso, eu havia chegado no horário que ocorreria e acabei utilizando este tempo para explorar o local de maneira bem amadora, já que não havia previsto um atraso tão grande, como era minha primeira vez em campo fazendo uma pesquisa mais a sério, e em outro estado, muita coisa era nova e inesperado pra mim. Havia muita técnica na minha cabeça, mas pouca prática, e é na prática que a gente aprende a se desligar dos manuais, dos *modos operandi*, etc. E neste campo tão dinâmico de festas, aprendi que é preciso improvisar muitas vezes.

Quando cheguei no local, havia apenas duas mulheres no local em uma mesa próxima, uma estava sentada e a outra fazia a maquiagem desta, aguardei sentada em um sofá o início do evento enquanto revisava as perguntas que faria no bloco de anotações que tinha comigo. Neste momento Ciça Alves, a responsável pela comida do local veio me perguntar se eu gostaria de algo, como havia almoçado a pouco tempo disse que não e agradei.

As duas mulheres que estavam próximas me perguntaram meu nome e se era eu quem iria fazer a entrevista (a suposição se deu pelo bloco de anotações), disse que sim e comecei uma conversa prévia então com Kamilah, ela se afastou por um momento para receber a outra produtora da festa que estava chegando.

Enquanto isso a mulher que fazia sua maquiagem me perguntou se eu era jornalista, disse que não, que era estudante de Mestrado de Antropologia e falei rapidamente sobre a pesquisa, esta maquiadora em questão era Carol Romero, uma das participantes da mesa, mas que eu não reconheci logo de início.

Após o retorno de Kamilah, avisei que precisaria gravar e dei início à entrevista, após finalizada, a maquiagem e a entrevista, aguardamos a chegada das outras participantes da mesa para que o debate tivesse início. Conforme as convidadas da mesa iam chegando Kamilah ia me apresentando a elas, mas não contava com tamanha solicitude e apoio por parte dela.

Após a entrevista com Kamilah fiquei no local sentada aguardando o início do debate e durante esse período Kamilah veio até mim duas vezes para me apresentar separadamente a Welida e a Lys Ventura como promotoras de outras festas, dizendo que eu poderia conversar com elas também sobre suas festas, conversar num sentido “entrevistar”, pois, imagino que ela pensou que poderia ser do meu interesse uma vez que eu estava pesquisando festas. Dada a surpresa de minha parte por este súbito apoio que Kamilah estava oferecendo acabei por improvisar as duas entrevistas pois julguei não ser de bom tom recusar ou marcar para um outro momento já que havia um despendimento por parte da Kamilah em me apresentar àquelas mulheres devido à minha pesquisa.

Após as entrevistas durante os momentos de espera, circulei pelo local e em um determinado momento, do lado de fora comecei a conversar sobre diversos com uma mulher negra e sua amiga chegou em seguida. Durante a conversa falávamos sobre um dos temas da mesa que era o da sexualidade da mulher negra, e uma delas disse que a gente também tinha o direito de usar essa sexualidade para nós mesmas, por conseguinte chegamos a um ponto em que falávamos de relacionamentos familiares e uma delas relatava sobre sua mãe que durante muitos anos esteve em um relacionamento abusivo com seu pai, e por vezes se culpava pela violência do marido numa posição bastante submissa.

A outra mulher negra relatou também um caso de abuso que havia ocorrido com ela, segundo esta, ela fazia academia e aulas de boxe, e um determinado dia o professor pediu que ela ficasse pois iria passar uns exercícios extras, durante a demonstração do exercício ele então a “*encoxou*”. No momento do ocorrido ela ficou



sem reação dado o susto e então resolveu rapidamente ir embora, e por esta razão teria largado as aulas de boxe que gostava, por conta da situação em que foi posta.

Pouco tempo depois disso, Kamilah passou por mim e disse que já iriam começar o debate, como ela sabia que eu estava ali por conta da pesquisa, acredito que me avisou por uma certa preocupação pelo fato de eu ter vindo de longe para assistir a mesa, (ela já havia demonstrado uma certa surpresa por saber que eu havia vindo do Paraná para participar do evento), disse a ela que não havia problema que poderia esperar já que não tinha horário para ir embora, pois, estava hospedada ali próximo e só iria embora da cidade no dia seguinte, pouco tempo após isso o evento teve início.

O debate ocorreu de forma diferente dos que estava acostumada a ver em outros eventos que tem um eixo temático. Como haviam dois temas principais, o primeiro “A ascensão da mulher negra no meio artístico cultural” foi o primeiro a ser debatido, sendo assim dividido a discussão em dois momentos. Kamilah fez uma breve introdução e como em forma de pergunta todas as participantes da mesa responderam, expuseram suas opiniões e experiências passando a fala para a próxima.

Figura 2 - DEBATE WINE NA MESA – CAROL ROMERO, LYS VENTURA, LAY, WELIDA, CRISTINA FERNANDES E KAMILAH PIMENTEL.



FONTE: A autora/Arquivo pessoal 2016



Em geral esta primeira rodada de fala das participantes ressaltou as experiências pessoais e os ganhos que elas conseguiram atingir junto de pessoas nos seus meios que já participavam e já obtinham um certo reconhecimento local, além do fato de exporem as dificuldades que a mulher negra tem para atingir o reconhecimento numa mesma área que outras pessoas não-negras. Carol Romero, por exemplo, expôs que após 8 anos trabalhando como maquiadora e especializada em pele negra conseguiu seu reconhecimento e fazer seu primeiro editorial para uma revista.

A primeira questão vinda do público questionava o que aquelas mulheres poderiam fazer também para a ascensão de outras mulheres, de outras pessoas negras que estariam no presente e no futuro também, como forma de “herança”, vamos dizer assim.

Welida disse que sua contribuição era ser espelho, pois sempre que podia motivava e incentivava outras mulheres em relação ao seu cabelo, sua estética, respeitando suas vontades e liberdades, onde trabalhava e também onde mora, citou a dificuldade de ser aceita também junto a outras pessoas negras onde reside, haveria uma certa resistência ainda destas pessoas, negras inclusive, que questionavam seu cabelo natural como um problema a ser resolvido com química.

Lay falou sobre aproveitar a oportunidade que a visibilidade artística proporciona e levar uma mensagem também contra o machismo, e relatou sobre os comentários que foram feitos por mulheres negras após sua participação em uma campanha da Avon Cosméticos, mostrando a resistência que habita ali também, de mulheres que segundo ela, ainda não se desconstruíram.

Lys declarou que ainda tenta encontrar alternativas para integrar a população da periferia, e que o que pode ser feito ainda é no boca a boca, pois as políticas e o quadro político ainda impedem de muita coisa acontecer, e quando acontecem eventos há uma resistência também da população negra da mesma forma que as outras participantes ressaltaram, havendo uma necessidade de conscientizar quanto ao pertencimento identitário e estético.

Carol também ressaltou a dificuldade de chegar na periferia e expor sobre este pertencimento e valorização por conta do pensamento que ainda predomina entre os negros de não se reconhecerem ou assumirem enquanto tal, e por muitas

informações não chegarem lá nem pelo meio da mídia, e que sua aceitação só se deu quando começou a ler e estudar sobre negritude, disse colaborar expondo seu trabalho e participando de trabalhos entre a população periférica onde pode ter uma oportunidade de falar com as mulheres de lá.

Em relação à discussão sobre sexualidade, esta durou um tempo menor, a discussão toda teve cerca de 3 horas, e este segundo tema utilizou 40 minutos finais da mesa.

A questão posta por Kamilah foi sobre o que pensavam as mulheres ali presentes sobre a sexualização dos corpos, uma vez que enquanto mulheres negras elas também querem falar sobre sexo, e isso num momento em que se fala em *empoderamento*, que a mulher pode fazer o que quer com o seu corpo, pois as *mulheres negras também tem vontades*, não apenas de expor mas de discutir a respeito do seu corpo e sexualidade, pensando ainda se a questão do empoderamento poderia servir para quebrar um pouco as questões que falam apenas da sexualização do corpo da mulher negra por outros.

Em geral as respostas das mulheres ali questionadas ressaltou a maneira como elas sempre tiveram uma liberdade em relação ao seu corpo, e como o *dancehall* e as festas sempre estiveram presentes nesta questão dos seus corpos, tendo em vista que elas têm noção também que são objetificadas e alvos da violência, porém não deixam de lado o fato de que podem também utilizar seus corpos na mesma medida, numa tentativa de usar dessa liberdade em seu favor.

O meio periférico onde estas mulheres negras cresceram permitiu com que elas vivenciassem a sexualidade de seus corpos de uma forma mais natural, já que algumas delas estavam envoltas em escola de samba, festas, etc.

Sobre as relações com o corpo, a dança e as festas, Welida me disse que na época inicial de sua interação com as festas não havia tanto uma preocupação com o que os outros iam achar a respeito de seus corpos ou que faziam com eles, segundo ela:

nessa época a gente estava preocupada em curtir a noite, e ser feliz, ser livre, dançar, sabe quando você escuta aquela música e ela bate legal e você curte, então nessa época a gente não levantava esse tipo de bandeira, feminismo na época era algo longe de ser conversado, a

gente nem pensava nisso nessa época, mas obviamente a gente já tinha essa liberdade de fazer e foda-se. (WELIDA, 2016)

Ainda em relação aos mesmos temas, questionei também Lys a respeito, como Kamilah havia me falado anteriormente sobre o fato do dancehall ser uma dança que envolvia uma certa sensualidade, meu questionamento era se ela acreditava que esta questão do sexual e do sexual era também uma questão posta para as mulheres que dançavam o ritmo e como elas viam esta questão dos seus corpos nesse meio, Lys me respondeu que:

eu acho que assim, a sexualidade assim, ela sempre foi muito presente né na mulher preta, porque a mulher preta ela foi sexualizada desde sempre, mas de uma forma pejorativa né. Com a festa a gente conseguiu trazer uma autonomia pros corpos, uma...um domínio e um respeito, porque os homens que colam, eles respeitam, eles não chegam encoxando, eles não chegam saca...se interessando, se apropriando do nosso corpo, é tipo a gente que manda na pista, as mulheres que dançam do jeito que elas querem, mas também além da dança sensual existe todo uma tradição de passinhos né, tipo...tem a tradição da “*dancehall queen*” que surgiu lá na Jamaica, que são mulheres que faziam concursos ou que eram as próprias donas do baile, que colocavam suas roupas minúsculas e faziam suas performances, além de ser uma performance sexual, também era uma performance de entretenimento, tinha muito passinho, muita brincadeira com o corpo. Hoje em dia tá um pouco generalizado, mas eu acho que é tudo uma questão de evolução, de a gente também ensinar o que a gente aprendeu né, compartilhar, que não é só isso, você pode rebolar mas você também pode fazer um *espacate* e aí chegar outro e fazer uma estrela encima de você, é tudo isso assim que vai além um pouco da sensualidade feminina. (VENTURA, 2016)

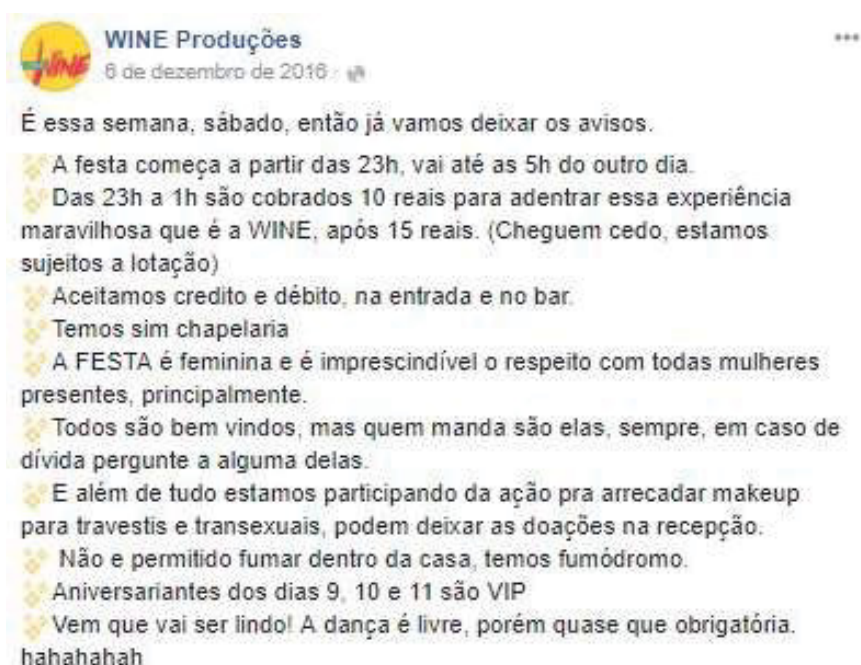
Nestas tradições de festas seja na Jamaica ou no Brasil, segundo as informações obtidas em entrevista destas memórias das produtoras, podemos ver uma presença feminina marcada, seja na elaboração ou na presença de público. E a questão do corpo acaba por acompanhar estas manifestações culturais, e estando uma intersecção de gênero e raça presente seria inevitável que estas questões não fossem em algum momento postas, devido aos diversos contextos históricos que a mulher negra esteve inserida desde o continente africano aos países em que foi levada.

Finalizado este debate permaneci no local mais por mais um tempo e fui embora, uma nova inserção em campo só se deu no ano seguinte em fevereiro de 2017, quando o campo das festas começou de fato. A seguir relato as experiências e ocorridas neste meio.

## 2.5 – Qualquer dúvida pergunte a elas

As festas da Wine em sua divulgação via redes sociais sempre ressaltaram que na festa o respeito pelas mulheres é primordial no ambiente, e que quem comanda a festa são elas, e no caso de dúvidas sobre qualquer coisa que se relacione ao respeito ou a festa em geral é a elas a quem os homens devem perguntar, abaixo vemos um exemplo desta descrição de uma das festas realizadas em dezembro de 2016, a mesma descrição foi encontrada em festas anteriores e posteriores.

Figura 3 - WINE EDIÇÃO DE DEZEMBRO DE 2016



FONTE: Facebook 2016

Na mesma edição da festa de dezembro de 2016, a descrição em outro momento continha a informação que a festa era exclusiva feminina, mas no sentido em que as convidadas para tocar seriam apenas mulheres, diferente de outras edições onde o *dj* é homem.

Esta informação gerou dúvidas e uma postagem feita por um rapaz na página do evento questionava se na festa seria permitido a entrada deles, as produtoras responderam esclarecendo que se relacionava às convidadas para tocar, não ao público em geral, abaixo vemos o anúncio do evento:

Figura 4- DESCRIÇÃO DO EVENTO DE DEZEMBRO DE 2016

**Detalhes**

[Evento livre para mulheres, homens, trans... Estão todos convidados]

Nossa ideia como mulheres pretas organizadoras da WINE, que sempre teve o intuito de ser além de uma festa - questionando e abrindo espaços de fala, seja em posicionamento ou eventos multiplicadores - não é substituir ou silenciar os homens, e sim nos manter numa posição igualitária, com as mesmas oportunidades, nos mesmos espaços. Nunca achamos necessário anular a presença deles e sim coexistir, mostrando de fato quão grande é ser mulher e como tratar-nos da forma que merecemos. PORÉM, nessa edição de fim de ano, convocamos apenas ELAS pra compor o nosso line-up, mulheres fortes, empoderadas e que inspiram, convidamos de coração aberto e com vontade de unir, afinal esta mais que na hora da união imperar e construirmos novos caminhos. Em meio a isso, nós buscamos sempre elevar a mulher e abrir caminhos nos nossos meios, lembrando sempre do poder que habita em cada uma nós. A WINE a credita também no poder da sensualidade e do corpo despido de medos e pré conceitos como instrumento de construção do auto-amor. É com muito amor e dedicação que nos despedimos desse ano, desse ciclo, já tramando novos e melhores passos pro próximos.

E como nem só de problematização viverá a mulher, o close é esse: MUITA DANÇA NA PISTA, DO DANCEHALL AO RAP E DO DIGITAL AO VINIL!!! Nessa edição Sistah Odara comanda as pick-ups com seus vinhos de dancehall massivo. Dj Miria Alves tras a Black Music a o Hip Hop, nossa produtora e DJ Ladyybrownn com set muito feminino e atual do dancehall ao RAP. E um pocketshow da rapper Karol de Souza ♥

As atividades se iniciam às 23h como de costume e seguem ate às 05h da manhã. Nosso double catuabe vai das 01h as 03h, apreciem com moderação. E os 50 primeiros ganham uma dose de drink WINE, delicia!

Preço unico \$10  
Após a 1h \$15

Curtam e fiquem por dentro de tudo na nossa página:  
<https://www.facebook.com/wineafesta>  
Instagram: @wineafesta  
#dancehallaorap #wineafesta



Em uma publicação via *stories* do *Instagram* em 2018 há uma reiteração quanto a presença dos homens nas festas. O que parece acontecer em relação a presença deles na festa e esta reiteração frequente, talvez derive do formato que a festa assume, que segundo as produtoras, advém da cultura do *dancehall* onde o respeito às mulheres é parte desta, e devido ao fato dela ser produzida por mulheres conscientes quanto às questões de gênero e raça, e que advém de realidades periféricas, e acabam por projetar na festa estas questões, exigindo sempre o respeito. Abaixo lemos na publicação: “*não se acanhem, homens são bem-vindos, aliás nós gostamos e muito. Mas saibam quem manda, são elas.*”:

Figura 5 - PUBLICAÇÃO VIA STORIES INSTAGRAM DA WINE



FONTE: Instagram Wine 2018

Pelo o que pude perceber nas festas em que estive e nas redes sociais, a questão do *respeito* que é requisitado para os participantes é o que torna a festa um local seguro de se estar, isso pôde ser visto na segunda festa em que participei, e que relatarei mais à frente.

Durante minha primeira participação na festa em fevereiro de 2017 (ver ANEXO 3 e 4), a edição contava com a participação de Tássia Reis em um *pocket show* que durou 30 minutos tendo iniciado às 02:30 da manhã. Neste dia cheguei ao local por volta da meia-noite, achei que se chegasse muito cedo encontraria a casa ainda vazia.

Durante o trajeto de casa para o local usei o serviço do UBER, o motorista que atendeu ao chamado era um homem negro morador do ABC e disse fazer o serviço de UBER como complemento de renda, no início de nossa conversa até o local, ele me perguntou se eu estava indo trabalhar (fiquei na dúvida neste momento se minha roupa estava muito formal para quem está indo em uma festa ou se o motorista estava apenas puxando assunto), expliquei para ele que estava fazendo pesquisa sobre mulheres negras e sexualidade e as festas negras que ocorriam na cidade.

Comentei que havia feito uma entrevista com uma das produtoras da festa e que esta era mãe da Mc Sofia, o motorista então começou a relatar um caso seu ocorrido com sua filha no dia em que foi visitar a escola particular dela que tinha por volta de 5 a 6 anos. O motorista me disse que no dia em questão uma criança branca da mesma idade havia perguntado para ele se colocasse fogo no cabelo da filha dele, se ele iria queimar, este pai então relatou que perguntou à menina branca num exercício de reflexão: “*se colocar fogo no seu cabelo ele não vai queimar também?*”, e explicou para a menina que o cabelo tinha uma mesma estrutura mudando somente o formato.

Em seguida o motorista comentou que já havia visto a Kamilah em entrevista na televisão dizendo que deixava seu cabelo crespo para servir de exemplo para sua filha e que ele tinha deixado o seu cabelo crescer pela mesma razão, uma vez que sempre utilizou seu cabelo curto raspado.

Cheguei na porta do Executivo Club e a fila já dobrava a esquina, tive que esperar por quase 15 minutos para entrar pois a casa já estava bastante cheia. Na fila, muitos jovens que aparentava ter por volta de 20 anos, enquanto aguardavam bebiam, fumavam e falavam de assuntos triviais.

O Executivo Club é uma casa cujo espaço onde a festa acontece é subterrâneo sendo acessado por uma escada, ao final desta encontramos à esquerda

o caixa de entrada onde é feito o pagamento e recebemos uma pulseira, e onde também é realizada uma revista de bolsas, as pessoas costumam ser revistas também, mas não de forma detalhada como muitas vezes acontecem em outros estabelecimentos em que já estive e onde todo seu corpo é averiguado por outra pessoa.

Por vezes a segurança apenas pergunta se tem algo nos bolsos. No meu caso ao abrir a pequena bolsa que estava, a segurança olhou com certo estranhamento o objeto que lá estava, um gravador, tive que explicar que fazia pesquisa e ele serviria para entrevistas.

Logo após passei por uma porta que separava este espaço do local de onde a festa encontrava sua realização, a pista estava cheia, era possível visualizar tantos jovens quanto os que estavam na fila, e vestidos em sua maioria com shorts jeans, tops, camisetas regatas, tênis, pochete, calça de cintura alta, e tanto homens quanto mulheres utilizavam grandes brincos de argola, juntamente com seus cabelos naturais ou em outros estilos afro como tranças e *dreads*, tudo muito bem ajeitado em um estilo visual que lembra em muito a moda dos anos 1990.

Apesar de em entrevista a Kamilah ter dito que a festa era por vezes classificada por outros como heterossexual, minha percepção deu a entender que havia uma predominância LGBT, não apenas nesta edição como nas demais. Entre homens e mulheres pareceu bastante equilibrado o número do público.

Durante esta festa encontrei Kamilah e relembrei ela que tinha feito a entrevista no ano anterior e ela: *“lembro sim, você que veio lá de longe”*, perguntei sobre o significado do nome da festa, pois não havia feito naquele momento, e falei que estava ali para participar da festa e ela surpresa: *“você veio lá de longe só pra vir na festa?”*, e nisto ela já me ofereceu para entrevistar a Tássia Reis. Como no primeiro encontro com Kamilah no ano anterior ela me “ofereceu” pessoas para entrevistar, imaginei que o mesmo podia ocorrer desta vez, assim, pensei em algumas perguntas que poderia fazer para Tássia caso a oportunidade se repetisse como no ano passado, e assim ocorreu.

Cruzamos o salão e antes do show a entrevistei ao lado do caixa de entrada. Nesta edição eu ainda não conhecia muito bem o trabalho da Tássia (apesar de já ter ouvido falar dela), por esta razão achei que muitas pessoas poderiam não conhecer



também, mas me surpreendi durante o show ao ver o público vibrar e cantar algumas das suas músicas.

Na segunda festa em que participei em março (ver ANEXO 5 e 6), procurei chegar mais cedo, por volta das 23:30 já estava lá, desta vez não havia fila como da outra vez, apenas umas 3 pessoas à minha frente como que aguardando. Imaginei que a entrada não havia sido liberada ainda então sentei ao lado desses jovens que lá estavam, aguardei debaixo de uma marquise que possuía um espaço como de uma janela baixa onde era possível se sentar.

Durante esse tempo de espera 3 homens com cerca de 25 anos vinham descendo a rua em direção à praça da República, pararam bem em frente ao clube e ficaram conversando entre eles, um deles estava com uma lata de cerveja na mão e claramente bêbado, estava inclusive abordando algumas mulheres que por ali passavam. Neste meio tempo duas meninas chegaram na fila, uma negra e outra branca, Tábata e Daniela<sup>17</sup>.

As duas conversavam entre si e em um determinado momento percebi que observávamos aquele mesmo homem alterado, e elas comentavam justamente sobre ele, a menina negra comentou algo com sua amiga e riu, como eu estava perto, ouvi e ri também, e logo estabelecemos uma conversa que fez com que eu estivesse com elas o resto do tempo em que elas permaneceram na festa.

Daniela a jovem negra, disse: “*se ele vier pro meu lado ele vai ver*”, e começamos a falar sobre esses casos de falta de respeito e abuso que ocorriam, eu diia que hoje em dia as mulheres protegem umas às outras e que há uma conscientização para isso, diferente do que o imaginário masculino muitas vezes prega que as mulheres são rivais.

Após esse comentário, Tábata, a jovem branca, relatou um caso que havia acontecido um dia em que estava num transporte público, e este mesmo estava lotado, segundo ela, neste dia ela estava em pé e uma mulher começou a fazer um escândalo alertando que havia um homem se *esfregando* em uma mulher, mas ela não conseguia ver quem era a vítima de tal abuso e nem quem era o homem por conta da lotação, só percebeu depois que era ela a vítima, e não tinha se dado conta porque

---

<sup>17</sup> Nomes fictícios.

não tinha visto quem estava atrás dela no momento em que entrou e como sempre há mochilas e sacolas com as pessoas não se preocupou muito em verificar porque estava muito apertado também. Por fim, as mulheres que estavam em volta se juntaram e acabaram por tirar este indivíduo do local.

Daniela também relatou o caso de um vizinho que estava pulando a janela da casa de um familiar dela e usando o computador para assistir pornografia e se masturbar no local, até que um dia sua avó descobriu ele, bateu no mesmo e o colocou para fora.

Ainda na fila, Tábata parecia um pouco receosa quanto a festa e me perguntou o que ela deveria esperar desta, falei que eu havia estado em apenas uma, mas que em geral o clima era bom e não havia casos de desrespeito que eu tivesse presenciado já que as promotoras da festa a organizavam ressaltando este ponto, e as mulheres que participavam da festa também estavam cientes neste sentido, pois a proposta da festa é ser voltada para o público feminino principalmente.

Relatei a ela que havia inclusive visto um depoimento de uma mulher na página do *Facebook* da festa que relatava ter ido na festa e gostado muito, sendo neste dia em questão ocorrido de um homem querer se aproveitar das mulheres enquanto dançavam, mas que outras mulheres que estavam próximas haviam “*situado*” este homem. Daniela já havia frequentado a festa e foi quem indicou para a amiga, disse que conheceu a festa das pessoas falando a respeito até que foi um dia e gostou.

Uma menina que estava na fila à minha frente, disse que podíamos entrar que elas não estavam na fila de fato, então eu e as duas meninas entramos, após pagarmos recebemos a pulseira e também uma dose de catuaba de brinde, ao adentrarmos o salão percebemos que éramos as primeiras na festa, fomos então para próximo da pista e ficamos sentadas em uma espécie de tablado que existe lá e conversamos um pouco imaginando porque a festa ainda estava vazia, uma delas disse que poderia ser porque estava acontecendo um outro evento grande no mesmo dia na cidade.

Ficamos uns 15 minutos dentro da casa, e em alguns momentos dançamos um pouco, até que Daniela disse que iria fumar e se eu queria ir junto, disse que sim,

achando que se tratava de outro tipo de cigarro. Neste espaço do fumódromo pude então perceber que não se fumavam apenas cigarros de nicotina.

Enquanto estivemos lá conversamos sobre suas vidas. Tábata era estudante de Letras em uma universidade local e Daniela que tinha a mesma idade havia largado a escola por conta de um atrito com uma ex-namorada de seu atual marido, mas estava no momento estudando para terminar o ensino médio.

Daniela mora no Capão Redondo e sua amiga em outra localidade, esta me relatou que sempre tem festa de *dancehall* na rua por lá, e de graça. Pensei em um dia ir lá para ver como se davam estas festas, mas lembrei que havia ouvido relatos de pessoas que tentavam pegar o UBER nestes espaços periféricos e não conseguiam devido os motoristas se recusarem a aceitar corridas para lá por medo de serem assaltados, assim dificultaria minha locomoção num espaço que eu não conhecia, e estando sozinha numa cidade que não era a minha e fazendo um campo noturno, poderia ser arriscado, os medos e as necessidades partem de ambos os lados, e criam impedimentos e aprisionamentos, neste caso geográficos, em ambas as partes.

Ao retornarmos para dentro já havia algumas pessoas, mas não muitas (menos de dez eu diria), ficamos mais um tempo juntas até que elas resolveram que iriam a outro local por conta da festa estar vazia ali, fui com elas até o fumódromo onde Daniela e Tábata decidiram que iriam a um local próximo numa boate LGBT, pelo mapa elas viram que teriam que cruzar a praça da República, e comentaram que estava *calma* mas elas poderiam ir correndo pra evitar qualquer abordagem, perguntaram se eu queria ir junto, disse que não podia (teria aceitado, e fiquei de fato seduzida pela ideia de ir, pois sempre fiz esses rolês meio loucos pela cidade, mas meu campo era ali naquele local, havia um comprometimento noturno diferente agora), se despediram e foram embora a passos rápidos.

Entrei e me sentei no mesmo tablado que estava anteriormente observando e esperando o movimento crescer na casa, não havia muito o que fazer.

Enquanto estava observando o local sentada, um grupo de 4 meninas dançavam próximo de mim, uma delas me chamou para dançar, a princípio disse que não queria e alguns momentos depois ela chamou novamente, fui, então ela ficou ao meu lado e me disse que a dança libertava, que você de certa maneira se conecta

com o seu corpo, me perguntou se eu sabia a proposta/intenção da festa, que ela era voltada justamente para o feminino como uma *experiência de liberdade de expressão da mulher com seu corpo*, esta jovem se chamava Mara<sup>18</sup>. Dancei um pouco e voltei a sentar, ainda não estava à vontade para tal empreendimento estando sozinha na festa.

Ao fundo do salão havia um grupo de 3 a 4 jovens negros africanos, cerca de 3 mulheres os acompanhavam na festa, em um momento vi que a segurança da festa conversava com um deles e estava dando uma advertência ou algo parecido, ele então saiu do salão e voltou uns minutos depois.

Ao voltar uma nova discussão parecia estar em curso e seus amigos pareciam querer afastá-lo de uma possível briga, eis que eles saem juntamente com os seguranças, minha curiosidade fez com que eu fosse novamente ao lado de fora da festa para saber o que estava acontecendo. Chegando lá fora um dos jovens falava com o segurança em português explicando o que havia ocorrido enquanto os outros amigos tentavam dialogar com o jovem que causara o transtorno, este mesmo apenas gritava palavrões em inglês, tirou a pulseira da festa e foi embora.

Me aproximei do segurança e perguntei o que havia ocorrido, este me disse que o jovem que havia ido embora estava dando em cima de uma menina que estava no grupo, e que seria namorada de um dos rapazes, foi então que a discussão toda começou, e que o rapaz que falara com ele disse que somente aquele é que estava causando problemas, que os outros estavam ali para se divertir.

Este mesmo segurança ainda fez outras observações relacionadas aos africanos em geral que havia visualizado na cidade, dizia ele que eles *não sabem se divertir*, que em um espaço próximo dali a presença deles é constante e marcada sempre por algum tipo de *confusão*, sendo estas observações feitas de uma maneira claramente preconceituosa, sendo este segurança também um homem negro.

Em conversa com os seguranças ainda, pareceu que estes não eram contratados pela festa e sim funcionários da casa, e pouco sabiam a respeito da festa em si, um deles me disse apenas que era uma festa *black*, e que nos outros dias tocava ritmo eletrônico.

---

<sup>18</sup> Nome Fictício.

Antes de entrar novamente na festa assisti uma discussão que se deu por conta de um rapaz que tentou roubar o celular de um grupo de meninas negras que haviam deixado a bolsa encima da plataforma em que eu estava anteriormente, ele tentou dizer que achou que era o dele mas não convenceu, e até o amigo que havia chegado com ele e conhecia as meninas também, acabou por ficar contra ele.

Enquanto a discussão acontecia um rapaz branco veio falar comigo, na conversa soube que ele era morador da zona leste e estava ali com alguns amigos. Falei que estava fazendo pesquisa com festas negras em São Paulo ao que ele perguntou: “*festas o que você disse?*”, respondi: “negras”, ele fez uma feição pensativa a respeito e disse: “*é não deixa de ser*”. Este rapaz parecia não saber do que se tratava a festa na qual ele estava, talvez para ele fosse apenas uma festa *black* também. Após alguns minutos de conversa entrei na casa pois queria ver se o show da noite havia começado.

Nesta volta para a festa encontrei Mara no banheiro cuidando de uma amiga que passava mal por ter bebido demais e a ajudei nos cuidados, enquanto a menina se recuperava conversei com ela e falei sobre pesquisa a respeito da festa, e começamos a falar ali no banheiro mesmo sobre questões que envolvem os movimentos feministas. Durante estes momentos um casal hétero de jovens negros adentra o banheiro feminino em que estávamos e ficam surpresos por encontrarem tantas pessoas ali, acho que eles procuravam um pouco mais de privacidade.

A questão que Mara pontuava junto aos movimentos era de que por vezes ela acabava por ser questionada sobre quem era branco na sua família por ela ter uma pele mais clara e traços mais finos, apesar do cabelo crespo (neste momento ela usava tranças coloridas) pontuou ainda o fato de algumas feministas negras ofenderem outras por serem brancas.

Mara apresentou muitas questões relacionadas ao feminismo em geral, bastante claras no seu posicionamento quanto a sua negritude, e se ofereceu para dar uma entrevista falando a respeito destes assuntos após eu mencionar que já havia entrevistado as promotoras da festa, mas não conseguimos efetivar tal tarefa posteriormente.

Neste dia, acredito que devido ao pouco público o show de Miss Yvi que estava programado para a noite acabou por não acontecer, assim como

posteriormente as fotos da festa também não foram colocadas na página como é comum ocorrer, talvez pelo mesmo motivo do show não ter ocorrido, vi apenas uma foto no perfil pessoal de uma das promotoras no *Instagram*.

Já passava das 3 da manhã quando resolvi ir embora, antes disso encontrei Mara novamente na saída que falava com um casal e outra menina, o assunto dizia respeito às relações de amizade com pessoas negras, uma das meninas dizia que teve contato primeiro com a música negra do que com pessoas negras, pois sua vida se resumia a faculdade onde havia mais 2 negros em sua turma e seu noivo.

Mara acrescentou que com ela acontecia algo parecido em relação à sua formação pois quando fazia massoterapia havia apenas ela e um asiática que eram as que fugiam do padrão que parecia ali estar operando.

No mês de abril a festa não aconteceu, retornando apenas em maio, nesta edição não pude comparecer, minha volta à campo nesta festa se deu no evento de junho quando aconteceu o “Wine na Casa da Luz” (ver ANEXO 7 e 8).

Esta edição não foi apenas a festa em si que ocorreu, era mais um evento que englobava: show, festa, exposição fotográfica, tatuagem, exposição de brechós, cabeleireiros, trancistas, exposição e venda de artes gráfica em geral, além da exibição de filmes.

Diferente das outras edições, esta de 11 junho de 2017 aconteceu num domingo, em geral as festas que ocorrem no domingo costumam começar mais cedo e ir até à meia-noite, e assim foi com a festa da Wine. Nesta edição também a venda de ingressos antecipados foi feita pelo site Sympla (que é voltado para a venda de ingresso de shows e eventos em geral), havia também a possibilidade de levar um agasalho no dia que geraria um desconto na entrada.

A Casa da Luz<sup>19</sup> é um espaço de um casarão do final de 1800, construído para ser uma das primeiras hospedarias da cidade, localizado ao lado da estação de metrô da Luz na Rua Mauá - 512, e funciona hoje como um espaço cultural diversificado.

---

<sup>19</sup> Informações de acordo com a página do estabelecimento. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/casadaluzsp/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/casadaluzsp/about/?ref=page_internal)>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

A Casa é simples em si, muitas das paredes não possuem acabamento, no andar de cima o piso é de madeira e é onde fica a área para compra de comida, embaixo há o bar e alguns cômodos onde encontramos, por exemplo, uma balança presa ao teto. A parte da discotecagem das convidadas aconteceu no piso inferior onde também ocorreu o show do rapper Rincon Sapiência por volta das 20hrs.

No piso superior entre as exposições artísticas havia em uma parede fotos de pessoas negras de várias idades seguido de um relato em que elas descreviam casos em que sofreram racismo. Outras exposições eram de produções próprias de artistas negros que vendiam o original de suas obras ou a cópia que saía por um valor mais barato.

Entre os filmes exibidos assisti ao *“Poetic Justice”* de 1993, cujo elenco conta com a presença de Janet Jackson, Tupac Shakur e Maya Angelou que assina também os poemas da protagonista do filme, seguido deste filme foi exibido *“Chiraq”* de 2015 de Spike Lee, mas não cheguei a vê-lo.

Ao final do filme uma jovem negra me perguntou se havia acabado o filme, disse que sim, e esta me perguntou como tinha sido o final, conversamos brevemente sobre os protagonistas e a festa, ela me disse que costumava frequentar mais a festa na época em que ela ocorria no Morpheus (outro espaço de festas localizado no bairro do Campos Elísios).

Bem ao lado da exibição de filmes em um espaço pequeno um casal de trancheiros faziam o cabelo de mulheres, à frente roupas da marca AkoriÁra de criação de uma das produtoras da festa eram vendidas, no cômodo ao lado a exposição fotográfica dividia espaço com dois brechós que participavam do evento.

Acompanhando via Instagram as festas e alguns usuários da plataforma, me pareceu haver uma certa “cultura de brechó” se pode-se assim dizer, os brechós parecem ser não apenas uma alternativa de compra de roupa barata que acompanha o estilo dos anos 1980 e 1990 de boa parte das pessoas que frequentam as festas, mas também uma alternativa de renda para muitos jovens periféricos, ouvi em uma festa um rapaz comentando que havia comprado o macacão *jeans* que estava vestindo, num brechó por menos de R\$ 10 reais, impressionando a mim e os amigos.



Acabei por adquirir o hábito de “*garimpar*” brechós também durante o período em que a pesquisa se desenvolveu em São Paulo e a vê-los de outra forma também, pois nunca achei tal tarefa muito atrativa.

Encontrei não apenas Mara neste evento, mas também pude reconhecer outras pessoas que já havia visto nas festas anteriores. De uma maneira geral, me parece que as pessoas que frequentam a festa da Wine a fazem sabendo da sua proposta e algumas pessoas por vezes deixam um comentário a respeito da mesma na página da festa no *Facebook* ou na página do evento criado por ela, vemos abaixo dois exemplos disso:

Figura 6 - DEPOIMENTOS SOBRE A FESTA



FONTE: Facebook 2017

Entre as pessoas que frequentam a festa, tive a impressão que as mulheres em geral parecem saber mais a respeito da proposta da festa e a frequentam por esta razão também, o ritmo do *dancehall*, que antes da pesquisa me era desconhecido, em



São Paulo, principalmente nas áreas periféricas é de grande conhecimento, o ritmo jamaicano embala não apenas as festas que acontecem no centro da cidade mas também as ruas de bairros mais afastados, há o *dancehall no morro* também que ocorre em bairros da zona norte, por exemplo.

O ritmo parece ter se dissipado em São Paulo entre os anos 1980-90 com os diversos bailes que ocorriam na cidade e que contavam com música negra internacional, sendo resgatado e herdado também pela nova geração de jovens a partir dos anos 2000-10<sup>20</sup>. Finalizando esta descrição da festa Wine, passaremos a seguir para a segunda festa pesquisada.

## 2.6 – Batekoo

A festa Batekoo<sup>21</sup> surge inicialmente na cidade de Salvador em 2014, idealizada por Wesley Miranda, na época morador da periferia da cidade no bairro do Cabula, em parceria com Maurício Sacramento de Salvador também, e Jack Nascimento, natural de Catité no interior da Bahia, que foi o responsável pelo registro fotográfico da primeira festa. Maurício é responsável no momento, pela edição da festa no Rio de Janeiro e Wesley a de São Paulo.

---

<sup>20</sup> Conforme informações disponíveis em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/18/Como-o-dancehall-vem-ganhando-espaco-no-nos-bailes-da-periferia>>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

<sup>21</sup> O nome da festa se relaciona ao linguajar/dialeto utilizados por grupos LGBT's denominado pajubá/bajubá, onde: bate=igual ao verbo "bater" em português, e koo=cu (ânus), aqui utiliza-se os dois "os" como na língua inglesa cuja junção em geral forma o som de "u". "Batekoo" então refere-se a forma, movimento e a parte do corpo utilizada na dança/performance.

Figura 7- CRIADORES/PRODUTORES DA BATEKOO – MAURICIO SACRAMENTO E WESLEY MIRANDA



FONTE: [www.batekoo.com](http://www.batekoo.com)

A festa tem início segundo Wesley, quando este após se graduar começa a atuar mais ativamente em militâncias LGBT e negras, e então se muda em um determinado momento da casa dos pais e decide posteriormente em produzir uma festa que o representasse quanto à sua identidade.

Wesley relata<sup>22</sup> que sempre frequentava festas na cidade com seus amigos, mas queria que a sua tivesse o diferencial de ser uma festa de cultura negra pois este era o ponto de partida para pensar todas as outras questões que as envolve, por esta razão a escolha seria de produzir a festa com pessoas negras tocando, fotografando, como modelos de divulgação, etc.

Jack Nascimento ressalta que a festa *“é feita de preto pra preto, e quando um preto fala que foi numa festa e se sentiu livre, isso é bastante transgressor”* (VICENTE, 2017, 12”).

<sup>22</sup> Informações relatadas no vídeo intitulado: “#04 – Jack Nascimento e Miranda (Batekoo) - Afronta! (Face it!)”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t-umlfR2FA8>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

Em 2015 a festa chega a São Paulo, e hoje é encontrada edições da mesma em outros estados como: Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, no Distrito Federal, entre outros. A festa é descrita no site desta como:

Movimento que se expressa através da dança, da música, do corpo, da pele preta, do suor, da liberdade corporal e sexual, da cultura negra, periférica e urbana, do empoderamento coletivo e representatividade preta dentro de qualquer espaço. (Batekoo, 2017)

Os idealizadores da festa, em todos os estados em que se realiza seguem o mesmo padrão descrito acima, e pelas imagens obtidas por fotos e vídeos via *Facebook* é possível ver que os jovens que a frequentam também se assemelham esteticamente.

Em São Paulo a festa alcançou uma grande visibilidade ao ponto de ocorrer mais de uma festa no mês, porém algumas destas eram em parcerias com outras festas ou eventos, e por esta razão o valor do ingresso, que em geral nas festas exclusivas da Batekoo não passa de no máximo R\$ 15,00 reais, acaba por ultrapassar este valor, como ocorreu no evento organizado em conjunto com outras festas para arrecadação de fundos para a família de Rafael Braga<sup>23</sup>.

Outra festa com valor bastante diferenciado foi a ocorrida em 27 de janeiro de 2018 em parceria com a cervejaria Budweiser que tinha o valor de R\$ 80,00 reais para aqueles que não enviassem seu nome para a lista do evento, com o nome na lista o valor ficaria em R\$ 15,00 reais até às 01:00hrs e depois deste horário R\$ 20,00. Em todas as festas não há também diferenciação de preços da entrada entre homens e mulheres.

Dado o número de festas que estavam sendo realizadas no mês, decidi por fazer o campo somente nas que fossem exclusivas da Batekoo, ou seja, sem parcerias com outras festas como a da Budweiser, Nike, etc, que também ocorreram. Quando

---

<sup>23</sup> Rafael Braga Vieira, único preso e condenado em decorrência das manifestações de 2013 contra o aumento da passagem no Rio de Janeiro, no que é visto como mais uma injustiça e abuso do sistema judiciário brasileiro. Abordarei com detalhes o caso de Rafael Braga mais à frente e a relação de seu caso com as mobilizações de algumas festas.

comecei a pesquisa, estas festas costumavam ocorrer no Morpheus Club, muitas vezes às quintas-feiras e algumas vezes no domingo no mesmo local.

O que se diferenciava dos dias em que ocorria era o horário, no domingo tinha início às 17hrs e acabava às 23hrs, isto se deve segundo a descrição dos eventos da “*Batekoo de domingo*”, porque muita gente trabalha na segunda e também precisa pegar o metrô à noite enquanto ainda está disponível. Minha primeira visita à festa foi justamente numa Batekoo de domingo, abaixo descrevo as edições em que estive.

## 2.7 – Batendo o Koo

Durante o período em que estive em São Paulo no mês de fevereiro de 2017, época de carnaval, muitos eventos ocorriam pela cidade, e a Batekoo não ficou de fora. No dia 19 aconteceu a primeira festa do mês, a Pré-CarnaKoo, evento que ocorreu no Morpheus Club e que antecedeu o CarnaKoo que ocorreu no dia 25. Quando ocorreu a festa do dia 19, não pude comparecer devido a um problema de saúde que tive na época, me programei então para ir no CarnaKoo.

Na data do evento peguei o metrô na linha vermelha na estação Marechal Deodoro e fui até à estação República onde o CarnaKoo ocorria próximo dali. O bloco carnavalesco da festa teria sua concentração no Largo do Paissandú às 15hrs e saída às 17hrs, com previsão de chegada ao Anhangabaú às 20hrs.

Quando cheguei na estação da República, havia uma quantidade enorme de pessoas concentradas dentro da estação do metrô, a demora para conseguir apenas sair da estação foi tanta que optei por voltar para casa, assim a proposta da festa de “*sarrar com o KOO pro alto, no meio da rua, [...] raspar a placa no asfalto com estilo*” (Batekoo, 2017[2]) teve que ser adiada para uma outra edição da festa.

Em março houve duas festas, mas compromissos em Curitiba me impediram de estar presente, desta maneira, fui à campo na festa no dia 09 de abril, a “Batekoo+Afrogeladinho”. (ANEXO 9 e 10)

O Afrogeladinho é um empreendimento de jovens negros periféricos em busca de uma alternativa de renda, e está presente em algumas festas negras em São Paulo,

sendo que as festas procuram apoiar e divulgar tais empreendimentos de pessoas negras. Este evento ocorreu na Susi in Transe, um espaço para realização de eventos localizado na Rua da Figueira – 611, no bairro do Brás em frente à estação de metrô Pedro II.

Cheguei pouco depois das 17hrs e já havia fila de entrada, lembrei que a entrada poderia ser paga somente em dinheiro e tive que voltar até a Sé para sacar dinheiro, havia um banco nas proximidades, mas ir a pé e sozinha até lá me pareceu arriscado demais. Na Sé encontrei um supermercado com caixa eletrônico e voltei para a festa. Neste dia fiz uma viagem de bate-volta, como a festa iria até às 23hrs não havia necessidade de estadia na cidade.

Chegando novamente na festa a fila parecia estar um pouco maior que anteriormente, na entrada um segurança apenas perguntou se havia bebidas na minha mochila, disse que não, entrei e fiz o pagamento.

A estrutura do local é como a de uma casa com uma garagem grande, onde se divide a parte frontal da entrada com o bar, uma cortina plástica separa o ambiente da entrada das áreas de pista de dança. Adentrando há um longo espaço desta “garagem” ou pista lateral interna onde as pessoas circulam, dançam, vendem objetos, comidas e o Afrogeladinho (geladinho alcoólico vendido a R\$ 2,00, em diversos sabores como: caipirinha, espanhola, batida de coco, etc), havia também uma discotecagem tocando.

Ao fundo há um pátio de chão batido a céu aberto que serve de pista e fumódromo. Logo ao lado desse pátio interno é onde as pessoas mais se concentram para dançar porque é ali que a festa está acontecendo, por assim dizer, pois é neste local onde os *djs* da festa estão tocando.

Figura 8 - SUSI IN TRANSE – PARTE LATERAL INTERNA E PARTE EXTERNA



FONTE: Facebook Batekoo SP/ Foto: Anne Karr – Zebraa

Passando pelos ambientes para conhecer o local ouço uma voz feminina passando perto e comentando com sua amiga que nunca havia visto *uma Batekoo tão cheia*, e de fato estava, na pista quase não se conseguia espaço para dançar, quem conseguia algum por lá ficava caso quisesse dançar, havia também a possibilidade

de se tomar um banho de bebida dado a movimentação na pista, como de fato ocorreu comigo por duas vezes enquanto estive lá.

Saindo um pouco da pista e visualizando os demais espaços e pessoas, há uma diferença, mas também semelhança em relação à festa da Wine em relação aos seus participantes.

A semelhança se dá em parte em relação ao estilo do vestuário anos 1990 que muitos usam, com pochetes, calças e shorts com cintura alta, e estampas bem características da época, que remetem a ela ou aos anos 1980. A diferença se dá no vestuário também, se uma parte está mais no estilo de décadas passadas, outra está em um estilo mais “montado”, eu diria, até mais performático por vezes, parece haver um investimento na indumentária da festa, de modo a ser vista, destacada.

Circulando na festa normalmente vemos, tanto homens como mulheres, apenas de maiô, de biquíni, de sutiã, camisas transparentes, sem camisa, com meias arrastão ou liga acompanhando shorts curto, de *cropped*s, etc., o calor e a liberdade que a festa proporciona permitem que não haja regras a seguir quanto ao seu vestuário, seguindo justamente a proposta da festa que se pensa e descreve como um espaço democrático e livre de preconceitos, onde o inconveniente é ficar parado<sup>24</sup>.

Na parte externa da festa pedi um cigarro para um jovem que estava sentada ao meu lado numa espécie de banco/mureta de cimento que se estendia até o final da parede por cerca de aproximadamente uns 8 metros. Perguntei se ela já tinha estado na festa antes e ela disse que sim, falei que estava lá fazendo pesquisa e que era minha primeira vez na festa, ao que ela me perguntou se eu estava com o outro pessoal que estava fazendo pesquisa também, disse que não, pois não sabia que havia outras pessoas ali envolvidas em pesquisa também.

Somente no último evento de campo em que estive que descobri que haviam um total de quatro pessoas envolvidas em pesquisas com a Batekoo, e revendo as fotos do evento pude encontrar um deles nesta primeira festa em que estive, neste caso o pesquisador negro Fernando da UNIFESP.

---

<sup>24</sup> Sobre a descrição ver mais em: [https://www.facebook.com/pg/batekoosp/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/batekoosp/about/?ref=page_internal)>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.



Ainda nesta conversa com ela falei que estava pesquisando as festas negras em São Paulo e que pretendia ainda ir em outras como a “Sarrada no brejo”, pois tinha interesse nestas festas “políticas”, ela perguntou se eu sabia que iria ter a próxima edição da Sarrada que seria realizada no dia 21 de abril com o tema “As gordas atacam”, respondi que sim mas que não sabia se conseguiria retornar à cidade para o evento, onde ela afirmou estar presente nos eventos desta também.

Durante nossa conversa rápida expus que já havia feito uma apresentação sobre esta pesquisa que estava realizando e que havia ouvido uma opinião de uma das avaliadoras que dizia não saber se festa era *movimento*, ao que esta jovem me disse acreditar que toda festa preta é *política*, e é *movimento* do seu ponto de vista, após alguns minutos ela voltou a se juntar ao seu grupo.

Os outros pesquisadores que foram citados pela jovem, estariam fazendo fotos para serem enviadas a uma exposição internacional sobre festas urbanas e juventude. Estes fotógrafos que a princípio eu não sabia quem poderiam ser, não foram difíceis de serem identificados, cerca de 20 minutos depois que terminei a conversa com a jovem, ainda no pátio externo pude visualizar um homem e mulher brancos com cerca de mais de 30 anos, prancheta em mãos e uma mochila preta nas costas, parados em um canto da festa observando.

Observei também e fui falar com eles, numa conversa rápida ela me explicou sobre a intenção do trabalho que era o mesmo que a jovem anteriormente já havia citado, na prancheta havia termos de concessão de uso de imagem. Em princípio eles pareciam escolher alguém na multidão e perguntavam se podiam fotografar e após assinado o termo a foto era feita.

Estes mesmos fotógrafos estavam presentes na festa seguinte em que fui, e depois em outra festa em conversa com um dos produtores (Artur Santoro) me foi informado que estes já frequentam e fotografam a festa há algum tempo. Observando estes pesquisadores fotógrafos, me pareceu que eles buscavam escolher sempre os participantes que estavam com uma vestimenta, cabelo, ou acessórios, que acabavam por se destacar na festa, ou seja, os mais performáticos, depois desta conversa breve com eles, voltei a pista de dança.

Neste momento ela ainda estava bastante cheia e já estava perto do seu final, depois de um tempo na pista saí, pois, o calor era grande, me encostei na parede do



ambiente coberto ao lado e lá jovens não apenas dançavam como podiam conversar também.

Em um determinado momento um jovem negro que dançava à minha frente me olha e diz: “*estou achando você muito paradinha*”, disse a ele que já havia dançado bastante e que estava observando a festa e havia ido sozinha também, ele me disse “*mas aqui você não está sozinha né*”, indicando toda a coletividade que estava ali presente, não separado, apesar da situação. Falei que estava fazendo pesquisa sobre a festa, ao que ele me perguntou se eu era historiadora, disse que não e falei que era do mestrado em Antropologia.

Circulei mais uma vez pela festa e algum tempo e uns afrogeladinhos depois, fui embora para conseguir chegar a tempo na rodoviária e pegar um ônibus de volta no mesmo dia. Pude perceber nesta festa e nas conversas em que tive e que observei que as pessoas que lá frequentam se integram, se sentem à vontade no ambiente, e estão cientes do lado político da festa.

Em maio retornei a campo no dia 06 para a festa que era um evento seguido de festa, pois estava acontecendo o lançamento do *site* oficial da Batekoo, sendo o evento denominada como: “Lançamento do site BATEKOO @06/05”. O evento (ver ANEXO 11 e 12) e a festa ocorreram no mesmo local, sendo iniciado às 18hrs com término às 22hrs quando iniciava a festa.

A escolha das exposições que fariam parte do evento foi feita por inscrição antecipada via formulário virtual disponibilizado na página da festa e posteriormente os escolhidos compareceram na data do evento, entre as exposições havia oferta e venda de: tatuagem, roupas de brechó (Brechó no Caixote), acessórios com a temática afro e de balada (Anjo Negro Store), chocolates no formato de genitais femininos e masculinos (Doce e Prazer), objetos eróticos e artes gráficas feitas à mão com personagens negros.

Esta edição da festa ocorreu no centro da cidade, no Porão da SanFran, na Rua Riachuelo – 194, ao lado da faculdade de Direito da USP e do Largo São Francisco. Como o nome já intenciona, o local é um espaço semi subterrâneo e utilizado para todos os tipos de festas e eventos, um local como a Suzi in Transe, bastante alternativo, mas possui diversas inscrições de protesto nas paredes.

Não há informações na página dos responsáveis sobre o local, mas usuários relatam que o espaço é um local histórico de debate político e integração dos estudantes do entorno do Largo São Francisco (o local lembra o espaço do DCE da UFPR onde festas estudantis são organizadas).

No momento em que cheguei no evento não havia uma grande quantidade de pessoas como nos horários da festa, uma discotecagem em som ambiente tocava ao fundo e algumas pessoas já estavam prontas para a festa, um deles de shorts, sem camisa e com fita adesiva preta cobrindo os mamilos em formato de “X”, com um sobretudo de tecido leve por cima, uma jovem negra também de shorts, usava um top de crochê bem vazado onde os mamilos ficavam à mostra por vezes (esta estava na organização da festa também no controle da entrada), dois jovens negros, e acima do peso que performavam ali seus corpos independente dos conceitos e olhares que a sociedade pode ter.

Figura 9 - BATEKOO NO PORÃO DA SANFRAN 2017





FONTE: Facebook Batekoo SP/ Foto: Anne Karr – Zebraa

Às 22hrs o espaço foi esvaziado para a organização da festa que começaria às 23hrs, aqueles que estavam no evento e ficariam para a festa ganhavam uma pulseira para obter desconto na entrada, pagando assim R\$ 10,00 e os que não estavam no evento pagariam R\$ 15,00.

Nesta festa em questão pude perceber que alguns destes jovens não saíam de casa já produzidos, mas levavam sua roupa para festa em uma mochila e se produziam no banheiro do local assim que chegavam.

O estilo das vestimentas se assemelhava ao das festas anteriores, blusas de tule, meias, shorts e camisetas arrastão, muitos acessórios e sem diferenciação entre femininos e masculinos, todos usam e incorporam aquilo que faz sentido na festa e nas suas identidades.

Aos poucos a festa ia enchendo, os responsáveis pelo Afrogeladinho também estavam presentes, assim como os fotógrafos que havia encontrado na festa anterior, e de igual maneira procuravam voluntários para seus cliques. Um deles foi um jovem negro que estava vestido com shorts curto e regata, com meias como de jogador de futebol e um boné que possuía suporte para colocar latas de refrigerante ou outra

bebida com canudo, este foi um dos quais identifiquei que se produziu no local da festa.

Figura 10 – JOVEM SENDO FOTOGRAFADO 2017



FONTE: A autora/Arquivo pessoal 2017

Em um determinado momento, ao lado de fora da festa, um vendedor ambulante vendia cerveja e ao comprar começamos uma conversa na qual falei da minha pesquisa por cima, e disse que pensava em morar na cidade ao que este me dizia que uma alternativa de trabalho ali era justamente trabalhar fotografando as festas, que eu poderia comprar uma câmera usada mesmo ali pelo centro da cidade.

Este vendedor disse que sempre estava presente nas festas da Batekoo e que conhecia inclusive os produtores. Um tempo depois um dos promotores, o Artur Santoro, veio cumprimentar o vendedor e conversando com ele, este vendedor falou sobre mim, o vendedor então me chamou e me apresentou a ele e conversamos por alguns minutos.

Artur (que é aluno de Ciências Sociais na USP e de Arquitetura em outra instituição) me perguntou se eu era amiga do outro pesquisador que estava na festa (este um jovem negro estudante do mestrado também), disse que não, ao que me disse que este era um amigo seu e estaria etnografando a festa também.

Em fevereiro havia entrado em contato via *Facebook* perguntando da disponibilidade de uma entrevista com os promotores sobre a festa e havia recebido a resposta que deveria enviar um *email* para o endereço indicado, acabei não fazendo devido a quantidade de informação disponível sobre a festa na *internet*, e pensei em tentar filtrar todas estas e tentar elaborar questões que não contivessem nelas.

Em junho foi realizado o “Aulão de Batekoo” (ANEXO 13), um evento que era promovido primeira vez pela festa, sendo realizado no dia 08, na zona leste da cidade na escola de dança Atime Dance, próximo ao metrô Artur Alvim.

Este “aulão” foi idealizado pela produtora da festa Renata Prado, pois segundo ela, muitas pessoas costumavam procura-la durante a festa para saber como se dançava certos passos, assim, ela organizou o “aulão” com os ritmos que comumente tocam na festa, sendo estes: *Afrofunk/Twerk, Dancehall Queen, JazzFunk, Afrohouse/Kuduro, Passinho, Dancehall King, Vogue e Stilleto*. Todos os professores (as)<sup>25</sup> que ministraram as aulas eram negros (as) e ministrantes de aulas em São Paulo. A descrição do evento pode ser vista abaixo:

A Cia de Dança Batekooniana orgulhosamente apresenta o projeto “Aulão da Batekoo”, ação que está nascendo com a proposta de incentivar a massa Batekooniana a explorar suas habilidades corporais através da dança, provocando a liberdade do corpo e a sensualidade, promovendo a autoestima das mina e das mona, a partir da malemolência do corpo negro. Nesse dia vai rolar 8 AULAS (sim... 8 aulas!) de dança, explorando os ritmos do PASSINHO, DANCEHALL, AFROHOUSE/KUDURO, AFROFUNK, JAZZ FUNK,

---

<sup>25</sup> Para mais informações sobre os ministrantes ver ANEXOS de 14 a 20.

TWERK, STILLETTO E VOGUE. Cada aula terá a duração de 1 hora, tempo suficiente pra você aprender a bater o koo com classe no meio do baile. Os (as) professores (as) que irão aplicar as aulas são profissionais da área que entendem muito do babado quando o assunto é dar close na pixxxta! Logo menos revelaremos os nomes dos babadeiros e as babadeiras que vão ensinar vocês todas as técnicas de bater o koo com estilo. (Batekoo [3], 2017)

As aulas foram ofertadas para serem realizadas em um único dia, com um intervalo de 10 minutos entre elas. A participação poderia ser feita de duas maneiras: comprando o pacote com 8 aulas que dava direito a entrada *vip* na festa que se realizaria em seguida em outro local, no valor de R\$ 50,00, ou comprando somente a aula avulsa que tivesse interesse por R\$ 15,00 cada.

A primeira aula prevista para acontecer teve que ser substituída por uma aula de funk, pois a ministrante Taísa Machado do *Afrofunk* e *Twerk* acabou por ter compromissos religiosos (de candomblé) e não pode comparecer, foi nos informado que em uma outra edição do *aulão* esta seria ofertada gratuitamente para os participantes desta primeira edição.

Durante esta primeira aula-aquecimento, tive que sair da sala pois estava sentindo a pressão baixar, estava muito calor no ambiente e ao que tudo indicava, estava fora de forma também.

Do lado de fora da sala enquanto tomava ar, havia uma equipe de filmagem da rede de televisão fechada MTV, uma das responsáveis da equipe veio falar comigo perguntando se eu poderia assinar um termo de uso da imagem pois eles estavam filmando para o programa intitulado “Deu Match”, que aborda relacionamentos dos participantes, e nesta segunda temporada a produtora da festa Renata Prado estava participando. O programa foi ao ar em janeiro de 2018.

As aulas tiveram duração de uma hora cada, e a segunda foi a de *Dancehall Queen*, ofertada por Fabi R. Silva, professora de dança com especialização na cultura *dancehall*. Ao longo da aula, Fabi procurou passar não apenas informações sobre a dança, mas sobre a valorização do corpo da mulher, em relação à sua sensualidade e sexualidade. Fabi é também Pedagoga e Educadora Social. Fabi é a que aparece abaixo com calça de estampa verde e grávida, demonstrando um passo final da aula, a sarrada.



Figura 11 – FABI R. SILVA



FONTE: Facebook Batekoo SP/ Coletivo Estúdio Urbano

A aula seguinte, de *Jazzfunk* tinha um ritmo mais lento, mas envolvia bastante a sensualidade nos seus passos. Esta aula foi ministrada por Pablo Sena que atua como professor e coreógrafo.

A dança de Afrohouse/Kuduro foi pra mim a mais energética, tanto que não consegui acompanhá-la até o final, a ministrante Gabi Ziriguidum no início explicou sobre o surgimento dos ritmos e do diferencial que as danças africanas têm em relação às europeias e cita o balé que possui passos que remetem em certa maneira ao céu, enquanto as danças africanas, segundo ela, são mais “*chão*”, pois é de onde *a energia vem*, a dança africana se caracterizaria assim em chão, pelve e coluna, as partes requisitadas para se dançar.

Gabi é nascida em Angola, mas foi registrada no Brasil, é professora de dança no Rio de Janeiro - RJ e faz parte do projeto “Celebre seu corpo” localizado na mesma cidade, e neste projeto a dança é usada como forma de empoderamento corporal.

Figura 12 – GABI ZIRIGUIDUM



FONTE: Facebook Batekoo SP/ Coletivo Estúdio Urbano

A aula de Passinho pareceu uma das mais aguardadas pelo o que observei, enquanto nas aulas anteriores havia momentos com menor participação de pessoas, nesta era visível o número maior de participantes presentes do início ao fim da aula, ao longo da tarde alguns dos presentes já não tinham o mesmo fôlego, tendo o *aulão* terminado com menos participantes que havia em seu início, por quaisquer razões que fossem, mas nesta aula havia um ânimo maior em participar da modalidade, talvez por ela não ser ofertada em outros locais e momentos com tanta facilidade. A cultura do funk carioca se difundiu criando uma nova modalidade de dança, esta foi apresentada por Severo 25, natural do Rio de Janeiro, da favela de Manguinhos. Abaixo vemos Severo à esquerda da imagem durante a aula.



Figura 13 – SEVERO 25



FONTE: Facebook Batekoo SP/ Coletivo Estúdio Urbano

O *Dancehall King*, foi ministrado por Ng Coquinho, este *facilitador* também falou um pouco no início de sua aula sobre a importância de os negros saberem sobre sua história, da dança e em geral, para que outros não se *apropriassem* destas. Sobre as duas modalidades de *dancehall* ofertadas nas aulas (*Dancehall Queen* e *Dancehall King*) cabe ressaltar algo que foi dito por este ministrante do ritmo que, a diferença está mais em quem dança, *na Jamaica as mulheres dançam os passos masculinos e femininos, mas os homens não dançam os femininos*, ressaltando que ainda há um pensamento a respeito dos passos que homens dançam ou não, diferente das mulheres que acabam por explorar todo o rol coreográfico. Abaixo vemos Ng Coquinho (Deivison Mauricio) no centro-esquerda da foto de calça roxa.

Figura 14– NG COQUINHO



FONTE: Facebook Batekoo SP/ Coletivo Estúdio Urbano

Os últimos ritmos de aula ministrados foram o Vogue e o *Stiletto*. O *Vogue* foi criado e inspirado nas poses das modelos da revista de mesmo nome na década de 1980, e por esta razão é bastante performático.

O estilo foi criado nos bailes<sup>26</sup> (*balls*) pela comunidade gay do Harlem em Nova York, e já na época apresentava desfiles e batalhas onde os dançarinos se desafiavam nos seus movimentos e performances quanto ao vestuário. À época a competição reunia um público grande nos clubes onde ocorria e oferecia troféus nas diversas categorias de disputa.

Esta aula foi ministrada por Felix Pimenta que faz parte também de outra festa negra LGBT que ocorre em São Paulo, a “Festa Amem”, ministra aulas do estilo na cidade e performa também em festas.

<sup>26</sup> Para mais informações a respeito do surgimento do estilo e as competições que ocorriam, sugiro o documentário “Paris is burning” de 1991 que abrange não apenas o estilo, mas os indivíduos que não apenas participavam das competições, mas também passavam por situações de fragilidade e preconceito dada sua orientação sexual e a AIDS que se disseminava na época e muitas vezes eram acolhidos como filhos pelos responsáveis (*mothers*) por estes bailes e recebiam seus sobrenomes, criando assim a cultura de “casas” (*House of...*) a qual pertenciam.

Figura 15 – FELIX PIMENTA



FONTE: Facebook Batekoo SP/ Coletivo Estúdio Urbano

O *Stilleto* é uma dança que se assemelha ao *JazzFunk*, este estilo embasa movimentos sensuais e utiliza músicas num ritmo mais lento também (ao menos nessa aula foi a impressão que ficou).

O ritmo é dançado com salto alto, geralmente salto agulha, no dia da aula alguns participantes já sabendo de tal fato haviam levado seus saltos de casa, minha lembrança desta aula foi de ter visto apenas os meninos de salto e uma jovem trans também, pois ambos haviam trazido separado justamente para esta aula.

Os demais participantes estavam de tênis assim como eu, que desconhecia esse fato. Em uma postagem no evento do Facebook a informação disponibilizada sobre a vestimenta orientava para que os participantes fossem com roupas e calçados confortáveis e que não havia a necessidade de levar salto para esta aula em específico, pois a ideia era aprender mais o básico.

Esta aula esteve a cargo do dançarino Lucci Lc, que é formado em dança pela Etec de Artes de São Paulo e praticou 4 anos de técnicas circenses, além de ter participado de vários outros cursos de especialização em danças.

Figura 16 – LUCCI LC



FONTE: Facebook Batekoo SP/ Coletivo Estúdio Urbano

Logo no início da tarde quando havia chegado havia procurado a Renata Prado para falar com ela pois queria fazer uma entrevista, ela me perguntou se eu era amiga do Fernando, disse que não, e tive uma resposta positiva quanto à entrevista, ao final da aula peguei o número dela para entrar em contato, pois durante a pesquisa não havia me dado conta de quem eram os outros produtores, acreditando haver apenas os idealizadores da festa (Wesley e Maurício).

Após comprar o ingresso estava em dúvida se precisaria apresentar o comprovante impresso ou se na tela do celular seria aceita, enviei então uma mensagem para a página e fui respondida quase de imediato, na página do evento vi que muitas questões eram respondidas por Renata e por esta razão acredito que foi ela quem me respondeu no dia, e foi neste momento que percebi sua participação na produção da festa.

Pesquisando seu perfil nas redes sociais percebi que ela era uma parte importante da equipe de produção e já havia inclusive estado em outros projetos musicais e em participações de videoclipes, estando inclusive envolta em uma



polêmica que será citada no próximo capítulo, assim meu interesse na entrevista se dava por esta razão, a visão feminina à frente da festa.

Durante a tarde no decorrer de uma das aulas ao meu lado vejo aquele que poderia ser o Fernando que pesquisava a festa também, o bloco de anotações na mão tomando nota ao início de cada aula era o detalhe que denunciava o possível pesquisador que ouvira falar em outros momentos. Fui de encontro a ele e perguntei o óbvio, ele me disse que vinha etnografando as festas junto com sua colega (uma jovem negra colega de turma de mestrado) que estava tirando fotos do evento, trocamos telefone e ficamos de entrar em contato mais tarde para sabermos se iríamos a festa e marcamos de nos encontrar lá, porém neste dia não fui à festa porque estava extremamente cansada depois de oito horas dançando, e meus joelhos já não aguentavam mais.

Diferente dos pesquisadores brancos que encontrei anteriormente e vinham fotografando a festa, estes dois estudantes negros exerciam uma participação na festa/eventos, pelo menos o Fernando, vi este participando ativamente das aulas (até mais do que eu, pois tive que parar em alguns momentos para fazer registro de vídeo e foto), enquanto sua amiga se ocupava de fotografar apenas.

Neste evento a maioria do público era de pessoas negras, havia 50 ingressos à venda para a aula e todos foram esgotados, algumas pessoas que lá estavam, já havia visualizado anteriormente na festa e em cartazes de divulgação das edições que a festa se realizava, outros eram pessoas que haviam ido sozinhos ou com amigos em busca desta experiência de aprender alguns destes ritmos que raramente se encontram em escolas de dança tradicionais.

Sozinhos ou com amigos, havia sempre uma interação entre os participantes. Estas danças que foram ofertadas podem ser dançadas sem a necessidade de um parceiro, é mais autônoma que as danças de salão, o que se torna uma característica das danças negras que surgiram em diversos países. Claro que há uma certa timidez no início, mas passado alguns instantes ela se dissolve e a interação entre um comentário e outro durante as aulas com os demais se consolida aos poucos, sendo visível a satisfação dos participantes. As reações na página do evento demonstravam também essa satisfação de muitos dos participantes que já almejavam outro “aulão”.

O encorajamento por parte dos professores também foi muito positivo, como estão acostumados a lidar com o corpo, estes entendem que existem restrições dos mais variados tipos para a realização de uma determinada performance, sejam elas motoras ou psicológicas, assim o incentivo por parte deles sempre esteve presente estimulando a confiança e autoestima dos participantes. Lembro na aula de Vogue em um determinado momento onde os participantes fizeram uma fila e performavam um passo de dois em dois, na minha vez o professor Felix Pimenta incentivava: “*acredita e vai*”, e nas demais aulas houve também incentivo por parte de Fabi na aula de *dancehall queen*, que incentivava a confiança ainda mais pelo lado feminino através da exploração do corpo pela dança.

Como dito anteriormente no início do capítulo, durante o período de campo não visualizei nenhum tipo de problema nas edições da Batekoo que participei, a festa sempre decorreu de forma tranquila, porém animada, não presenciei quaisquer tipos de formas de violência ou até mesmo olhares avessos às vestimentas, corpos ou práticas.

Cabe ressaltar aqui sobre a festa que, a Batekoo alcançou um grande crescimento e poderia dizer que hoje é um grande empreendimento tendo em vista a quantidade de cidades que contam com edições da festa, além de agora possuir seu próprio site, que é algo que outras festas não têm, e possuem ainda grande parceria com outras festas e eventos ao longo de sua criação.

A festa nasce enquanto espaço que se propõe a promover como eles mesmo divulgam: *a liberdade corporal, liberdade sexual, estética negra, empoderamento, a representatividade*, entre outros, e acredito que a festa se mantém e alcança espaço justamente por estas razões, as pessoas que a frequentam o fazem por encontrar neste espaço justamente estas liberdades como um espelho que reflete aquilo que são.

Em relação as duas festas, enquanto espaço onde o respeito é constantemente demarcado como primordial, uma questão que pode ser levantada é: como se dão as relações de intercurso?

Como vimos acima na descrição das duas festas, houve um momento de tensão entre jovens que teria sido causado por um jovem que tinha interesse em uma das meninas que estava no seu grupo e acabou causando um tumulto. Nesse mesmo

dia uma das meninas que encontrei e com quem estabeleci diálogo, (no caso, a Tábata, sendo esta bissexual) estava desenvolvendo um diálogo em separado comigo de maneira sutil, ao que sua amiga brincava com o fato, dizendo a ela que esta *dava em cima de todo mundo*, o jovem branco que puxou assunto comigo no mesmo dia parecia ter a mesma intenção inclusive.

Na Wine e na Batekoo pude visualizar que haviam casais que já chegavam na festa enquanto tal (tanto os héteros quanto os homossexuais), outros que lá se formavam ocorriam de maneira tranquila, esta questão parece se desenrolar de maneira fluida, pela minha experiência frequentando bares e casas noturnas diria que nada fora do padrão ocorre, alguém puxa conversar e as coisas se desenvolvem ou não.

Fora o ocorrido na festa da Wine, não visualizei outras ocorrências relacionadas a este tipo de situação nas festas seguintes de ambas, mas o que me parece ocorrer é uma certa vigilância solidária, onde os encontros heterossexuais estão no cerne desta. A constante denúncia de casos de assédio de homens contra mulheres mantém entre mulheres um estado de alerta, uma rede, onde estas tensões levam a uma reação, como foi o caso relatado por uma frequentadora da festa na página da Wine, onde disse ter *situado* um rapaz, e no caso do transporte coletivo relatado por Tábata também.

Sobre a experiência em campo, meu corpo foi também sendo explorado por mim. Na primeira festa em que fui (Wine) descobri o erro na escolha do figurino, estava de calça jeans e na hora de *bater o koo* o movimento não acontece ou é limitado pela quantidade excessiva de tecido e textura da calça.

Fui ajustando meu *look* e na última festa em campo (da Batekoo) estava de shorts jeans curto desfiado, acompanhado de meia arrastão e camisa transparente. Estas experiências em campo com a festa e a roupa me permitiram a possibilidade de explorar ainda mais meu corpo e vestimenta, uma vez que raramente saí de casa vestida com roupas que não fossem calças.

Calça para mim sempre foi uma peça para se vestir “para sair”, acredito que foi a forma que encontrei inconscientemente de me prevenir dos assédios que ocorrem em ônibus e na rua. Para o ambiente doméstico, sempre tive apenas uma ou

duas calças para os dias de frio, o que demonstra como nos tornamos prisioneiras do corpo, ou aprisionamos ele para proteger sua integridade.

Este campo foi importante para mim neste sentido de explorar e assumir as possibilidades para além do medo. Ver tantos corpos ousando padrões durante alguns meses me serviu como aprendizado pessoal também.

Realizar um trabalho num campo noturno a princípio não me causou muita apreensão, com o advento do UBER<sup>27</sup> eu partia da porta de casa para a porta do estabelecimento. Minha preocupação era apenas em como realizaria uma interação neste ambiente de festas, como falar com os sujeitos lá presentes.

Certo dia a caminho para São Paulo, dormi no ônibus e tive um sonho: “estava a caminho da festa, porém resolvi antes passar em um local próximo pois queria comprar chicletes. Por acaso, o local onde pretendia ir era um conjunto de lojas onde tinha uma farmácia, porém antes mesmo de chegar lá percebi que a rua estava ficando muito deserta e havia alguns moradores de rua e usuários de droga se aglomerando ao longo dela. Resolvi voltar e ir direto para a festa, ao dar alguns passos no meu caminho de volta percebi que havia um homem jovem e branco encostado na parede próximo de uma coluna, não mantive contato visual e continuei andando ao que ele me seguiu e me jogou no chão assoprando algo em meu rosto que me manteve paralisada. Não conseguia gritar, meu primeiro pensamento na hora foi: ele vai roubar minha bolsa e meu gravador (a pesquisa!!!), além do mais ele pode abusar de mim também, e me matar.”

Acordei com o ônibus parado possivelmente em Registro–SP, por um momento achei que poderia estar sonhando ainda, já estava tudo quieto e o ônibus vazio, fechei os olhos decidindo se estava sonhando ainda ou não. Decidi que já tinha sonhado e dormido o suficiente era melhor me manter acordada.

Feito o *check-in* no *hostel* em que estava e me preparando no horário para sair, coloquei alguns itens na pequena bolsa (cartões, cigarro, isqueiro, dinheiro, celular), eis que o gravador me vem à mão, levaria ou não? O sonho ainda me causava receios mesmo sabendo que um carro me pegaria na porta dos dois

---

<sup>27</sup> Serviço prestado por aplicativo que permite um deslocamento em carro pessoal do motorista e que possui valor reduzido em relação aos taxis.



estabelecimentos, se fosse andar seria no máximo pouco mais de um metro da calçada até ele.

Resolvi não o levar, se precisasse fazer entrevistas gravaria pelo gravador do celular (mesmo a qualidade não sendo a mesma). Em campo aproveitei da tecnologia junto à pesquisa, optei por fazer minhas anotações com o bloco de notas virtual, assim seria menos estranho do que estar com um bloco de papel e caneta no meio da pista.

Por acaso, este dia em que não estive com o gravador, foi quando muitas situações em campo aconteceram, minhas preocupações sempre foram em não conseguir dados suficientes e em como consegui-los. Estava vendo o campo de uma maneira muito formal, esquecendo de estar nele de fato.

Me privava do álcool por medo de não lembrar das coisas depois, dançava pouco para poder observar mais. Neste dia logo na chegada da festa engatei uma conversa na fila e decidi que iria agir na festa como quem vai para uma festa de fato. Em Roma como os romanos. Com uma roupa mais adequada, pude dançar mais, conheci também uma jovem que me incentiva para tanto, além de prestar tantas outras informações úteis para pesquisa.

Logo na entrada tomamos um *shot* de catuaba, a bebida atual da nova geração, além do corote. Eu, da geração tubão e agora consumindo mais cerveja, não gostei muito, mas quem tá na chuva é pra se molhar.

Meu deslize inicial foi em não perceber que o campo acontece independente da minha posição nele, as informações estão acontecendo e surgindo a todo momento, mas você consegue acessá-las e interagir melhor com elas, quando se integra e compreende o que é seu campo. E festa não é para se ficar parado.

## 2.8 – O corpo, a festa e o movimento.

O corpo abriga além de técnicas, vínculos sociais que acabam por incidir na sua identidade, inscrições que o definem quanto ao seu gênero, sendo estas definidas também socialmente. BUTLER (2016) vai discorrer sobre a temática expondo a construção de sujeitos masculinos e femininos e as distinções entre sexo e gênero e a maneira como estes são performados. A performance de gênero e sexualidade está

presente em campo e nos indica algo, que nas festas presenciamos grupos que são na maioria das vezes alvo de preconceitos e se reúnem uma vez ao mês para celebrar suas identidades.

A afirmação da identidade parece ser algo que no qual os agentes estão envoltos, é uma das questões, senão a maior delas, que os motiva a realizar suas performances, tanto raciais quanto de gênero e sexualidade. Em ambas as festas e eventos pude verificar ainda que a quantidade de pessoas negras era em geral majoritária.

Ao longo da pesquisa de campo e bibliográfica foi possível visualizar que em ambas as festas o corpo perpassa as construções sociais que se fazem dele e as desafia, corpos negros, femininos e masculinos, independente do gênero ou da estrutura física, ousam se expor e se movimentar em coreografias que são ainda vistas como vulgares ou algo do tipo.

Como havia em tempos outras danças que eram proibidas nas festas, o funk hoje não chega a ser proibido, mas ainda há muito preconceito quanto a dança também, porém isto não impede que estes jovens vistam suas roupas de festa, se produzam, cantem e dancem em comunhão.

O importante no momento da festa é ousar se conhecer e se libertar nestes espaços que são quase como um ritual celebrado publicamente, cada um à sua maneira, individual, mas coletivamente (como me foi lembrado por um jovem na festa da Batekoo na Suzi In Transe), a individualidade se mistura ao coletivo, sem deixar de existir, as liberdades individuais de expressão são garantidas assim como o respeito.

O movimento seja ele da dança ou da política militante, busca reconstruir corpos e espaços. A dança é importante justamente porque com ela você conhece seu próprio corpo, como disse Mara numa festa da Wine: “*a dança liberta*”, e livre estes jovens desta geração intitulada de “afrotombamento” se propõem e provocam a sociedade e os espaços que ocupam, afirmando suas identidades raciais, de gênero, classe e sexualidade.

A geração “afrotombamento” por vezes é referenciada apenas como “tombamento”, mas cabe demarcar aqui que ela é uma manifestação negra. Este movimento que surge nos anos 2010 se expressa através da estética principalmente,

onde vemos uma valorização dos traços fenotípicos negros, sendo acrescentados de cores vivas nas roupas, maquiagens e cabelos.

Vemos assim, que a estética dessa geração compõe também a experiência social de jovens negros periféricos (principalmente), e esta experiência não é esvaziada de política. Assim como o movimento *black power* décadas antes já fazia uso da afirmação estética como parte de sua política, estes jovens redesenham ao seu tempo a sua forma de afirmação e posicionamento político.

Esta geração afrotombamento e os que não se designam assim também, trazem um novo momento do movimento negro onde vemos gênero e sexualidade como categorias que se articulam com outros elementos da vida social, não que elas já não estivessem articuladas em momentos passados, mas a construção de valores positivos e da força e entendimento com que estas categorias estão fortemente pautadas demarcam mais um capítulo de conscientização do movimento (ou parte dele), desta forma, vemos que:

a experiência física do corpo só pode ser compreendida por meio da utilização de categorias sociais. Indivíduos e grupos sociais não só concebem e interpretam dimensões e planos da corporalidade, como vivenciam, incorporam, sentem e narram os efeitos dessas configurações em situações cotidianas, eventos específicos e rituais. Em tais situações, o corpo emerge como um “significador” – transmissor e receptor de informações cultural e socialmente veiculadas – que (re)produz posições e valores morais (Olivia. M. Gomes da CUNHA, 2012, pg. 528)

Dentro destas posições assumidas pelos movimentos, nas festas vemos a questão LGBT marcando suas posições pelas vias da intersecção: gênero, raça e sexualidade. E dentro destas intersecções a questão das transexuais e travestis se acentua ainda mais, por estas estarem em uma posição mais à margem não apenas da sociedade, mas dos próprios movimentos também.

Em algumas festas que ocorreram da Batekoo que acompanhei nas redes sociais após ter fechado o meu campo, pude visualizar que a organização disponibilizava entrada grátis para pessoas trans e travestis no intuito de incluí-las inclusive nestes momentos de festa.

Cabe registrar ainda que durante o período em que frequentei as festas eu pessoalmente não visualizei nenhuma pessoa trans ou travesti nas festas, apesar de ambas as festas demarcarem seus posicionamentos e criarem inclusive campanhas em prol deste grupo específico.

Como veremos mais à frente a festa Wine e a Batekoo criaram campanhas solidárias às trans e travestis, porém não pude verificar em relação à campanha da Wine os resultados pois esta ocorreu num período anterior à minha inserção em campo. Quanto à campanha da Batekoo os resultados puderam ser verificados online ainda e serão demonstrados no decorrer do texto.

Em relação a estas campanhas, a postagem via *Facebook* da Batekoo relacionada à campanha de apoio à travesti Cecília teve um número de reação menor que outras campanhas, alcançando apenas 45 curtidas e reações. Na campanha a favor de Rafael Braga a postagem alcançou 322 curtidas e reações. O que pode indicar uma maior solidariedade em certos casos, inclusive o sucesso de certas campanhas desenvolvidas pela festa, conforme veremos a seguir.

## 2.9 – “...festa como ato político, política como festa...”

*“[...] ‘uma coisa é estudar, outra coisa é dançar’, a gente com a nossa cosmovisão, baseada na nossa ancestralidade africana, a gente faz tudo ao mesmo tempo e agora” (Erica Malunguinho, 2016)*

A fala acima foi registrada durante o evento “Wine na mesa”, e ela expõe justamente essa consonância entre cultura e política que introduzimos no capítulo anterior.

Umas das críticas que surgem em relação às festas e também à geração afrotombamento, é de que ambas seriam desprovidas ou despreocupadas politicamente, deixando-se levar por algo que seria visto mais como uma nova “modinha” de uma geração, deixando de lado a luta contra o racismo e as demais opressões.

Acima já falei a respeito da geração afrotombamento e sua relação política que está atrelada à estética também, quanto às festas devo apresentar aqui alguns eventos promovidos por estas em prol de diversas causas e pessoas que demarcam justamente o posicionamento político dos seus organizadores.

Para além da festa, existe toda uma manifestação política em relação a temas, pessoas, políticas do estado, e acontecimentos relacionados à sociedade e seus indivíduos, sendo o foco principal a população negra, periférica e LGBT. Posicionamentos, suportes financeiros ou de outro tipo que são praticados via divulgação em redes sociais e através da realização de festas como veremos mais à frente.

A princípio, cabe aqui ressaltar algumas coisas, as festas negras que acontecem em São Paulo podem à primeira vista não serem caracterizadas como uma forma de movimento político, porém, devemos ter em mente que,

Desde os tempos da escravidão eram comuns atividades coletivas como cultos, festas e reuniões entre os negros escravizados ao trabalho das fazendas de café [NOGUEIRA, 2011 *apud* GIESBRECHT, 2015]. Esse contexto ofereceu as bases para a formação de futuros agrupamentos urbanos em torno de festividades musicais, inicialmente em samba de bumbo e a partir dos anos 1940, bailes negros, blocos e as primeiras escolas carnavalescas [GIESBRECHT, 2011 *apud* GIESBRECHT, 2015] (GIESBRECHT 2015: 132)

Por este viés, podemos entender as festas enquanto um movimento político que se utiliza da cultura enquanto tal, num sentido de mobilização de pessoas que partilham características (sejam elas físicas ou sociais) comuns, porém, e para além destas características, estas pessoas também partilham pensamentos políticos semelhantes, e empreendem práticas no meio nos quais estão inseridos para reafirmar suas posições, ou criar ações que permitam o suporte aos seus semelhantes perante a sociedade de forma voluntária, por acreditarem na necessidade destas.

Em entrevista realizada com promotoras da festa Wine e Fresh<sup>28</sup> em outubro de 2016, estas reafirmam sua visão das festas enquanto movimento, Kamilah

---

<sup>28</sup> A festa Fresh não faz parte da pesquisa por não ser realizada mensalmente como as demais, não sendo uma realização mensal como as demais e tendo um espaçamento de meses entre elas, mas foi

Pimentel, promotora da festa Wine, destaca que o fato de a festa ser realizada por mulheres e negras já faz dela um *movimento*, tendo em vista que muitas festas são realizadas por homens sendo estes por vezes, brancos.

Pensando sobre as práticas e relacionando-os com as festas, foi possível visualizar ao longo dos meses de pesquisa e após eles também, diversas ações que tinham como finalidade não apenas protestar, mas apoiar financeiramente jovens negros, pobres, travestis, terreiros de matriz africana e moradores de rua, além do suporte político e financeiro no caso de Rafael Braga<sup>29</sup>.

O caso de Rafael Braga, cabe discorrer aqui por um breve instante, é tão emblemático na cultura brasileira que pode por vezes passar despercebido como ocorre com muitos outros jovens negros e pobres.

A circunstância de Rafael Braga mobilizou muitos espaços físicos e virtuais, no dia do julgamento a *hashtag* “#LibertemRafaelBraga” serviu de meio de mobilização virtual, além da página no *Facebook* denominada “30 dias por Rafael Braga” que mobilizou questões não apenas pelo meio virtual, mas realizou debates em espaços físicos trazendo questões sobre o racismo, e os temas que envolvem o encarceramento no Brasil.

O evento foi realizado ao longo do mês de junho e contou com uma festa de encerramento no dia 1º de julho onde os artistas convidados participaram voluntariamente (ANEXO 21).

Anteriormente, no mês de maio outra festa beneficente já havia sido realizada, intitulada: “Contracorrente – Liberdade para Rafael Braga!”, sendo esta organizada por festas negras de São Paulo, sendo elas: a Batekoo, Festa Amém, Afrogeladinho – seu drink no saquinho, Discopédia e os coletivos Sistema Negro, Guetto Brothers e Coletividade Namíbia.(ANEXO 22 e 23)

---

uma das primeiras festas de dance hall a ser realizada em São Paulo segundo entrevista realizada com a produtora cultural Lys Ventura.

<sup>29</sup> Rafael Braga Vieira, nascido em 31 de janeiro de 1988 na cidade do Rio de Janeiro, homem negro e catador de materiais recicláveis, é considerado o único preso condenado em decorrência das manifestações de 2013, por estar portando uma garrafa de água sanitária e outra de desinfetante, configurando pelos policiais, material explosivo para uso na manifestação. Foi condenado à 4 anos e 8 meses de prisão, sendo concedido em dezembro de 2014 o cumprimento da pena em regime semiaberto; em janeiro de 2016 é preso novamente por acusação de tráfico e associação ao mesmo, sendo condenado a 11 anos e 3 meses de reclusão, porém, as provas teriam sido forjadas segundo depoimento de Rafael Braga. Em setembro de conseguiu liberdade provisória para tratamento médico, após contrair tuberculose. <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rafael\\_Braga](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rafael_Braga)>

No mês seguinte em 30 de junho as festas Batekoo e Discopédia realizaram novo evento onde a renda arrecadada foi também repassada para a família de Rafael Braga sendo compartilhado posteriormente nos meios virtuais o comprovante de depósito no valor de R\$ 3.900,00 reais, e um vídeo filmado na casa da mãe de Rafael Braga, onde ela, Adriana Braga, agradece o apoio (ANEXO 24 e 25).

Em relação à casa ainda de Adriana e Rafael Braga, outra página de apoio denominada “Pela liberdade de Rafael Braga Vieira”, também conduziu ao longo do caso, eventos de discussão e campanhas de arrecadação, a última em prol da casa dele propôs uma meta de R\$ 60.000,00 no *site* Benfeitoria e acabou por alcançar o valor final de R\$ 100.008,00 reais.

Além dos eventos de arrecadação, o Instituto Tomie Ohtake em parceria com o Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD), realizou também entre 27 de junho e 13 de agosto de 2017, o projeto denominado “Osso, exposição-apelo ao amplo direito de defesa de Rafael Braga”, que trouxe ainda debates durante o mês de julho com temas correlacionados.

Voltando o foco às festas em si, cabe sublinhar a festa Batekoo que se destaca nesta área de criar eventos e ações de arrecadação em prol de causas sociais. No ano de 2016, completando o primeiro ano da festa em São Paulo, esta promoveu em junho uma edição da festa em prol da reforma do terreiro de condomblé Ile Asé Omo Nanã, comandado pela sacerdotisa Adriana de Nanã, que segundo informações dos organizadores, é uma militante negra que desenvolveu diversos trabalhos no meio do hip-hop nos anos 1990. (ANEXO 26)

A edição da festa Batekoo de Salvador promoveu ainda no ano de 2017 em conjunto com as festas Afrobapho, Tombo e #TBT, a festa denominada de “Quebrança” (ANEXO 27) que teve como intuito arrecadar fundos que seriam utilizados para pagar a inscrição do ENEM de jovens periféricos da cidade, esta iniciativa se deu devido ao aumento da taxa de inscrição do exame que, durante 14 anos foi de R\$ 35,00 reais, passando em 2016 para R\$ 68,00 e em 2017 o valor chegou a R\$ 82,00 reais<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup>Informações disponíveis em: <[http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/entenda-o-aumento-no-valor-da-taxa-de-inscricao-do-enem/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/entenda-o-aumento-no-valor-da-taxa-de-inscricao-do-enem/21206)> Acesso em: 04 de dezembro de 2017.



Os interessados em ser contemplados deveriam se inscrever via formulário do Google Docs (ANEXO 28) enviando seus dados e um vídeo de até um minuto falando sobre si mesmos, o curso que pretendiam ou até algo mais artístico como uma poesia.

Houve uma iniciativa ainda na mesma época de levantar fundos via o site Vakinha<sup>31</sup>, e tinha como meta o valor de R\$ 1.230,00 reais, mas alcançou apenas R\$ 100,00 reais, segundo informações contidas na página<sup>32</sup> (ANEXO 29).

Após o período de inscrição e de realização da festa foram divulgados os nomes dos contemplados com o pagamento da taxa de inscrição na página do Facebook da Batekoo da Bahia, sendo estes, onze jovens dos estados da Bahia, São Paulo e Minas Gerais. (ANEXO 30).

A iniciativa de arrecadar fundos para a taxa do ENEM foi aprovada e muito elogiada na página da rede social da Batekoo onde, nos comentários pôde-se visualizar frases como: “*de preto pra preto*”, “*ubuntu*” e “*é nóiz por nóiz mesmo*”, entre outras, (ANEXO 31). A iniciativa a respeito do ENEM foi ainda matéria em alguns sites que publicizaram a ideia divulgando inclusive o link da inscrição.

A Batekoo além destes projetos, comumente também compartilha eventos e projetos de outros grupos que visam a promover ações destinadas a grupos de pessoas menos favorecidas, como o processo de bolsas para o cursinho da Uneafro em São Paulo e o apoio para a travesti Cecília de 20 anos, moradora no momento da campanha de um abrigo em São Paulo para pessoas trans, sendo esta também conhecida como Mc Dellacroix, ela já havia se apresentado na festa em outra ocasião e precisava no momento de ajuda para a compra de um celular pois havia sido assaltada, o *link*<sup>33</sup> do *site* para contribuição foi divulgado nas redes sociais da festa. (ANEXO 32). Não vou me prolongar demais na festa Batekoo pois não cabe aqui citar todos os eventos, mas exemplificar alguns como demonstrativos.

Em relação à festa Wine, esta promoveu em outubro de 2016, a primeira Wine na Mesa, um evento que tinha por finalidade trazer discussões sob dois temas

---

<sup>31</sup> site também especializado em divulgar projetos que angariam fundos diversos.

<sup>32</sup> Ver a respeito em: <<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/projeto-quebranca-ajude-um-jovens-negros-a-concorrerem-ao-enem>> Acesso em: 04 de dezembro de 2017

<sup>33</sup> Ver mais em: <<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/ajude-a-travesti-a-continuar-fazendo-arte>>, Acesso em: de dezembro de 2017.



principais: ascensão de mulheres negras no mercado de trabalho e a sexualização de seus corpos.

O debate foi organizado *“com o intuito de nos questionar, aprofundar e talvez, achar respostas sobre nossos questionamentos como mulheres negras em busca de um real 'empoderamento' das nossas mentes e corpos”* (Wine na mesa, 2016), e justamente em razão das promotoras da festa entenderem que enquanto *movimento* a festa não poderia ficar apenas na noite, pois elas tinham questões para serem refletidas e propostas, justamente de assuntos que acabam não sendo o foco de debates outros, Kamilah ressalta que a ideia do evento era de *“ir além da noite, questionar além da noite”*.

No dia do evento, ocorrido no Aparelha Luzia, a discussão levou cerca de 3 horas, o local estava com grande público que participou ativamente, o intuito era justamente este, ouvir mulheres e suas vivências, não apenas as convidadas do debate, mas o público em geral.

No mês de dezembro de 2016, a Wine realizou sua última festa do ano e juntamente com ela e em parceria com a escritora Clara Averbuck, que escreve para o blog “Lugar de mulher”, lançaram uma campanha de arrecadação de maquiagem em suas redes sociais do Facebook e Instagram para *“mulheres trans e travestis que não tem condições de comprar”* (Facebook, Se liga na campanha que vai rolar na WINE do dia 10/12!!!, 2016).

Na mesma publicação as promotoras já lançaram de antemão suas posições quanto ao fato de algumas pessoas poderem questionar a arrecadação de maquiagem por julgarem que ser mulher está além do uso destas, elas acreditam que a maquiagem pode ser importante para pessoas por poder ajudar estas a se sentirem bem consigo mesmas (ANEXO 33), na publicação parte da mensagem diz:

Algumas podem querer chiar e dizer que "ser mulher não é usar maquiagem". Pois bem, não use; cada uma sabe de si e do que liberta e faz feliz, e, mais do que isso, cada uma sabe de suas necessidades e não podemos jamais universalizar experiências (Facebook, Se liga na campanha que vai rolar na WINE do dia 10/12!!!, 2016).

Em meados de 2017 as produtoras também lançaram uma campanha de arrecadação de cobertores e roupas, os quais seriam distribuídos entre pessoas em situação de rua e nos abrigos da zona leste de São Paulo, sendo que quem colaborasse teria um desconto na entrada da festa (ANEXO 34).

Conforme podemos ver nesses exemplos, há nestas festas, de fato, o que podemos chamar de uma política cultural, no sentido que apontam os autores ALVAREZ, DAGNINO & ESCOBAR (2000), citados no capítulo anterior, ou seja, indivíduos que organizam e que apoiam uns aos outros, participando, das iniciativas que estes grupos de pessoas se propõe a fazer de forma voluntária ou remunerada, lutando dentro de um sistema de poder que insiste em mantê-los de fora, encontrando nessas alternativas de mobilização a ascensão e apoio de seu grupo de iguais cultural e socialmente.

A Expensive \$h1t<sup>34</sup>, outra festa organizada em São Paulo, por Tasha e Tracie Okereke, jovens negras moradoras da periferia da cidade, filhas de pai nigeriano e mãe brasileira, alcançaram grande número de seguidores nas redes sociais justamente por expressarem suas opiniões e por ressaltarem a cultura periférica como algo válido e tão importante quanto qualquer outra manifestação pela cidade.

Em um vídeo<sup>35</sup> publicado na página da sua festa, sendo compartilhado da página pessoal do *Facebook* de Tracie em 18 de outubro de 2017, e também via *Instagram*, ela busca expor sua opinião e criticar as pessoas do *hip hop* que criticam o funk, e destaca o funk como um *movimento periférico*, sendo as festas periféricas justamente manifestações possíveis de quem não pode sair daquele espaço para se divertir, de forma resumida, a mensagem do vídeo é que:

festa é empoderamento também pra um povo que não tem nada, entendeu? Se divertir é muito raro [...] festa é um protesto, estar feliz é um protesto [...] é muito fácil você deslegitimar o que é brasileiro,

<sup>34</sup> Esta festa em questão não foi pesquisada em campo pois à época ela não estava ocorrendo com frequência (soube apenas de uma edição que ocorreu no primeiro semestre de 2017), acredito eu, devido ao fato das organizadoras estarem ganhando destaque na mídia e realizando outros trabalhos, inclusive quando entrei em contato para uma possível entrevista me foi respondido que só seria possível por *whatsapp*, pois elas estavam com muito trabalho no momento e sem agenda.

<sup>35</sup> Vídeo disponível em:

<[https://www.facebook.com/tracie.okereke/videos/vb.100001681393219/1554968847902480/?type=2&video\\_source=user\\_video\\_tab](https://www.facebook.com/tracie.okereke/videos/vb.100001681393219/1554968847902480/?type=2&video_source=user_video_tab)> Acesso em: 05 de janeiro de 2018.

preto e periférico [...] vem aqui no domingo e você vai ver todo mundo na porta de casa porque não tem um rolê. O baile funk surgiu na rua, as pessoas não gostam? Não gostam, mas ele surgiu pela necessidade de fazer alguma coisa, nem todo mundo tem dinheiro, tá ligado? Jovem precisa de distração, precisa de esporte, de cultura, os playboy gostam de falar que a gente não precisa disso, mas os filhos deles todos fazem aula de música deles, vão pra baladinha deles que eles pagam lá R\$ 60,00 reais pra irem na porra da matinê, tá ligado? faz tênis, golfe, balé, tudo isso é importante, mas aqui eles constroem pista de skate, demora mó cota, pista de skate tá torta ninguém consegue andar, [...] cada vez vai ter mais cultura vindo da favela, a gente não vai se apegar só ao funk e o futebol não, e vocês tem que aceitar. (Tracie Okereke, 2'01", 2016)

O vídeo engloba os vários aspectos que o funk e o hip hop surgem e a maneira como ainda parecem estar distanciados na visão de alguns que tendem a posicionar culturalmente, um numa escala acima do outro, e a mensagem que nos importa aqui é justamente a que Tracie nos passa, as festas negras são movimento, a música e a dança negra são movimento.

O vídeo ainda demarca esta divisão dentro de duas manifestações negras e periféricas, que demonstra uma divisão moral dentro do movimento negro entre os apreciadores dos dois ritmos.

Ressalto aqui que, durante o desenvolver da pesquisa, acompanhando as festas e nos meios virtuais pude perceber que as pessoas que frequentam as mesmas, sabem o que elas representam, estão cientes das políticas por detrás das práticas, mas as pessoas não estão lá para dissertar sobre teorias, a festa é um movimento para ser praticado como tal, é uma celebração de liberdade corporal, individual e coletiva.

Camille A. Brown, coreógrafa e educadora norte-americana, em um vídeo produzido para o projeto TED<sup>36</sup> em que se propõe a falar sobre as danças sociais afro-americanas, ressalta que a dança é também uma linguagem e quando feita em conjunto ela é uma expressão de um grupo, finaliza ela o vídeo respondendo algumas questões com precisão:

---

<sup>36</sup> O TED (Technology, Entertainment, Design) é uma organização fundada pela empresa SAPLING que busca disseminar palestras sobre os mais diversos assuntos.

Porque nós dançamos? Para nos mover, para descontrair, para nos expressar. Porque nós dançamos juntos? Para curar, para lembrar, para dizer: “nós falamos uma linguagem comum, nós existimos e nós somos livres”<sup>37</sup> (Camille A. Brown, 4’30”, 2016)

As festas são assim um movimento político cultural, e “*movimento*” não pode ser visto apenas como um grupo burocrático, formalizado, com sede e CNPJ, com pessoas dispostas a discutir, textos, artigos acadêmicos, angariar protestos, etc.

No Brasil a cultura negra por vezes se condensa e se dilui enquanto cultura nacional, e talvez por esta razão a noção política destes grupos não pareça tão evidente, afinal, festas, ritmos e religiões negras, entre outros aspectos, são símbolos da cultura nacional, e fazer política pela via de festas pareça talvez apenas mais um entretenimento. Além disso, “...a conversão de símbolos étnicos em símbolos nacionais não apenas oculta uma situação de dominação racial mas torna muito mais difícil a tarefa de denunciá-la.” (FRY, 1982, pg. 52-53)

Esta relação da cultura de grupos étnicos específicos transmutada em cultura nacional demarca uma separação entre classes sendo estes os exploradores e os explorados, onde a cultura criada por um grupo é apropriada, redesenhada, e utilizada como bem entendem os exploradores que acabam por utilizar-se desta “cultura nacional” apropriada num revés para atacarem estes explorados e acusa-los de serem estes os verdadeiros preconceituosos e responsáveis pela instabilidade da identidade nacional.

...o grupo que reelabora e utiliza o produto cultural acabado tende a ser diferente daquele que o produziu. Estando a distinção entre produtores e consumidores de cultura presa a uma distinção de classe, a relação entre elas assume necessariamente uma conotação política, isto é tem implicações em termos de poder (DURHAM, 1980, pg. 14)

---

<sup>37</sup> Tradução livre do original: “Why do we dance? To move, to let loose, to express. Why do we dance together? To heal, to remember, to say: ‘We speak a common language. We exist and we are free.’” Disponível em: [https://www.ted.com/talks/camille\\_a\\_brown\\_a\\_visual\\_history\\_of\\_social\\_dance\\_in\\_25\\_moves/transcript](https://www.ted.com/talks/camille_a_brown_a_visual_history_of_social_dance_in_25_moves/transcript). Acesso em: 05 de janeiro de 2018.

Nestas festas aqui apresentadas e em tantas outras que não faziam parte dela, pode-se delinear claramente este caráter político enquanto movimento negro, de gênero e sexualidade. E este movimento se expressa através da arte anônima também, da performance, utiliza o corpo para se expressar, seja pela dança, pela roupa que você veste, o cabelo que você assume, ninguém se move de onde está sem saber de fato para onde pretende ir, as políticas aqui são direcionadas.

Assim como ocorre no Brasil, é possível encontrar essa expressão da juventude e a música unidos em torno de uma identidade em países como Cuba e Angola. Em Cuba a *timba* no início dos anos 1990 foi responsável por esta nova unificação da juventude periférica negra cubana que trazia não apenas um novo estilo musical, mas de coreografia, onde as letras ressaltavam a sexualidade masculina negra e na dança o corpo da mulher negra interpretava a novidade do ritmo através do passo *el tembleque* (o tremido), onde o quadril expressa e ressalta sua sexualidade, conforme vemos em HERNANDEZ-REGUANT (2010).

Em Angola, o ritmo e dança Kuduro surge também nesta época (final dos anos 1980 início dos 1990), e passa a fazer parte dos ritmos da juventude periférica angolana, neste espaço há uma ascensão feminina no campo musical. Há também a exposição de seus corpos pelo ritmo da dança, a sexualidade feminina é cantada e dançada por elas próprias como vemos no vídeo<sup>38</sup> do “Festival da paz” onde se comemora os 10 anos do fim da guerra no país em 2012, com a cantora Própria Lixa e mais recentemente vemos a ascensão de Titica, cantora transexual que alcançou sucesso e reconhecimento no país.

Ao se manipular cultura e política nestas festas, estes jovens e demais grupos negros na sociedade, buscam também perpetuar a sua existência e reafirmar a sua presença no mundo. A negritude aqui, atua enquanto performance existencial, como luta ontológica, onde busca-se transformar o presente, reescrever o passado e projetar um futuro outro.

As festas que ocorrem ainda no Brasil, são herdeiras das festividades negras que buscavam manter vivas suas memórias e valorizar sua cultura e ainda hoje enfrentam o preconceito e a perseguição policial também. Em entrevista realizada no

---

<sup>38</sup> Video disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=vSbRrXV7FqU> > Acesso em: 31 de outubro de 2018.

dia 08 de julho de 2017, Gabi Ziriguidum expôs esta mesma ideia de resistência e poder da mulher que desafia a sociedade para estar presente nestas festas, diz ela:

independente do corpo delas, elas *colam* com um shortinho, *colam* com uma calça, e aí você vê uma mulher daquela, ela descer o morro num horário que pra gente não deveria ser, mas pra gente é perigoso, ir pro baile tipo, proibidão, dançar funk, [...], de um lado a polícia, de outro lado, [...], os bandidos ali, e tá ali celebrando um corpo, tá ligado, é uma parada muito forte, é uma potência muito forte, e aí a gente tem que ter uma sinceridade muito forte pra poder realmente entender e ver onde é que tem um poder e a mensagem disso (Gabi Ziriguidum, 08/07/2017)

Os corpos negros e sua cultura são constantemente controlados, vigiados e disciplinados. Por esta razão nestas festas a questão do corpo está posta, a assunção do corpo por jovens negras principalmente, pois são as mulheres negras as que estão constantemente à margem das relações afetivas e sexuais, demonstra um poder em relação a si mesmo, é uma reapropriação do seu corpo.

É retirado o poder de descrição do outro em relação a si e ao seu grupo racial e de gênero e ressignificado. O corpo negro é então neste processo de discussões virtuais ou não, desconstruído de suas designações racistas e embranquecedoras, passa a ser reconstruído e performado.

As pessoas que frequentam as festas, estão lá reunidas e “montadas” para celebrar, mas sabem do intuito por trás de toda festa que as une e as fazem reunir num mesmo espaço, intuito este que é constantemente exposto nas redes sociais e que gera reações e discussões nestas também, a festa é uma celebração e esta celebração é um movimento também.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Sonia E., DAGNINO, Evelina., & ESCOBAR, Arturo. **O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos**. In: Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos – novas leituras. Editora UFMG. p. 15-57, 2000.
- Batekoo. **Sobre nós**. Disponível em: <<http://batekoo.com/sobre-nos/>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.
- Batekoo [2]. **CarnaKOO - Bloco da BATEKOO @25/02**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1830759263849355/>> Acesso em 15 de janeiro de 2018.
- Batekoo [3]. **Aulão da BATEKOO @08/07**. Disponível em: <[https://www.facebook.com/events/253512938458657/?active\\_tab=about](https://www.facebook.com/events/253512938458657/?active_tab=about)>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.
- BROWN. Camille A.. **A visual history of social dance in 25 moves**. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/camille a brown a visual history of social dance in 25 moves/transcript](https://www.ted.com/talks/camille_a_brown_a_visual_history_of_social_dance_in_25_moves/transcript)> Acesso em: 05 de janeiro de 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.
- CUNHA, Olivia. M. Gomes da. **Depois da festa – Movimentos negros e políticas de identidade” no Brasil**. In: Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos – novas leituras / Organizadores: Arturo Escobar, Evelina Dagnino & Sonia E. Alvarez. Editora UFMG. pg. 333-380, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O corpo**. In: Antropologia & Direito: temas antropológicos para estudos jurídicos. Coord.: Antônio Carlos de Souza Lima ABA/LACED/Nova Letra, 2012, pg. 526-531.
- D'ALLEVEDO, Pedro Tadeu Faria. **Bailes Blacks: música e sociabilidade nas noites paulistanas**. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia - 29ª RBA, 2014, Natal. Diálogos Antropológicos - Expandindo fronteiras. Brasília - DF: Kiron, 2014. v. 1. p. 01-14805.
- DURHAM, Eunice R. **A dinâmica cultural na sociedade moderna**. In: Arte em revista, ano 2, nº 3, março 1980, São Paulo: Kairós/ CEAC, pg. 13-14, 1980.
- FRY, Peter. **Feijoada e 'Soul Food': Notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais**. In: Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira. 1982, pg. 47-53.



GIESBRECHT, Érica. **Entre os limites da pele negra: respostas corporizadas aos temores da essencialização**. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 4, Nº 2 | -1, pg. 125-140, 2015.

HERNANDEZ-REGUANT, Ariana. **A timba de Havana: um som macho para o sexo negro**. In: Outras ilhas – Espaços, temporalidades e transformações em Cuba. / Organização: Olivia Maria Gomes da Cunha. Rio de Janeiro: Aeroplano: FAPERJ, 2010.

MALUNGUINHO, Erica. **Wine na mesa**. São Paulo, 2016. Palestra proferida no Aparelha Luzia. Arquivo pessoal.

NOGUEIRA, Rodrigo Muniz Ferreira. **A festa negra na Bahia: do medo à apoteose**. Cultur: Revista de Cultura e Turismo, v. 2, p. 105-119, 2008.

OKEREKE, Tracie. Sem título. Disponível em:

<[https://www.facebook.com/tracie.okereke/videos/vb.100001681393219/1554968847902480/?type=2&video\\_source=user\\_video\\_tab](https://www.facebook.com/tracie.okereke/videos/vb.100001681393219/1554968847902480/?type=2&video_source=user_video_tab)> Acesso em: 05 de janeiro de 2018

OLIVEIRA, Flavia. **Ditadura perseguiu até bailes black no Rio de Janeiro**. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/ditadura-perseguiu-ate-bailes-black-no-rio-de-janeiro-16733859#ixzz5Oxl0RC5C>> Acesso em 20 de agosto de 2018.

PEDRETTI, Lucas. **Dançando sob a mira do DOPS: bailes soul, racismo e ditadura nos subúrbios cariocas nos anos 1970**. 2017. Disponível em: <<https://www.historiadaditadura.com.br/destaque/dancando-sob-a-mira-do-dops-bailes-soul-racismo-e-ditadura-nos-suburbios-cariocas-nos-anos-1970/>> Acesso em: 20 de agosto de 2018.

**Se liga na campanha que vai rolar na WINE do dia 10/12!!!**. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/wineafesta/videos/1693352890924499/>> Acesso em: 04 de dezembro de 2017.

SILVA, Jaime José S.. **Entre a Diversão e as Proibições: as Festas de Escravos e Libertos na Ilha de Santa Catarina**. In: MAMIGONAN, B. G.; VIDAL, J. Z.. (Org.). História Diversa: Africanos e Afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. 1ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2013, v. 1, p. 109-130.

VENTURA, Lys. **Wine na Mesa**. São Paulo, 2016. Entrevista disponível no Apêndice 2.

VICENTE, Juliana. **#04 – Jack Nascimento e Miranda (Batekoo) - Afronta! (Face it!)**. Youtube, 20 de novembro de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t-umlFR2FA8>>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

WELIDA. **Wine na Mesa**. São Paulo, 2016. Entrevista disponível no Apêndice 2.

ZIRIGUIDUM, Gabi. **Aulão de Batekoo**. São Paulo, 2017. Entrevista disponível no Apêndice 2.

**WINE a Festa, ultima do ano! 10/12.** Disponível em:  
 <<https://www.facebook.com/events/581909962005139/>> Acesso em 15 de janeiro de 2018.

**Wine na mesa**, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/189500291476625/>>  
 Acesso em: 04 de dezembro de 2017

#### **INTERNET:**

<http://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/interna/osso-exposiasapo-apelo-ao-amplo-direito-de-defesa-de-rafael-braga>

<https://www.facebook.com/liberdaderafaelbragavieira/>

<https://benfeitoria.com/umacasapara-rafael-braga>

<https://libertemrafaelbraga.wordpress.com/>

<https://www.instagram.com/freshdancehall/>

<https://www.instagram.com/wineafesta/>

<https://www.facebook.com/wineafesta>

<https://www.facebook.com/batekoosp/>

<https://www.facebook.com/batekoo/>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rafael\\_Braga](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rafael_Braga)

<https://www.youtube.com/watch?v=vSbRrXV7FqU>

### **Capítulo 3 – Entre o corpo e o movimento - Mulheres negras, sexualidade e performance**

Ao buscarmos ao longo da história detalhes que nos contem a respeito das mulheres negras e a sua trajetória individual ou coletiva, um demarcador a ser levado em consideração nessa direção certamente é processo de escravização.

Nesta pesquisa onde o corpo negro protagoniza esta, vemos o corpo da mulher negra construído dentro de uma visão colonizada do traficante europeu que acaba por lhe atribuir um caráter simbólico-dual que vai transcender o fim da escravização.

O corpo negro demarcado pelo processo de escravização sofre uma metamorfose social onde o componente da sexualidade tanto do homem quanto da mulher negra passam a ser fios condutores de explicação para sua exploração física.

Em relação específica à mulher negra, Danubia de Andrade FERNANDES (2016), aponta a duplicidade quanto à sua natureza:

a mulher negra era objeto de um duplo sentimento: medo e fascinação. Mulher e negra, ela representava uma alteridade dupla, de ordem racial e sexual. No século XVIII, a sexualidade dos negros, mulheres e homens, foi um ícone da sexualidade desviante de modo geral, com reflexos nas representações artísticas e nos discursos médicos-científicos. Sem embargo, é a sexualidade feminina aquela que desperta maior interesse. (Danubia de Andrade FERNANDES, 2016, pg. 695)

A mulher negra vai carregar não apenas nesse período, mas suas descendentes irão herdar essa visão dupla quanto ao seu corpo. O medo e a fantasia, o desejo e a repulsa, seu corpo passa a ser balizado entre dois pontos extremos onde ocorre certa interação, porém limitada, pois esta acaba ao fim do desejo satisfeito e a rejeição assume lugar quanto a qualquer outra integração social ou afetiva. Desta forma vemos que:

O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto

pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva (Bell HOOKS, 1995, pg. 468)

A mulher negra é deslocada nestes pontos extremos onde lhe é imposto também uma natureza exótica, sua existência enquanto ser humano é deslocada para a de objeto. Cabe a ela então lutar contra este imaginário, luta esta que se inicia sem encontrar força junto a outros movimentos sociais.

Os movimentos feministas durante o século XX e XXI vão questionar o patriarcado e suas teorias abordando a questão do pertencimento igualitário em sociedade e a liberdade de escolha da mulher quanto as finalidades do seu corpo.

No Brasil, segundo Núbia Regina MOREIRA (2007) o feminismo da década de 1980 estava relacionado ao direito ao corpo, porém dentro das discussões as questões raciais demarcavam a diferença entre mulheres brancas e negras, já que algumas pautas das mulheres negras (como direito a creches, casa, etc.) não eram pautadas por feministas brancas pois não faziam parte da sua realidade enquanto classe média.

Cabe ressaltar que a finalidade das mulheres negras é de demarcar e expor uma divisão política dentro dos movimentos feministas e negros, e busca afirmar sua existência na sociedade enquanto indivíduo, cidadã, e sujeito político, não são apenas suporte de outros grupos, mas sujeitos com voz e demandas, seu corpo e sua voz as pertence.

As mulheres negras no Brasil e nos Estados Unidos, acabam por enfrentar desafios junto ao movimento feminista e o movimento negro. A existência de um feminismo negro resulta de uma afirmação destas mulheres junto aos movimentos feministas e negros, onde por vezes suas pautas eram negligenciadas em nome de outras que seriam de maior interesse coletivo.

Ainda hoje, como veremos ao longo do capítulo, há essa ideia de “o que se pautar”. Em geral o combate ao racismo acaba por ser a grande bandeira dos movimentos negros, e quando outras pautas como a da sexualidade, como encontramos neste estudo vem à tona, gera-se uma discussão interna sobre o que de fato importa enquanto ação e discussão.

A esse respeito Olivia M. Gomes da CUNHA (2000) demonstra que essa discussão sobre as pautas do movimento negro já ocorria na emergência dos

movimentos na década de 1970-80, onde a discussão interna estava direcionada à grupos que utilizavam a cultura no fazer político, a autora expõe que:

É interessante notar como estas diferenciações são estabelecidas numa dupla tentativa. Em primeiro lugar, a de legitimar a postura daqueles que priorizavam um discurso preponderantemente político frente ao “culturalismo” que, por seu turno, representaria um enfraquecimento da luta anti-racista e sua suposta “ilegitimidade” (Olivia M. Gomes da CUNHA, 2000, pg. 337)

Neste presente estudo vemos que a discussão a respeito das pautas do movimento dentro do feminismo negro se dá devido a uma questão geracional. Nos grupos estudados há mulheres com mais de 30 anos e jovens na faixa etária dos 20 anos, e esta pouca diferença se mostra suficiente para visualizarmos como a questão a respeito do corpo e sexualidade se desenvolvem de forma diferente entre gerações.

A questão do corpo da mulher negra e a sexualidade quando posta dentro do movimento feminista negro e dos estudos acadêmicos, trata-se em parte do assunto remetendo ao passado escravista e os abusos físicos e simbólicos ao qual este corpo foi submetido, devido ao fato de muito deste passado ainda se refletir na nossa sociedade.

As feministas de ambas as gerações se mostram cientes quanto ao conhecimento deste assunto e suas implicações na sociedade, porém, a abordagem e os meios de se tratar a respeito mudam de uma geração à outra. A essa relação com o corpo Mayra SANTOS-FEBRES (2010) argumenta:

As mulheres e o corpo sempre tiveram uma relação problemática. Às vezes vivemos fechadas em seus limites, sem poder sair do corpo. Em outros momentos, vemo-nos como oferta para a demanda de homens, tanto que queremos nos converter em donzelas puras, honradas, bonitas e amantíssimas. Ou nas sedutoras famintas. [...] O século passado, o XX, ofereceu-nos mais. Ofereceu-nos a possibilidade de profissões, poderes de aquisição, mobilidade, controle de natalidade, leis que nos protegem, a declaração legal da igualdade. Abriu-nos a definição do que é ser mulher. Mudou-nos os remetentes. Mas esta mudança não nos liberou do paradoxo do que é o corpo. Acontece que ainda nos sentimos asfixiadas, presas pelo corpo e pela rede de significados que este tece. É como se agora, no princípio do século XXI, não pudéssemos sair da estreita prisão dos corpos. (IDEM, 2010, pg.82)

Mayra SANTOS-FEBRES (2010) ainda destaca um cenário parecido com o qual estamos tratando aqui. Para a geração de sua mãe as questões do movimento eram outras. À época da massificação do uso da pílula e da liberação sexual, a autora expõe que sua mãe

usou a liberdade que lhe oferecia a pílula para introduzir-se ainda mais no espaço do trabalho, para sair do ciclo da pobreza [...]. Mas o corpo seguia lhe escorrendo da mão, alheio, distante e ao mesmo tempo prisioneiro. Desfrutá-lo teria sido contrário a ter aspiração social. Para minha mãe, converter-se em uma boa mulher, fazendo-se de caseira, abnegada, delicada era um passo à frente: ver-se a si mesma como mulher, em vez de como burro de carga, empregada, mulher de uso, uma negra. Para mulheres de classes populares, o feminino era um luxo, um privilégio, um acesso a um sistema de valorização exclusivo para as mulheres de classe mais alta. Quando chegou a liberação feminina, minha mãe e muitas outras mulheres como ela tomaram pílula, mas não assumiram a liberação sexual. Primeiro, porque aquilo teria sido abandonar o sonho de converter-se algum dia em uma “senhora”. Segundo, porque para poder gozar do corpo haveria de assumir a responsabilidade e o desafio de conhecer um corpo que lhes traria armadilhas: racial, de classe e social. (IDEM, 2010, pg. 83)

O depoimento da autora reflete as necessidades da época de mulheres que não apenas ansiavam pela entrada num mercado de trabalho melhor remunerado e sua ascensão social, mas demonstra ainda um pensamento destas mulheres construído a partir de um modelo eurocêntrico de mulher. E neste modelo não apenas eurocêntrico, mas patriarcal, o corpo e a sexualidade não são necessariamente o foco, ainda mais para mulheres negras, cuja posição social e sexual na sociedade são muito frágeis.

Já na sua geração, Mayra SANTOS-FEBRES (2010) vê como a sexualidade já estava em uso, os usos do prazer e a reivindicação deste afloravam entre as mulheres.

Para mim a sexualidade se converteu em uma missão a se cumprir para me fazer “mulher”. Agora tinha que ter muitos amantes e saber como agradá-los. Tinha que conseguir orgasmos instantâneos que provavam que era merecedora do afeto de um homem, que tinha vencido minha mãe, quebrado a cadeia das mulheres abnegadas, sofridas, mulheres inconformadas a reclamar a parcela de prazer de direito. Mas o corpo, por assim dizer, a relação pessoal, completa com o próprio corpo seguia me escapando das mãos. (IDEM, 2010, pg. 84)

Entre estas gerações de feminismo vemos o corpo como protagonista central destas. Por mais que algumas reivindicações deste grupo ainda se mantenham (como acesso ao mercado de trabalho, saúde, educação, etc.) a leitura destas se transformam. Esta relação pessoal com o próprio corpo à qual a autora se refere, é provavelmente um dos pontos levantados e discutidos por esta geração de feministas, à qual faço parte, e que dataria no período de 2010.

Essa relação do indivíduo com o próprio corpo pode ser apontado como uma visão individualista pois numa sociedade que está acostumada com normas, inclusive dentro dos movimentos, incentivar o uso do corpo de forma livre parece gerar certo temor pois acredita-se que essa liberdade pode vir acompanhada de uma falta de reflexão crítica, política, social, etc.

Nestas discussões críticas que vemos emergir aqui nesta pesquisa, uma palavra está também associada à estas práticas: empoderamento. Essa ideia de empoderamento utilizado pelas jovens negras permeia de uma maneira geral, toda essa pesquisa, já que vemos o termo emanar nestas discussões feministas e nas descrições das festas, assim como na fala de algumas mulheres entrevistadas.

No caso das feministas que tratamos aqui, uma delas do grupo do Facebook define que: *“empoderamento é o conceito político de classes excluídas tendo voz e poder de decisão em campos onde antes não tinham. Não é uma questão de auto estima individual ou decisão sobre o que fazer consigo mesmo.”* (membra do grupo Blogueiras Negras - Facebook, 2015)

Outras participantes do grupo veem a questão de forma diferente, esta relação entre coletivo e individual fazem parte também da mesma questão que ilustramos acima sobre o que teria importância de se pautar nos movimentos. O empoderamento para algumas destas outras mulheres também diz respeito ao individual, às escolhas que as mulheres fazem enquanto indivíduos, mas conscientes do coletivo que fazem parte.

A este respeito Joice BERTH (2018) dialoga com vários autores a respeito do empoderamento e nos expõe que,

*O empoderamento individual e coletivo são duas faces indissociáveis do mesmo processo, pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientes e atuantes dentro de processos de empoderamento.* (IDEM, 2018, pg. 42)



Acredito que para além do corpo, os movimentos feministas negros colocam em debate no momento, a ideia de uma construção da pessoa negra, o sujeito e sua subjetividade. Se num dado momento a mulher negra tinha seu corpo desconstruído enquanto ser humano, transitava entre o animal e o objeto, agora constrói seu ser e sua humanidade, e se reivindica nos vários aspectos do direito e da vida social.

Construir coletiva e individualmente estes sujeitos negros não tem a ver com um individualismo social, onde o sujeito do movimento vai alcançar seu objetivo após uma jornada heroica em busca de uma realização pessoal e após isso, simplesmente deixar as demais questões do movimento de lado.

Há de se ter em mente também que muito das teorias feministas que alimentam os movimentos parte de uma visão de um feminismo euro-americano, novas formas de feminismo e luta nascem para além da teoria euro-americana de feminismo ou gênero. A realidade dos corpos nos contextos afro-latino-americanos pode demandar outras abordagens que estão para além destas teorias já disseminadas.

O feminismo negro surge exatamente pelo fato da realidade histórica, social e cultural das mulheres se diferirem ao longo da história entre as diversas cores e etnias, demarcando principalmente este diferencial entre as mulheres brancas.

A abordagem então a respeito desse corpo negro em sociedade que é ressignificado, performado e reconstruído como vimos no capítulo anterior e que veremos neste também, está dentro dessa dimensão do reconhecimento e despertar enquanto indivíduo. Nilma Lino GOMES (2017) nos acrescenta que,

O corpo negro não se separa do sujeito. A discussão sobre regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente. Isso não significa que estamos descartando o negro enquanto identidade pessoal, subjetividade, desejo e individualidade. Há aqui o entendimento de que assim como “somos um corpo no mundo”, somos sujeitos históricos e corpóreos no mundo. A identidade se constrói de forma coletiva, por mais que se anuncie individual. (IDEM, 2017, pg. 94)

Dentro destas dimensões individual e coletivo dos movimentos, há a necessidade então de um equilíbrio e entendimento que uma não se distancia da outra enquanto luta em prol de um grupo.

Cabe aos movimentos, neste atual momento, não apenas pensar o corpo e refletir sobre suas representações e significados sociais, mas descobri-lo enquanto indivíduo, e apreciá-lo conforme suas necessidades.

Pensando o corpo da mulher negra no campo dos estudos deste e sua intersecção com a categoria sexualidade, pude constatar que estes se desenvolvem em grande maioria na área da representação midiática, ou seja, debates sobre personagens ficcionais onde a preocupação está na denúncia da representação do corpo da mulher negra.

Durante a pesquisa bibliográfica encontrei apenas dois trabalhos onde a abordagem a respeito da sexualidade da mulher negra a partir de onde ela está se pensando nestes termos, enquanto agente, explorando sua sexualidade ou a respeito dela, se aproximasse com tema central ou como parte dele. Sendo estes o de Fabiana Leonel de CASTRO (2010) e o de Mayra SANTOS-FEBRES (2010).

Por detrás desta falta de trabalhos é provável que esteja um certo tabu para falar de um assunto que envolve uma violência histórica em relação às mulheres negras que advém desde o período de escravidão, onde o abuso de seus corpos ainda se reflete atualmente.

O que posso afirmar é que os esforços em relação ao debate envolvendo corpo e sexualidade se detiveram por combater a visão objetificada da mulher negra, enquanto a questão da sua sexualidade fora dos meios midiáticos foi deixada de lado. Ou seja, desenvolveu-se o pensamento coletivo sobre a questão, num sentido de combater o que o outro pensa, mas sem construir uma discussão interna do se pensar o próprio corpo ou o próprio indivíduo.

Estas discussões emergem agora com a ferramenta da internet de maneira a construir e desconstruir padrões corporais pela via da performance.

O uso do erótico/nudez utilizado por ativistas/militantes como performance política tem sua importância por alcançar espaços e modos de expressão que muitas vezes não encontram espaço no discurso político dos próprios movimentos, força assim uma discussão e exposição planejada entre seus pares.

No contexto de pesquisa vejo a performance enquanto ferramenta de discurso e de fazer política, sendo esta que será utilizada para conectar indivíduos tanto no mundo virtual como no real, tendo em vista que o corpo é pensando enquanto local de discurso, e é através dele que a mensagem política é transmitida.

Em sociedade, o corpo da mulher em específico, acaba por ser aquele que vai ser constantemente policiado, treinado e reivindicado (por outros), uma vez que o sistema patriarcal o toma como propriedade legítima. Neste estudo veremos como uma virada desta visão é desenvolvida e estes corpos são reapropriados por mulheres negras juntamente com suas reivindicações e ressignificações quanto a esses.

### 3.1 – Bucepower Gang

A abordagem neste momento trata-se de um projeto ocorrido em 2015 no meio virtual desenvolvido por jovens negras da cidade de São Paulo, e as discussões que ocorreram das performances desenvolvidas por estas, além de outra discussão em um grupo diferente de feministas negras que debatia as danças que mulheres faziam em festas ao estilo da Batekoo e Wine (não citando elas, mas o ritmo que tocam nelas).

As discussões aqui a serem apresentadas giram em torno e se detêm das opiniões de feministas negras em grupos virtuais fechados na rede social *Facebook*. Não interessa aqui relatar a repercussão de pessoas fora deste meio, uma vez que, posso adiantar que os comentários masculinos (e femininos também) encontrados, são carregados de teor preconceituoso, não havendo assim necessidade de relatar algo já conhecido e batido, mas explorar esta discussão interna do movimento feminista negro.

Este grupo de jovens surgiu como grupo na modalidade “secreto” do *Facebook*, ou seja, somente quem o criou e os membros adicionados por um administrador poderiam localizar e interagir com o grupo dentro da rede social ou da internet.

A respeito do nome do grupo, foi apontado em uma postagem no grupo “Blogueiras negras” onde a matéria a respeito das jovens foi compartilhada, que o nome remetia à vagina sendo assim cissexista e excludente em relação às mulheres trans, mas também cabe ressaltar que o nome busca também transmitir uma afirmação destas mulheres cisgêneras e marginalizadas, pois mesclam uma palavra não formal para descrever a vagina na construção de seu movimento, demarcando e afirmando o grupo como uma organização de mulheres, mas que não significa que outras construções de gênero sejam excluídas no pensamento destas mulheres.

A criação do grupo foi idealizada por Laysa Moretti, que atualmente trabalha no ramo musical como rapper, mas à época não havia lançado seu primeiro álbum ainda, e hoje se intitula como Lay.

Figura 17– LAY À ÉPOCA DA CRIAÇÃO DO TUMBLR



Fonte: Flick Laysa Moretti/@killaprod

Segundo informações de Lay, por volta dos 15-16 anos havia entrado em contato com o meio *punkrock* e nesta época encontrou jovens ativistas e assim foi entrando em contato com a ideia de “*ser, independente do outro*” (LAY, Wine na mesa, 2016) e em um determinado momento começou a ser vista como referência por assumir estas liberdades e independências de se vestir e fazer aquilo que realmente queria.

Nesta mesma época já havia uma rede social que também a influenciava por ter mais flexibilidade em relação ao compartilhamento de conteúdo, o *Tumblr*<sup>39</sup>.

Numa tentativa de, segundo Lay, *quebrar a estética da mulher negra objetificada* e trazer um discurso vinculado às suas práticas, ela começa a fazer autorretratos e inserir na legenda das fotos publicadas em redes sociais textos que

<sup>39</sup> Rede Social onde é possível publicar, foto, vídeo, texto, citação, links e áudios, além do chat, e que é utilizada principalmente para compartilhamento de fotos tendo em vista as políticas mais flexíveis quanto a conteúdos que contenham nudez ou sexo.

traziam uma explicação, que era também um desabafo sobre as razões pelas quais ela estava expondo seu corpo nu.

A novidade do grupo se tratava justamente, de que, em tempos onde por vez ou outra ouvimos denúncia de mulheres que tem fotos íntimas vazadas na internet, estas mulheres eram quem faziam este papel, expunham sua intimidade de forma voluntária como forma de protesto e celebração de seus corpos, retirando assim o poder do outro quanto a seu corpo e vontades.

No grupo do *Facebook* então começa uma interação entre cerca de 60 membros mulheres que faziam as mesmas práticas internamente desde que se sentissem à vontade para tanto e tivessem o mesmo pensamento contra a *objetificação* da mulher.

O grupo funcionou assim até que em um determinado momento Lay resolve que este precisava se expandir, uma vez que ela teve a ideia da criação deste devido a conteúdos outros que eram publicados de modo aberto em outras redes, decide então por acabar com o grupo secreto no *Facebook* no intuito de alcançar outras mulheres que poderiam também ser beneficiadas por estas práticas e cria uma página no *Tumblr* com o mesmo nome.

Uma das razões também relatadas por Lay da exclusão do grupo e migração para outra plataforma foi de que em um dado momento o grupo começou a perder seu sentido, pois havia uma cobrança das meninas de se encontrar e propor discussões fora do meio virtual, mas que acabavam não ocorrendo e algumas das meninas do grupo acabavam não gostando, pois quando estes encontros eram marcados ninguém ia, mas quando havia um convite de um encontro para uma balada apareciam várias pessoas. Esta cobrança é classificada por Lay também como uma certa carência de ter referências de mulheres que poderiam debater os assuntos de seus interesses.

Cristina Fernandes, promotora da festa Wine que também fazia parte do Bucepower, relata em entrevista realizada no mesmo dia que na época do grupo muitas das meninas do grupo chegaram a frequentar a festa também.

Em uma postagem final no grupo Lay relata que então fez uma justificativa do porquê que estava excluindo este, uma vez que não fazia sentido aquela cobrança, sendo que cada uma tinha as suas rotinas e compromissos que impediam de ter tal contato pessoal.

O grupo alcança meu conhecimento e de outras feministas negras, gerando os debates que serão aqui relatados quando uma matéria<sup>40</sup> para o site Vice<sup>41</sup> é publicado falando a respeito do grupo, onde algumas das participantes concederam entrevistas falando a respeito de suas experiências e a importância da participação no grupo em suas vidas.

### 3.2 – Punhetas covardes não importam

Em um grupo que eu fazia parte na época, o Blogueiras Negras, que também fazia parte da página e site de mesmo nome (grupo este que hoje já não existe devido às diversas discussões que por vezes alcançavam a falta de respeito e agressão verbal entre as participantes), uma das mulheres negras participante deste, compartilhou a matéria relatando que em um outro grupo, havia duas mulheres pertencentes ao Bucepower e que elas tinham compartilhado a matéria neste outro grupo e estariam sofrendo várias críticas das outras mulheres, sendo acusadas de estarem prestando um desserviço ao feminismo negro.

A criação do Bucepower Gang em fevereiro de 2015 visava, segundo a criadora, não apenas refletir sobre as possibilidades do corpo negro e sua sexualidade, mas trabalhar também a questão da *autoestima* da mulher negra sobre seu corpo, de explorá-lo e conhece-lo afim de aceitar-se mais.

Lay e as outras jovens do grupo tem consciência de que há a possibilidade de muitas vezes a recepção deste projeto ser deturpada por homens que acabam sexualizando as fotos, deixando de lado o conceito original.

Em entrevista para a matéria da revista online elas relatam casos ocorridos em relação a abordagem sofridas de homens à uma jovem do grupo: "*Já aconteceu*

<sup>40</sup> A matéria encontra-se disponível no endereço: < [https://www.vice.com/pt\\_br/article/vv4xgx/a-bucepower-gang-a-nova-geracao-de-feminismo-no-tumblr](https://www.vice.com/pt_br/article/vv4xgx/a-bucepower-gang-a-nova-geracao-de-feminismo-no-tumblr)> Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

<sup>41</sup> A VICE é uma revista online e um grupo de mídia global jovem com 36 redações espalhadas por mais de 25 países. Opera o primeiro canal online de vídeos originais, uma rede internacional de canais digitais, uma produtora de vídeo, um selo musical e uma agência interna de serviços criativos. Os canais digitais da VICE no Brasil incluem o Noisey, inteiramente voltado para o universo da música; o Thump, dedicado exclusivamente à música eletrônica; o Motherboard, criado para celebrar a cultura da ciência e tecnologia; e o The Creators Project, canal sobre o mundo da arte e criatividade. Informação disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/page/about-58477f133bbbf901f85613df](https://www.vice.com/pt_br/page/about-58477f133bbbf901f85613df)>



de um cara virar para uma das Buces e falar que já comeu fulana, fulana e fulana. E ela respondeu 'Bom, então quem foi comido foi você, e não elas, né?' (Vice, 2015).

Estes tipos de comentários também são visualizados na página do *Tumblr*, abaixo podemos ver um pouco do posicionamento das Bucepowers em relação a questões que eram feitas na página e que foram também postas durante a discussão que ocorreu no grupo feminista:

Figura 18 - PERGUNTAS DO TUMBLR

<p>fetisniffer-blog asked:</p> <p>falando em pornografia e excitação. como é visto pelo movimento o uso das imagens como forma de excitação masculina? é que um amigo meu (é sempre um amigo, né? :P) acha as fotos muito excitantes e já se masturbou olhando as mulheres aqui. Isso é visto como objetificação? o prazer masculino no olhar e a masturbação são vistas como algo negativo?</p> <p>O prazer é mental, físico e individual nessa situação. Independente do gênero Isso pode ocorrer! Temos uma causa e ela vai além dos olhos que erotizam.</p> <p>Anonymous asked:</p> <p>Bando de sem vergonha na cara, pagando de feminista. Na boa para que feio...</p> <p>Realmente, sem vergonhas. E tem umas que nem se intitulam feministas, de qualquer forma o foco sempre foi a liberdade sexual e amor pelo próprio corpo, mas agradecemos a sua opinião.</p>	<p>dutchesslolla asked:</p> <p>Eu super apoio vocês, mas eu acho que isso de mostrar o corpo na internet ruim pois muitos homens vão ter acesso, vão considerar pornografia, vão se masturbar vendo e não vão se ligar no propósito... mostrar o corpo, claro que pode, mas a mente do homem é tão pequena que ao ver o blog vai pensar q é pornografia</p> <p>Homem não é e nunca foi o foco. Essa iniciativa é de mulheres para mulheres!</p> <p>Anonymous asked:</p> <p>Eu apenas queria saber uma coisa (não vou ofender nem nada a respeito). Se vocês são feministas e querem o "respeito" por que o jeito de protesto de você na maioria é: expondo alguma parte do corpo? É apenas isso que eu não entendo, respondendo minha dúvida sou grata :)</p> <p>Quem disse que quem expõe o corpo por livre e espontânea vontade perde o respeito? Desconstrua essa ideia.</p>
---	---

Fonte: *Tumblr* Bucepower Gang, 2018

No grupo do Blogueiras Negras as opiniões<sup>42</sup> quanto ao compartilhamento de fotos neste sentido que o grupo fazia, circulavam em torno de duas posições: apoiar a iniciativa, mas não deixar de criticá-la. A temática da sexualidade da mulher negra é ainda um tema a ser mais explorado pelo viés dos usos que a própria mulher negra faz desta.

<sup>42</sup> A discussão completa sobre a temática encontra-se no ANEXO 35.



A discussão das blogueiras negras neste grupo, questionava a prática por esta ainda parecer reproduzir padrões nas fotos, que seriam comumente utilizadas em fotografias voltadas para o público masculino, além de vermos comentários onde se questionava se este tipo de trabalho não acabava por provocar o apagamento de outras pautas e prejudicar mulheres negras que faziam trabalhos de militância voltados para outras questões onde o *empoderamento* também podia ser alcançado.

Um dos comentários classificava o *Tumblr* do grupo de “*soft porn*”, e mais abaixo ainda complementava em relação aos questionamentos que iam se ajuntando à discussão: “*a questão é se é ou não válido um modelo feito por homens para deleite sexual de homens como empoderamento para nós.*”(membra do Blogueiras negras), a questão aqui posta busca questionar se estas práticas podem produzir resultados reais.

Esta relação das fotos serem feitas no modelo masculino incitou a discussão que dividiu opiniões, há feministas que concordam que o modelo das poses feitas seguem um padrão comumente encontrado em fotos cujo público alvo é o masculino, ressaltando que este tipo de material não é muito diferente da proposta do *Suicide Girls*<sup>43</sup>, expondo assim que “*no fim é tudo foto pra macho punheteiro*”.

Houve certamente discordância quanto a esta afirmação, algumas participantes lembraram que é preciso ver por outra perspectiva para além do masculino, pela via das nossas vontades, fazer porque se quer sem ser criticada por esta razão. Esta questão do corpo feminino associado ao “*fazer para o deleite masculino*” é encontrada novamente em outra discussão que veremos mais adiante.

Cabe ressaltar que as mulheres envolvidas no Bucepower e as feministas do grupo das blogueiras negras buscaram argumentar e deixar claro que estas iniciativas não estavam voltadas para os homens, mas sim para as mulheres, pela necessidade destas se reapropriarem de seus corpos. Se esta prática é ou pode vir a ser deturpada de sua intenção inicial, isto não parte destas mulheres.

No grupo das blogueiras ainda, algumas das participantes ressaltam que estas práticas são feitas por quem achar que aquilo pode *libertá-la*, *empoderá-la*, não são impostas para todas, assim como práticas outras também não o são, cada qual deve assim, se inserir naquilo que preenche suas necessidades. Abaixo vemos um

---

<sup>43</sup> Site onde é possível encontrar fotos de mulheres nuas/eróticas, geralmente tatuadas e brancas.

dos comentários que busca responder e exemplificar à questão e que busquei simplifica-lo mostrando alguns pontos da discussão por ser muito extenso:

Figura 19 - COMENTÁRIO BLOGUEIRAS NEGRAS

**Juliana** Acho muito perigoso chamar uma forma que uma mulher encontrou para se empoderar como desserviço, ou minimizar a ação como feita pra homem... Eu concordo com a **Cristiane** de que entre criticar a iniciativa e apoiar as meninas, eu fico com segunda. Mas também concordo com a Sueli que também tem críticas a serem feitas. Eu penso, se eu for criticar, o que seria criticado? O fato delas estarem se empoderando? Claro que não! Se o **tumblr** as deixa mais fortes, quem sou pra desejar o contrário! Cada mulher que se fortalece é mais uma vitória conquistada no processo revolucionário! Mas fico pensando, será que a forma que elas encontraram para se fortalecerem também fortalece outras minas? Algumas sim, outras não. E acho que a dificuldade aqui é isso.... Será que o que vale pra gente, vale para todas? E será que algo que algo que vale para a gente não enfraquece as camaradas [...]. As minas encontraram na criação do **tumblr**, onde controlam os próprios corpos, escolhem o que colocar ou não online, uma forma de se fortalecerem. Mas isso, por um lado, pode ser usado por um homem punheteiro, que vai usar do discurso (deturbado) para reforçar a ideia "de que a mulata tá cumprindo seu papel". A nudez pode sim ser uma forma de resistência. Mas como forma, também pode enfraquecer mulheres não se sentem fortalecidas com essa exposição. Enfim, só consigo pensar em três coisas sobre isso: 1 - o que enfraquece, ou é um desserviço, não é a forma como a resistência se dá. Mas o uso deturpado que gente escrota faz dela para continuar oprimindo outras mulheres. 2 - Acho complicado chamar a forma como uma mulher luta por seu empoderamento de desserviço. Porque a forma como nós lutamos, para ela pode ser opressora também (mesmo o texto estando ruim, o debate sobre feminismo acadêmico e feminismo periférico **taí**, por exemplo, quem é academia pra falar que o feminismo do meu dia, da minha luta cotidiana, não é resistência). 3 - E que a construção da resistência tem de ser coletiva e solidária. Entender que se uma forma de resistência tá sendo usada para oprimir outras mulheres, acho que temos que usar mais força para combater quem deturba a nossa resistência, para fortalecer a todas. O desserviço existe quando a gente acha que só a gente é quem resiste, e que só nosso universo constrói formas de resistência. Quando as brancas ignoram as pretas, quando as cis passa por cima das **trans**, etc. Quando a gente não lembra que a resistência é **coletiva**....

16 de junho às 20:37 · Editado · Curtir · 12

Fonte: Facebook - Grupo Blogueiras negras, 2015

Em postagem no *Tumblr*, há também uma resposta geral voltada aos homens que constantemente enviavam comentários em teor sexual, e eu diria que como uma provocação mesmo, talvez como forma de intimidar e constranger as mulheres que tinham suas fotos publicadas na rede, vejamos abaixo:



Figura 20 - RESPOSTA A COMENTÁRIO NO TUMBLR

Anonymous asked:

Bato punheta vendo essas fotos mesmo. Continuem mandando mais fotos. Obrigado.

Bom, como recebemos mensagens desse tipo com alguma frequência, achamos melhor esclarecer algumas coisas. Esse projeto, que vocês podem acompanhar aqui pelo tumblr, foi idealizado, feito e é mantido por mulheres. Mulheres com vivências muitas vezes doloridas, lotadas de opressão, vergonha e silenciamentos. É feito por quem sente na pele dia após dia o peso de ser invisível dentro da sociedade, e falamos de política, não de pagar menos na boate. Por quem tem seus direitos duteados e roubados. Todas aqui lutaram para conquistar o amor-próprio que nunca nos é dado de bom grado, nunca nos é devido. Nós lutamos, juntas e separadas, todos os dias de nossa caminhada para ter voz, essa que muitos insistem em nos negar como acontece quando recebemos uma mensagem como essa, que tenta de todo modo nos invisibilizar e nos jogar de volta para um canto escuro onde somos bombardeadas pela vergonha e julgamento.

Acontece que aqui somos todas emponderadas, caminhamos para isso, nos unimos para conversar com nossas irmãs, para dividir e dizer "irmã, você não é mais refém desses padrões e julgamentos, você não é mais invisível, sua voz será ouvida". O BPG é de mulheres para mulheres, e são elas que nos interessam. Vocês podem vir de zé pequenice tentando calar nossa luta, abafar nossa voz e nos tirar o poder que hoje temos, mas não vão conseguir. Por mais que vocês se incomodem de ver surgir toda uma geração de mulheres que não vão se calar diante de suas atrocidades contra nossa classe, que não vão tremer com assédios, intimidações e tentativas de nos diminuir, nós não vamos parar. Punheta virtual não intimida quem vive à mercê de perigos reais. Vocês podem até tentar virar a cara, mas não vão conseguir ignorar por muito tempo que nós estamos cada dia mais conscientes, fortes e unidas. Vocês podem se incomodar e tentar nos desmotivar, mas aqui temos um propósito social e político. Por mais que tentem nos reduzir a objeto e que tenham que se utilizar dessa fala barata e rasa para nos invalidar, só reforçam a urgência da nossa luta. Nós não cedemos à intimidações baratas.

Esperamos que essa resposta seja clara. Aqui homens e suas punhetas covardes não importam, queremos união com nossas IRMÃS e o poder que nos é devido.

Fonte: Tumblr Bucepower Gang 2018

Acredito que esta resposta demonstra que as jovens membras do Bucepower já estavam cientes destas questões que foram postas e discutidas no grupo das blogueiras, provavelmente também discutiam no grupo secreto estas mesmas questões que estão permeando os comentários sobre machismo, *objetificação*, opressão, etc., isto pode ser encontrado na matéria da revista onde elas falam sobre violências que viveram e como o grupo foi importante para muitas delas.

Em entrevista com Kamilah Pimentel, produtora da festa Wine e que também havia sido membro do bucepower, ela relata que o grupo foi muito importante para ela, pois sua relação com o corpo passa a ser vista e explorada de maneira positiva, tendo ela feito outro ensaio nu fora do grupo algum tempo depois (em 2016), sendo algumas fotos expostas na página da festa Wine no *Instagram*.

Esta discussão que ocorreu neste grupo do *Facebook* ao qual fazia parte, é em certa medida comum, alguns envolvem discussões construtivas e outras passam

pelo ataque pessoal, deboche e ironia em relação a pessoas que pensam de maneira diferente, sendo este um dos problemas hoje nas discussões destes grupos de militância.

Por vezes pessoas que estão há mais tempo dentro de discussões e já possuem um aparato teórico de leitura grande, tendem a impor seus pareceres baseados nestes, deixando de lado ou ridicularizando outras visões a respeito do mesmo problema ou objeto, esquecendo que é preciso pensar em feminismos ao invés do feminismo enquanto singular e universal.

### 3.3 – Rebolando a *raba*

Durante a pesquisa, no ano de 2016, comecei a participar de outro grupo no *Facebook* no intuito de entrar mais em contato com as discussões do feminismo negro e adquirir mais aprendizado e informações em geral sobre o assunto, este grupo de feministas negras<sup>44</sup>, diferente de alguns outros, aceita a participação de mulheres brancas pelo critério de que estas entendam que o grupo não é um lugar de fala delas (estas participariam das discussões mais como forma de aprendizado), conforme constava na descrição do grupo. Em algumas discussões pude inclusive visualizar que estas mulheres não-negras raramente interagiam nas postagens.

Nesta época (em 2016), uma discussão iniciada por uma mulher negra de 42 anos, iniciou uma postagem no grupo onde questionava o fato das mulheres que dançavam funk e outros ritmos do gênero. A postagem inicial foi, ao final da discussão, editada após algumas horas sendo acrescida ao seu conteúdo uma retratação por parte desta mesma mulher, a princípio a postagem original iniciava da seguinte maneira:

---

<sup>44</sup> Esta discussão completa sobre a temática encontra-se no ANEXO 36, optei por omitir o nome do grupo pois a postagem ainda está online e o grupo encontra-se ativo, buscando evitar expor as participantes da postagem e do grupo.

Figura 21 - POSTAGEM EM GRUPO DE FEMINISTAS NEGRAS

{Vou rebolar minha "" raba""..}

Porque sou empoderada e o corpo é meu...

Não.. você rebola a "" raba"" pra atrair um homem...

Amiguinha..pare de se achar empodera ..fazendo o jogo sujo dos homens..

Você tem a liberdade de usar a roupa que quiser...certo..??

Mas fazer dança do acasalamento se achando ..livre?!

Vulgarizando e reforçando o estereótipos machistas...

O ser sex passa muito longe disso..

Sou uma senhora de 42 anos.

Tô ligada que vou arrumar treta...

Mas de boa sinto que o super poder de empoderamento vai por vias erradas nesse sentido..

Fonte: Facebook, 2016

A discussão que se seguiu foi permeada de tentativas de expor o problema nesta fala, demonstrando o machismo presente nela e as relações que as mulheres negras hoje têm com o seu corpo e suas liberdades, e houve ainda uma série de ataques à responsável pela postagem, chegando a um ponto onde esta fez uma retratação quanto à sua fala e posteriormente, saiu do grupo ao fim do debate.

O posicionamento das mulheres que comentavam a favor da mulher utilizar seu corpo para dançar os ritmos tidos como vulgares, foi parecido à reação dos comentários no grupo das blogueiras.

Parte dos comentários ressaltava que elas dançavam, mas não necessariamente para homens, algumas inclusive disseram ser lésbicas e só frequentavam locais onde havia mulheres e dançavam ainda assim estes ritmos. A questão neste caso *não é apenas de para quem dançar, mas dançar em si*.

Os usos do corpo por mulheres negras geram este tipo de debate e permeiam duas esferas principais: o machismo e o racismo. O corpo feminino é construído socialmente como propriedade do homem e qualquer coisa que ele venha a fazer tem de ser em favor deste, por esta razão, argumentos que salientam que as mulheres estão fazendo algo para o olhar masculino são ressaltados em certas práticas de mulheres, feministas ou não.

A sociedade tende a ver toda prática feminina como uma espécie de oferenda ao sexo masculino, e quando determinadas mulheres usam destas mesmas práticas para se desconstruírem e se reapropriarem de seus corpos, estas são por vezes

acusadas de estarem na verdade fazendo exatamente o que se esperam delas, a ideia de “essencialização” abordada mais à frente parte deste entendimento, onde o natural, a essência das relações está nestes papéis sociais dados onde grupos como mulheres e negros são vistos como subservientes em relação à outros.

É necessário ter em mente, como disse acima, que há feminismos, e as práticas de certas mulheres está justamente relacionada com o meio em que estas vivem. As reivindicações e demandas que irão emergir nestes feminismos, diz respeito a estes lugares de fala de onde estas mulheres se encontram.

Há nos comentários, muita discussão que trazem argumentos advindos da própria academia que podem não fazer sentido nestes grupos de mulheres periféricas, comentários estes que são feitos por mulheres negras também. Se ressaltamos haver diferença entre negros urbanos e rurais (quilombolas ou não), cabe lembrar também que entre os negros urbanos também há diferenças que os separam numa mesma cidade, uma pessoa negra que vive nas áreas mais próximas ao centro da cidade, visualiza uma realidade diferente daqueles que habitam os ambientes periféricos, onde faltam serviços básicos e sobra violência (não que estes outros negros não presenciem a violência quanto a eles próprios, mas ela é de fato diferente).

Em relação ao racismo, a questão que é ressaltada gira em torno de que estas práticas estariam reforçando *estereótipos*, o que não deixa de ser um conceito também tirado da academia dentre muitos estudos que são feitos, principalmente na área de mídia e representação.

Em entrevista com mulheres negras que promovem festas negras em São Paulo onde ritmos como o funk carioca e o *dancehall* são presenças marcadas, sendo estes dois muito semelhantes, estas mulheres afirmaram que não veem a dança ou o fato de tirar fotos como as do Bucepower como algo que resulte num reforço de *estereótipo*.

Estas performances sejam no mundo virtual ou no físico, são vistas como uma forma da mulher se expressar, desta afirmar sua liberdade sexual e corporal. Lembrando que nas festas das quais as feministas abordam aqui, e as quais fiz campo, os ritmos das danças tocadas exigem uma coreografia onde o movimento com o quadril é parte importante nestas, é preciso então liberdade e desconstrução para aceitar que nestas danças precisa de fato “*rebolar a raba*”.

Abaixo vemos algumas das respostas de mulheres negras à postagem feita no grupo das feministas negras:



Figura 22 - COMENTÁRIOS EM RESPOSTA À POSTAGEM



Fonte: Facebook, 2016

Taísa MACHADO (2018), que estuda danças e ministra aulas de funk e *twerk* no Rio de Janeiro – RJ no seu projeto denominado Afrofunk Rio, e que tem entre seus intuitos criar conteúdo e ações para o funk carioca, além de trabalhar com a ideia de uma descolonização do corpo feminino a partir deste mesmo, ressalta sobre o dançar e rebolar que:

Mulheres rebolam, isso não é vanguarda, isso não é um privilégio do tempo presente, é um fato, mulheres rebolam, mulheres rebolam por muitos motivos o principal deles é que nós gostamos, a bunda é nossa e a gente faz o que a gente quiser! (Taísa MACHADO, 2018, não paginado)<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Texto disponível em: < <https://medium.com/@garota/36-000-vezes-uma-puta-burra-bd7cb62ce060>>. Acesso em 09 de novembro de 2018.



A autora expõe ainda sobre o movimento de rebolar que, outras culturas já utilizavam e utilizam a dança com o movimento dos quadris e que o que o torna um padrão cultural ou vulgar depende muito da sociedade, como é o caso da dança do ventre.

Existem lugares no mundo onde diferentemente do Brasil o movimento de rebolar é algo sagrado que simboliza o valor e a força do corpo feminino, alguns países do Continente Africano e da Ásia mantêm esse tipo de dança no campo da virtuosidade cultural. Danças como o Baikoko e Dança Polinésia são bons exemplos disso. (Taísa MACHADO, 2018, não paginado)

Para além dos aspectos culturais Taísa MACHADO (2018) ressalta as vantagens para a saúde de se rebolar, entre elas: “*quando a gente rebola nossa vagina se lubrifica*” (IDEM, 2018) e demarca o fator racial como linha de divisão no julgamento que as pessoas fazem em relação a se rebolar ao ritmo do funk, por exemplo.

Todas as mulheres são julgadas por dançar funk mas a diferença de raça e classe social altera a maneira como esse julgamento se dá: Mulher branca dançando funk: Vulgar, indescendente [sic]. Mulher preta dançando funk: Suja, Burra, Puta. (MACHADO, 2018, não paginado)

A este respeito Cosmic YORUBA (2014)<sup>46</sup> já ressaltava os aspectos dos preconceitos raciais que mulheres sofriam por dançar o *twerk*, por exemplo. A autora relembra o caso da cantora branca americana, Miley Cyrus, que dançou *twerk* em um evento musical e foi elogiada, enquanto outras mulheres negras fazendo o mesmo foram firmemente tachadas de “*ghetto*”, “*mentally challenged*” (algo como: deficiente intelectual ou retardo mental, numa tradução livre), “*disgusting*”, “*useless*”, entre outros, e questiona se dançar *twerk* seria um privilégio branco, mesmo estas e outras danças serem negras. A autora ainda afirma que:

Despite centuries of repression, slavery, subordination and colonisation, these dances continue to thrive and are constantly born

<sup>46</sup> Texto disponível em: <<https://thisisafrika.me/twerk-booty-dancing-seems-a-white-privilege/>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

and reborn in different ways. Today, booty-shaking has become a means through which Black women reclaim ownership of their bodies and assert their sexuality while resisting hetero-patriarchal and racist cultures that seek to repress women's sexuality and/or control women's bodies, not to mention a means to having fun. It is also worth mentioning that it takes a huge amount of skill to do these dances, and this needs to be acknowledged and appreciated (Cosmic YORUBA, 2014, não paginado)<sup>47</sup>

A produtora da festa Batekoo, Renata Prado, também sofreu críticas junto a outras mulheres negras por terem participado de um videoclipe onde aparecem dançando, sendo o personagem principal e protagonista do videoclipe o cantor negro e *rapper* Flávio Renegado, natural de Minas Gerais.

No videoclipe da música “Luxo só” onde o músico é o único homem protagonista, estas mulheres aparecem com roupas curtas, transparentes, e em corpos diversificados, dançando ao redor deste homem que proclama “*acabou o amor, agora é só luxúria*”<sup>48</sup>.

Nos comentários do vídeo em questão, podemos visualizar algumas mulheres negras se posicionando contra em relação ao conteúdo visual do clipe, e apontam sua indignação ao que classificam como “*desrespeito a mulher preta*”, “*desserviço*”, “*objetificação*” e “*hipersexualização*”, sendo estas apenas algumas das classificações encontradas.

O cantor reagiu<sup>49</sup> dizendo que sua intenção era tirar o sexo da pauta do proibido e mostrar que a sociedade precisa debater mais o assunto, há nos comentários também quem se posicione a favor do conteúdo expondo que “*fosse a Rihanna geral estaria achando foda*”.

As críticas que se fizeram ao videoclipe traziam os mesmos argumentos apresentados acima: reforço ao estereótipo e machismo, uma vez que as mulheres do clipe estavam envoltas da sedução daquele único homem presente lá.

<sup>47</sup> Em tradução livre: “Apesar de séculos de repressão, escravidão, subordinação e colonização, essas danças continuam a prosperar e nascem e renascem constantemente de maneiras diferentes. Hoje, o sacudir da bunda tornou-se um meio pelo qual as mulheres negras recuperam a propriedade de seus corpos e afirmam sua sexualidade enquanto resistem a culturas hétero-patriarcais e racistas que buscam reprimir a sexualidade feminina e/ou controlar corpos femininos, sem mencionar a diversão. Também vale a pena mencionar que é preciso muita habilidade para fazer essas danças, e isso precisa ser reconhecido e apreciado”.

<sup>48</sup> Ver videoclipe em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kGJ-gsPPtkQ>>. Acesso em: 05 de novembro de 2018.

<sup>49</sup> Matéria sobre o caso encontra-se disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2017/03/07/noticias-musica,203011/di-pe-luxo-so-de-flavio-renegado-provoca-polemica-por-cenas-de-sexo.shtml>>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

Renata Prado em seu perfil pessoal se posicionou em relação à polêmica que vinha acompanhando, explicando e se posicionando sobre o assunto. Abaixo vemos a postagem que diz:

Figura 23 - POSTAGEM RENATA PRADO

Gravamos. O clipe foi ao ar e começaram as críticas. Algumas bem pertinentes, outras, puro ataque pessoal escondido de recalque. Gostaria que vocês entendessem que, o fato das minas da Batekoo serem seguras o suficiente pra bancar sua liberdade corporal, não significa que todas as mulheres negras se encaixam nesse perfil. Tem mina preta que é mais suave, que não curte usar roupa curta, outras usam roupa curta só na balada etc. Essas mulheres tem que ser respeitadas exatamente como nós, que gostamos de usar roupa curta, de esbanjar nossa pele, de ser ousada... Inclusive, ser mulher provocante é privilégio de mina brancas made in Betty Boop! Para algumas, se a mulher negra ter esse tipo de postura ela tá colaborando com a hiperssexualização do corpo negro.

Se vc não se sentiu representada pelo clipe, tudo bem. Existem outras mulheres negras que se sentiram representadas, que se viram naquelas cenas, que acha importante a presença de mulheres comuns dentro de um trabalho que envolve sensualidade entre pessoas negras. Ainda existe um tabu dentro da esquerda preta quando o assunto é sexo. Para alguns, mostrar o corpo é hiperssexualização, para outros, é liberdade. Ao meu ver, o clipe não está supervalorizando o homem negro (apesar do Renegado ser o centro das atenções), esse trampo está valorizando os corpos negros ali presente, evidenciando nossa beleza diversificada, regado a luxúria e "pegação". Isso é pecado? É hiperssexualização? Nós negros não temos o direito da sexualidade livre (inclusive... tem mina se pegando, se tocando no clipe)? Falando de forma bem escancarada... Então quer dizer que suruba é só um direito dos brancos? 7 mina preta não pode pegar um cara preto, levar para um quarto e geral se pegar que é hiperssexualização? Situações como estas acontecem todo dia, e aí quando é retratada em um clipe, geral acha o cúmulo do absurdo?

Todas as garotas que participaram do clipe tem plena consciência dos seus corpos, da liberdade de ser o que quiser, de mostrar o que bem entender... Pregamos por um feminismo que nos dá o direito de ser o que quisermos, afinal... a luta não é pra isso? Não estamos reforçando a hiperssexualização da mulher negra, estamos afirmando a nossa liberdade corporal e sexual.

Vou terminar o textão com a seguinte reflexão: Muita gente que tá falando mal do clipe, ouve Ninck Minaj e bate palma. Aí quando é a vez das mina da Batekoo de fazer o mesmo que a Nick fala em suas musicas, nós estamos colaborando com a hiperssexualização do corpo da mulher negra? O que vamos fazer com as passistas negras das escolas de samba que são hiperssexualizadas? arrancamos elas das ala das passistas porque os ômi enxerga as mina como pedaço de carne ou lutamos pelo nosso espaço, se impondo com respeito?

Fica aí a dica. Beijos de luz!

Fonte: Facebook Renata Prado, 2017

### 3.4 – Entre a prática e a teoria

Nesta escolha de fazer política através dos corpos algo que perpassa o método das ativistas é o medo da essencialização, neste caso estamos falando sobre o argumento que é utilizado constantemente por estas mulheres negras que se

posicionam nas redes sociais e fora delas também. E esta questão engloba desde a postagem de fotos ao contexto das festas e danças.

Este tabu que gravita em torno da temática pôde ser visualizado em ambos os grupos no Facebook cujas postagens alcançaram mais de 100 comentários, pôde-se visualizar a discussão em torno da temática e as nuances que ela levanta entre feministas negras cujo debate encontrou pontos discordantes quanto às atuações justamente por usar a nudez e a dança como método de ativismo e liberdade.

A crença que estas performances e formas de atuação na dança estariam apenas *reforçando estereótipos*, está muitas vezes ligado à tentativa de se descolar e combater a maneira como a mulher negra é representada no meio midiático, onde por vezes, esta está assumindo papéis que apenas exploram sua sexualidade.

Sobre esta questão RODRIGUES (2001) estabelece em sua análise o que denomina de arquétipos da mulher negra no cinema e um deles que se relaciona às nossas questões seria o da “mulata boazuda”, este arquétipo segundo o autor estaria relacionado com personagens femininas cuja sexualidade estaria em evidência como atributo único.

A preocupação assim, seria de que estas ativistas estivessem apenas caindo na essencialização, quanto a isso GIESBRECHT (2015) analisando grupos culturais negros na cidade de Campinas, onde a questão da essencialização se encontra posta refletindo se esses grupos estariam ainda atuando no campo somente da cultura, *“fazendo ali o que se espera que negros façam, batucar e gingar, como que aceitando um papel raso projetado para eles”* (GIESBRECHT 2015:130).

A essa questão não somente a autora, mas seus agentes respondem afirmando que *“o grupo estava antes se apropriando da visibilidade e dos espaços de reflexão possibilitados por um feriado que, ‘antes de mais nada, chama atenção para a consciência’”* GIESBRECHT (2015:131).

Assim como no caso estudado por GIESBRECHT (2015), acredito que quem performa seja nas festas ou no espaço virtual o faz por acreditar *“nas performances como forma de expressão ideológica e política”* (2015:127), é possível encontrar nestes espaços também pessoas que não estão ligadas politicamente às causas (como ocorreu em campo com a Wine em 17 de março de 2017 onde, em conversa com um jovem branco, este aparentou não saber do intuito da festa). A autora por fim finaliza esta questão da essencialização em campo expondo que,

Há uma estratégia sutil em se dançar memórias, lançando-se mão de uma linguagem não discursiva ou verbalizada, mas diretamente ligada ao mundo sensível. Se ao invés de temer o risco da essencialização nos ativéssemos à potência desse mecanismo para se incorporar costumes, hábitos, valores e verdades, perceberíamos que o corpo é um receptáculo e também um meio poderoso para se produzir narrativas de um grupo social. Basta compreendermos que os usos do corpo não essencializam ninguém; somos nós, quando não conseguimos nos desvencilhar de nossas heranças cristãs/cartesianas, que essencializamos o corpo e compreendemos qualquer ação relacionada a ele como algo de ordem menos elevada. (GIESBRECHT 2015:138)

O temor da essencialização advindo de feministas negras é compreensível tendo em vista o histórico das mulheres negras no período da escravização e a perpetuação da sua figura representada na mídia, mas devo concordar com GIESBRECHT (2015), não apenas como pesquisadora, mas como mulher negra, que estes espaços de atuação e performance agem como apropriação da própria cultura e história pelo meio corpóreo.

Cabe lembrar também que este apontamento do *reforço do estereótipo* não pode se deixar ser cair sobre os ombros das mulheres negras, em entrevista com a cantora Tássia Reis em campo, perguntei o que ela pensava sobre estas questões de que estas mulheres nas festas dançando estariam reforçando estereótipos e sua resposta acredito que expõe o que muitas mulheres que encontrei em campo e no meio virtual pensam:

...acho que eu entendo essas festas e as manifestações corporais como uma forma de liberdade, uma forma de expressão nossa, uma origem ancestral e deve ser muito respeitada por isso, quem hipersexualiza os nossos corpos não é a gente, é o padrão branco que fetichiza as coisas, que tem fetiche das coisas e menospreza a nossa cultura, a gente tá aqui exaltando os nossos corpos, é diferente, a gente tá se divertindo, eu venho das danças urbanas, dançar pra mim é um pilar da minha vida. (Tássia REIS, 2017)<sup>50</sup>

O debate a respeito da sexualidade da mulher negra parece ainda ser um campo sensível de discussão onde encontramos duas extremidades que apontam para questões importantes, e estas duas extremidades estão entre o corpo individual e o movimento político, práticas que se desejam, mas se temem dado o risco que

<sup>50</sup> A entrevista encontra-se disponível no apêndice 2.



podem se expor seja na sociedade ou dentro da própria militância. Sobre estas práticas GIESBRECHT (2015) conclui que,

Acredito que os participantes dessas comunidades musicais negras invistam no corpo sensório, despertado pela música e pela dança, as dimensões mais importantes de suas vidas. Empregam-no como uma forma altamente eficaz de apropriação da própria história e cultura e, ao incorporá-la, se valem de todas as capacidades do corpo para retransmiti-la. Quem sabe não seria essa a grande lição, para nós, que olhamos de fora? Remeter ao corpo questões mais caras, explorar suas capacidades de interação, mobilização e posicionamentos diante do mundo é justamente desessencializa-lo, mostrar que ele não é da ordem das coisas “naturais”, “bestiais”, “pecaminosas”, mas um poderoso instrumento para se pensar e viver na cultura. GIESBRECHT (2015:138)

Entendendo as festas enquanto mobilizações culturais políticas é possível então compreender porque as performances dos agentes ocorrem nestas também, *“as performances produzem efeitos, reflexões, orientações e reposicionamento diante do mundo”* (GIESBRECHT 2015:130), o intuito desses agentes pode-se dizer ser o de confrontar a forma como identidades de gênero e sexualidade são pensadas, utilizando o próprio corpo para se posicionar e performar suas identidades enquanto agentes da ação, ou seja, indivíduos conscientes quanto sua atuação naquele determinado espaço.

Apesar dos debates entre feministas negras sobre a questão de a sexualidade girar por vezes entre extremos, é apontada como necessária uma discussão renovada dentro do movimento feminista a respeito da sexualidade conforme aponta HOOKS (2000).

Segundo a autora, na década de 1980 as discussões que giravam em torno do tema tomaram rumos diferentes distanciando-se da política de liberdade sexual feminista tendo algumas feministas se tornado conservadoras e até defensoras do celibato mudando radicalmente o movimento que passou a ser visto principalmente como anti-sexo:

Practically all radical feminist discussion of sexuality ceased when women within the movement began to fight over the issue of whether or not one could be a liberated woman, whether lesbian or heterosexual, and engage in the practice of sexual sadomasochism. Tied to this issue were differences of opinion about the meaning and

significance of patriarchal pornography. Faced with issues powerful enough to divide and disrupt the movement, by the late '80s most radical feminist dialogues about sexuality were no longer public; they took place privately. Talking about sexuality publicly had devastated the movement. [...] Visionary feminist discourse on sexual passion and pleasure has been pushed into the background, ignored by almost everyone. In its place females and males continue to rely on patriarchal models of sexual freedom<sup>51</sup>. (HOOKS, 2000, pág. 89)

Estas questões que a autora aponta parecem em certa medida se reproduzirem, mas de maneira diferente, as discussões sobre a sexualidade da mulher negra geram, como vimos, debates que tangem a agressão verbal, se algo “errado” é posto em questão a discussão assume imposições de pensamentos e não um debate de construção e trocas.

Corpo e política já foram objeto de investigação dentro da perspectiva virtual, trabalhos como o de CERIANE & RUEDA (2016) trazem um recorte de investigação levando em conta o uso dos meios digitais tais como internet e rede sociais.

Es indudable que el uso en directo de las nuevas tecnologías de la imagen, el sonido, la comunicación y la cibernética irrumpe en la escena contemporánea y sus prácticas, siguiendo una lógica ineludible hacia la experimentación del fenómeno de la temporalidad y la especialidad con cuerpos que se desdoblan, se ficcionalizan en este influjo de la exposición pública. (CERIANE&RUEDA, 2016:03)

A estratégia de utilizar os meios digitais como forma de fazer política do corpo e o cyberativismo demonstram que o uso dos espaços virtuais serve como aliados na organização de uma biopolítica no mundo contemporâneo. SILVA (2016) argumenta que *“o corpo performático feminino aparece dentro de um esforço de causar curtos-circuitos que o retiram da lógica dicotômica, biodeterminada, para criar novas formas de ser, sentir e apresentar”* (SILVA, 2016:740).

---

<sup>51</sup> Em tradução livre: “Praticamente toda discussão feminista radical da sexualidade cessou quando as mulheres dentro do movimento começaram a brigar sobre a questão de saber se alguém poderia ou não ser uma mulher liberada, seja lésbica ou heterossexual, e se envolver na prática do sadomasoquismo sexual. Ligados a essa questão estavam as diferenças de opinião sobre o significado e a importância da pornografia patriarcal. Diante de questões suficientemente poderosas para dividir e interromper o movimento, no final dos anos 80, os diálogos feministas mais radicais sobre sexualidade não eram mais públicos; eles ocorriam em particular. Falar sobre sexualidade publicamente havia devastado o movimento. [...] O discurso feminista visionário sobre paixão sexual e prazer foi colocado em segundo plano, ignorado por quase todos. Em seu lugar, mulheres e homens continuam a confiar em modelos patriarcais de liberdade sexual.”



A prática do uso de exposição de fotos nuas pelas jovens do Bucepower demarca uma das maneiras encontradas para trazer a questão da sexualidade da mulher negra ao debate, se tratando assim, dos usos do corpo por mulheres que estão fora dos meios midiáticos.

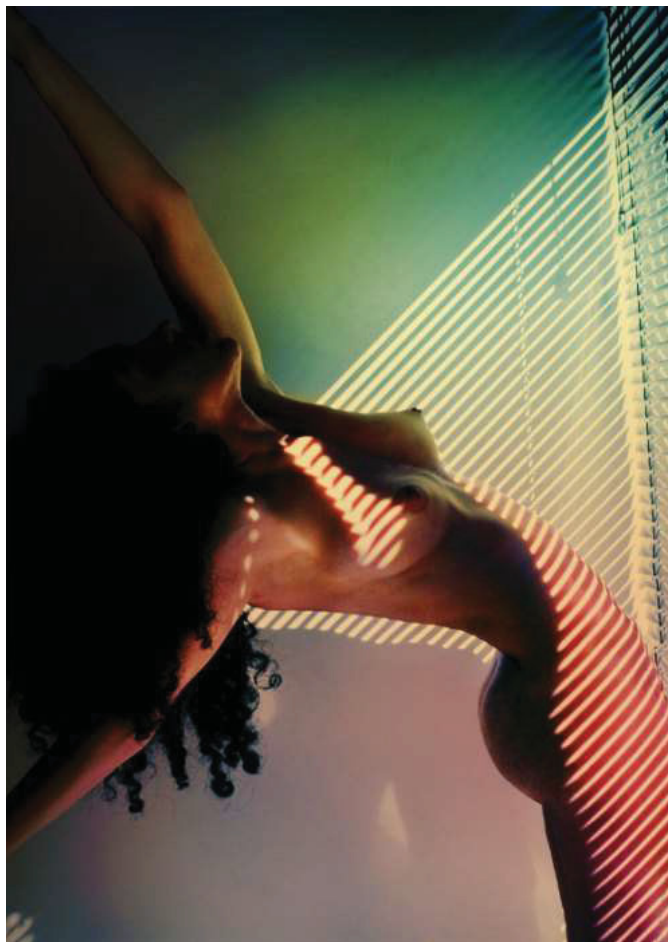
O corpo entra em cena na discussão, e neste caso, vemos mulheres periféricas que buscam expor suas vontades, mesmo que para isso cobre-se delas questões que ainda parecem de alto custo, e que estas sejam acusadas por outras mulheres negras de *reforçar estereótipos*. Discutir a nudez do corpo na sociedade, inclusive dentro dos movimentos é uma questão cara, mas necessária.

No debate ocorrido no evento Wine na mesa em 2016, Lay expôs que “*o nude no undreground ele causou e desconstruiu*” e que ainda “*era muito marginalizado quem ousava se expor*”, dado os comentários que encontramos tanto de mulheres negras e militantes como os de homens, vemos que de fato isto ocorre, o corpo negro ainda é marginalizado e alvo de chacota, mas este mesmo corpo ainda é um espaço de resistência e precisa ser usado como tal, mesmo que seja desafiando os medos do próprio grupo ao qual pertence.

Concordo com Lay em relação a questão do “*nude no underground*”, acredito que esta questão só poderia ser posta, debatida e desconstruída se fosse exposta pelas próprias mulheres negras que vivenciam seus corpos e suas vontades quanto a esses. As questões da sexualidade do corpo feminino precisam ser tratadas internamente, com essas pessoas que estão fora do grande público midiático e que são atingidas diretamente pelos padrões históricos construídos sobre seus corpos, e que quando não debatidos e expostos tendem a se reproduzir perpetuamente. E no *underground* a questão alcança justamente para esse público, que tira foto no espelho, na favela, no banheiro de casa, no muro sem reboco, etc., ou seja, na sua realidade nua e crua, em todos os sentidos.

Na discussão no grupo das blogueiras negras, uma jovem dizia que as fotos de mulheres negras poderiam ser feitas em outros moldes mais delicados e artísticos, num sentido quase poético. Esta participante enviou ao grupo um link com uma imagem que servia de exemplo desta visão que ela tentava passar. Abaixo vemos a foto da qual a jovem se referia:

Figura 24 – IMAGEM DE EXEMPLO DO BLOGUEIRAS NEGRAS



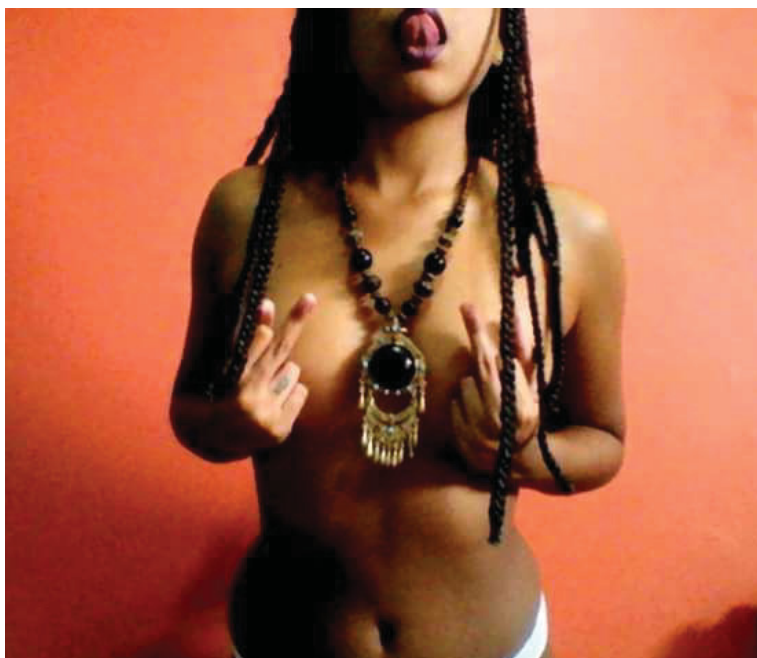
Fonte: Facebook Blogueiras negras, 2015/Google

A imagem de fato é bonita e artística/poética, mas é importante lembrar que esta imagem e esta descrição que a participante dá de exemplo, é apenas outro padrão do aceitável, os padrões possuem armadilhas que podem nos capturar rapidamente, como um cavalo de Tróia no movimento.

Argumentos como este que acabam por ressaltar o lado artístico, demonstram que algumas mulheres não conseguem se desvincular de uma intenção de construir a partir de um modelo “artístico”, admirável e aceitável socialmente.

As fotos da Bucepower Gang retratam mulheres negras e periféricas, as fotos em sua maioria sem filtro e tratamento, independente das poses serem ou não nos moldes dedicados à públicos masculinos, o que se evidencia aqui é a imagem do que é aceitável para um corpo negro estar exposto. Abaixo vemos alguns exemplos de fotos que eram compartilhadas no Tumblr do Bucepower:

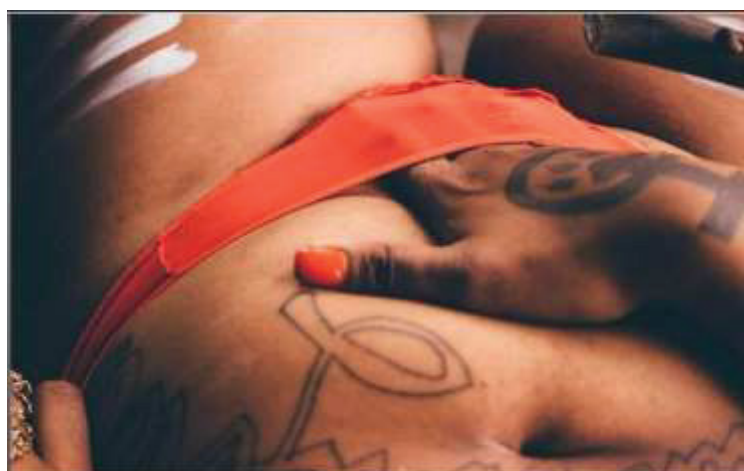
Figura 25 – FOTOS DAS BUCEPOWERS







preta, gorda, com estrias, e vai ter selfie sim!  
#somostodaslindas



Onde tá o pecado em querer se sentir mulher?

A política associada a realidade crua dos corpos choca, algumas pessoas não conseguem ainda enxergar a beleza e a coragem de quem ousa se desconstruir, esquecem que na periferia a beleza tem outra cara e vivência. Trata-se neste momento de enfraquecer e subverter o olhar do outro, olhar para além desta opressão histórica (o que não significa que por esta razão se está agindo com negligência quanto a esta) e trazer o olhar para si enquanto pessoa, sujeito da ação.

As participantes do bucepower relatam como foi benéfico e transformador a participação no grupo, o que abriu caminho não apenas para as discussões a respeito da sexualidade, mas também para outras questões relacionadas ao feminismo e às questões raciais, além de operar uma transformação enquanto pessoa. Trazendo assim uma liberdade para seus corpos e uma nova forma de visão de mundo.

Mais acima HOOKS (2000) cita como o movimento feminista foi devastado dado as discussões de sexualidade que eram feitas publicamente, isto é, estas discussões estavam num nível público midiático, assim, muitas destas discussões saíram da esfera do debate entre as feministas gerando problemas que culminaram no esquecimento do debate.

Em uma discussão na universidade um colega de curso dizia que concordava com a autora e acreditava que sexualidade não é algo para ser feito em público (no sentido midiático, mas dentro dos grupos que interessam estes debates), devo concordar com ele, acredito que as discussões devem ser feitas com quem interessa estes assuntos, pensar o que o outro de fora acha é um outro passo, e talvez nem necessário.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- CASTRO, Fabiana Leonel de. **Negras jovens feministas: sexualidade, imagens e vivências**. Salvador, 2010. Dissertação de mestrado. 132 fl.
- CERIANI, María Alejandra & RUEDA, María de los Ángeles de. **El cuerpo en la tecnología - la tecnología en el cuerpo**. Objeto de conferencia - VIII Jornadas de Investigación en Disciplinas Artísticas y Projectuales (La Plata, 6 y 7 de octubre de 2016). Facultad de Bellas Artes. 09 pg. Disponível em: <<http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/57346>>. Acesso em 28 de março de 2017.
- CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata**. Cadernos Pagu, n. 6-7, p. 35-50, 1996.
- CUNHA, Olivia. M. Gomes da. **Depois da festa – Movimentos negros e políticas de identidade” no Brasil**. In: Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos – novas leituras / Organizadores: Arturo Escobar, Evelina Dagnino & Sonia E. Alvarez. Editora UFMG. p. 333-380, 2000.
- DAVIS, Angela Y. **As mulheres negras na construção de uma nova utopia**. Conferência realizada na 1ª Jornada Cultural Lélia Gonzalez em 13 de dezembro de 1997, em São Luís (MA).
- FERNANDES, Danubia de Andrade. **O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude**. Estudos Feministas, Florianópolis, 24(3): 691-713, setembro-dezembro/2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1999.
- GIESBRECHT, Érica. **Entre os limites da pele negra: respostas corporizadas aos temores da essencialização**. Cadernos de Arte e Antropologia [Online], Vol. 4, No 2, 2015. Disponível em: <<http://cadernosaa.revues.org/981>>. Acesso em: 17 de março 2017.
- HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. In: Revista Estudos Feministas, n.2, Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- HOOKS, Bell. **A Feminist Sexual Politic: an ethics of mutual freedom**. in: HOOKS, Bell. Feminism is for everybody: passionate politics. South End Press. Cambridge, MA, pg. 85-92, 2000.

LAY. **Wine na mesa**. São Paulo, 2016. Palestra proferida no Aparelha Luzia.

MACHADO, Taísa. **36.000 vezes uma puta burra**. Disponível em: <https://medium.com/@garota/36-000-vezes-uma-puta-burra-bd7cb62ce060> .

Acesso em: 09 de novembro de 2018. 2018

REIS, Tássia. **Wine, a festa**. São Paulo, 2017. Entrevista.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

SANTOS-FEBRES, Mayra. **Mais mulher que todas**. In: Revista da ABPN. v. 1, n. 1 - mar-jun de 2010. p.78-87.

SILVA, Tarcisio Torres. **A biopolítica do corpo feminino em estratégias contemporâneas de ativismo digital**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 739-759, set. 2016. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/46747/32492>. Acesso em: 28 mar. 2017.

YORUBA, Cosmic. **Twerk: booty-dancing a white privilege?**. Disponível em: <https://thisisafrica.me/twerk-booty-dancing-seems-a-white-privilege/>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019. 2014

## Internet

<http://bucepowergang.tumblr.com/>

[www.facebook.com](http://www.facebook.com)

<https://www.facebook.com/renattaprado/posts/1861823940768902>

[https://www.vice.com/pt\\_br/article/vv4xgx/a-bucepower-gang-a-nova-geracao-de-feminismo-no-tumblr](https://www.vice.com/pt_br/article/vv4xgx/a-bucepower-gang-a-nova-geracao-de-feminismo-no-tumblr)



## EPÍLOGO

Estar lá, estar aqui...essa, acredito ser uma maneira de descrever não apenas um sentimento, mas uma realidade a qual faço parte, e descreve ainda uma posição social marcada por uma mudança social em curso.

“Lá” e “aqui” podem ser utilizados de uma maneira flexível, pois variam de sentido de acordo com onde se está no momento da fala, do pensamento, da geografia...

Neste caso, “lá e “aqui” são a universidade e a periferia, dois espaços distintos na sociedade, que apontam para uma dualidade, onde temos a elite/privilégio de um lado e marginalizados/desvantagem de outro.

E neste processo onde as cotas raciais e sociais são responsáveis por dar oportunidades para estes que se encontram em uma posição inferior na sociedade, estes alunos cotistas estão ligados a estes dois espaços distintos, extremos e incertos. Como neófitos caminhando na estrutura.

Certo é que, o deslocamento destes indivíduos causa impactos e estes ambientes se contaminam um do outro, tal como descrevi no prólogo, escrevivências vão se ajuntando lá e aqui.

Para além dos impactos intelectuais, a realidade da universidade em nossas vidas e famílias também se fez presente. Não foram poucos os casos que ouvi falar e que estiveram próximos de mim, de alunos com algum tipo de doença psicológica causada ou potencializada após a entrada na universidade.

Quando se vem de uma realidade onde os cuidados com a saúde são escassos ou básicos, como se explica para sua família os casos de ansiedade e depressão pelos quais se passa?

Pobre não fica doente, pelo menos não disso, você pode pegar gripe, mas depressão jamais, não se pega o que não se tem dinheiro pra tratar, nesses casos só pode ser frescura, como já ouvi falar por aí (tanto lá como aqui).

A universidade pode ser um ambiente hostil também, pois nela muitos integrantes das classes altas (e aqui incluo alguns professores também) que a ela

tinham acesso constante vão ver com maus olhos, desconfiança, desprestígio (*“pelo nível das provas eu posso dizer quem estudou em escola pública e quem estudou em escola particular”*<sup>52</sup>) e deslegitimar a presença destes alunos. **FORA MACACOS COTISTAS!**

Quando entrei na universidade no primeiro vestibular em que as cotas raciais e sociais foram instauradas (2004/2005), elas eram o assunto do momento, falava-se das cotas e dos cotistas, nas salas de aula, nos corredores...ouve quem relatou ter ouvido alunos conversando na fila do restaurante universitário sobre uma *“caça aos cotistas”*.

O que faziam estes alunos? Acredito que queriam saber quem eram para expô-los, fazê-los motivo de chacota, mas muitos dos alunos cotistas que conheci não tinham vergonha de admitir terem entrado pelo sistema de cotas, para nós era uma oportunidade, um passo para uma mudança de vida, qual a vergonha em se querer estudar?

Quando se é negro fica evidente a possibilidade de você ser um aluno cotista, e os olhares sobre esse ser diferente, na época eram evidentes, éramos novamente os exóticos. Com o passar dos anos me parece que as pessoas não debatem mais as cotas como era nesse primeiro momento, talvez por já terem se acostumado em certo grau com esse processo.

E enquanto negros e periféricos o que tínhamos pra apresentar nessas conversas sobre as cotas era apenas as experiências de nossas vivências, uma vez que, não tínhamos conhecimento teórico de qualquer tipo que fomentasse mais estes debates (na escola só sabíamos da escravidão). E nestas conversas em geral as pessoas se diziam contrárias às cotas para negros, mas estas pessoas também não tinham muito a acrescentar porque era evidente que elas também não tinham muito conhecimento. Estávamos num mesmo barco de conhecimento teórico, que se dividia entre aqueles que são ouvidos e legitimados (quem será?) e os que trazem experiências reais de vida e conhecimento de causa.

---

<sup>52</sup> Prof.<sup>a</sup> Dra. em Antropologia e em desvendar classes sociais pela escrita.

Quando descrevo minha entrada na universidade costumo dizer que “entrei meio que na loka”, ou seja, fui fazendo sem entender muito bem como os processos funcionavam, e entendendo conforme eles foram acontecendo.

Uma prima minha de mesma idade chegou um dia em casa no ano em que concluímos o segundo grau, e me falou que tinha achado um cursinho pré-vestibular onde você fazia uma prova e dependendo da quantidade de acertos recebia um desconto equivalente. Minhas dúvidas eram: “mas o que é vestibular? Pré-vestibular? É obrigado a fazer esse cursinho pra entrar na universidade? Mas como que entra lá? Vestibular?”

Depois da terceira vez que ela me explicou tudo falei pra ela que ia ver e peguei o papel com o local e dia da prova, mas não tinha entendido nada daquela história de vestibular e pré-vestibular.

Parte da dificuldade de entendimento sobre o processo de entrada na universidade acontece justamente porque a informação não chegava até nós, não havia no meu tempo incentivo mesmo na escola.

Quando se vive num ambiente social e familiar mais periférico (estou falando aqui da minha realidade, da minha quebrada) você não é estimulado a estudar muito porque isso não tem uso naquele espaço, o término dos estudos serve apenas para preencher um requisito do mercado (o tal do 2º grau completo), o que não garantiria um emprego melhor, mas talvez um emprego.

Além do mais, a geração dos nossos pais muitas vezes teve menos estudo que nós, o trabalho é assim um demarcador lógico, traz o sustento e a sobrevivência.

À época me preparava pra procurar um emprego, o que faria com certo atraso, já que muitos com menos de 17 anos já estavam empregados e tinham largado os estudos, ou terminavam eles em conjunto.

Acabei fazendo o tal cursinho pré-vestibular de maneira despretensiosa, e fiz só porque minha mãe costumava dizer que eu não me interessava por nada (o que não era verdade, eu me interessava pelas artes em geral, queria fazer teatro, o que minha mãe descobriu não dar muito sustento também).

No cursinho um professor falava sobre a importância das cotas, vi na tv que as inscrições podiam ser feitas no prédio histórico (nem todo mundo tinha internet e computador na época).

No dia em que fui fazer a inscrição a moça me perguntou se eu queria fazer por cotas – sim, cotas para negros, – cor de pele: preta ou parda? (Nunca tinha pensado nisso, sempre me reconheci com negra, não sabia que havia essa divisão), – parda (não era branca como meu pai e nem tão negra como minha mãe, foi meu raciocínio na hora).

Optei pelo curso de Terapia Ocupacional porque no manual da época dizia que já se fazia estágio no segundo ano (achei que era remunerado, e assim aquela lógica do trabalho se cumpriria). Vi o resultado final do vestibular na agência do trabalhador onde era permitido utilizar os computadores e a internet por um certo período de tempo, lembro que ao ver o resultado meu pensamento foi: “e agora o que é que eu vou fazer?”

O sentimento era mais de perplexidade do que de alegria. Como se sentir feliz por algo que não estava em seus planos, seus sonhos, sua realidade? O que começou de maneira despretensiosa tomava forma, quem na minha família poderia me explicar o que isso significava? Ninguém, ninguém antes de mim havia ido tão longe...e na loka.

Obtinha tão pouco conhecimento sobre tudo isso que quase perdi a matrícula, pois achava que era só ir no dia que começavam as aulas e estava tudo bem. Novamente aquela minha prima me falou que eu tinha que ir fazer a matrícula, que cada curso tinha um dia e horário certo.

Fui numa *lan house* e por sorte o meu era no dia seguinte (terça-feira), mas não vi toda informação e fui fazer a matrícula sem levar os documentos precisos, tive que assinar um termo me comprometendo a levá-los em até 3 dias.

Gostei do curso em questão, mas não me reconhecia naquele ambiente, não me sentia parte dele, por mais que as pessoas fossem gentis elas não eram meus iguais, eu não conseguia me integrar.

Durante as primeiras semanas na universidade não tínhamos carteirinha estudantil, uma das meninas do curso sugeriu que fossemos comer no McDonalds,

aquilo me pareceu estranho no mínimo, pois nunca havia ido num McDonalds antes. E fiquei preocupada com o possível valor já que minha mãe havia me dado R\$ 50,00 para passar a semana, acabamos comendo num restaurante perto da rua XV, mas acho que o valor teria sido parecido, já que tinha vinte reais a menos na minha semana. Novas experiências começavam a ocorrer.

Neste primeiro ano de curso um programa novo de auxílio entrava em vigor na universidade: Programa Afroatitude, destinado aos alunos cotistas negros. Recebi o panfleto com as informações em casa no horário que estava em aula, e neste mesmo dia no horário da aula da tarde a outra aluna cotista do curso, Alcione, veio me falar sobre o programa e me incentivou a me inscrever. Posteriormente, fomos ambas selecionadas e passaríamos então a receber uma bolsa-auxílio de R\$ 245,00, pelo período de um ano.

No Afroatitude me senti integrada, assim como alguns colegas, um amigo meu disse certa vez que gostava mais do Afroatitude do que do curso que estava fazendo, assim, se esforça para ir aos encontros mais do que nas aulas, talvez ele também não se sentisse integrado no ambiente do seu curso. Dentre meus amigos que fiz na universidade, os mais antigos que mantenho contato e são mais próximos são os que conheci no programa.

O programa era mantido pelo Ministério da Saúde, por esta razão uma das nossas atividades consistia em fazer oficinas de sexo seguro em eventos da universidade, onde demonstrávamos os diversos tipos de preservativos e as maneiras corretas de se usar. Incluso no programa estava a participação em palestras/aulas que abordavam as relações raciais em diversos temas.

Uma amiga disse certa vez, quando estávamos em Antonina no festival onde a nossa oficina estaria presente, que passou a aceitar e explorar mais sua identidade negra depois da participação no programa.

O conhecimento sobre nossa identidade e os estudos sobre relações raciais quando se está fora deste ambiente universitário, se dá/dava muitas vezes de maneira autodidata, uma vez que nem toda escola vai além do previsto, mas acredito que isto vem mudando já que muitos colegas licenciados destas turmas de cotistas já voltam ao ambiente escolar com outras informações e disposição.

Na Terapia Ocupacional, tive aulas de Sociologia da saúde e Antropologia da saúde, assim fiquei conhecendo as Ciências Sociais. Havia comentado com aquela minha prima (de novo ela) que não estava gostando muito do curso (não sabia definir bem na época que não era o curso o problema), e ela me disse que tinha um processo dentro da universidade para mudança deste para outro, me inscrevi então no PROVAR e passei a cursar no ano seguinte Ciências Sociais, me sentia mais entre iguais agora.

No mesmo período a bolsa do Afroatitude acabou e os alunos foram divididos entre os professores do programa, e agora faziam parte da bolsa permanência no valor de R\$ 210,00, e assim desenvolveram atividades conforme o grupo que estavam. Eu fui designada ao NEAB, que dava seus primeiros passos pois era recém fundado.

Neste local desenvolvi pesquisas e reforcei ainda mais os laços com aqueles que lá estiveram ao meu lado, já que muitas vezes ficávamos no núcleo para poder usar o computador e a internet, além de esperar entre um período e outro quando tínhamos aula de manhã e à noite no mesmo dia (voltar para casa e gastar mais passagens estava fora de questão).

Junto com o Afroatitude e o NEAB tive a oportunidade de viajar para fora do estado pela primeira vez, e fui a tantas quanto pude, sei que alguns amigos de ambos os grupos teriam ido também em todas as viagens possíveis, mas nem sempre a grana dava, né?!

Conheço gente que desenvolveu pesquisa e se formou e nunca participou de um congresso sequer, e na hora de se inscrever para a pós-graduação estava em desvantagem.

Foi no NEAB também que formamos depois de muitas conversas e insatisfações, o primeiro coletivo de estudantes negros da universidade (pelo menos assim sabemos) em 2012. O Coletivo Sou Neguinh@, este esteve mais em atividade entre 2012 a 2015, em 2016 alguns membros já haviam se formado e retornavam aos seus estados ou assumiam outras atividades profissionais, desenvolvemos então uma ação mais virtual, pelas redes sociais do Coletivo.



Esta experiência aproximou ainda mais nossos laços e pesquisas, promovemos o Cinegro que era seguido de debates, protestos, grupos de estudos, reuniões quinzenais, etc.

As bolsas de auxílio foram importantes para nossa formação, mas as pesquisas e estes laços entre iguais também, do pessoal presente no coletivo todos se encaminharam aos cursos de pós-graduação, sempre com o apoio dos demais e de alguns professores que encontramos no caminho.

Do Afroatitude haviam duas amigas minhas que moravam na CEUC – Casa da Estudante Universitária de Curitiba, falando com elas a respeito descobri que poderia me inscrever para morar lá também, pois o deslocamento e os custos seriam melhores para mim, além é claro, de poder curtir mais a vida noturna que nesse período da juventude faz parte.

Passei em 2008 para o quadro de moradoras da Casa, outra experiência nova, sair de casa e morar fora. Dois anos depois as obrigações enquanto moradora determinavam que eu deveria assumir um cargo na administração desta (a casa é privada e gerida pelas moradoras, apesar do prédio ser da universidade).

Me inscrevi como 1ª Secretária, acima de mim estavam a presidente e a vice. A presidente da gestão teve problemas com o conselho da Casa e acabou por deixá-la, tendo inclusive feito a mudança de gênero um tempo depois, a vice foi selecionada para um intercâmbio e deixou a Casa também, antes disso a última assembleia que ela participou foi a que me designou como presidente (minha opção era aceitar o cargo ou chamar uma nova eleição).

A experiência foi gratificante, presidi a casa na gestão 2010/2011 e novamente de 2012/2013, esta última gestão aconteceu com mais percalços pois a greve de 3 meses na universidade fez com que muitas moradoras fossem para suas casas, e quem ficou nem sempre estava disposta a fazer muita coisa, eu estagiava na época e já havia sido chamada a atenção por atrasos e faltas que ocorriam quando estava resolvendo problemas da Casa. Gerir pessoas e administrar uma Casa foi uma nova descoberta de algo que gostava de fazer e não sabia.

Em relação às pesquisas que estive envolvida, pesquisei inicialmente no NEAB sobre publicidade, depois sobre as agências, cinema e por fim sobre o processo

do quilombo Paiol de Telha, monitorei os cursos de especialização sobre relações raciais que ocorriam aos sábados, eventos, entre outras atividades administrativas desenvolvidas.

Minha saída do núcleo se deu por volta de 2008 quando resolvi me inscrever na bolsa permanência e na Biblioteca Pública do Paraná para estágio. O problema na época, era que no ano anterior estávamos ligados à bolsa da Fundação Araucária, porém ocorriam atrasos nos pagamentos e acabávamos por receber de dois em dois meses as duas bolsas junto.

Como não estava morando no centro ainda, tinha que me programar segundo os atrasos, quando o dinheiro caía na conta tinha que comprar as passagens de ônibus já para os dois meses (como morava na região metropolitana não tinha direito ao cartão de estudante, mas a gente sempre dá um jeitinho), para o restaurante universitário, para o xerox e outras coisas o que sobrasse.

Muitas vezes não sobrava para o xerox, minha escolha era colocar as passagens e ir às aulas e coletar as informações no caderno, por coincidência irônica a bolsa caía justamente no período prévio de provas, então tirava todos os xerox das matérias, lia e as fazia.

Nesta mesma época, cursava uma disciplina cuja professora tinha por costume passar nas carteiras e perguntar para os alunos se eles tinham lido o texto quando muitos pareciam não interagir nas discussões em sala. Por “sorte” ela não perguntava o porquê de não ter lido, seria por demais ter que expor tal situação da qual não tínhamos controle.

Demorei mais tempo que o previsto para me formar, justamente por demorar a entender como muitas coisas funcionavam lá, e por hesitações que tive durante o curso, chega um momento que as pressões de lá e aqui nos cansam e começamos a pensar se deveríamos de fato estar lá.

Os impactos psicológicos da universidade na nossa vida são grandes, conheci amigos cotistas que saíram dela para não voltar, outros também demoraram a se formar, teve quem tentou o suicídio, e quem pôde procurou ajuda.

As expectativas são cobradas lá e aqui, e quando se é um aluno negro e cotista sua opção não é ser bom, mas o melhor, para provar que sua presença lá é

justa, que não desqualifica o curso ou a universidade (e sei que muitos alunos por mais que não queiram se esforçam para provar isso, mesmo sabendo o quão bom são e o quanto sua presença lá é legítima).

No ambiente familiar as expectativas são que você se forme para que o retorno financeiro dessa engajada nos estudos se justifique. Minha mãe por vezes me perguntou: “*quando você vai se formar pra me ajudar?*”. Um amigo do Direito assim como tantos outros relataram o mesmo.

Estudar pra quê? Essa não era uma possibilidade nem uma realidade.

Os alunos que entraram nas universidades desde a instauração das cotas mudaram não apenas suas trajetórias de vida, mas trouxeram também suas realidades, perspectivas, e pesquisas sobre temáticas diversas.

Comecei a me interessar mais por relações raciais depois das pesquisas e participação dos grupos em que fiz parte, a temática do feminismo só me interessou no ano de 2012 quando resolvi ler a respeito para saber do que se tratava aquilo, meu olhar tinha um pré-conceito quanto a questão. Encontrei no feminismo negro interseccional minha vertente de maior sentido.

Essa questão do feminismo na universidade também se difere dado as origens dos sujeitos. Certa vez no CAL – Centro Acadêmico de Letras, havia uma inscrição na parede: “*deixa o batom vermelho*”, não tinha entendido qual era o sentido daquilo, um tempo depois soube de um vídeo onde a protagonista deste (JoutJout) relatava a história de uma amiga cujo namorado a teria feito tirar o batom por ser vermelho, ao que JoutJout explicava no vídeo o porquê de deixar o batom e a relação de abuso em tal pedido do outro.

Meu estranhamento com a frase na parede se deu porque onde eu moro sempre foi normal usar batom vermelho, lápis no olho, *shorts* curtos, top, decotes, etc., fosse para ir aos bailes, fosse para ir trabalhar ou ir à aula.

Inclusive nos primeiros anos da faculdade eu utilizava batom vermelho com frequência, o que levou alguns amigos próximos pertencentes ao candomblé, entre outros não pertencentes, a me chamar carinhosamente de: “Pomba Gira”, juntando a isso o fato de eu nunca ter tido muitos pudores ao falar sobre assuntos que envolviam a sexualidade, sendo este apenas um entre outros nomes.

A sexualidade sempre me foi visto como algo a se explorar e não a se temer. Nunca liguei ou achei ruim tal denominação, até porque o arquétipo da Pomba Gira sempre me pareceu muito próximo com a minha personalidade.

O fato é que, corpos negros e periféricos quando se deslocam de ambiente encontram práticas outras que não fazem parte do usual de alguns. A diferença se dá quando presenciamos que o que nos é normal, para o outro(a) é uma transgressão de um padrão social, aí só pode ser coisa de Pomba Gira mesmo. A liberdade também tem outros nomes!

Enfim, quero destacar aqui que as pesquisas de alunos negros (as) inclusive nos cursos de pós-graduação, trazem não apenas novos temas e olhares, mas a formação de uma nova bibliografia sobre as temáticas raciais, podem incentivar o complemento do acervo universitário (quando fui escrever meu projeto de mestrado, não encontrei nenhum livro de feministas negras na biblioteca da UFPR, apesar da universidade possuir um núcleo de pesquisa de feminismo há 20 anos, assim podemos questionar o que se pesquisava, quem e para quem?), além é claro de formar novos professores para o ensino médio e superior.

Por fim, esses dois ambientes nos deslocam e nos colocam em duas posições, somos parte de uma elite que alcança o ensino superior, mas ainda não somos da elite econômica, e estamos mais ainda na elite quando alcançamos os níveis de pós-graduação.

“Elite”, palavra esta que expressa ambiguidades, estamos lá, mas não estamos, estamos aqui, mas nem tanto.

As deslocações nos colocam em ambientes distintos, somos e estamos. Meu sentimento é de ser um ser limiar, mas cujo processo ritual parece não se finalizar de fato. Permanecemos nesta posição para que a próxima geração possa desfrutar de algum privilégio, suporte, preparo...enfim, possam ter o aporte para que a universidade se torne uma realidade nas suas vidas, e que possamos passar informações que não tivemos, que os nossos filhos não precisem crescer em ambientes tão extremos.

Carregamos a violência conosco...lá e aqui, nestas deslocções pensei muitas vezes o quanto dela seria seguro escorrer pela minha boca, o quanto podemos falar das violências a qual somos testemunhas?

Nestes ambientes de constante violência aprendemos a lidar com outros códigos sociais. Aqui, não conhecemos, não sabemos, não vimos...não saber é saber, mas apenas o suficiente para estar envolvido e não se envolver, compreende? Não? Só estando aqui pra saber.

Certa vez em uma reunião de bolsistas, o professor me disse que eu parecia estar triste ultimamente. Fiquei surpresa!!! Como que pega em flagrante, me dei conta da minha falha em disfarçar tal sentimento, deslizei e entristeci sem máscaras (um amigo havia sido assassinado em um acerto de contas junto com seu irmão havia uns 4 meses), no mesmo período uma amiga havia percebido e indagado sobre minha aparente tristeza também. Ao professor falei que era apenas cansaço, à amiga falei a verdade, mas por cima.

O silenciamento e o disfarce são escolhas que fazemos por morarmos em um ambiente de violência. Como seremos vistos por estes outros que não fazem parte desta realidade? Carregamos estigmas demais, testemunhamos demais, e silenciamos para nos proteger...

Quem quer testemunhar ao outro suas mazelas? Quem é este outro? Guardamos nossos quartos de despejo dos olhares alheios neste trânsito estrutural.

A vontade muitas vezes é de sair destes ambientes de violência social, mas ao mesmo tempo há um medo de se deslocar para um novo ambiente (se deslocar na estrutura é seguro pra quem?), estamos “seguros” entre nossos iguais de bairro, de escola pública, de cor, de pobreza, etc.

Negros em espaços anteriormente de maioria branca causam impactos que gostaríamos de evitar aos nossos iguais e filhos, mas ousamos transpor o racismo e enfrentar estas novas realidades sociais em nome da nossa ascensão e qualidade de vida.

A cada ano mais alunos cotistas adentraram a universidade desde de 2005. A universidade após reivindicações, anos após anos, aumentou o número de bolsas, estendeu os auxílios à moradia, creche, alimentação, saúde, etc., isso por conta da

comunidade acadêmica que apontou esta nova realidade dentro da universidade. Ainda faltam alguns ajustes, acredito que eles chegam lá, a mudança é possível.

Se tivesse que demarcar um antes e depois na minha vida, o primeiro seria a morte do meu pai, o segundo a entrada na universidade. Minhas percepções e amadurecimentos para a vida social e enquanto pessoa ocorreram nestes momentos.

Aos alunos cotistas que aqui estão e aos que ainda virão, aconselho que não desistam, nos julgam se queremos estudar, nos julgam se não estudamos, se temos filhos ou não, se trabalhamos ou não (mas você só estuda? Não trabalha? Porque não estuda? Já passou da idade de estudar...Agora com filho que não termina os estudos mesmo...) quem entende e sabe da nossa realidade e das nossas necessidades somos nós que habitamos esse corpo diariamente lá e aqui. Acreditem.

Essas são algumas histórias, de lá e daqui, afinal de contas, como diz o pixo: “*viver não cabe no Lattes*”. Chamei a esta parte do texto de epílogo, mas poderia chamar esta compilação de acontecimentos também de: “As metamorfoses, ascensão e aventuras de uma negra na sociedade de classes”.

Fecho este ciclo da minha jornada com uma certeza:

CONTINUA...



## ANEXOS

### ANEXO 1 – DESCRIÇÃO DA FESTA WINE, 2016



69 389 59  
publicaçõ... seguidores seguindo

✓ SEGUINDO



#### WINE A Festa

Festa feminina, dedicada a celebração da dança, liberdade e poder irrefutável de cada mulher. ✉️ [wineafesta@outlook.com](mailto:wineafesta@outlook.com)

#dancehallaorap #wineafesta 🤝💪

[www.youtube.com/watch?v](http://www.youtube.com/watch?v)

## ANEXO 2 – CARTAZ DO EVENTO WINE NA MESA



**wineafesta**  
Aparelha Luzia



# WINE

## NA MESA

A ASCENSÃO DA MULHER NEGRA  
NO MEIO ARTÍSTICO CULTURAL  
*A SEXUALIZAÇÃO DE SEUS CORPOS*

MEDIADORAS  
CRISTINA FERNANDES & KAMILAH PIMENTEL



LAY

RAPPER



WELIDA

HAIRSTYLIST  
E DANÇARINA



CAROL ROMERO

BEAUTY  
STYLIST



LYS

PRODUTORA

# 22/10

MESA: DAS 15H ÀS 19H  
A FESTA: DAS 19H ATÉ ÀS 22H

LOCAL: APARELHA LUZIA

RUA APA, 78

(PRÓXIMO AO METRÔ STA CECÍLIA/FUNART)

## ANEXO 3 – DIVULGAÇÃO FESTA WINE EDIÇÃO FEV/2017


**WINE Produções** adicionou um evento.

2 de fevereiro · 🌐

Fevereiro mês de carnaval, mês da rainha do mar, de aquarianos e piscianos. Mês de festas e de celebrar, nós da WINE, vamos trazer novamente o melhor do dancehall ao rap, no comando do som.....

Ladyybrownn (WINE) e Orelha (Penharol). Como convidada da noite com uma das vozes mais encantadoras da música brasileira, a lacradora Tássia Reis.

As atividades se iniciam às 23h como de costume e seguem até às 05h da manhã. Nosso double catuaba vai até as 03h, apreciem com moderação.

Os 50 primeiros ganham uma dose de drink WINE, delícia! Casa sujeita a lotação, cheguem cedo!

Preço único \$10, Após a 1h \$15

Curtam e fiquem por dentro de tudo na nossa página:  
<https://www.facebook.com/wineafesta>  
 Instagram: @wineafesta  
 #dancehallaorap #wineafesta



**FEV**  
**17**

**WINE a festa 17/02**  
 Sex 23:00 - Executivo Club - São Paulo  
 Você curtiu WINE Produções

★ Tenho interesse



## ANEXO 4 – CARTAZ FESTA WINE FEV/2017



## ANEXO 5 – DIVULGAÇÃO FESTA WINE EDIÇÃO MAR/2017


**WINE Produções** compartilhou o próprio evento.

14 de março · 🌐

Mês das mulheres, nós da WINE acreditando que ainda não seja um mês de comemoração, e sim de impulsão pra mais força nessa luta que é ser mulher. Nos acreditamos em homem e mulheres convivendo, com espaço igualitário. Acreditamos nesse mundo e é por ele que seguimos. Acreditamos no poder de cada mulher em construir e multiplicar a força! Convidamos todas e todos para mais uma edição de dança e celebração do corpo como forma de expressão. ❤️



**MAR**  
**17**

**WINE a festa 17/03**  
 Sex 23:00 · WINE Produções · São Paulo  
 Você curtiu WINE Produções

★ Tenho interesse

👍 Curtir

💬 Comentar





 18

Ordem cronológica ▾



## ANEXO 6 – CARTAZ FESTA WINE MAR/2017



**WINE** A FESTA

**J\* ALLEH GF POSSE /**  
**MOZZIYAH HI FI**  
**LADYYBROWNN**  
**ORELHA PENHAROL**  
**POCKET SHOW**  
**MIS IVY**


**R\$10** ATÉ A 01H  
**R\$15** APÓS 01H

DOUBLE DE  
CATUABA

**17**  
DE MARÇO

**EXECUTIVO CLUB**  
**R. 7 DE ABRIL, 425**  
(PRÓXIMO AO METRÔ  
REPÚBLICA)

## ANEXO 7 – DIVULGAÇÃO EVENTO WINE NA CASA DA LUZ MAI/2017

 **WINE Produções** adicionou um evento.  
17 de maio · 🌐

A WINE Produções trará nesse mês de junho uma nova experiência a vocês, um espaço mix com objetivo de trazer acessibilidade a moda, beleza, artes plásticas, tatuagem, cabeleireiros e trancistas, exposição de filmes e etc.. Além da música de ótima qualidade e nossa marca registrada que é a dança como expressão de liberdade.

Uma verdadeira viagem cultural que vai assinalar o novo rumo das diversas produções da Wine.

E queremos todos vocês lá, é claro, embarcando nessa expansão com a gente.

Como convidados para a ambientação musical desse novo mundo teremos show do rapper Rincon Sapiência, discotecagem com os coletivos Pitangueira e AsMinaéZica e como não poderia faltar, os djs residentes da WINE a Festa.

O evento acontecerá das 16h as 00h  
Dia 11 de junho, domingo.  
No centro cultural CASA DA LUZ,  
Rua Mauá nº512 - ao lado da estação Metro Luz.

O valor da entrada é de \$15,00  
Entrada permitida mediante a apresentação de documento com foto, apenas maiores de 18 anos.  
E crianças acompanhadas pelos pais, até as 22h, mediante apresentação dos documentos.

Existe uma pré venda a \$10,00 no site sympla, então garanta seu ingresso antecipado:  
[https://www.sympla.com.br/wine-na-casa-da-luz\\_\\_151691](https://www.sympla.com.br/wine-na-casa-da-luz__151691)

Rincon Sapiência  
<https://www.facebook.com/rinconzl/>

Coletivo #AsMinaéZica  
<https://www.facebook.com/Coletivo-AsMina%C3%A9Zica-1534514.../>

Pitangueira  
<https://www.facebook.com/pitangueirafesta/>

WINE Produções  
<https://www.facebook.com/wineafesta/>

Instagram @wineafesta



## ANEXO 8 – CARTAZ EVENTO WINE NA CASA DA LUZ MAI/2017



## ANEXO 9 – DIVULGAÇÃO FESTA BATEKOO+AFROGELADINHO ABR/2017

**Detalhes**

E com muita satisfação que temos a honra de convidar a nossa tão amada BATEKOO pra fazer essa edição com a gente!  
Festa do Geladinho e BATEKOO convidam o povo preto LGBT mais maravilhoso desse BRAZEELL para mais um ferveo..

Onde?

Susi in Transe a partir das 17h

bem pertinho da saída da estação Pedro II

Quanto?

Até as 19h- R\$10,00

Após as 19h- R\$15,00

Aniversariante da semana (2/4 a 9/4) entra VIP

Apresentar documento com foto.

Chapelaria R\$5,00

1 AFROGELADINHO pros 50 primeiros ♥

Line

- Mirands
- Noztragamuz
- Ezio Rosa (Bicha Nagô)
- Rafael Balera
- Bruna Mara
- Gabe Barreto
- Vitoria Nascimento
- Victor Stravinsky
- Bianca Soares

Já podemos adiantar que será muita chupação&sarração.

Festas • Balada

## ANEXO 10 – CARTAZ FESTA BATEKOO+AFROGELADINHO ABR/2017



## ANEXO 11 – DIVULGAÇÃO FESTA DE LANÇAMENTO DO SITE DA BATEKOO MAI/2017

### Detalhes

#### FINALMENTE O DIA CHEGOU!

A BATEKOO está lançando um site que será um centralizador de todas as nossas ideias e funcionará como um portal para a divulgação não só dos nossos eventos e materiais, mas também textos e demais materiais audiovisuais feitos pela galera preta do Brasil todo! Esse lançamento será no dia 06 (sábado), no Porão da SanFran e, como não podia ser diferente, vamos fazê-lo com muita festa e sarração!

Além disso, teremos exposições e artigos para venda no dia! Quem quiser expor ou vender produtos, logo mais lançaremos um formulário para inscrição, a fim de organizar tudo direitinho!

O evento funcionará da seguinte forma: das 18h às 22h estaremos abertos para as exposições e divulgação do site e, após as 23h, começaremos a festa propriamente dita, pra todo mundo arrastar a placa no chão como de costume.

Como sempre, iremos nos acabar ao som de ritmos black como hip-hop, rap, funk carioca, R&B, trap, twerk, ragga, dancehall, bahia bass, kuduro, e suas vertentes. A proposta é que seja uma festa democrática, livre de preconceitos, e que una os ritmos negros pra todo mundo se divertir muito e descer até o chão, até as pernas dizerem CHEGA!

#### LINE UP:

Em breve!

#### Serviço:

O que: Lançamento do site da BATEKOO

Quando: 06/05 – às 18h

Onde: Porão da SanFran (R. Riachuelo, 194 - Sé)

Quanto: As exposições serão gratuitas e estaremos distribuindo pulseiras para quem quiser ficar para a festa. Quem tiver pulseira, paga R\$10. Quem não tiver, paga R\$15 até 01h e R\$20 após esse horário.

\* Por enquanto entrada e bar serão apenas em dinheiro. Estamos tentando conseguir uma maquininha, como não está confirmada, por enquanto é só no dinheiro.



ANEXO 12 – CARTAZ FESTA DE LANÇAMENTO DO SITE DA BATEKOO  
MAI/2017



## ANEXO 13 – CARTAZ AULÃO DE BATEKOO



**AULÃO DA**

**BATEKOO** **PROGRAMAÇÃO**

**AFROFUNK/ TWERK**  
12H20 ÀS 13H 10

**DANCEHALL**  
13H20 ÀS 14H 10

**JAZZFUNK**  
14H20 ÀS 15H 10

**AFROUHOUSE/KUDURO**  
15H20 ÀS 16H 10

**PASSINHO**  
16H30 ÀS 17H20

**DANCEHALL**  
17H30 ÀS 18H 10

**VOGUE**  
18H20 ÀS 19H 10

**STILLETO**  
19H20 ÀS 20H 10

\*LEMBRANDO QUE AS VAGAS PARA AULA AVULSA SÓ VÃO SER LIBERADAS SE RESTAR VAGAS NA VENDA ANTECIPADA DO PASSAPORTE. SE NÃO VENDEREMOS TODOS OS PASSAPORTES ATÉ O DIA DO EVENTO, NÓS VENDEREMOS PASSAPORTE E AULA AVULSA NO ATO. SE VENDEREMOS TODOS OS PASSAPORTES ANTES DO EVENTO, NÓS IREMOS COMUNICAR TODOS E TODAS ATRAVÉS DA PÁGINA DA BATEKOO.



## ANEXO 14 – FABI SILVA



**BATEKOO SP** compartilhou um link.

8 de junho às 17:49 · 🌐

Uma das nossas facilitadoras no dia do aulão será a Fabi Silva, especializada em Dancehall!]

Lembrando que você pode adquirir o passaporte através do link:  
<http://bit.ly/2rVHcbd>



## ANEXO 15 – PABLO SENA

**BATEKOO** **BATEKOO SP** compartilhou um link.  
21 min · 🌐

Além disso, **Pablo**, nosso facilitador da aula de Jazz Funk, trabalha como coreógrafo de performances em festas de São Paulo, já dançou para artistas do meio pop como a Nikki e coreografia os vídeo clipes da Gloria Groove dentre outros trabalhos. Pablo procura sempre colocar sensualidade, atitude, deboche e irreverência nas coreografias, além de deixar os bailarinos e bailarinas livres para criar em cima da proposta dada. É AMANHÃ!

ÚLTIMOS PASSAPORTES À VENDA EM: <http://bit.ly/2rVHcbd>



**AULA DA BATEKOO**

**PABLO JAZZ FUNK**

JAZZFUNK É UMA MODALIDADE QUE SURTIU A BASICAMENTE PARTIR DA MISTURA DO HIPHOP COM O JAZZ. É UMA DANÇA COMERCIAL E BASTANTE USADA EM VÍDEO CLIPES. CADA PROFESSOR TEM UM ESTILO BEM ESPECÍFICO DE DAR ESSA MODALIDADE POR TER UMA INFINIDADE DE POSSIBILIDADES E POR DEPENDER DA VIVÊNCIA DE CADA UM COMO BAILARINO. MAS SE VOCÊ É DO TIPO DE PESSOA QUE TEM PERSONALIDADE FORTE E GOSTA DE CAUSAR ESSE É O ESTILO CERTO PRA VOCÊ.

👍❤️ 3

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

MAIS ENTÃO

## ANEXO 16 – GABI ZIRIGUIDUM

**BATEKOO** **BATEKOO SP** compartilhou um [link](#).  
12 de junho às 14:55 · 🌐

Além de tudo isso, Gabi Ziriguidum tem um projeto chamado **CELEBRE SEU CORPO** - Oficina de dança, que usa a dança como ferramenta para o empoderamento corporal, e trabalhou com artistas nacionais como BNegão, Orquestra Abayomí Afrobeat e Racionais MC.

Ela vai ser facilitadora da aula de Afrohouse e Kuduro!



**AULA DA BATEKOO**

DANÇARINA HÁ DEZ ANOS, GABRIELA ZIRIGUIDUM NASCEU EM ANGOLA, MAS FOI NATURALIZADA NO BRASIL. INICIOU NO MUNDO DA DANÇA AOS 11 ANOS NAS DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E URBANAS. É COREÓGRAFA, DANÇARINA, PROFESSORA DE DANÇA E AFROCOACH DO AFROVIBE (FR) MODALIDADE/MARCA FRANCESA QUE MISTURA O FITNESS CLASS COM AS DANÇAS AFRICANAS.

**GABI ZIRIGUIDUM**  
AFROHOUSE / KUDURO

GIPHY

👍❤️🌈 Você e outras 45 pessoas · 9 comentários · 1 compartilhamento



## ANEXO 17 – FELIX PIMENTA



**BATEKOO SP** compartilhou um link.

14 de junho às 11:18 · 🌐

**O-P-U-L-E-N-C-E. WE OWN EVERYTHING, BABY!**

Félix, que será o facilitador das aulas de waacking e voguing, ministra aulas, workshops e faz júri por todo o Brasil. Performer da noite paulistana, participa de ações ligadas ao público negro LGBTQ+ e promove a dança voguing, principalmente em São Paulo.

Passaportes em: <http://bit.ly/2rVHcbd>

**AULÃO DA**  
**BATEKOO**

**FÉLIX PIMENTA TEM 27 ANOS É**  
**DANÇARINO E PERFORMER,**  
**PESQUISADOR, PROFESSOR E**  
**COREÓGRAFO DE DANÇAS URBANAS.**  
**ESPECIALIZADO NAS DANÇAS WAACKING**  
**E VOGUING. É MEMBRO DA IHOW-**  
**CHAPTER BRASIL, PAI DA HOUSE OF ZION-**  
**CHAPTER BRASIL, COLETIVO AMEM E CIA**  
**CONCETTO URBANO.**

**FÉLIX PIMENTA**  
**WAACKING / VOGUING**



4 comentários 1 compartilhamento

## ANEXO 18 – TAISA MACHADO

**BATEKOO SP** compartilhou um link.

26 de junho às 19:47 · 🌐

Taísa, nossa facilitadora das aulas de afrofunk e twerk, é mais uma Garota carioca que vive se equilibrando entre o morro e o asfalto, formada pelos bailes Funk das favelas do RJ, onde aprendeu rebolar como se não houvesse o amanhã. Ela vai estar no nosso aulão dia 08/07!

Pra quem ainda não adquiriu o passaporte para as 8 aulas, pode comprar pelo link: <http://bit.ly/2rVHcbd>

**VAGAS LIMITADAS!**

## ANEXO 19 – LUCCI LC



**BATEKOO SP** compartilhou um link.

29 de junho às 19:39 · 🌐

Além disso, em 2012, Lucci cursou workshop de Stiletto Dance com Kimberly Gibson, dançarina oficial da cantora Beyoncé. Em 2010 se formou no curso de vivências culturais (dança, música e teatro) pelo instituto Tomie Ohtake-SP. Em 2013 se formou em dança pela Etec de Artes - SP e ainda praticou por 4 anos técnicas circenses. Procurando se aprimorar ainda mais, frequentou alguns estúdios de dança em São Paulo como Dept Cult e Millenium Dance Complex Brasil.

Lucci Lc é dançarin... [Ver mais](#)



2 comentários · 2 compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar



## ANEXO 20 – SEVERO 25

**BATEKOO** **BATEKOO SP** compartilhou um link.  
Agora mesmo · 🌐

Por último, mas não menos importante, Severo 25, que será o facilitador das aulas de Passinho, diretamente da favela de Manguinhos, zona norte do Rio de Janeiro!

Passaportes em: <http://bit.ly/2rVHcbd>  
ÚLTIMAS UNIDADES!

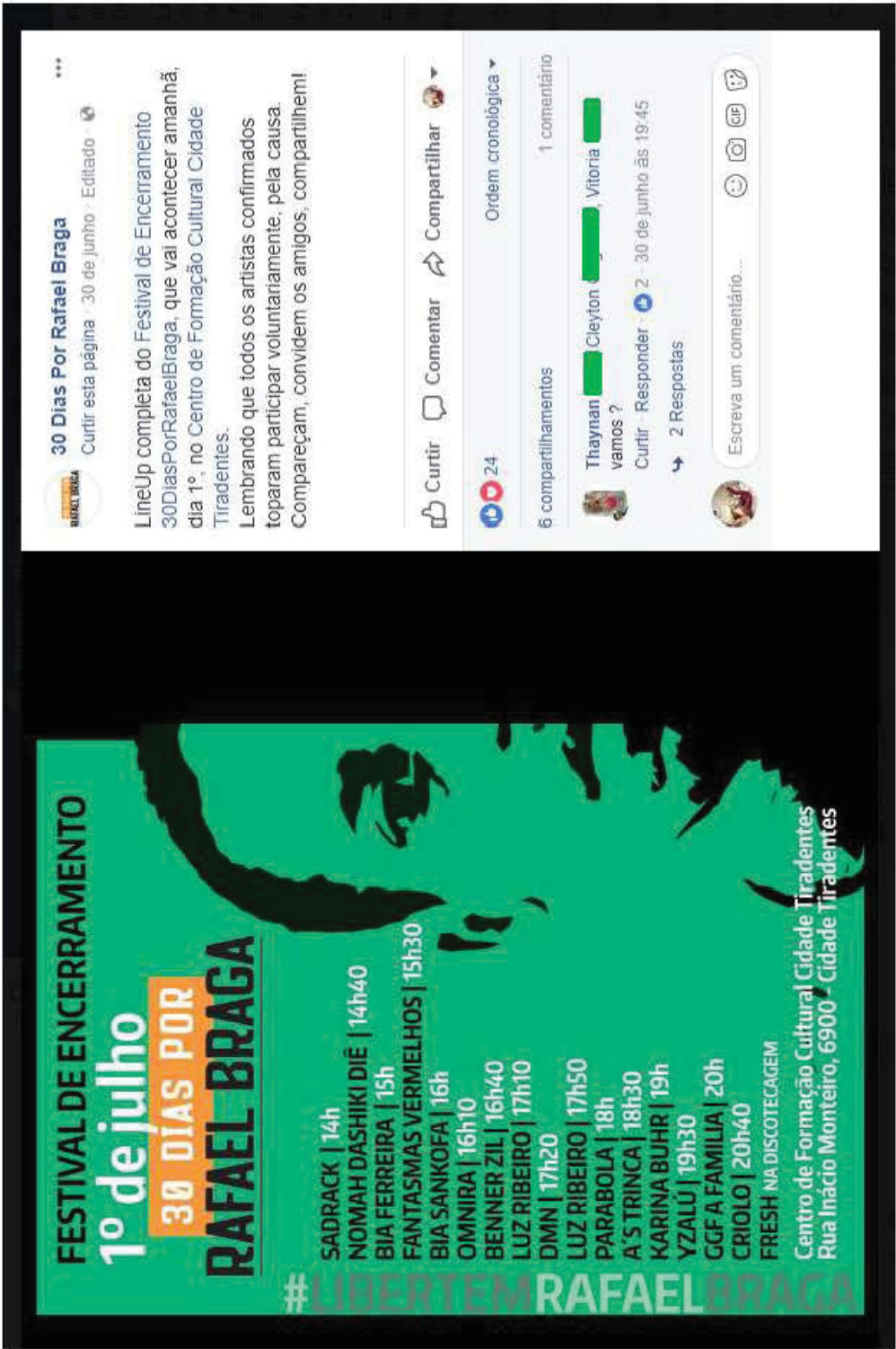


**AULÃO DA  
BATEKOO**

**SEVERO 25**  
PASSINHO

CARIOCA DA GEMA, CRIA DA FAVELA DE MANGUINHOS, SEVERO É DANÇARINO DE PASSINHO FODA, MC E RESPONSÁVEL PELO PRIMEIRO BONDE DE PASSINHO DO BRASIL, INTITULADO DE "IMPERADORES DA DANÇA". ATUALMENTE É DANÇARINO OFICIAL DA EQUIPE "EU AMO BAILE FUNK", UM DOS CRIADORES DO ESPETÁCULO "O BAILE", PRODUTOR DO "RING DO PASSINHO" (BATALHA DE PASSINHO REALIZADA NA FAVELA DE MANGUINHOS, Z/N DO RJ), ALÉM DE PROMOVER WORKSHOPS DE PASSINHO EM DIVERSOS LUGARES DA CIDADE DO RIO.

ANEXO 21 – DIVULGAÇÃO FESTIVAL RAFAEL BRAGA



## ANEXO 22 – DIVULGAÇÃO FESTA CONTRACORRENTE

**BATEKOO SP**  
18 de maio · 🌐

**CONTRACORRENTE - Liberdade para Rafael Braga!**

Festa beneficente contra o encarceramento da população preta!

TODO o lucro será revertido para a família do Rafael Braga, negro, favelado e único preso e condenado no das manifestações de junho de 2013 por estar portando uma garrafa de Pinho sol. Agora, condenado a 11 anos de prisão pelo flagrante forjado de 0,6g de maconha e 9,3g de cocaína.

26/05 | Flash Club | R\$20



 Curtir  Comentar  Compartilhar 

   Djamila Ribeiro e outras 321 pessoas Ordem cronológica \*

## ANEXO 23 – FESTA COLETIVA CONTRACORRENTE





## ANEXO 24 – ADRIANA BRAGA

**BATEKOO SP**  
28 de julho · 🌐

Vídeo que recebemos de Adriana Braga, mãe de Rafael Braga, agradecendo a ajuda que a BATEKOO junto com a Discopédia conseguiu arrecadar com a festa do dia 30 do último mês.

Mensagens como esta só nos fazem querer mais e mais manter o movimento da BATEKOO vivo!

4P!



0:20

3,2 mil visualizações

 Curtir  Comentar  Compartilhar 

 Djamila Ribeiro e outras 133 pessoas Ordem cronológica ▾

18 compartilhamentos

## ANEXO 25 – COMPROVANTE DE TRANSFERÊNCIA DA ARRECADAÇÃO

CAIXA ECONOMICA FEDERAL

4564 - BARCELONA, SP  
DATA: 03/07/2017 HORA: 10:47:00  
TERMINAL: 1002 NSU: 000000 AUT.: 0023

COMPROVANTE DE DEPOSITO  
NUM.DOC.: 004564

AGENCIA/CONTA CREDITADA:  
NOME: ADRIANA DE OLIVEIRA BRAGA  
DEPOSITANTE:  
M D


VALOR TOTAL: 3.900,00  
VALOR DINHEIRO: 3.900,00

Informacoes, reclamacoes, sugestoes e elogios  
SAC CAIXA 0800 726 0101  
Ouvidoria da CAIXA: 0800 725 7474  
[www.caixa.gov.br](http://www.caixa.gov.br)

1ª Via - Via Cliente



ANEXO 26 – FESTA EM PROL DO ILE ASÉ OMO NANÃ



JUN 5

**Batekoo de Domingo @05/06**

Público · Organizado por BATEKOO SP

★ Tenho interesse

Domingo, 5 de junho de 2016 às 17:00 - 23:00 UTC-03

Há mais de um ano

Morfeus Club

Rua Ana Cintra, 110, 01201-060 São Paulo

Exibir mapa

Sobre

Discussão

695 compareceram · 1,2 mil interessados

Compartilhe este evento com seus amigos

Detalhes

Com o compromisso de valorizar e enaltecer as religiões de matrizes Africanas, a próxima BATEKOO de DOMINGO será uma festa beneficente, com o objetivo de arrecadar fundos para o Ilê Asê Omo Nanã, terreiro de Candomblé comandado pela sacerdotisa Adriana de Nanã, mulher negra, militante do movimento negro que já desenvolveu grandes trabalhos de base no meio do Hip-Hop nos anos 90.

Nesta edição, todo o lucro da festa será revertido para o Ilê, com a finalidade de custear as obras do novo barracão que está em processo de construção, localizado na região de Gualanases, Zona Leste de São Paulo. Quem colar nessa BATEKOO de DOMINGO, além de dançar muito ao som de ritmos black como hip-hop, rap, funk carioca, R&B, trap, twerk, ragga, dancehall, bahia bass, kuduro etc, estará colaborando com a construção de mais um ponto de resistência negra, que cuida do povo preto para além do corpo físico.

A proposta é que seja uma festa democrática, livre de preconceitos, e que uma os ritmos negros pra todo mundo se divertir muito e descer até o chão, até as pernas dizerem CHEGA!

Além disso, essa edição será comemorativa do aniversário dos nossos DJs geninianos mais bafros da BATEKOO: Renata Prado e Ezio Rosa. Ou seja, vai ser muita quebradeira e muita sarração, coisa que vocês já estão acostumados.

LINEUP:

Ezio Rosa (Bicha Nagô)

Renata Prado

Cigarra

Rafael Balera

Bianca Soares

Mirands

FLASHES:

Anne Karr

Serviço:

O que: Festa BATEKOO

Onde: Morfeus Club, Rua Ana Cintra, 110. Pertinho do metrô Santa Cecília

Quando: 05/06 - Domingo - às 17h

Quanto: R\$ 10

## ANEXO 27 – DIVULGAÇÃO FESTA QUEBRANÇA

**QUEBRANÇA**

JÁ PENSOU EM CURTIR SUAS FESTAS PREFERIDAS, E AINDA AJUDAR JOVENS NEGRAS E NEGROS, A PASSAREM NO ENEM?

**TOMBO BATEKOO AFROBAPHO #TBT**

Os Coletivos/Festas BATEKOO, Afrobapho, Festa #TBT e Tombo realizarão a QUEBRANÇA: uma festa com o objetivo de arrecadar fundos para ajudar parte do público preto e pobre de Salvador, que não tem condição de arcar com o valor caro da inscrição do ENEM.

A taxa de inscrição teve um aumento significativo, prejudicando milhões de estudantes em todo o país, principalmente os negros e pobres.

Vale ressaltar, que apesar de manter a gratuidade para alunos de escolas públicas, o Enem mais caro dificulta a participação na prova para pessoas que estão há um tempo longe da escola, resistindo ao desemprego e retrocessos sociais no país. Dessa forma, tal aumento é mais um ataque à educação brasileira e ao seu processo de democratização e universalização.

Então, além de se divertir e quebrar muito ao som das melhores festas de Salvador, você ainda estará ajudando nesse ato de solidariedade, no qual a bilheteria será revertida totalmente para benefício de quem quer ter o acesso às universidades, através do ENEM.

Vamos somar e multiplicar nessa iniciativa (até mesmo as manas de humanas, rs)

O que você acha dessa iniciativa? Compartilhe e marque amigos! — com TOMBO, Afrobapho e Festa #TBT

Escreva um comentário...

## ANEXO 28 – DIVULGAÇÃO DO FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

**NÃO TEM COMO PAGAR A TAXA DO ENEM 2017? A GENTE TE AJUDA!**

**FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO**  
(LINK NA DESCRIÇÃO)

**QUEBRANÇA**

**BATEKOO**  
Página curtida · 5 de maio · Editado ·

O Projeto QUEBRANÇA vem com um único objetivo que é quebrar o galho de jovens negros e/ou pobres com o novo custo do ENEM.

O Ministério da Educação anunciou um aumento, de quase cinco vezes acima da inflação, no valor da inscrição do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para 2017, passando a taxa para R\$ 82 e prejudicando milhões de estudantes em todo o país.

Se você é um desses jovens, conte com a gente! Todo o lucro da nossa primeira edição será revertido pra você! Basta preencher o formulário com seus dados básicos como nome, endereço, telefone etc e um vídeo de até 1 minutos, pode falar sobre você, sobre seu curso, uma poesia, uma musica ou o close que achar melhor!

formulário: <https://goo.gl/forms/TS2XaoQzzFTvRln1>  
Evento: Quebrança | Fala comigo Enem @05/05

Curtir · Comentar · Compartilhar

118 · Comentários mais relevantes

179 compartilhamentos · 36 comentários

Escreva um comentário...

## ANEXO 29 – ARRECADAÇÃO VIA SITE VAKINHA

[Twitter](#)
[Compartilhar](#)



## PROJETO QUEBRANÇA:

### Ajude jovens negros a concorrerem o ENEM 2017

# 8.13 %



Vakinha de  
PROJETO QU...

Salvador/BA

Criada em  
11/05/2017

Encerra em  
22/05/2017

O Projeto QUEBRANÇA é uma iniciativa criada pelos coletivos/festas BATEKOO, TOMBO, AFROBAPHO E #TBT com o objetivo de arrecadar dinheiro para auxiliar jovens negros e/ou periféricos a concorrerem ao ENEM 2017, cole com a gente e ajude essa causal!

\$
contribua

R\$ 1.230,00

Objetivo

R\$ 100,00


Arrecadado

A QUEBRANÇA é uma iniciativa social criada pelos Coletivos/festas AfroBapho, Batekoo, #TBT e Tombo com o objetivo de criar uma rede de solidariedade em prol de jovens negros e periféricos que não tem condições de desembolsar a alta quantia de inscrição do ENEM. A inscrição do Enem aumentou para 82,00 reais e muitos dos jovens negros e/ou periféricos não tem como pagar e não conseguem a isenção da taxa disposta pelo governo. No dia 05/05, o projeto realizou uma festa no Rio Vermelho, para arrecadação de dinheiro, entretanto, por conta do tempo em Salvador, a meta não foi alcançada. Devido a isso, resolvemos criar essa vakinha online, a fim de conseguir arrecadar mais dinheiro para complementar a meta de inscrições a serem pagas pela campanha. Doe, curta e compartilhe essa iniciativa. Não deixemos que nossa juventude negra e pobre seja estrategicamente barrada do acesso às universidades!!!

\$
contribua



## ANEXO 30 – RESULTADO DOS BENEFICIADOS


**BATEKOO** está com TOMBO e outras 5 pessoas

28 de maio · 🌐

...

**BENEFICIADOS PROJETO QUEBRANÇA.**

Como muitos sabem, nós da BATEKOO juntamente com a Afrobapho, Festa #TBT e TOMBO criamos o projeto QUEBRANÇA. Uma iniciativa com o objetivo de arrecadar dinheiro para auxiliar jovens negros e/ou periféricos a concorrerem ao ENEM 2017.

Primeiramente, queremos agradecer a todas as pessoas que compareceram ao evento mesmo com chuva, também a galera que fortaleceu a vakinha e fez doações por fora, cada um de vocês foi extremamente essencial pra realização desse projeto.

Conseguimos arrecadar dinheiro suficiente para efetuar o pagamento de 11 boletos. Segue abaixo os nomes de todos os beneficiados:

- Aíla Oliveira Santana (BA)
- Aline Silva Oliveira (BA)
- Carolina Neves De Santana Vieira (BA)
- Diego Santos Da Silva (BA)
- George Barbosa De Carvalho Junior (BA)
- Luana Gomes De Sousa (MG)
- Luis Cláudio Dos Santos Carvalho (BA)
- Monica De Sena Santos (BA)
- Natalia De Jesus Souza (SP)
- Sabrina Keila De Almeida Matos (BA)
- Teniane Santos Silva (BA)

Parabéns a todos, estamos muito felizes em participar de algo tão importante na vida de um jovem. Sucesso a todos!

## ANEXO 31 – COMENTÁRIOS SOBRE A PROPOSTA DE ARRECADAÇÃO



**BATEKOO**  
@batekoo

Página inicial

Sobre

Vídeos

Fotos

Eventos

**Publicações**

Comunidade

Instagram

[Criar uma Página](#)

 Curtiu
  Seguindo
  Recomendar
 ...


**Ronaldo** [redacted] Davi, amigo. Ir a festas com esse caráter social também é muito interessante. Simboooooora!!  
 Curtir · Responder · 2 · 25 de abril às 18:47


**Davi** [redacted] Verdade...  
 Curtir · Responder · 25 de abril às 18:51


 Escreva uma resposta...
 





**Adelmo** [redacted]  
  
 Curtir · Responder · 2 · 24 de abril às 21:54


**Lucas** [redacted] Máximo respeito negada, vcs são foda!  
 Curtir · Responder · 1 · 25 de abril às 00:51


**Camila** [redacted] Luz [redacted] Daniel [redacted] velho, tá vendo que lindo?  
 Curtir · Responder · 1 · 24 de abril às 22:47

↩ 2 Respostas


**Milena** [redacted] Que ideia phoda ❤️  
 Curtir · Responder · 1 · 24 de abril às 21:05


**Elaine** [redacted] De Preto pra Preto... 🙌🙌 ubuntu.  
 Curtir · Responder · 3 de maio às 14:48


**Ingrid** [redacted] fodaaaa demaaaaais. é nóiz por nóiz mesmo. ❤️  
 Curtir · Responder · 25 de abril às 16:18


**Michelle** [redacted] Gente, muito amor por essa iniciativa!!!!!!  
 Curtir · Responder · 24 de abril às 22:07



## ANEXO 32 – DIVULGAÇÃO ARRECADAÇÃO TRAVESTI CECÍLIA


**BATEKOO SP**
14 de agosto · 🌐

VAMOS FORTALECER AS TRAVESTIS PRETAS ARTISTAS?

MC Dellacroix, que já se apresentou na Batekoo SP, tá precisando de uma força.

Ela foi assaltada um tempinho atrás, levaram o seu celular e tá sem grana nenhuma. Ela tá precisando de um celular novo URGENTE pra continuar produzindo conteúdo e continuasr os tramos pra conseguir sobreviver. Vamos ajudar com uma graninha? ❤️

<https://www.vakinha.com.br/.../ajude-a-travesti-a-continuar-f.../>



**AJUDE A TRAVESTI A CONTINUAR FAZENDO ARTE**

Fui assaltada no último final de semana saindo de uma boate no centro de São Paulo e infelizmente perdi alguns documentos, dinheiro e meu celular. Sou travesti preta e artista e não tenho condições....

VAKINHA.COM.BR

 Curtir
  Comentar
  Compartilhar
 

  45
 Ordem cronológica ▼

4 compartilhamentos

## ANEXO 33 – CAMPANHA ARRECADAÇÃO DE MAQUIAGEM WINE

**WINE Produções**  
1 de dezembro de 2016 · 🌐

Se liga na campanha que vai rolar na WINE do dia 10/12!!!

Toda mulher tem maquiagem que não usa no fundo da gaveta. E se a gente fizesse uma festinha pra arrecadar alguns itens pra mulheres trans e travestis que rão tem condição de comprar? E se quem tiver condições comprar uma sombra, um rimel, uma base? E se doassemos tudo isso para mulheres trans e travestis que não tem condições de comprar um batom sequer? Pode parecer uma futilidade, mas sabemos que a maquiagem pode ser muito importante para essas pessoas, tanto para evitar cons:rangimentos e violências verbais nas ruas quanto para que se sintam bem consigo mesmas.

Algumas podem querer chiar e dizer que "ser mulher não é usar maquiagem". Pois bem, não use; cada uma sabe de si e do que liberta e faz feliz, e, mais do que isso, cada uma sabe de suas necessidades e não podemos jamais universalizar experiências.

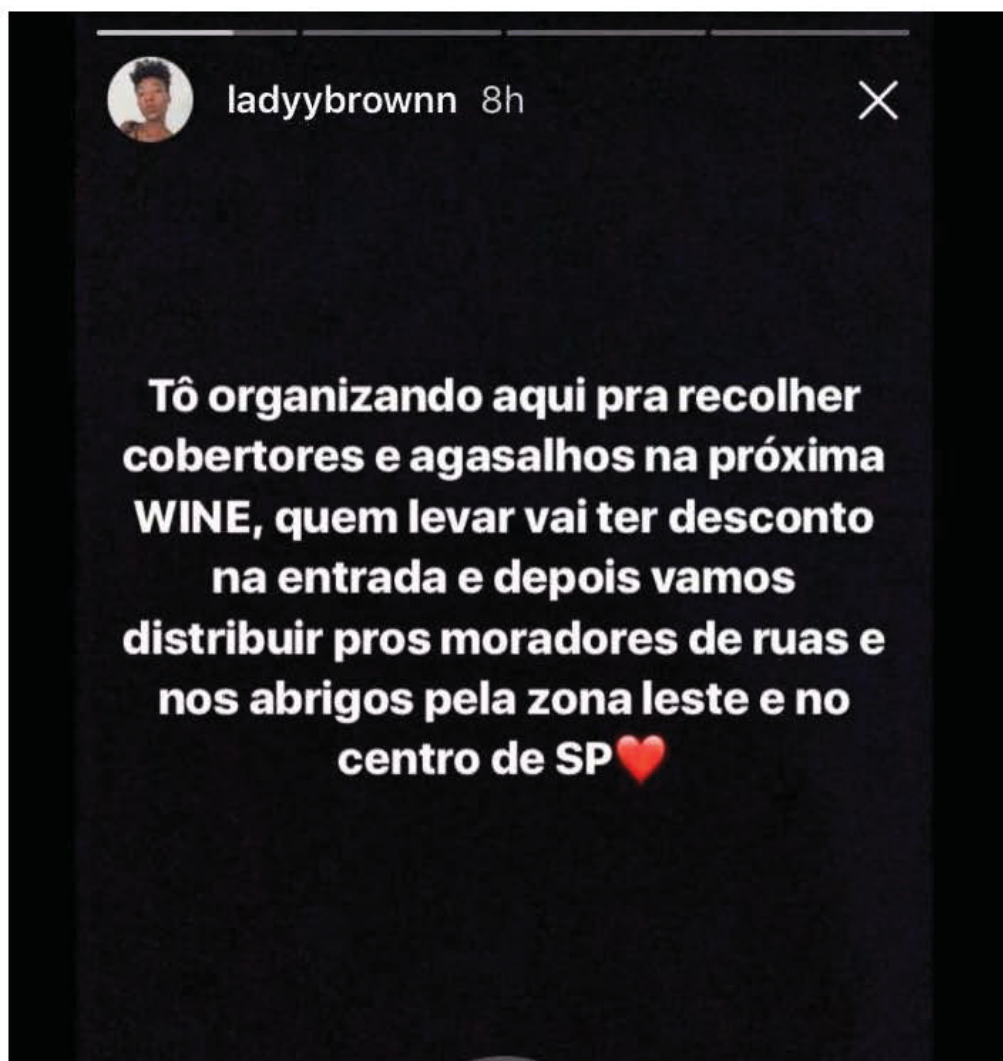
E aí fechamos o bonde, com esse projeto da Clara Averbuck Averbuck, escritora e editora do blog [Lugar de Mulher](#).

Bora?

Wine a festa, última do ano!!!!  
Sábado, 10 de dezembro.  
às 23:00 até 11/12 às 5:00  
Executivo Club  
Rua 7 de Abril 425 - República, 01043-000 São Paulo  
<https://www.facebook.com/events/581909962005139/>



## ANEXO 34 – ARRECADAÇÃO DE COBERTORES WINE



## ANEXO 35 – POSTAGEM NO GRUPO BLOGUEIRAS NEGRAS, 2015

Optei por manter apenas o primeiro nome das participantes exposto e não o ocultar por inteiro para que se possa acompanhar os níveis da conversa, de quem está falando e com quem.

**Zaira** [nome oculto]

16 de junho às 18:41

Em um outro grupo que eu participo, duas das integrantes da Bucepower Gang postaram essa matéria e estão sendo massacradas pelas meninas que acham que preta nua na internet é desserviço pro feminismo negro.

que vcs acham?

Vamos tentar ler desconsiderando o crime que é a escrita problemática da Vice.



### A Bucepower Gang É a Nova Geração de Feminismo no Tumblr | VICE | Brasil

Se uma mulher empoderada incomoda muita gente, imagina uma gangue cheia delas?  
VICE.COM

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

- 10 pessoas curtiram isso.
- **Zaira** [nome oculto] Na minha visão, o único problema desse grupo é o nome, que associa mulher à vagina, e isso é extremamente cissexista. No entanto, existem mulheres trans no BPG que se sentem confortáveis com esse nome, além de estarem à margem da "teoria" sobre transgeneridade.  
16 de junho às 18:42 · [Curtir](#) · 6
- **Cristiane** [nome oculto] Eu sou do time que acredita que podemos fazer o que quiser de nossos corpos e de nossas vidas. Existe a problemática da hipersexualização associada às mulheres negras? Existe! Mas como questionar forma de empoderamento escolhida por essas manas? Não há como! Acredito que a gente deve sim fazer o que tem vontade. Para mim, isso não é desserviço ao feminismo negro.  
16 de junho às 18:51 · [Curtir](#) · 17
- **Anna** [nome oculto] Fico sempre intrigada e num MEGA mal estar com essa dúvida: fazer o que queremos (inclusive tirar a roupa, ou ser sexy, ou ficar com qntxs quisermos, ou ser agressivas se preciso, etc, etc, etc....) deveria reforçar nosso poder pq tem autenticidade e liberdade de escolha, atitude mesmo. Mas e se o que queremos está associado aos estereótipos, é desserviço? E aí devemos deixar de fazer pra não reforçá-los e



abafar a nossa vontade? Ou fazer, mas aí contribuímos indiretamente pro que mais nos massacra? HELP, TÁ FODA.

16 de junho às 19:04 · Curtir · 2

- **Sueli** [nome oculto] O problema não é fazer o que se quer o problema é associar feminismo a tirar a roupa DE NOVO. Feminismo é sobre escolhas e reforçar estereótipo de que só se consegue direitos no feminismo tirando a roupa é tirar a escolha de quem não quer fazer isso. Então o desserviço é da chamada.

16 de junho às 19:16 · Curtir · 8

- **Zaira** [nome oculto] Sim, Sueli [nome oculto] por isso pedi pra tentarem ler sem considerar a edição da revista, que é criminosa e fica rodando em volta do senso comum.

16 de junho às 19:17 · Curtir · 1

- **Zaira** [nome oculto] O que tá rolando é que as meninas estão sendo "criminalizadas" por terem um tumblr para postar fotos "sensuais".

16 de junho às 19:18 · Curtir · 1

- **Cristiane** [nome oculto] O texto é bem ruim. Mas entre criticar a iniciativa das minas e apoiá-las eu fico com segunda opção até o fim. Eu não preciso concordar ou me apropriar dessa forma de lutar. Qualquer forma de cerceamento da nossa liberdade (de ser mulher negra e fazer somente o que decidir fazer) eu sou contra.

16 de junho às 19:20 · Curtir · 16

- **Sueli** [nome oculto] Mas pra quem faz outro tipo de trabalho, essa exposição como nova geração é um desserviço, gente. Tem muito .ais gente fazendo outras coisas que não envolvem necessariamente nudez para empoderamento. Será que se deixar pintar assim não promove o apagamento de outras pautas?

16 de junho às 19:20 · Curtir · 4

- **Sueli** [nome oculto] Acho que temos que apoiar as minas sem deixar de pensar no que pode também ser back fire

16 de junho às 19:21 · Curtir

- **Cristiane** [nome oculto] Interessante isso, Sueli. Aí a gente entra em outra linha que é: o que entendem e o que fazem a partir das nossas atitudes. O problema começa aí! Na interpretação e na repercussão.

16 de junho às 19:22 · Curtir · 1

- **Zaira** [nome oculto] Eu to conversando com as meninas no PVT, pq elas estão em pânico porque o linchamento foi tremendo.

Elas estavam se sentindo felizes demais porque tiveram uma ideia e uma "revista grande" comprou. Quando viram o resultado da matéria já tava tudo feito.

16 de junho às 19:22 · Curtir

- **Sueli** [nome oculto] Pois é Zaira. Então elas foram usadas pra causar. E isso deveria ser exposto.

16 de junho às 19:23 · Curtir · 3

- **Cristiane** [nome oculto] O que a minas pretas estão fazendo não é nada diferente disso aqui <http://suicidegirls.tumblr.com/>.

A questão é que a iniciativa vinda de mulheres pretas e periféricas é sempre questionada. Essas suicide girls existem faz tempo e são cheias de "fãs" e admiradores. Talvez os objetivos sejam outros, mas são fotos muito parecidas, exceto que todas aí desse site são brancas. No fim, tudo é racismo.



### SuicideGirls

Redefining Beauty Since 2001- We are the daughters of Bettie Page. We're a collection of over 2,500...  
SUICIDEGIRLS.TUMBLR.COM

16 de junho às 19:25 · Curtir · 8

- **Anna Cristina Amorim** ai, que odio Zaira! E elas vão responder a revista? Já estão pensando em fazer isso?

16 de junho às 19:25 · Curtir · 1

- **Sueli** [nome oculto] Não gosto de Suicide Girls. No fim é tudo foto pra macho punheteiro

16 de junho às 19:26 · Curtir

- **Sueli** [nome oculto] Sob pretexto de redefinir a beleza feminzzzzz

16 de junho às 19:26 · Curtir

- **Cristiane** [nome oculto] Tá foda

16 de junho às 19:29 · Curtir · 1

- **Simone Gomes** Eu me senti um pouco mal quando abri o site delas, tem diversidade tem. Tem corpos pretos e gordos tem. Porém a maioria acaba refletindo o padrão vigente. Fiquei me sentindo horrorosa, tenho tantas estrias, celulites e flacidez como a maioria das minhas amigas e não vi muito disso lá. No mais a revista Vice é muito problemática para escrever algo coerente para nossas causas.  
16 de junho às 19:29 · [Curtir](#) · 4
- **Zaira** Essa menina do BPG tá me falando que teve menina que tava há anos sem transar e de repente passou a ficar melhor com o corpo depois das fotos e depois das conversas que existe entre elas. Meninas terminando relações abusivas em que estavam porque achavam que se não fosse com esse cara ficariam sozinhas pra sempre.  
16 de junho às 19:29 · [Curtir](#) · 6
- **Zaira** Eu senti as meninas um pouco despreparadas para lidar com a imprensa. Elas tiveram um incomodo com a matéria mas nao conseguiam identificar o que é. Elas foram usadas para causar e não deram conta de perceber isso antes da publicação da materia.  
16 de junho às 20:49 · [Editado](#) · [Curtir](#) · 2
- **Sueli** Empoderamento do corpo não precisa ser feito para homem. Tem ótimos projetos feitos de mulheres para mulheres nesse sentido. Acho que o feminismo entra justamente aí.  
16 de junho às 19:35 · [Curtir](#) · 5
- **Josie** Faço minhas as palavras da [Cristiane](#)
- **Sueli Feliziani** Se eu preciso tirar a roupa em poses sensuais para deleite masculino porque um homem não me dá valor ou porque não me sinto dentro do padrão aplicado por outros homens a medida da minha felicidade com meu corpo é o olhar masculino. Não sei se isso é Empoderamento. Parece mais uma forma de domesticação do corpo.  
16 de junho às 19:37 · [Curtir](#) · 8
- **Cristiane** Concordo com vc, Sueli.  
16 de junho às 19:38 · [Curtir](#)
- **Zaira** Mas será que as fotos são feitas para homens? Eu não enxerguei assim não. Eu acho que as poses estão "mainstream", mas isso não significa que tenha sido feito pra homem.  
16 de junho às 19:50 · [Curtir](#) · 1
- **Sueli** Se o molde é Suicide, que tem até fake ensaios de sexo lésbico eu duvido que seja algo de mulher pra mulher.  
16 de junho às 23:10 · [Editado](#) · [Curtir](#)
- **Zaira** Uma coisa que tá fazendo meu cu cair da bunda é a quantidade de "feminista negra" transfóbica. Nesse tópico no outro grupo, tem várias meninas dizendo que não são interseccionais e que o fato de ter Buce no nome é ok e que se fodam as mulheres que não se sentirem incluídas, colocando mulheres entre aspas.  
16 de junho às 19:54 · [Curtir](#) · 3
- **Zaira** Mas não é baseado em Suicide Girls. Bom, acho que não, não perguntei isso pras meninas.  
16 de junho às 19:55 · [Curtir](#)
- **Hellen** "No fim é tudo foto pra macho punheteiro" achei bem pesado esse rolê viu irmã" 1 precisamos parar de ver a mulher a partir da perspectiva de macho. Imagina se feminismo viver apenas de fazer o que homi n gosta... putz! E nossas vontades? "N vou fazer pq homi gosta" Até que ela faça pra se sentir desejada... acho que coisas como essas n deveriam ser criminalizadas. É o que ela gosta de fazer e ponto. 2 eu tiro fotos nuas e posto a metade, minhas intenções são diversas... mas no fim é parte do meu empoderamento tbm. São coisas que eu sempre quis fazer... mas tive uma adolescência de merda, me sentia muito feia. Mas hoje, reafirmada e linda que me vejo, posto foto mesmo... Quero ser gostosa mesmooo, quero que me queiram mexxmo rs... podem bater punheta mesmo... Eu sei que fazem isso n pela erotização do corpo da mulher negra... é pq eu sou diva mexmoo ... e no fim, mesmo que eles levem pra esse lado a escolha continua sendo minha, entende? Entender isso me faz enxergar esse lado tbm. Falando das meninas.. acho que feminismo negro vai muito além de saber as teorias.. tem a ver com sexualidade tbm, com o se sentir bonita, de aceitar que tbm podem ter o corpo perfeito mesmo que as revistas mostrem que só as brancas tem já que elas são magrinhas, tem nariz fininho e boca fininha (aí a gente já para pra pensar...perfeito pra quem?) de se aceitar bonita mesmo sem o corpo perfeito... de tirar onda.. somos ou n somos nessa porra!  
16 de junho às 20:44 · [Editado](#) · [Curtir](#) · 10
- **Zaira** A minha visão é exatamente essa, [Hellen](#)

16 de junho às 20:24 · [Curtir](#) · 4



- Juliana Góes** Acho muito perigoso chamar uma forma que uma mulher encontrou para se empoderar como desserviço, ou minimizar a ação como feita pra homem... Eu concordo com a **Cristiane** de que entre criticar a iniciativa e apoiar as meninas, eu fico com segunda. Mas também concordo com a Sueli que também tem críticas a serem feitas. Eu penso, se eu for criticar, o que seria criticado? O fato delas estarem se empoderando? Claro que não! Se o tumblr as deixa mais fortes, quem sou pra desejar o contrário! Cada mulher que se fortalece é mais uma vitória conquistada no processo revolucionário! Mas fico pensando, será que a forma que elas encontraram para se fortalecerem também fortalece outras minas? Algumas sim, outras não. E acho que a dificuldade aqui é isso.... Será que o que vale pra gente, vale para todas? E será que algo que algo que vale para a gente não enfraquece as camaradas? Dou como o exemplo a monogamia. Eu não sou monogâmica. Nunca consegui ter um relacionamento monogâmico. As cenas de ciúmes, por menores que sejam, me lembram uma série de relacionamentos violentos, me prendem, me fazem sentir um objeto que é possuído. Eu consegui me fortalecer muito quando abandonei a ideia de monogamia. Me fortalecer o suficiente pra fugir de relacionamentos abusivos. E parte da minha luta é falar que nem todo relacionamento precisa ser monogâmico, que podemos ser livres escolher como nos relacionar. Mas quando outras manas pretas falam que nunca tiveram direito a monogamia, e que o discurso da não monogamia (especialmente do poliamor) é usado por muitos machos para pegar e largar as manas, reforçando a ideia de que preta "é trepar e não pra casar", como faz? A mesma ideia que me fez sentir bem melhor comigo, com meu corpo e mais livre, ou seja, que realmente me empoderou, é usada (e deturbada) por muito macho pra destruir mana preta. Ambas as coisa são reais. Como fazer então para continuar me fortalecendo, e fortalecer as outras manas que são monogâmicas? Enfim, acho que esse caso é muito parecido com aqui. As minas encontraram na criação do tumblr, onde controlam os próprios corpos, escolhem o que colocar ou não online, uma forma de se fortalecerem. Mas isso, por um lado, pode ser usado por um homem punheteiro, que vai usar do discurso (deturbado) para reforçar a ideia "de que a mulata tá cumprindo seu papel". A nudez pode sim ser uma forma de resistência. Mas como forma, também pode enfraquecer mulheres não se sentem fortalecidas com essa exposição. Enfim, só consigo pensar em três coisas sobre isso: 1 - o que enfraquece, ou é um desserviço, não é a forma como a resistência se dá. Mas o uso deturpado que gente escrota faz dela para continuar oprimindo outras mulheres. 2 - Acho complicado chamar a forma como uma mulher luta por seu empoderamento de desserviço. Porque a forma como nós lutamos, para ela pode ser opressora também (mesmo o texto estando ruim, o debate sobre feminismo acadêmico e feminismo periférico tá, por exemplo, quem é academia pra falar que o feminismo do meu dia, da minha luta cotidiana, não é resistência). 3 - E que a construção da resistência tem de ser coletiva e solidária. Entender que se uma forma de resistência tá sendo usada para oprimir outras mulheres, acho que temos que usar mais força para combater quem deturba a nossa resistência, para fortalecer a todas. O desserviço existe quando a gente acha que só a gente é quem resiste, e que só nosso universo constrói formas de resistência. Quando as brancas ignoram as pretas, quando as cis passa por cima das trans, etc. Quando a gente não lembra que a resistência é coelva....

16 de junho às 20:37 · Editado · Curtir · 12
- Zaira** Essa analogia com a não-monogamia foi genial!

16 de junho às 20:38 · Curtir · 4
- Júlia** acho que a gente enxerga como algo feito pra homem porque tudo é programado dessa forma, como se tirar foto sensual e ter a coragem de postar pra se sentir melhor não fosse forma de empoderamento só o tirar a foto já é empoderador, é passar de um limite que tinham nos imposto então você tirar foto nua e sensual e postar vai atrair homens punheteiros? vai, mas é pra isso? não as vezes você mira numa coisa e outra acaba acontecendo

16 de junho às 20:38 · Curtir · 5
- Júlia** acho que o próprio pensamento de "isso é pra macho" é algo que o sistema machista botou na gente, é a primeira coisa que a gente pensa quando nudez feminina aparece

16 de junho às 20:45 · Curtir · 5
- Wanessa** Eu também não considero um desserviço. Entretanto o que me incomoda é algumas ligações integrantes expor de modo excessivo o uso de drogas, e até fotos com sêmen pelo corpo. e um discurso de "ter servido prazer, aquele homem, oi?"

Esta é a única coisa que realmente me incomoda.

16 de junho às 20:49 · Editado · Curtir · 2
- Hellen** e mesmo que seja pra atrair homens, ou pra homens... é divertido? ta se sentindo bem com isso? fechou. Acho que o feminismo também nos permite isso... participar do rolê sem precisar depender do rolê

16 de junho às 20:49 · Curtir · 6
- Júlia** exatamente hellen, acho que feminismo é sobre empoderar tá empoderada? tá entendendo sobre o que é esse sistema e como ele funciona? então agora tu tem o poder de

decidir se você quer ser submissa, ser dominadora, ficar com vários caras, ficar com um só, ficar em casa, trabalhar fora, ter filhos, não ter filhos

acho que é sobre aprender a não tacar a irmã no fogo porque ela não segue um padrão que não ajuda ninguém além dos homens

16 de junho às 20:51 · [Curtir](#) · 7

- **Hellen** [REDACTED] Concordo, Jú!

16 de junho às 20:52 · [Curtir](#) · 1

- **Júlia** [REDACTED] porque se você não tá empoderada, então você não tá escolhendo, você tá sendo FORÇADA a se enquadrar nos padrões que o machismo considera certo  
se depois de empoderada você olhar pros padrões machistas e dizer: mas eu sou assim mesmo, eu gosto de ser assim

tá tudo ótimo, feminismo não é pra todas nós sermos iguais, é pra cada uma fazer o que quiser de modo que fique a vontade consigo mesma e com a própria vida

quebrar os padrões não significa que você tem que ser diferente deles, significa que você tá dando liberdade pra quem não quer ser assim

16 de junho às 20:54 · [Curtir](#) · 3

- **Júlia** [REDACTED] é exatamente sobre quebrar todos os padrões, não criar novos dizendo que mulher TEM que ser dominadora, TEM que ignorar opinião de homem, tem que isso, tem que aquilo  
as vezes as minas n entendem isso e acabam rachando outras minas que curtem a submissão

16 de junho às 20:56 · [Editado](#) · [Curtir](#) · 2

- **Cristiane** [REDACTED] A Juliana [REDACTED] arrasou! (Cara, que difícil esse tema do poliamor. Preciso aprender muito ainda)

16 de junho às 21:09 · [Curtir](#) · 3

- **Aline** [REDACTED] Estamos numa época de enfrentamentos, não existe opção de aceitação. Aceitar-se é resignar-se ao que dita o ultraconservadorismo. Acho que independente do tom da revista elas seriam criticadas da mesma forma, até porque poucas das pessoas que criticam (quero dizer, das que as ameaçam) são capazes de ler e criticar com embasamento. Mulheres, independentes, falando sem medo de seus corpos, de sua sexualidade e sendo autônomas acho super bem vindas.

16 de junho às 21:14 · [Editado](#) · [Curtir](#) · 1

- **Venus** [REDACTED] cara, pelo q li sobre esse sg, é um role beeemm treta, nas guidelines de fotos eles ensinam a como fazer poses pra nao ficar com "dobras" e etc D: acho a bpg bem diferente do role sg, mas entendo o q vc quis dizer com a comparação do empoderamento. acho q nao é um role so de minas modelos, tem mina de todo jeito ai, entao sei la, acho bem bacana.

16 de junho às 21:34 · [Curtir](#)

- **Juliana** [REDACTED] Brigada Cristiane, hehe Emoticon grin

16 de junho às 21:37 · [Curtir](#)

- **Hellen** [REDACTED] Apesar de não ter entendido a Aline hauahua o autônomo e bem vindas na mesma frase ta okkk hauahu

16 de junho às 21:37 · [Curtir](#)

- **Hellen** [REDACTED] É isso gente, eu adoraria ver um rolê de minas modelos... tem uma pá de mina negra modelo e elas tem todo direito de se amostrarr são magrinhas e perfeitas tbbmm não aguento mais ver modelos brancas, nada contra modelos mas quero modelos negras tbm, deixa as meninas fazerem o rolê delas da perfeição tbm

16 de junho às 21:40 · [Curtir](#) · 2

- **Aline** [REDACTED] Ai, desculpa. Eu to no trabalho e escrevi e remendei no meio, rs. Mas o que eu quis dizer é que independente do tom da revista, mesmo que fosse uma matéria muito boa, elas seriam criticadas (falando de quem as ameaça) da mesma forma.

Sobre usarem "bucepower" e cissexismo, eu me incomodo mais com a análise que apropriadora que as transfóbicas fazem do que com o Bucepower Gang em si.












16 de junho às 21:58 · [Curtir](#)

- **Sueli** [REDACTED] Mana, Suicide Girls faz photo session de fake sex lésbico. Desculpa mas é pra macho punheteiro objetificador mesmo. A gente pode até discutir se as minas fizeram porque quiseram e eu já abordei o que eu penso de fixar nua para empoderamento: se eu tô nua pela perspectiva do outro eu não tô fazendo por mim. Tem um monte se projeto de mina tirando a roupa, feito por minas, sem objetificacao, com sensualidade e beleza sem modelo patriarcal de exposição de corpos. Tem que ver é essa necessidade de ser gostosa pra homem pra se sentir bem isso sim.

16 de junho às 22:37 · [Editado](#) · [Curtir](#) · 2


- **Sueli Feliziani** Até porque nem toda mana curte homi. Nem toda mana vai achar legal posar com sêmen. Enfim... o modelo de porn pra macho eu não acho libertador, até porque nem toda nudez e e libertadora. E quando eu digo isso não é criando um novo grupo de regras para as moças é só dizendo que isso não difere do que é feito por Hustler e Playboy desde os anos 50. Não é novo e não trouxe às mulheres uma nova posição dentro das relações afetivo sexuais. Porque a perspectiva ainda não era à delas. Aliás eu sonho com um dia em que mulheres posarão com gorduras , pelos lábios clitorís apenas para si mesmas. Numa celebração do próprio prazer. E que isso seja visto como lindo sexy e gostoso. Não assustador  
16 de junho às 22:36 · [Curtir](#) · 2
- **Hellen** Purran a nicki minaj, beyoncé... ta bem manjando desse paranauês pra macho punheteiro. Mana, de coração. Tô bem me pondo no lugar dessas minas, e bem ofendida com essa frase. Ninguém tem direito de julgar o que eu faço. Se elas fazem pra macho, que façam. Empoderamento é poder fazer, ou não, isso pra macho. Você já parou pra pensar que tem mulheres que escodem o corpo do seu companheiro? e que a maioria dessas mulheres são negras? E por quantos anos as mulheres negras foram exposta apenas como coisas, agora, mesmo que pouca, há uma expressão. E as funkeiras que trabalham na noite? fazer pra macho é só uma frase... o prazer é pessoal ou mutuo. Macho vai bater punheta até se a mulher tiver de burca, a gente só não pode ficar atribuindo o papel principal a ele, e desculpa é isso que você ta fazendo.  
16 de junho às 22:44 · [Editado](#) · [Curtir](#) · 5
- **Loo** REapropriação do próprio corpo. Foi o que eu extrai e entendi. Me vejo sim como uma bucepower por mais que não esteja no meu rolê expor meu corpo pra mostrar o meu poder! ADOREI E RESPEITEI a atitude das meninas, que tiveram a moral de dar a cara a tapa pelo que elas acreditam e lutam, apesar de vivermos num tempo e sociedade não pronto pra isso. A mim e a quem quiser cabe proteger uma a outra na luta que cada uma peleja POR TODAS da maneira que lhe é genuína.  
16 de junho às 22:51 · [Curtir](#) · 2
- **Sueli** CE tá bem ofendida com uma frase que nem foi pra minas nem pra você. Olha que bosta  
16 de junho às 22:52 · [Curtir](#)
- **Hellen** Foi o que eu entendi. Existem vários tipos de pessoas. Eu não posso representar todas. Como uma magra não pode representar uma gorda e nem uma gorda uma magra. por isso cada um tira foto como convém. quem faz a seleção de representatividade é a mídia, não nós. Não podemos ir de encontro a nós.. é isso que eu quero dizer.  
16 de junho às 22:58 · [Curtir](#) · 1
- **Sueli** Putz olha que coisa louca. Uma feminista de dez anos de história e pesquisa sei lá a quantos a relação mídia machismo tá aqui de boas falando que o problema não é a mina tirar a roupa, seja lá pelo motivo que for. Mas que quando ela é levada a acreditar que a perspectiva do companheiro sobre ela é que constrói sua auto estima é que se reforça o machismo estético e que isso pode não ser empoderamento. Aí vem uma pessoa do nada dizer que eu estou dizendo que o problema é a mina fazer para macho , como se fosse uma questão moral: fazer para macho = fazer algo feio  
Baixo imoral. Mana, eu tô pouco me fedendo para o macho vai usar ou não para a sua punheta. Estou preocupada com mulheres se auto percebendo na perspectiva do outro por medo de não caberem nos padrões do patriarcado.  
16 de junho às 22:59 · [Curtir](#)
- **Sueli** Aliás, o bucepower tem maioria de minas brancas e magras rs  
16 de junho às 23:08 · [Curtir](#)
- **Hellen** Cara, queria ser muito escrota agora hauhau tô bem me controlando. Mas só vou recomendar que você releia seus últimos comentários.  
16 de junho às 23:12 · [Curtir](#)
- **Júlia** Sueli, a Hellen já tinha escrito lá em cima que feminismo é pra mina poder participar desse rolê sem depender dele  
Ou seja, você fazer coisa dentro do padrão do patriarcado, mas sem depender disso pra ser feliz, o que se encaixaria nesse caso como: tir...[Ver mais](#)  
16 de junho às 23:14 · [Curtir](#) · 1
- **Sueli** rs eu já disse isso lá em cima tem uns vinte comments, mas de boa tumblr de soft porn caseiro virar empoderamento. Sem paciência  
16 de junho às 23:15 · [Curtir](#) · 1
- **Sueli** Hellen você já foi escrota tipo umas 3 vezes, não se contém não. beijas  
16 de junho às 23:16 · [Curtir](#)
- **Hellen** que bom.  
16 de junho às 23:18 · [Curtir](#)

- **Júlia** Pra mim libertador é tudo aquilo que não te faz dependente dessa coisa. Eu posso posar do jeito x e agradar macho por posar desse jeito x, mas não significa que eu posso do jeito x pra agradar macho, só que eu me acho mais sexy posando do jeito x. O que não significa que eu não posaria do jeito y, por exemplo.  
16 de junho às 23:18 · [Editado](#) · [Curtir](#) · 1
- **Sueli** Aham, afinal foi você que inventou o jeito de posar assim. Não foi o Hugh Hefner em 1945 hauheuaehu, ai gente. tá  
16 de junho às 23:19 · [Curtir](#)
- **Júlia** Cara, eu não fui grossa nem irônica com você, não seja comigo. Se for pra esnobar o que eu falo, já avisa que eu não falo mais contigo. Isso é um debate, não tem ninguém com a verdade universal aqui. Eu respeito sua fala tanto quanto eu respeito a minha, porque eu não tenho nenhum motivo pra acreditar que sei mais que você.  
16 de junho às 23:20 · [Curtir](#)
- **Júlia** Acabei de falar que você pode estar dentro dos padrões patriarcais porque você GOSTA. Eu sou empoderada, eu tenho poder de ESCOLHA sobre minhas poses, porque eu não to mirando num público, eu to mirando na posição que eu me acho sexy, que eu gosto, que eu me sinto confortável. Se eu sinto essas coisas por causa de uma cultura que me acostumou dessa forma, isso é outra história e isso não muda do nada. Por isso que eu digo que hoje eu poso do jeito x, mas amanhã eu posso posar do jeito y. Eu poso do jeito que eu quiser, essa é a questão. A gente tem que estimular as experiências diversas, estimular posar do jeito y, z, v; o que não significa abolir o jeito x pra quem gosta dele. Fim.  
16 de junho às 23:23 · [Curtir](#)
- **Sueli** De boa, já falei que o problema não é ninguém querer ou deixar de querer, a questão é se é ou não válido um modelo feito por homens para deleite sexual de homens como empoderamento para nós. Vocês brincam de dizer que não desconsideram nem deslegitimam...[Ver mais](#)  
16 de junho às 23:24 · [Curtir](#) · 1
- **Sueli** NINGUÉM ESTÁ DENTRO DOS PADRÕES PATRIARCAIS PORQUE GOSTA. Isso não é empoderamento, isso é estar presa dentro do sistema machista.  
16 de junho às 23:25 · [Curtir](#) · 2
- **Júlia** Cara, você tá me dizendo então que não existe mulher que gosta de ficar em casa e ser dona de casa? É isso? Que não existe mulher que gosta de ser 100% mãe? Porque esses são padrões patriarcais e eu acho absurdo pensar que essas mulheres não existem.  
16 de junho às 23:26 · [Curtir](#)
- **Sueli** E não use um modelo padronizado pra crítica individual, um projeto com um modelo padronizado não tem a ver com o que um indivíduo faz. Liberdade política é você poder fazer coisas diferentes, opressão é só haver uma maneira válida de fazer, de se empoderar e de chamar a atenção para sua sensualidade,  
16 de junho às 23:27 · [Curtir](#)
- **Júlia** É exatamente isso que eu to dizendo, fazer coisas diferentes, fazer o que quiser e todas as formas serem válidas. Em momento nenhum a gente falou que posar pra homem era essência de empoderamento, não sei da onde você tirou isso. Eu to defendendo quem faz isso e é arrasada por outras feministas.  
16 de junho às 23:28 · [Editado](#) · [Curtir](#) · 1
- **Sueli** E desde quando ficar em casa e ser dona de casa é estar dentro dos padrões patriarcais? Trabalho doméstico é trabalho. Divisão de trabalho é uma das discussões que deveria não depender de gênero.  
16 de junho às 23:28 · [Curtir](#)
- **Sueli** Ninguém é 100% mãe. Toda mulher é mulher, mãe, trabalhadora, as vezes estudante. Entre outras coisas.  
16 de junho às 23:29 · [Curtir](#)
- **Sueli** E empoderamento não é um conceito individual.  
16 de junho às 23:29 · [Curtir](#)
- **Júlia** Desde quando mandam a gente pra cozinha, limpar chão, segregam a gente ao meio privado. Tem mulher que gosta desse meio privado e é empoderada. Essas mulheres existem, cara.  
16 de junho às 23:30 · [Curtir](#)
- **Sueli** Empoderamento é o conceito político de classes excluídas tendo voz e poder de decisão em campos onde antes não tinham. Não é uma questão de auto estima individual ou decisão sobre o que fazer consigo mesmo.  
16 de junho às 23:30 · [Curtir](#) · 1
- **Júlia** E desde quando mulher tirar nude é aceitável? Sendo ou não tirada pra agradar homem? É automaticamente taxada de puta. Você poder fazer isso por si mesma, sem fins comerciais como é na tv e nas revistas, fazer porque você quer, isso não é ter voz e poder de decisão sobre o seu corpo?  
16 de junho às 23:32 · [Curtir](#)


- **Júlia**  Deve ser perspectiva, então. Eu vejo assim, pelo menos.  
16 de junho às 23:32 · [Curtir](#)
- **Sueli**  Aí chegamos num ponto ótimo, se não é aceitável e não se tem que tirar pra agradar homem, vai fazer pose de foto porno pra que? Que empoderamento é esse que copia a posição de submissão de sempre? A quem é interessante que compremos a idéia de que liberdade sexual seja a nossa exibição em poses manjadas de revista masculina?  
  
Ou não se pode questionar os moldes de empoderamento também? Todo mundo tem que se sentir contemplada pelo empoderamento? Se é pra ser representativo de mulheres feministas periféricas, principalmente negras, essas questões tem de ser feitas. Nós já somos hiperssexualizadas, isso é um grito de autonomia sobre o próprio corpo, pode ser. Mas da forma que se está fazendo, ajuda a quebrar paradigmas ou a reforçar os que já existem?  
  
São perguntas, não são críticas. O trabalho das manas é o trabalho delas. Se pode pensar se ajuda, se atrapalha, se é neutro. Já que elas pretendem usar o nu como ferramenta feminista nós feministas podemos falar sobre isso. Sob diversos aspectos. Não temos obrigação de concordar.  
16 de junho às 23:36 · [Curtir](#) · 3
- **Sueli**  Tem uma onda nova, bem curiosa por sinal, que diz que tudo o que as brancas sempre fizeram em termos de vaidade e controle do corpo, e deu merda, tipo revista masculina, modeling, uso de make e outras representações que a gente até pode discutir em termos de visibilidade, nunca tiveram negras, então inserir negras nesses espaços é uma coisa boa. Mas não se discute se é uma boa colocar negras pra vender bases de 300 dólares enquanto tem preto morrendo de fome e de frio. Se é uma boa colocar negras nuas na capa da Vip se somos as maiores vítimas de agressão sexual. Se é legal ter mais negras modelando se nossas medidas não são as do mercado e o mercado plus pra negras só aumenta lá fora. Os problemas do racismo, principalmente para a mulher no Brasil superam questões como a exposição corporal. Nós estamos expostas o ano todo. Somos símbolo da sexualidade o ano todo. De que empoderamento estamos falando?  
16 de junho às 23:40 · [Curtir](#) · 5
- **Júlia**  Eu acho que a quebra não tem que ser 100% sempre. Pegou foto, tirou nude do próprio corpo, postou, tudo por autonomia sua, porque você quer e se sente bem, isso já é uma ruptura. Eu entendi o que você disse, mas eu não acho certo desvalorizar o ato se alguma ruptura é feita. Você tem O Exemplo de ruptura e você tem coisas que não tem todas as características que seriam ideais pra romper.  
16 de junho às 23:41 · [Curtir](#)
- **Marcella**  eu acho que a intenção das bucepower não é agradar macho não, acho também meio desproporcional comparar com revista masculina. Achei legal, mas tenho que concordar que isso tira o foco de pautas mais sérias porque é cool e o empoderamento é problemático.  
16 de junho às 23:42 · [Curtir](#)
- **Sueli**  eu não estou desvalorizando o ato, nem valorizando, na verdade. Eu não acho sequer um ato inovador, pra falar a verdade.  
16 de junho às 23:43 · [Curtir](#)
- **Sueli**  Não houve comparação com revista masculina, olha a honestidade aí gente.  
16 de junho às 23:43 · [Curtir](#)
- **Júlia**  Nesse caso que você falou, acho que essa exposição tem motivo de: visibilidade. O que não significa que não deve ser problematizado. Eu não consigo ser nem contra nem a favor, inclusive sempre reclamo quando vejo essa exposição sobre hiperssexualização e etc, mas não consigo me posicionar porque é ALGUMA coisa e eu, pessoalmente, não vejo como isso mudaria.  
16 de junho às 23:43 · [Curtir](#)
- **Sueli**  O corpo feminino, ainda mais o negro, é o mais exposto, gata. Não há nada mais visível do que a buceta preta. Aliás fui rever as fotos, e se parece muito com sessões de porno main stream do tipo amador. As moças precisam urgentemente rever a proposta visual. Politizar mais o bagulho. Embucetar de verdade a coisa toda. Essa seria minha sugestão.  
16 de junho às 23:45 · [Curtir](#) · 1
- **Júlia**  Até porque quem tá expondo são os homens que coordenam essas empresas de marketing e mídia, buscando outro mercado, buscando alguma inovação. Mulheres negras na mídia são usadas como ferramenta pra vender produto pra negra. É ferramenta de venda, nunca vejo como forma de representar o ser negro, mas como forma de incentivar puramente o consumo.  
16 de junho às 23:46 · [Curtir](#)
- **Júlia**  É como se anos depois eles percebessem: nossa, até que tem um mercado aí. Essas mulheres negras existem, tem necessidades, vamos explorar essas necessidades e vender.



16 de junho às 23:47 · [Editado](#) · [Curtir](#)

- **Sueli**  Sim, e ainda usam nomes como Criola, Dandara e etc... Bando de abutre. Continuam sendo racistas, riem dos nossos traços e cabelos, e ainda ganham uma grana nos vendendo produtos


16 de junho às 23:47 · [Curtir](#) · 1

- **Júlia**  E como o mercado não é amplo como pra mulheres brancas, acaba não tendo coisas como boicote e etc. Consumidoras negras são escravas de empresas que "fazem o favor" de produzir algo pra nós.

16 de junho às 23:49 · [Curtir](#) · 1


- **Júlia**  Não só produzir, como anunciar. Porque não dá pra comprar algo que você não sabe que existe.

16 de junho às 23:49 · [Curtir](#) · 1

- **Júlia**  É que eu ainda vejo diferença entre se expor e ser exposta. Por isso apoio a nude, ainda que na posição que for.

No caso dos anúncios, dos filmes, das mídias em geral, eu acho que as mulheres são expostas.

16 de junho às 23:53 · [Curtir](#)

- **Sueli**  Tá, mas pensando em representação, tem diferença? <https://www.google.com.br/search?q=playboy%20vintage...>



### playboy vintage - Pesquisa Google

GOOGLE.COM.BR


17 de junho às 00:03 · [Curtir](#)

- **Sueli**  Olha essas poses


17 de junho às 00:03 · [Curtir](#)

- **Sueli**  Tem diferença?

17 de junho às 00:04 · [Curtir](#)

- **Sueli**  É uma pergunta mesmo. Quero saber o que vocês acham. Se nós não estamos também viciadas numa exposição de nós mesmas que é heterocentrada. E achando que estamos inovando.

17 de junho às 00:05 · [Curtir](#)


- **Sueli**  NSFW <https://www.google.com.br/search...> [Ver tradução](#)




### amadoras gatas fotos - Pesquisa Google

GOOGLE.COM.BR


17 de junho às 00:06 · [Curtir](#)

- **Júlia**  as poses são iguais, mas é feito pela própria mulher sem mercado masculino pra isso, sem comércio, sem a venda da imagem sexualizada da mulher porque ela quer, o que é uma ruptura, ao meu ver


17 de junho às 00:06 · [Curtir](#)

- **Júlia**  não to dizendo que as fotos são inovadoras, mas eu vejo ALGUMA ruptura


17 de junho às 00:07 · [Curtir](#)

- **Júlia**  pra mim a diferença tá na autonomia

17 de junho às 00:07 · [Curtir](#)

- **Sueli**  Autonomia em fazer de graça o que o mercado espera de nós?

17 de junho às 00:08 · [Curtir](#) · 1

- **Júlia**  É que o lado de ruptura pra mim é VOCÊ fazer. É a tentativa de naturalizar a nudez feminina por motivos não comerciais não centrados no mercado masculino. É isso estar ok no dia a dia da mulher. Eu entendi a questão das poses e eu sou super a favor a explorar outras poses que não as que foram criadas pelo mercado misógino, mas eu penso que se você tirasse toda o sistema machista, se você voltasse tudo pra quando era tudo "limpo", ainda assim teriam mulheres que gostariam dessas poses, da mesma forma que outras mulheres gostariam da y, z e v


17 de junho às 00:11 · [Curtir](#)



- **Marcella** [redacted] Sueli, o "revistas masculinas" foi uma hiperbole sim, mas não na desonestidade até pq pra mim vc é uma Deusa Emoticon heart  
17 de junho às 00:12 · Curtir · 1
- **Aline** [redacted] Gente, uma coisa que eu tenho pensado, lendo a discussão (que tem uns argumentos muito bons de ambos os lados). Pra contribuir e pra fazer a gente pensar um pouco: nunca vi uma mulher que tenha saído na playboy ser agredida ou diminuída por machistas. Por outro lado, as moças aqui do BPG está recebendo ameaças pesadas. Por que elas incomodam?  
17 de junho às 00:20 · Curtir
- **Júlia** [redacted] Aline, eu acho que é justamente o fator de não ser voltado especificamente pros homens. Acho que é justamente a autonomia. Por isso que eu considero ruptura.  
17 de junho às 00:22 · Curtir · 1
- **Sueli** [redacted] Isso não é verdade Aline [redacted], houve capas de Playboy mortas em relacionamentos abusivos, tem até um filme, Star 80 sobre a morte da modelo mais bem paga do ano pelo marido. A modelo e capa da vip, dançarina da Valeska acaba de ser morta. Enfim, toda mulher que fizer o que quiser com seu corpo vai sofrer consequências.  
17 de junho às 00:22 · Curtir
- **Aline** [redacted] Relacionamentos abusivos infelizmente é parte da nossa realidade. A maioria de nós ou passou ou conhece quem tenha passado por algum. Mas eu falo de linchamento moral público. De receber ameaças de morte. É isso, segundo a Zaira, que tem assustado as meninas.  
17 de junho às 00:27 · Curtir · 1
- **Sueli** [redacted] Elas sofreram, e morreram, algumas na mão dos companheiros outras nas mãos de stalkes, comuns lá nos EUA como aqui. Aqui a questão é que a nudez não é a nudez da mídia. Há uma diferença histórica entre a nudez branca e a nudez negra e periférica. E se afirmar feminista vai atrair uma horda de ódio toda especial para elas. Toda nudez não padrão vai sofrer críticas. A nudez que se diz feminista principalmente  
17 de junho às 00:30 · Editado · Curtir
- **Sueli** [redacted] amora, Cris, seus nudes tem poses e até falas diferentes, depois vc abre o tumblr e vai entender. A mensagem tá na foto e tá no texto e intertexto.  
17 de junho às 01:58 · Curtir · 1
- **Sueli** [redacted] Sua expressão facial, corporal, cabelo, frase, tudo é composto de uma forma bem diferente  
17 de junho às 02:00 · Curtir · 1
- **Sueli** [redacted] Na verdade e disso que eu falo de não reinterpretar modelos para homens. Não por uma foto de fio dental sem face de quatro por exemplo. Sem identidade. Sem o seu cabelo que é uma marca registrada como negra. Sem um batom lacrador. Sem uma mensagem sua. Essas são características que você colocou no seu discurso que dialogam com as outras mulheres.  
17 de junho às 02:06 · Curtir · 1
- **Mayara** [redacted] Olha eu fiz a pergunta e NINGUÉM me respondeu no outro post. Farei novamente: Por que não vemos a quantidade de mulheres negras fazendo nu artístico como vemos de mulheres brancas? Por que novamente temos que lidar com essa imposição do corpo negro sempre tendendo pra hipersexualidade? Por que não podemos usar essa ferramenta como pelo menos um modo de mostrar nossa nudez natural e de forma delicada? Somos sempre vistas como as "potrancas do sexo", as que aguentam tudo, a que tem mais fogo que as branquinhas delicadas etc, por que não usamos isso pra justamente quebrar esse estigma? Eu tenho um tumblr e eu adoro nude, AMO nude e de forma natural e delicada a gente só encontra mulheres brancas, porquê o corpo negro deve continuar nessa linha de hipersexualidade e não inovar pra algo que falaria sobre um lado que não é mostrado? Eu só vejo fotos de negras senso ultramegapower sensuais e o que eu imagino vendo isso é que pra eu poder ser bonita só isso sobra pra mim, que só pra ser aceitável se for dessa forma enquanto vejo brancas que podem ser sensuais, podem ser delicadas, podem ser suaves e eu não pois eu sou uma "potranca do sexo". Acho que vai ser mais produtivo se o foco for voltado pra isso e não pra sensualidade negra já que praticamente é o nosso "sobrenome" querendo ou não nós somos taxadas assim e inovador e empoderador seria mostrar que nós não precisamos dar mais energia pra o que nos acorrenta.  
17 de junho às 06:42 · Curtir
- **Mayara** [redacted] Um exemplo de um dos poucos nudes de mulher negra que acho que seria legal explorar e não é difícil produzir algo assim, a ideia seria justamente passar a delicadeza dos nossos corpos na simplicidade do ambiente, algo natural: [http://40.media.tumblr.com/tumblr\\_m5sxxzHN071qao4gno1\\_500...](http://40.media.tumblr.com/tumblr_m5sxxzHN071qao4gno1_500...)  
17 de junho às 06:45 · Curtir · 3
- **Naby** [redacted] Manas, alguém aqui que participa do grupo BPG aqui no face pode me add lá?  
17 de junho às 10:20 · Editado · Curtir
- **Gabi** [redacted] Cris [redacted]!!!! Foi aqui! hehehehehehe  
19 de junho às 16:36 · Curtir ·




## ANEXO 36 – POSTAGEM NO GRUPO DE FEMINISTAS NEGRAS, 2017

Optei por manter apenas o primeiro nome exposto e não o ocultar por inteiro para que se possa acompanhar os níveis da conversa, de quem está falando e com quem.



**Patricia**

17 de junho

Reproduzi essa fala machista horrível...  
 Por minha formação...  
 Por meu Machismo...  
 Por minha construção social  
 Quero deixar Claro que entendi e que a desconstrução é diária...  
 E que minha fala "" sincera"" sobre a postura de quem dança do jeito que for.  
 Não posso julgar nem uma imã e suas escolhas..  
 Pode rebolar sua "" raba"" a vontade..não tenho direito de julgar ninguém.  
 Aprendi isso...pela dor ...de ser julgada pelo meu comentário ,assim como eu fiz....  
 E que o apoio de algumas foi muito mais limpo e importante que o deboche e a falta de respeito.  
 Paz e segue o baile.  
 Balançando a "" raba".  
 {Vou rebolar minha "" raba""..}  
 Porque sou empoderada e o corpo é meu...  
 Não.. você rebola a "" raba"" pra atrair um homem...  
 Amiguinha..pare de se achar empodera ..fazendo o jogo sujo dos homens..  
 Você tem a liberdade de usar a roupa que quiser...certo..??  
 Mas fazer dança do acasalamento se achando ..livre?!  
 Vulgarizando e reforçando o estereótipos machistas...  
 O ser sex passa muito longe disso..  
 Sou uma senhora de 42 anos.  
 Tô ligada que vou arrumar treta...  
 Mas de boa sinto que o super poder de empoderamento vai por vias erradas nesse sentido.





128

176 comentários


**Sarah**


Olha amiga. O que eu acho que está errado aí é vc achar que fazemos coisas pra agradar os homens. Já saiu pra balançar a raba cazamiga? É divertido não pq arrumamos macho, até pq pra transar se arruma fácil balançando ou não a raba... A diversão é dançar, curtir, ter a liberdade de usufruir do próprio corpo para o próprio prazer. E digo mais: se for pra arrumar macho/mina tbm vale a pena, pq sexo é bom né não?

Curtir · Responder · 36 · 17 de junho às 13:02 · Editado


**Maurine**


Se ela tiver balançando o q quer q seja pelo motivo q seja o problema é só dela é mais de ngm. Pior q ver mulher machista falando m, é ver suposta feminista falando m , embrulhando o machismo de sempre com vibe feminista...

Curtir · Responder · 21 · 17 de junho às 13:03


**Sarah**


Mana me abraça

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:06


**Maurine**


Sinta-se abraçada. Rs

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:07


**Hellen**

Ooo a bunda e minha nao posso rebolar pq?

Curtir · Responder · 12 · 17 de junho às 13:04



**Yorrannah**

Aaah eu rebolo a raba freneticamente e to há 2 anos sem contato físico com homens hehehhee então assim, Nada a ver hhahaha

Curtir · Responder · 17 · 17 de junho às 13:08

-  Patricia [REDACTED] Viu..?!  
O poder das ancas é meu...  
O poder de uma mulher que dança é lindo..  
Mas rebolar a "" raba""... não gente..  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:09  2
-  Yorrannah [REDACTED] Rebolar a raba não se trata de poder sabe, eu acho muito triste o funk passar por essa desclassificação sendo que ele vem de cultura negra! Infelizmente descordo de vc, Mas respeito!  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:10
-  Escreva uma resposta...
-  Ana [REDACTED] A função da minha raba é rebolar, aleluia.  
Curtir · Responder · 23 · 17 de junho às 13:09
-  Sarah [REDACTED] Fala Deus 🙏  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:16
-  Valeria [REDACTED] AMÉM  
Curtir · Responder · 1 · 18 de junho às 11:36
-  Escreva uma resposta...
-  Patricia [REDACTED] E não por machismo..já desconstruir um monte...  
Mas essa liberdade é usada de forma machista..  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:10
-  Mila [REDACTED] Mas sua visão é machista, você percebe que, dentro da liberdade da mulher, existe a do seu corpo. Então rebolar o raba, e ligar isso a intenção de atrair macho, é bem machista.  
Curtir · Responder · 10 · 17 de junho às 13:12
-  Escreva uma resposta...
-  Maurine [REDACTED] E outra: normalmente as danças q são feitas com a "raba empinada" são danças que a origem é negra. Samba, funk, twerk. Só coincidência que essas danças sejam vistas como vulgares e "dança do acasalamento"? O racismo enquanto sistema de dominação social, prega que tudo que vem do negro é ruim, errado, inclusive os aspectos culturais. Além dessa concepção que sexo é sujo é puramente branca - europeia. Ou seja, além da ideia ser machista, é racista tb.  
Curtir · Responder · 26 · 17 de junho às 13:11
-  Mila [REDACTED] Exatamente.  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:13
-  Juliana [REDACTED] É isso mana me abraça por favor  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 17:38
-  Valeria [REDACTED] só li verdades nesse comentário  
Curtir · Responder · 1 · 18 de junho às 11:36
-  Escreva uma resposta...
-  Karina [REDACTED] O meu empoderamento diz q não sou obrigada a nada e que posso rebolar a raba porque é minha, meu corpo minhas regras 🤪  
Edit: Meu mundo não gira em torno de um pinto #pas  
Curtir · Responder · 25 · 17 de junho às 13:21 · Editado
-  Paloma [REDACTED] Se não nunca rebolo a raba ne.  
E terapêutico Gata tenta.. se solta ..... larga de estereótipos..... vai ser feliz .....  
Para de se incomodar com coisas banais..... tanta coisa pra você ver neste mundo....  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:17
-  Estrela [REDACTED] Rezo a TUDO qnto é deus pra que chegue logo o dia em que poderemos falar, usar e explorar do nosso próprio corpo e sexualidade sem ter que por macho ou branquitude no meio!!!  
Pelo amor de Padilha COMO EU REZO!! Tá difícil viu... 🙏  
Curtir · Responder · 14 · 17 de junho às 13:19 · Editado




 **Nath** Se eu tenho Raba ela vai dar check in no chão e voar no teto more, to nem aí pra macho, atraí macho, eu rebolo por que gosto e pq eu me sinto bem 🍌


Curtir · Responder · 15 · 17 de junho às 13:18

 **Sarah** Melhor resposta nessa vida

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:20

 **Nath** 🍌🍌🍌 Raba hj, Raba amanhã, Raba sempre kk


Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:22

 **Amanda** Hauahauh a rabanada vai dar check in no chão e voar no teto! Kakkakaka menina vc é de mais !!!!! Adorei isso! Vou aderir!

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 17:19


 **Nath** Kkkkk

Curtir · Responder · 17 de junho às 17:30

 **Amanda** Aí gente sou muito taurina! Escrevi raba mas saiu rabanada! Hahahaha

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 17:38

 Escreva uma resposta...

 **Sarah** Miga pense bem: se vc acha que homens usem esse empoderando a favor deles eles que são os escrotos. Mas não somos nós q vamos parar de balançar a raba por isso! Ou tenho q parar de usar saia curta pra ã ser estuprada?


Curtir · Responder · 8 · 17 de junho às 13:19

 **Nath** Exatamente, parece o mesmo argumento

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:23

 **Andréia** Gata, tá na hora de descolonizar a visão sobre o corpo! Balançar a raba não deslegitima meu empoderamento! Muito pelo contrário...

Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 13:19

 **Mila** Ela meio que se perdeu entre a liberdade do corpo e a hipersexualização que a sociedade criou em torno de nós. Dá tempo de você discernir e separar as duas coisas, você misturou tudo. Uma mulher não rebelo o rabo por homem, ou ela rebola porque simplesmente o rabo é dela ou é seu ganha pão.

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:24 · Editado

 **Lexys** Mas a raba é o K????

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:23

 **Carol** Bunda

Curtir · Responder · 17 de junho às 13:23

 **Estrela** Bunda .bumbum..

Curtir · Responder · 17 de junho às 13:23


 **Lexys** Kkkkkk kerem aprender cmg também???? Rabo em Angola também chamamos MATACO kkkkk

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:54

 **Cissy** 😂 vamos rebolar o mataco!!


Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:59

 Escreva uma resposta...


 **Larissa** Rebolo em casa sozinha lavando louça e ouvindo aquele som gostoso.

Mulher nenhuma precisa de macho como motivação pra mexer o próprio corpo hahahah


Curtir · Responder · 13 · 17 de junho às 13:23

 **Sarah** Exatamente! Ontem a noite tava em casa com meus dois filhotes, nós três balançando a raba e ouvindo Ludmilla. Plenos...

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:26

 **Larissa** Se não for pra alcançar plenitude, pra que existiria o ato de balançar a raba? 🤔

Curtir · Responder · 17 de junho às 13:27

 Escreva uma resposta...

-  **Keila** Ces falaram tanto de rebolar a raba que já tô até preparando minha Playlist aqui pra rebolar  
Curtir · Responder · 10 · 17 de junho às 13:26
-  **Ana** Isso foi um convite? Rsrs  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:26
-  **Larissa** Idemm  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:27
-  **Keila** Ai, vamo  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:27
-  **Sarah** Amém Beyoncé  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:27
-  **Yorranah** Já to rebolando desde as 10 da manha, me aquecendo pra de noite hahahahahah!  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:28
-  **Keila** Amém  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:28
-  **Ana** Tô rebolando desde ontem, mas vamo que vamo  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:29
-  **Keila** Melhor coisaaa  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:29
-  **Yorranah** Segue o baile hahaahha  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:29
-  **Mrx** Tô aqui também, vamo  
Curtir · Responder · 17 de junho às 14:07
-  Escreva uma resposta...
-  **Luana** Eu não gasto dinheiro pra ir no rolê pra ficar parada igual a uma estátua né amore  
Curtir · Responder · 11 · 17 de junho às 13:27
-  **Ana** Rebolar a raba queima calorias, tira da Bad, ninguém reclama da vida quando se rebola a raba gostosinho. Vamo rebolar.  
Curtir · Responder · 9 · 17 de junho às 13:28
-  **Adriana** Ai mana sério que eu casada a 12 anos não posso curtir um baile com as minhas manas e rebolar a raba ao som de um raga frenético só pq os machos vão olhar e me subjugar fala sério né preta.Olha qdo uma preta mais vivida fala eu sempre me calo pra aprender mais com todo respeito a sua opinião tu falou merda  
Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 13:28
-  **Patricia** É Racista achar que Mulher negra...tem só um atributo.  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:29
-  **Sarah** E é machista achar que ela deve negar se expressar com seu corpo pq é mulher  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:30 Editado
-  **Patricia** A Globeleza...  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:30
-  **Sarah** Amiga, a globeleza é uma nós domos Coletivo. Agr achar que por causa de uma negra que dança na TV e seu corpo foi hipersexualizado, todas as outras mulheres negras que curtem dançar estão passando pelo msm é um abismo imenso.  
Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 13:33
-  Escreva uma resposta...

 Carol  Uê, mas eu balanço minha raba e sou lésbica e só colo em lugar de lésbicas  
Como fica?  
[Curtir](#) · [Responder](#) - 11 - 17 de junho às 13:31

 Scar  Fica diva  
[Curtir](#) · [Responder](#) - 1 - 17 de junho às 13:43

 Bárbara  siga bem caminhoneira  
[Curtir](#) · [Responder](#) - 3 - 17 de junho às 13:48

 Jéssica  Siga bem caminhoneira Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk minhajuda deusa  
[Curtir](#) · [Responder](#) - 2 - 17 de junho às 13:59 · Editado

 Escreva uma resposta...

 **Patricia**  Sarah Baartman...  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:31

 **Patricia**  O que quero dizer, que uma mulher negra.  
Empoderada ainda defenda a ideia que a bunda dela é um patrimônio cultural...  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:32

 **Estrela**  Eeee lá vamos nós... Tva demorando pra "Globeleza" aparecer!!!  
Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 13:32

 **Sarah**  Tá usando exemplos pontuais mana...  
Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 13:33

 **Marina**  so n rebolo pq nao sei msm meu quadril chega ranger qdo tento mas se subesse ia ficar horas rebolando admirando essa beleza aqui  
Curtir · Responder · 4 - 17 de junho às 13:34

 **Dias**  TMJ 🤔 Não sei rebotar. 😂😂😂😂  
Curtir · Responder · 2 - 17 de junho às 13:39

 **Marina**  Um dia tava de salto minhas amigas tavam atras de mim tipo trenzinho p gnt ir até o chão  
Parei de ócoras, a musica acabou e eu fiquei lá  
Curtir · Responder · 3 - 17 de junho às 13:42

 **Dias**  Mana eu nem vou viu, sou igual bonecão de Olinda,  
magra, alta, qndo cmego a balançar fica muito feeeioooooo kkkkkkkkkk  
Curtir · Responder · 17 de junho às 14:15

 **Vanessa Andrade** **Marina**  aconteceu isso comigo uma vez,  
uoooooooooooooooooooooooooooooooooo!  
Curtir · Responder · 17 de junho às 14:23

 Escreva uma resposta...

**Patricia** [REDACTED] Eu não tenho"" raba""  
Tenho um corpo e dentro dele uma alma..carente de respeito por esse corpo..exposto por tantos anos explorado na mídia ..como patrimônio cultural.  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:34

**Sarah** [REDACTED] Tá fácil então: não tem raba não rebola. Mas ã faça como muitos homens que se acham no direito de ditar regras comportamentais na vida das minas  
Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 13:43

**Escreva uma resposta...**

**Valdirene** [perfil] Juro... não entendi nada...  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:34

**Mylena** [perfil] "Vulgar" é uma palavra inventada por homens para nos manter na linha e nos privar dos prazeres q somos capazes de sentir sem eles hahaha.  
Empoderamento pra mim é fazer oq quiser, quando quiser e como quiser. E sim, isso inclui balançar a raba excessivamente. E não, não é pra chamar a atenção de homem. Cada uma se empodera da maneira que quer! Viva ao empoderamento 🙌🏻👏🏻  
Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 13:38 · Editado





Kinah Vou só dizer uma coisa, você já viu algum vídeo de dança Africana?

Veja.

Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 13:35



Nath Eu fui em uma festa Afro, só Black, só preto e preta divinos, aquelas mulher balançavam a raba de um jeito, foi um grupo com instrumentos utilizados para as músicas africanas, era raba pra todo lado, é lindo, meu sonho saber fazer aquilo cara 🤔🤔

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:37



Andresa "rebolar a raba" que elegante..

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:38



Scar Cada uma veste a roupinha do empoderamento da forma que cair melhor. Há quem use de saia e blusa. Há quem use de shortinho e croped. O importante é Não ferir a escolha da outra ❤️

Curtir · Responder · 6 · 17 de junho às 13:37



Sarah Laca msm mana

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:41



Scar Olha quem fallaAaaa

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:45



Escreva uma resposta...



Karol Mas quem disse que tem mina inclusive que quer atrair homem ?! tem mina que nem gosta de homem

Se a motivação do seu coração tá nisso, tenso. ( A forma que vc colocou da a entender que o centro do mundo é um pinto)

Obviamente a liberdade sexual principalmente das negras é em parte uma manobra do patriarcado, mas menos né?! Bem menos, quase nada...

Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 13:39



Scar Lacre

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:42



Karol 🤔

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:15



Escreva uma resposta...



Ana Agradar omis?Não, muito obrigada



Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 13:39



Marina ao msm tempo q a gnt tem um corpo que [e alvo de mta objetificacao por macho asqueroso, esses msm corpos foram e sao rechacados na midia como impuros, sujos, pecado e o caralho, levando nossa auto estima pra onde pro buraco  
entao se pra se reconhecer como a deusa q a gnt eh precisa de rebolar a raba ou qqr outra coisa nos vamo rebolar memo complicado eh ja chegar assumindo que isso eh pra atrair macho — discurso parecido com o dessas branca molenga que chroa de inveja do amor q tamo adquirindo por nos mesmas, rebolando ou nao

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:39

**Scar** Como diria Anita VOU REBOLAR SÓ PORQUE, VOCÊ NÃO GOSTA.. SE NÃO QUISE ME OLHAR , VIRA DE COSSTAAAS. VOCÊ VAI TER QUE ATURAR PQ EU VIM PRA TE PROVOCAR. E PARA DE FALAR: #BLÁ #BLÁ #BLÁ

Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 13:40

**Nathália** uma pensadora contemporânea dessas bicho

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 16:27

**Scar** Nê nooooooooooooo \*....\*

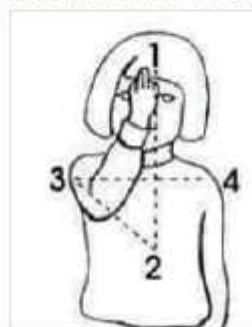
Curtir · Responder · 17 de junho às 16:46

Escreva uma resposta...

**Luanne** O problema está em quem hipersexualiza nosso corpo e não na gnt rebolar a raba

Curtir · Responder · 15 · 17 de junho às 13:40

**Ana** Deus me dnble, viver para agradar omis



Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 13:40

**Karol** E uma rebolada de raba faz bem pra alma.

Curtir · Responder · 17 de junho às 13:40



6

**Rosana** Povo tirou essa semana para passar vergonha nessa grupo, só pode, #apagaquedatempo

Curtir · Responder · 17 de junho às 13:40



11

**Maria** Tbm acho, cada uma sempre dancei e nao para atraí homens nao

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:07

Escreva uma resposta...

**Dina** E se ela quiser atrair um macho?Qual o problema?Pensei que fossemos livres .

Curtir · Responder · 12 · 17 de junho às 13:40

**Patricia** Mulher eu não tô julgando quem dança o problema pra mim é reforçar a porra do esteriótipos de mulher negra e bunda .












Curtir · Responder · 17 de junho às 13:43

**Maria** Nao foi isso que entendemos Patricia Viturino






Curtir · Responder · 17 de junho às 14:07




Escreva uma resposta...


-  Scar  QUE OOOORRGUUUUULHOOOO DA MAIORIA DOS  
COMENTÁRIOS MINHA DEUSA DO CÉU ❤️  
Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 13:41
-  Ana  Empoderamento feminino e preto, e o feminismo  
estão presentes aqui  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:45
-  Scar  Sim Ana. Gente. Eu to passada.  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:47
-  Ana  Cé é louco, até arrepi  
Uns mulherao desses  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:47
-  Escreva uma resposta...
-  Ana  Cruzes
- 
- Curtir · Responder · 6 · 17 de junho às 13:41
-  Scar  Tí distribuindo orgulho.  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:42
-  Ana  Tá na constituição
- 
- Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 13:44
-  Bárbara  Eu não sei vocês mas eu reboło pq é incontrolável e pq gosto.  
NAO SEI VCS  
Curtir · Responder · 11 · 17 de junho às 13:44
-  Scar  Só sei de uma coisa: não tem nada a ver com pinto  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:46
-  Nath  Tenho pra mim que quando eu to rebolando e chega  
macho eu xingo pq n gosto de gente me grudando enquanto to  
performando ca raba  
Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 13:47
-  Bárbara  Nada gira ao redor de pinto  
Muito menos minha raba  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:48
-  Bárbara  Eu mesma Nath Souza HAHAAHAAH  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:48
-  Escreva uma resposta...

-  Dias  Oxente minha gente! 😂😂😂😂😂😂😂😂😂😂  
Curtir · Responder · 1 a
-  Ana  Inclusive, quero, gosto e preciso, se vai ser encima do boy ou sozinha, veremos  
Curtir · Responder · 1 a
-  Sarah  Depende muito né? Kkkkkkkkk  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:46
-  Maria  Kkkkk  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:08
-  Escreva uma resposta...
-  Dias   
  
Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 13:47
-  Patricia  A vista é na tentativa de me melhorar..a piadinha to dispensando...  
Mas se quiser falar de verdade sem me silenciar...bem tô aqui ..com minha cara preta...disposta ...  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:51
-  Dias  Vc não tem que ser silenciada, precisa ser desconstruída. Ditar regras na vida alheia... Eu não sei "rebolar a raba", mas acho lindo ver as manas rebolarem. Descontroli. Em nome da "minha opinião" impensada ficar condenando quem vive feliz como quer é demais gata. Não vivo em nome de macho algum, Piroka nenhuma me salvará de nada, ser feliz é a meta, como eu quiser ser. Sem ninguém cagar regras arcaicas.  
Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 14:01
-  Escreva uma resposta...
-  Rosana  Eu sou muito tímida, não saio, não tenho muita autoestima. Mas se eu não tivesse vergonha, iria rebolar a raba como se não houvesse amanhã. Pois em casa na faxina já faço isso.  
Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 13:48 · Editado
-  Dias  Kkkkkkkkkk  
Curtir · Responder · 17 de junho às 13:47
-  Dias  Mana toda hora que vejo um coment seu eu fico olhando tua foto de perfil e rindo, achando engraçado pq parece que vc está mesmo com um copinho de suco observando as tretas. Kkkkkk eu sou muito besta pra rir disso 😂😂😂😂😂  
Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 13:49
-  Aclair  Eu achava que só eu tinha essa impressão,  
Dias Dinhal 😂😂😂😂😂😂😂  
Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 13:53
-  Rosana  Gente, até eu acho isso 😂😂😂😂😂😂😂  
Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 13:54
-  Dias  😂😂😂😂😂😂 tá muito wooow 😂😂😂😂😂  
Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 13:57



-  **Aclair** Parece que você tá vendo a treta toda de camarote! kkkkkkkkkkkk  
Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 13:58
-  **Rosana** Pior gente, tô besta com esse grupo, todo dia pelo menos uns 2 close errados  
Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:01
-  **Dias** #fato o pior é que o grupo é para desconstrução, mas humildade passa longe de todas que dão closes errados e claro, em nome da "minha ORGULHOSA opinião. Afffs #tabemfoda  
Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 14:02
-  **Rosana** Tá complicado. Acho que muitos entram não para aprender ou se desconstruir, mas por curiosidade. Aí ficam indignadas e acabam fazendo esses tipos de comentários.  
Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 14:04
-  Escreva uma resposta...

-  **Sarah** E o que sugere? Todas nós de corpinho coberto sentadinhas e bem comportadas pra não "provocar" os homens que não se controlam? Bora viver em função dos macho né? Aí minha deusa!  
Curtir · Responder · 11 · 17 de junho às 13:47
-  **Dias** Sqnunca kkkkkk  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:49
-  **Aclair** Quem se comporta assim pra chamar macho é "princesinha branca"! Sabe de nada essa inocente, viu?  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:54

-  **Sarah** Né non? Tô aqui digitando e balançando minha raba ao som da Ludmilla. Detalhe: com o bebê no canguru pq ele hj só quer a mamãe  
Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 14:00

-  **Ana** Bela, recatada e do lar  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 18:38
-  **Sarah** A moça falou o que quis e depois me bloqueou. Olha como ela está pronta pra um debate Franco! Dona Patricia Vitorino me bloqueou pq eu não passei pano pra ela, nem vou passar!  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 23:23
-  **Dias** Que bela desconstrução, disse que queria treta, quer que passe mesmo é a mão pela cabeça, não passo. Não sou desconstruída não, mas tenho respeito e empatia. Não saio por aí julgando quem quer que seja pra depois vir pedir desculpinha pra quem me amou e vá se lascar quem me odiou, pronto desconstrui. Rum rai aí viu.  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 23:28
-  **Dias Dinha** Ela nem deve saber o que é debater.  
Curtir · Responder · 17 de junho às 23:29
-  **Sarah** Exatamente como vc disse Dias... Essa retratação é só pra ficar de boas, quer afago não quer desconstrução. Pq debater não quer. Reproduz discurso machista e ainda silencia mana. No meu caso só não deu certo pq sou umas das adm. Então msm bloqueada eu vejo os post's dela... Pq lá no meu post foi falar bobagem e me bloqueou na sequência o que pra mim é desonestidade... Mas segue o bonde  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 23:35 · Editado
-  **Aclair** Ela continua distribuindo patadas nas outras, mesmo com a retratação. Se ela se sente culpada pelo estupro que a vitimou, deve procurar um especialista para mostrar que nenhuma criança pode ser culpada pela violência que sofre. Ao invés disso, prefere culpar as mulheres, principalmente nós pretas.  
Curtir · Responder · 2 · 18 de junho às 18:57 · Editado
-  Escreva uma resposta...



**Patricia** A solidão da mulher negra..passa bem por aí...  
 Coloquei bem foda. Dança do acasalamento..pra provocar...  
 Mas uma mulher negra. "" Mulata""...  
 Com todos seus atributos físicos e facilidade desse corpo jovem...  
 Que passa...  
 O meu passou...  
 Fica o que gente...?!  
 o empoderamento feminino negro...tem que libertar as mulheres negras desse padrão..  
 Somos mais... muito mais...  
 Tem um monte de gente aqui linda ..formada...estudando..fora do meu padrão pobre favelada e sem apoio emocional...  
 Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 13:47



**Luanne** Tinha uma época que eu não rebolava a minha raba e olha não me fez arranjar nenhum homem. E fui hipersexualizada. Então, uma coisa não tem a ver com a outra. Me tratam como objeto e sou preterida por ser negra. Apenas.  
 Curtir · Responder · 6 · 17 de junho às 13:50



**Rosana** Mas penso que dá pra rebolar a raba (pq é libertador sim e faz bem) e continuar sendo foda. Sua fala infelizmente passa a impressão de que por sermos negras e preteridas não podemos. Como se fosse proibido para gente 😞  
 Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 13:52



**Jozi** Eu entendo um pouco do que vc falou.. Mas sabe.. Eu danço pq gosto.. Isso não me impede de estudar e militar uma coisa não está ligada à outra... E como seria um homem vulgar??? Isso não é cobrado deles sabe... Eu fico triste... Para de cobrar da mulher.. Um tal comportamento que a sociedade impõe... Se eu quiser sair beber rebolar.. Tá liberado! Pq sou dona de mim... Se eu não quiser pode também....  
 Curtir · Responder · 13 · 17 de junho às 13:52



**Dias** O que sobra é o que a gente viveu sendo feliz, sem dar satisfação disso a quem quer que seja, ser feliz como e qndo quiser. Bem colocado, corpinho bonito passa, e enquanto não passar, bora aproveitar, bora ser feliz. Nô já somos podadas, ridicularizadas, rechaçadas lá fora, aqui é lugar de desconstruir. O grupo é de empoderamento. Tenta ser feliz sem ditar tantas regras a quem já vive à margem, preterida e perseguida demais. Gata na boa, VÁ SER FELIZ.  
 Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:55 · Editado



**Sarah** Mas vc conhece as manas pra dizer que elas são apenas isso mulher? Se enxerga! Eu sou mestrande em história, mãe de dois filhos, esposa de um negão gostoso, escritora e militante... E balanceira de raba nas horas vagas. Vc é que tá com viseira enxergando apenas um lado das coisas e etiquetando toda mulher que balance a raba como vulgar. Tá preocupada com a solidão da mulher negra? Vá reclamar com os negros palmeiros e com os brancos racistas. Vc colocou dança do acasalamento não pra provocar, mas na tentativa de inibir mulheres livres de expressar com o corpo. Juventude passa mas a alegria de ser dona do corpo dura enquanto houver vida, desde que não venham os falsos moralistas fiscais de raba cagar regra em cima da gente. Quer contribuir com o debate do Feminismo? Quer libertar mulheres? Ou quer padronizar todas pra que sejam belas, recatadas e do lar? Reflita mana... Eu parei por aqui pq quando li mulata já desisti de argumentar. Além disso tenho umas coisas pra fazer antes de sair pra balançar minha raba logo mais

Curtir · Responder · 17 de junho às 13:57







Patricia Não..coloquei. Isso..pra provocar..

Porque aqui tem um monte de mulher negra empodera que não faz ideia que dentro da favela...tem menina fazendo espelho das empoderadas..

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:01



Jozi Poxa Patricia... Esse monte de mulher negra está também na periferia... Claro q pode existir uma ou outra q não tem consciência mas tenho plena certeza que 90 % das mulheres negras tem consciência da sua origem... Pode não fazer nada a respeito mas tem consciência...

Eu como pedagoga... Uso o funk a gente dança agente contextualiza o conteúdo... Essa é a realidade delas... Eu ralei mto na boquinha da garrafa... Mto mesmo... E isso não me impediu de nada! Nao é pq são "faveladas" q não tem visão de mundo...

E graduação também não é garantia de nada!

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:18



Marcela Não balanço a raba pq apesar de nova já tô cansada, rs final de semana geralmente deixo pra estudar..raramente saio pra noitada.

Minha vida é trabalho e faculdade..e imagina como os homens me vêem ? Como um suculento pedaço de carne. Eu precisei instigar/provocar eles ? Não ! Apenas sou negra, isso já é o suficiente.

Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 15:01



Escreva uma resposta...



Mila Mas se a mulher rebola e ganha a vida assim como Carla Perez fez e a Anitta faz e os homens/sociedade acham que só existe um "rabo" ali, isso não é problema delas, e sim da sociedade que objetifica mulheres e a resume a isso, a proposito toda mulher quer conquistar seu objetivos e como feministas devemos lutar por elas, porque afinal a luta é continua e sobre as minas que rebolam no baile funk, novamente existe um estereótipo de que mulheres são vadias e querem fu%\$ e isso também não é culpa da mulher, o que muitas tem é medo porque o assédio nos espaços públicos é demais. Quem não gosta de rebolar é desoer até o chão? Eu desço até o chão e ainda coloco um short curto, pronto falei.

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 13:49 · Editado



Flávia Eu rebolo a minha raba, pq a raba é minha kkkkk oshi

Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 13:48



Jéssica Eu rebolo a raba pq me dá forças pra seguir em frente, nem de omi eu gosto

Curtir · Responder · 8 · 17 de junho às 13:50



Flávia Mas mulher, vou parar de rebolar a bunda hj msm 🤔🤔🤔  
MENTIRAAAAA , minha raba tem vida própria kkkkkk

Curtir · Responder · 9 · 17 de junho às 13:52



Jéssica To deitada aqui, passando mal pra caralho, tocou um funk na rua, a raba tá rebolando

Curtir · Responder · 17 de junho às 13:53 · Editado



Sarah Ri alto pq minha raba tbm tem vida própria kkkkk

Curtir · Responder · 17 de junho às 13:58



Flávia Vieira E qnd vc ta na festa, deeeextruida, vc senta e fala 'Nossa não vou levantar mais, tou mal' Toca um funk, eu ressuscito NA HORA

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:02



Sarah Kkkkkkk bem assim. Fim do rolê e eu acabada aí escuto assim: "a danada sou eu".. pronto! A raba sai quicando sozinha kkkkkkk

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:04 · Editado




Flávia Qnd começa um 'Aaaa paradinha aaaaaa' kkkkk


Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:09



Escreva uma resposta...


 **Ediana** Você se dá conta do quanto sua fala está carregada de preconceitos e reforçando estereótipos? O pênis não é o centro do universo, para que nossas ações sejam com o intuito de agradar quem o possui. Vou lhe contar um segredo, pronta para ouvir? Lá vai: existem mulheres lésbicas, e possivelmente muitas delas gostam de balançar a raba. Seu argumento fica onde neste caso? Para de usar seus gostos ou desgostos como parâmetro. Viva a sua vida como achar melhor e apenas pare de querer cagar regra na vida alheia.

Curtir · Responder · 0 · 17 de junho às 13:52


 **Patricia** Cagar regra... É achar que uma mulher negra tem raba'... Gente... Uma mulher negra... não pode ser uma raba'... E isso for empoderamento feminino negro?!! Isso me assusta... Sério...

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 13:57


 Escreva uma resposta...

 **Milena** Na verdade eu rebolo a raba pq eu gosto de dançar rebolando a bunda , não é pra atrair homem até pq sou bissexual e nunca rebolei a bunda pra atraia uma mulher . O empoderamento vai muito além das roupas , é sim poder vestir o que quiser e dançar como quiser sem pensamento machistas como o seu .


Curtir · Responder · 17 de junho às 13:54

 **Dani** E se eu rebolo minha raba em casa mesmo, sem mais nmg pra ver, bem plena e hidratada só pq eu quero e tenho livre arbitrio? Mas posso rebolar na balada tb, com mil homens no mesmo ambiente, pelo menos motivo: Pq eu quero. Obrigada. De nada.


Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 13:54

 **Andréa** Tenho 39 anos, sou casada , tenho uma filha de 13 anos e não posso ver um funk que quero rebolar a raba, sempre porque meu corpo minhas regras, sou eu quem determino o que posso e o que não posso fazer e amo descer até o chão, me faz bem. Não faço pra macho escroto nenhum só faço por mim, fecho os olhos e só penso no quanto é bom ouvir a batida enquanto meu corpo mexe.

Curtir · Responder · 8 · 17 de junho às 13:59


 **Mitah** Agora quer dizer que eu rebolo minha raba só pra agradar homem?! E se eu quiser fazer isso pra agradar homens e mulheres?! Ou apenas pq me sinto bem?! O feminismo que eu prego é justamente o feminismo da liberdade de escolha!!! Se ela quer seduzir homem e se sente bem assim pois deixa ela Ué!!! Cada um é livre pra fazer o que quiser!!!

Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 14:00


 **Thyane** Eu li umas coisas por aqui que eu vou até olhar novamente o topo do post pra conferir o nome do grupo. Velho, inacreditável esse discurso! (E muitos outros!) Não gosta de rebolar? Fica com a tua raba paradinha e deixa o coo de quem gosta de balançar!

👉 DEIXA AS PESSOAS 👉


Curtir · Responder · 8 · 17 de junho às 14:02 · Editado

 **Nath** C eu disser que tava lavando a louça, rebolando a raba sinistra? Em casa, na balada, com as miga, sem as miga, a raba ta rebolando, n tem nada a ver com tentar seduzir nmg, quem tem esse objetivo, oras, deixa ela, mas n pode generalizar e pior, achar isso ruim e q a mina n é empoderada.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:03

 **Mrx** Ahhhhh! Claro que você pode ser livre! lutar pelos seus direitos! MAS não tão livre, não com essa roupa, pra que tanta teoria? Não tão bonita. Hahaha. Ata

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:06

 **Ediana** E só faltou dizer que o verdadeiro encanto da mulher está no sorriso e não em mostrar a bunda.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:06





**Malu** quer dizer que a senhora tá caçando macho?

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:06



**Elaine** A moça tá perdida. Ajude a moça.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:54



**Elaine** Tô rindo, mas tô preocupada. Não sabia que tinha mensagem subliminar em bater o koo.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:58 · Editado



Escreva uma resposta...



**Tauane** Quê?

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:07



**Patricia** Bom, ninguém aqui conhece minha história...

Mas estou no lugar errado..

Pois lutei a vida inteira pra me posicionar na vida e não ser apenas um. Corpo. Fui violentada sexualmente aos 5 anos...

E quando me tornei adolescente dançava a boquinha da garrafa.. owwwwww a merda..

Merda... abri o meu corpo pra ser objeto pra ser aceita..talvez hoje com tantas voltas do mundo eu consigo ver isso.

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:07



**Sarah** Mana sinto muito ler isso. Pq independente de termos posicionamentos muito diferentes, sua dor é a minha dor. Mas suas vivências pessoais não podem pautar a vida de mais ninguém além de vo!

Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 14:10



**Thyane** Você acha que sofreu abuso pq dançava na boquinha da garrafa???

Cara, a culpa não foi sua. Repreender o comportamento de "rebolar a raba" por isso é reforçar o machismo. (Minha opinião!)

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:10



**Rosana** Patricia, o problema é a cultura desse país de merda que coloca a mulher como vulgar. Homens desde cedo são ensinados que guria de balada não serve para conhecer melhor e está se mostrando, se oferecendo...

O certo não seria educar esses garotos desde novos que o corpo da mulher é dela e somente ela que decide quem pode tocar?

O certo também não seria orientar esse garoto que uma guria tem a mesma liberdade e o direito que ele de se divertir, dançar, usar uma roupa que ela se sinta bem pq o corpo é dela? E ela que manda nele?

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:14



**Ana** Eu entendo a sua dor, amiga, sofri assédio sexual com 12 anos de idade e quase estupro com 21 por um idoso, e estupro com 24, já dancei até funk em baile do furacão 2000, como sou cristã há 15 anos, essas músicas não fazem parte da minha vida, se cuida, o problema está na sociedade discriminadora, machista preconceituosa e racistas, que acha que por uma "mulher usar saia curta ou decote que ela está a fim de sexo" não, eu usava blusas decotadas e calças jeans de cotton lycra me sentia bem, hoje como sou advogada e cuido de casos de família, crianças e adolescentes, não fica bem usar este tipo de roupa mais e nem gosto opção minha, cada pessoa é uma pessoa com seus gostos e modas.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:40



Escreva uma resposta...



**Gabriella** Pq vc acha q homem é o centro do universo e q nós rebolamos a raba p eles e nos vestimos p eles? Menos, bem menos.

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:08



**Valdirene** Desde quando "raba" é inerente à espécie humana? Tou perdida, não tô entendendo mais nada. Ajudem a Tia Val a se situar!

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:08





Paloma [REDACTED] Vc já não sabe mais o que esta defendendo, repensar sua tese e um ótimo exercício.  
Ta sozinha nessa .  
Felizmente estamos aqui pra dividir pontos positivo e ajudar uma as outras.

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:19 Editado



Ediana [REDACTED] Patricia não é porque você tem 42 anos que ainda não tenha o que desconstruir e aprender. Não leve as opiniões contrárias às suas como ataque ou como se todas fossemos um bando de ignorantes que não soubéssemos sobre o que estamos falando. Se um número significativo de pessoas se opõem às suas ideias, talvez o ideal seria parar para refletir acerca da razão desta oposição. Auto reflexão não faz mal a ninguém, afinal não nascemos especialistas em nada e estamos em constante aprendizado, isso é viver!

Curtir · Responder · 7 - 17 de junho às 14:18



Juliana [REDACTED] Eu sou sapatão e rebolo a raba

Curtir · Responder · 3 - 17 de junho às 14:19



Patricia [REDACTED] Mulher que defende o direito de rebolar a própria "raba"...nunca lembra que muitas vezes é espelho da menina negra periférica...e que ainda não tem poder.  
E se "" beneficia"" da beleza do corpo..sendo alvo direto de exploração..  
Gente..  
Sei que sou velha e devo ter um monte de coisa pra desconstruir..  
Mas uma coisa é certa..  
Tem menina sendo abusadas..  
Em relacionamento abusivo...por não entender que o poder da ""raba""...  
É uma forma de sedução sensual..  
Sem ter noção do próprio corpo..  
E poder das escolhas..  
E é um monte de gente inteligente..  
Mas não tem como bater de frente ..que já mete uns posts bem fodão..acha todos que apóia..  
Mas pensar que o poder do corpo...se reflete na forma que é tratada no mundo..  
Por macho..pela sociedade..pelo patrão...pelo filho do patrão..  
Porque vai reforçando a ideia que Mulher negra é fogosa...e super sexualizada..  
Que somos apenas corpos..  
Apenas...

Curtir · Responder · 3 - 17 de junho às 14:19

Ocultar 22 respostas



Camila [REDACTED] O cara é abusivo pq teve uma educação bosta e machista. Pelo amor da Deusa ne!

Se fosse por causa de raba, mta branca desrabada, crente, que nunca bateu a bunda no chão não estaria sofrendo e apanhando na mão de macho.

Melhore!

Curtir · Responder · 11 - 17 de junho às 14:21



Sarah [REDACTED] Então tem que empoderar essas meninas e não se meter a dona da minha raba. Gasta seu tempo empoderando essas meninas que estão sendo abusadas

Curtir · Responder · 3 - 17 de junho às 14:23



Paloma [REDACTED] Você coloca varias questões que se referem a outros fatos da sociedade que vivemos e não da " RABA" em si, não da mais pra entender seu ponto de vista .  
Acredito que queira discutir outros pontos e não esta sabendo se expressar ou ate mesmo uma linha de raciocínio lógico

Curtir · Responder · 6 - 17 de junho às 14:23



Mrx [REDACTED] Então a culpa dos abusos são das meninas???? O quê?


Curtir · Responder · 2 - 17 de junho às 14:27




Patricia [REDACTED] Deve que ser...fui metralhada..  
Já chorei aqui.

Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 14:30




 **Mrx** Chega de opressão querida. Não aceito ser tirada de militância, simplesmente porque danço e isso pode "incomodar macho"

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:32

 **Paloma** Estamos aqui pra ajudar o problema e que vo colocou uma questão mas seus pontos de defesa não são relacionados a questão.  
Eu amo vc Preta..  
Só olhe os comentários e absorva o que for bom e refaça sua tese se achar realmente necessário não é obrigada a concordar com todas e outras se quiser discutir outros pontos seja sempre bem vinda.

**Patricia**

Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 14:33

 **Dora** Mas as meninas não tem q parar de rebolar a raba, quem tem que parar de abusar e não estuprar são os homi.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:34

 **Patricia** **Paloma**  
Obrigada.


Dentro todas as voadoras na cara..

Um abraço fraterno..

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:39


 **Patricia** Estava pronta a sair do grupo..  
Um sábado com tempo pode ser fatal...com internet.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:40

 **Dias** Preta, só reformula sua tese, repensa suas idéias. Sei que é difícil qndo a gente passa por tantos problemas, mas a culpa não é, nunca foi, nem nunca será da mulher. Reproduzir machismo não irá mudar o que vc sente, exponha melhor seus pensamentos e seja bem vinda.


Curtir · Responder · 17 de junho às 14:40




 **Paloma** Não pense em sair este grupo tem muito a oferecer apesar dos tropeços uma horas vai dar certo de vez RS

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:41




 **Sarah** Vo postou sabendo que daria nisso  
**Patricia** Vo disse que sabia que daria treta não foi? Falar o que pensa tem esse contraponto: ouvimos o que os outros pensam tbm!


Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 14:47 · Editado

 **Débora** Então, o que tu diz faz sentido, mas são coisas diferentes. Não podemos impedir as meninas de dançar, temos que mostrar pra elas que ""não devemos nos beneficiar"" entre grandes aspas já que não é bem isso, nosso trabalho de base tem que chegar na periferia pra mostrar a realidade pra essas meninas. Não vai ser julgando quem faz que vai mudar. Todo debate vem com opiniões diferentes, só temos que ter calma nos argumentos

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:48


 **Patricia** Mas mulheres negras me atacando de voadora.. não..  
Queria provocar..  
O empoderamento feminino negro..  
Não tomar xingo..  
Mas de boas..  
A minha luta é minha.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:48

 **Ana** **Patricia** a sua luta é nossa, conte comigo irmã, eu entendi o que voce quis dizer, não podemos sexualizar ou melhor dizendo sensualizar por meio de dança ou roupa, principalmente as crianças, porque os pedófilos estão a solta, mas podemos empoderar as mulheres com conhecimento através do estudo, cursos, seminários e palestras.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:53 · Editado




 **Dora** Não se trata de atacar. Quando se posta algo em um grupo as pessoas comentam nem todas tem paciência pra explicar ainda mais quando se reproduz fala machista.


Curtir · Responder · 6 · 17 de junho às 14:50

 **Dias**  **Dora** vc.... 🌹🌹🌹🌹🌹


Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:51

 **Sarah** Vc atacou quando julgou as mulheres, mas quer apenas rosas pra tua fala? Não mana, não funciona assim!


Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 14:51

 **Rose** Nossa difícil né. Temos muitas desconstruções a serem feitas. As construções sociais estão impregnadas. E o bom desse grupo, eu acho e espero, é que poderemos problematizar. Somos mulheres de idades diferentes, com experiências diferentes e as ideias vão se conflitar algumas vezes. Penso que devemos jogar nossas "voadoras" pros nossos inimigos. E aqui ajudar umas às outras a se informarem mais, a desconstruir valores que nos empurraram garganta a baixo e a construir novos.

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:56


 **Ediana** Patrícia pode não ter sido a sua intenção, mas a sua fala em vários momentos foi agressiva e responsabilizando as mulheres por coisas que não são culpa nossa. Alguns ânimos podem ter se exaltado, mas por outro lado seu post levantou um debate importante, nos proporcionou ouvir diversas opiniões a respeito do assunto e com isso aprendemos mais, inclusive nos colocando no lugar do outro.

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:56


 **Rose** Muitas vezes nossas ideias precisam só de boas reflexões, alguns dados, e debate pra percebermos nossos equívocos.

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:57


 Escreva uma resposta...

 **Amanda** Ah, tá

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:21

 **Amanda** Se teu hobby é sentar não vou te criticar, tá de parabéns (8)

Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 14:23

 **Nath** Não to entendendo, não posso rebolar a raba porque negras já são hipersexualizadas pela sociedade, e eu estou incoentivando isso quando rebolo? Mas aí não é um problema da sociedade?

Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 14:23


 **Sarah** Né?

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:24


 Escreva uma resposta...

 **Sarah**  **Dora**


Curtir · Responder · 17 de junho às 14:25

 **Mrx** E os pretos que rebolam a raba? Esses podem então? Esses, de boa? Mina que não pode?


Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 14:30 · Editado

 **Nath** Acho que é preto q n pode, branco pode acho..

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:31

 **Mrx** Ah sim, acho entendi mas e daí é por que não pode mesmo? Feminismo? Nera pra macho? Nera? Macho branco


Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 15:03

 Alexandra [redacted] Amooo rebolar minha raba e olha não eh pequena toca aquela black music já saio rebolando e dançando porque amo música agora dizer que não podemos afffff ohh pretinha v balançar a raba vai VC ira ver com eh libertador kkkkkkkkkkkk


Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 14:29

 Mrs [redacted] Maaaaas mina, nossa

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:29

 Amanda [redacted] 🌟 a vida é muito curta pra não rebolar a raba 🌟

Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 14:31


 Dora [redacted] 100or tenho 50 anos e rebolo a raba. Não rebolo pra chamar homem não fia, Rebolo pq adoro, pq ela é grande, pq é minha e faço o que eu quiser.

#somostodasreboladeiras#

Curtir · Responder · 13 · 17 de junho às 14:31

 Nath [redacted] Te amo dora 🥰💙

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:33

 Mrs [redacted] Já te amo também Dora 🥰💙

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:37 · Editado


 Escreva uma resposta...

 Scar [redacted] #SomosTodasReboladeiras rt

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:33 · Editado

 Mrs [redacted] #SomosTodasReboladeiras

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:34 · Editado

 Patricia [redacted] A palavra "raba"

Me ofende...

O poder de ser livre e não entender que tem criança sendo explorada...


Me da pânico...

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:33


Ocultar 12 respostas

 Scar [redacted] Mas aí vc entra em outra vertente , Baby.


Curtir · Responder · 17 de junho às 14:34

 Sarah [redacted] A criança tá sendo explorada por quem balança a raba? Não! Então quem explora é que precisa ser corrigido


Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:36

 Débora [redacted] Nesse caso são discussões totalmente diferentes, dançar funk, vestir uma roupa que te deixe confortável não tem nada a ver com tentar atrair alguém. Qual o substituto da palavra "raba" pra ti?


Curtir · Responder · 17 de junho às 14:36

 Scar [redacted] Vamos usar sororidade, manas. Sem grosseria. Assim a gente afasta ela ao invés de aproximar. ❤️


Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:38

 Sarah [redacted] Juro que tô tentando Scar [redacted]


Curtir · Responder · 17 de junho às 14:39

 Paula [redacted] Você tá fazendo uma mistura de temas bem louca. Não vejo relação entre a exploração sexual de crianças e o empoderamento do corpo feminino adulto, até pq sabemos que os maiores abusadores de crianças são homens

Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 14:39

 Nath [redacted] Não desconsidero esse fato, mas aí é outra discussão, não tem muito a ver com quem rebola.


Curtir · Responder · 17 de junho às 14:39

 Scar [redacted] Como diria alguém. "Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa"




Elas se misturam as vezes? Sim.

Na não podemos deixar que isso continua acontecendo

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:41

 Débora [redacted] Scar [redacted] se fui grossa peço desculpas, acabo sempre sendo indelicada sem querer. O debate é muito válido sim 🥰



Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:41

 Scar  Débora  imagina. É que quando iniciei na militância feminista negra, eu fui muito hostilizada por não ser desconstruída. Não podemos esquecer que ninguém nasceu desconstruído na kkkkkk ir com calma mesmo que seja cansativo, faz com que ela se aproxime. 😊


Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:45 · Editado

 Scar  Meu corretor da uma boxta dscop

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:44

 Dora  E a mesma linha que tem homem estuprador pq a mulher usa roupa sensual, pelamordadeusa. Gente o problema não é a criança e sim o explorador.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 15:10

 Escreva uma resposta...

 Erika  Santa Deusa



Alguém mais paciente orienta a moça aí

Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 14:34

 Patricia  Achei...sua oração foi atendida..  
Pode dançar ..não vou julgar ninguém...

Curtir · Responder · 17 de junho às 17:57

 Escreva uma resposta...

 Meirynha  Não concordo em dizer q estamos rebolado a raba pra agradar homem ,posso sim rebolar a raba pq gosto de dança ,ou me sinto bem em rebolar ,eu em tudo q fazemos e pro Homi?



Se usa uma roupa decotada e pro Homi,se coloca uma causa ou uma mini saia e pro Homi....AFF ....Homi existe sim mas pensar assim tbm e reproduzir o machismo,só acho.

Curtir · Responder · 6 · 17 de junho às 14:40 · Editado

 Nany  Up

Concordo



Curtir · Responder · 17 de junho às 14:39

 Erika  E as sapatao q gostam de rebolar a raba? Como fica?

Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 14:40

 Ana  Rebola também uai

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:42 · Editado



 Erika  Mas a outra aí tá falando que mulher dança pra agradar macho e ser vulgar

Eu acho que sapatao nao ligam muito pra macho não. Só acho E aí?

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:43

 Ana  Cara é complicado 😊

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:44



 Nath  Eu sou Bi, eu rebolo pra mim, mas se tem uma preta ou preto interessado, que mal tem?

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:51




 Escreva uma resposta...

 Erika  É cada uma viu

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:40

 Juliana  Ai lascou tudo! Moça o que a senhora defende??? Sou sapatao caminhoneira e amo rebolar sou gorda aí que dançar me empodera mais. E torço para que outras manas pretas façam o mesmo.

Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 14:41

 Jozí  Patricia  Eu acredito que vc estava segura quando escreveu... Vendo aqui vários pontos de vista... Espero sinceramente que vc também perceba que também é vítima por pensar desse jeito... Conte conosco pra mudar .. Vamos ajudar essas meninas que vc se preocupa seja por meio da dança da leitura ou da escrita... Vamos ajudar ... Mas não vamos reproduzir o machismo e culpar várias outras vítimas ... Como vc e como eu e como elas... Reflita!

#ADM

Curtir · Responder · 15 · 17 de junho às 14:45 · Editado





Dias



2

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:42



Jozi

Sou um amorzinho! Haha

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:45



Escreva uma resposta...



Sarah

Genteeeeeee me ajuda! Eu não quero mais falar nada mais num guento ficar quieta kkkkkk

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 14:43



Scar

Força na peruca!

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:44



Nath

Fala memo dhuehdu

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:52



Escreva uma resposta...



Paula

Eu entendi o vies do seu discurso, mas ele é equivocado e acabou sendo mais uma forma de culpabilização da mulher por questões que não são nossa culpa. A mulher adulta ter um corpo empoderado nada tem a ver com a exploração sexual infantil. Não são mulheres que estupram, não são mulheres que assediam crianças. Vamos repensar isso aí, moça! Você tá reproduzindo discurso machista. Fique atenta!

Curtir · Responder · 10 · 17 de junho às 14:44



Scar

Nao sao em sua grande maioria 😊

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:46



Paula

Scar sim, falei de uma forma geral né, há suas exceções.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:46



Scar

Infelizmente. É que como o debate ra sério, qualquer deslize é motivo kkkkkkkk!

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:47



Ana

Eu acho que ele quis dizer que algumas dança que rebola dança termina. No apelo sexual e não da sedução 😊

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:49 Editado 1



Paula

Ana que seja, mana kk não há problema algum em usar a dança pra seduzir. Ela quis falar da influência disso na exploração sexual de crianças, mas não se expressou bem e tá um pouco equivocada tb

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:49 3



Ana



Curtir · Responder · 17 de junho às 14:50



Scar

Passarinho já dança p seduzir. E Eu não vou usar? Hahahhahahajs

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:51



Escreva uma resposta...

 **Paloma** Preta ajuda Preta.  
Discutir e não ofender.  
O pensar tem mais a oferecer do que o apontar.  
Curtir · Responder · 8 · 17 de junho às 14:46

 **Dias**




Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:47

 **Patricia**





Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 17:59

 Escreva uma resposta...




Curtir · Responder · 6 · 17 de junho às 14:47

 **Estrela** Eu só acho desnecessário o incômodo com a "raba" alheia, e a partir disso transformar "opinião" em cagação de regra!!!  
Curtir · Responder · 10 · 17 de junho às 14:47


 **Scar** Legal seu comentário blz.  
mas.... Ver mais  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:50


 **Estrela** Obrigado ❤️ ... É marsala a cor  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 14:52

 **Scar** Mar-avilhosa vc quis dizer  
Curtir · Responder · 17 de junho às 14:54

 **Ana** Eu gostei também vou pinta o meu Hahahaahaha  
Curtir · Responder · 17 de junho às 14:55

 Escreva uma resposta...

 **Paula** Aproveitando o ensejo, manas que gostam de rebolar a raba me add kkkk  
Curtir · Responder · 13 · 17 de junho às 14:51

 **Cora** Patricia eu já tive essa visão, até ir em aulas de Twerk e frequentar festas, em que homem hetero tem que ficar na dele para não passar vergonha. É maravilhoso poder soltar seu corpo, e se libertar do medo de ter um cara se esfregando em vc. Na cultura Africana o quadril é muito utilizado na dança, tanto para homens, quanto para mulheres. Então mesmo que a mídia deturpe isso, não acho certo generalizar que rebolar a raba não empodere. Pesquise sobre uma festa chamada Batekoo e um projeto chamado Afrofunk que será uma ótima oportunidade para compreender.  
Curtir · Responder · 8 · 17 de junho às 14:51

 **Sarah** Batekoo é vida  
Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 14:53

 Escreva uma resposta...





Manuela É um caso semelhante com o de ontem. Culpabiliza a mulher preta pela hipersexualização. E reproduz o discurso machista.

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:53



Ana Não vi o debate de ontem! Qual. Foi?

Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 14:58



Dias ????

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:58



Manuela O caso foi que uma moça disse que o preto se vitimiza e etc...

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:58



Manuela Foi banida

Curtir · Responder · 17 de junho às 14:59



Ana Cara sério isso? Hahahah pedi

Curtir · Responder · 17 de junho às 15:00



Escreva uma resposta...



Bruna Rebola se quiser, se não quiser não rebola. Agora se achar no direito de julgar as mina assim tá por fora, né? Me ajuda aí

Curtir · Responder · 6 - 17 de junho às 14:55



Manuela Mais uma vez, a mulher pode estar de burca, vestida de freira e etc... Ela ainda vai ser hipersexualizada. Não é a mulher que se hipersexualiza, é o sistema que trata as mulheres como objeto. E as mulheres pretas mais ainda...

Curtir · Responder · 8 - 17 de junho às 14:57



Wanessa Eu só não rebolo minha raba pq eu sou mais dura que uma pedra. Se não fosse isso, eu iria rebolar em frente a sua casa.

Curtir · Responder · 9 - 17 de junho às 14:58



Juliana Adoro rebolar a raba. Às vezes é um alívio para a mente...

Ri alto de vo 🤣🤣🤣🤣🤣🤣

Curtir · Responder · 17 de junho às 15:48 · Editado



Escreva uma resposta...



Ingrid Rebolo minha raba sozinha em casa, nao faço nada pra macho , me poupe

Curtir · Responder · 3 - 17 de junho às 14:58



Gabriella Por um segundo achei q tava na página "Nao sou obrigada a ser feminista", q sustooooo.

Curtir · Responder · 8 - 17 de junho às 14:58



Mirian Eu tento ter paciência com certas coisas mas n consigo. O mesmo discurso de macho... Da licença amore!

Curtir · Responder · 4 - 17 de junho às 15:00 · Editado



Carol Poxa então eu perdi minha carteirinha de feminista ? Pq eu podia JURAR que a hipersexualização que cometem com o meu corpo é problema das pessoas e não meu.

Curtir · Responder · 10 - 17 de junho às 14:59



Mary Dançar é libertador..eu não danço pra seduzir,rebolar faz parte,olha bem as danças "africanas":faz se sentir livre...mas meche o quadri..o que os outros pensam quando danço foge do meu poder,ai ja é com eles..

Curtir · Responder · 7 - 17 de junho às 15:02 · Editado



Carol Só eu que convunciono ouvindo mulher preta reproduzir discurso opressor/ machista ?

Curtir · Responder · 7 - 17 de junho às 15:02



Fabi Não manas concordo, existem muitos outros estilos que vulgarizam sim, a mulher é desvalorizada e objetificada em muitos outros estilos isso eu concordo em genero, numero e grau. e foi inclusive sobre isso que debatemos e na epoca o que falei com a patricia foi que o funk é uma representação da cultura das favelas e que como um todo foi transformado em algo pra dar lucros, mas que existe sim uma galera que ainda usa o funk como uma forma de chegar aos jovens com conscientização ate citei a Carol que o tem usado como forma de empoderamento. mas concordo com ela em partes pq acho no estilo musical o mais agressivo em relação a objetificação também. e monja intenção com o comentário não foi a de defender ou passar pano ou usar desculpa de objetificação pra mascarar preconceito. mas acho que a construção parte através de um entendimento e queria entender qual o ponto de vista dela, ja que ela vive longe dessa realidade. não acho que desconstrução vem na pedrada. e se ela ta aqui pode aprender que existe uma realidade diferente da dela.

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 15:19



Patricia Fabi.. exatamente..  
Escolhi muito mal as palavras pra fazer esse novo post..  
Essa foi a verdade..  
Mas talvez tenha colocado "" minha verdade"" de forma honesta..  
Sim acho a forma de sexualizar o corpo da mulher negra periférica..errado..  
Acho ainda que o funk (( pancadão))..  
Uma forma machista de usar essas meninas muito criança ainda de forma maldosa. E quando vejo mulheres negras fortes e empoderadas achando e se servindo da mesma fonte..  
Me abala..  
Pois como citei fui violentada sexualmente aos 5 anos..  
E depois que meu corpo se formou fui fazer o jogo machista de exibir meu corpo .numa ilusão que tinha o poder..  
Me relacionei com todo tipo de homem machista e escroto que me via apenas como um corpo..  
Nunca tinha sido tocada na alma..  
Por nem um homem..  
Apenas fui usada ...

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 15:21



Manuela Eu dizer para ti ter cuidado com esse estreitamento da visão de aonde se corre mais risco (no funk) , poderia ficar vulnerável em outros aspectos..

Curtir · Responder · 17 de junho às 15:25



Fabi Me desculpem as manas que possam ter entendido errado meu comentario, mas so resolvi escrever pq acho que deve ser dado a chance de esclarecimento. a intenção de muitas no grupo é acolhimento e desconstrução  
Não acho valido usar de deboche quando ela so tentou expor o que pensa e sua experiência pessoal. e como não a vi sendo ofensiva resolvi me manifestar pq mesmo que tenha identificado preconceito acho que ela pode ta disposta a desconstrução e aprendizado diferente de muitas que já vi aqui arrumando briga e ofendendo as manas em suas publicações. enfim, espero não ser mal interpretada pq gosto do grupo e aprendo aqui a cada dia.

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 15:31 · Editado



Manuela O funk é um gatilho para ela...

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 15:31



Escreva uma resposta...



Neide Giovanna

Curtir · Responder · 17 de junho às 15:09





Patricia Pois é.....Tenho 44 partindo pros 45 e não tenho a mente assim. Rebolo a raba simmmmm e não me sinto menos por isso. Chegaaa de regras impostas. Temos o direito de ser e fazer o que bem entendemos.



Curtir · Responder · 11 · 17 de junho às 15:10

 **Millena**  Só faltou dizer: Você não tá se dando o respeito, pq tá balançando sua raba. ... [Ver mais](#)

Curtir · Responder · 11 · 17 de junho às 15:11

 **Carol**  Minha MÃE com 61 anos,tá pedindo pra você parar de ser machista e libertar o teu corpo e os das minas mais novas de regras tão antigas 🤔



Curtir · Responder · 16 · 17 de junho às 15:13 · Editado

 **Gabriella**  Eu ainda to tentando entender o propósito desse post.. Sério mesmo.

Curtir · Responder · 10 · 17 de junho às 15:15

 **Valdirene**  Pois somos duas



Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 15:16

 **Gabriella**  Tá uma mistura de moralismo com culpabilização da mulher com hiperssexualização com machismo.. Mas acho q no final foi só p gerar tretismo.


Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 15:18

 **Valdirene**  Ah vêi... na Boa? Acho que é hora de eu ir tomar uma cerveja... não vou me meter nisso não. Cada uma faz do corpo o que acha melhor.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 15:21



 **Gabriella**  Vou pentear os pelos do meu cachorro q ganho mais tbn. Rrs

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 15:24



 **Dora**  E eu vou me arrumar pra balançar a raba.

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 15:30

 Escreva uma resposta...

 **Dora**  Eu rebolo a raba sim e se achar ruim eu desço até o chão. Hora veja.

Curtir · Responder · 6 · 17 de junho às 15:19



 **Pamela**  Homens são incentivados a serem seres sexuais o tempo todo e são exaltados, chamados de garanhões. Mulheres são ensinadas a serem quietas e castas, tanto pelas religiões, quanto pela sociedade.

Os estereótipos limitam as pessoas em geral. Eu sou um ser sexual, mas isso não quer dizer que sou burra, promíscua ou fácil. Eu sou um ser sexual, mas não apenas isso.

Nunca vamos quebrar esses tabus e estereótipos nos calando ou nos contendo. Não podemos dar força ao opressor. Somos mulheres e pretas e não somos apenas sexo, subalternas e objetos. Vou rebolar minha raba enquanto passo numa federal.

Curtir · Responder · 10 · 17 de junho às 15:23



 **Sarah**  Encerro aqui minha participação nesse debate... (a hora de balançar a raba chegou)



Curtir · Responder · 17 · 17 de junho às 15:27





Alessandra [REDACTED] Concorde em partes, pois acho q somos livres para sermos o quisemos, mas vejo essa parada aí mermo q tu disse. Muita gente rebolando a raba e se dizendo empoderada por isso, às vezes acho que só fortifica a objetificação da mulher, da mulher preta. Já julguei muito no passado, hoje tenho uma visão diferente e entendo as mina q rebola a raba. Sabe às vezes acabamos caindo em contradição, pois queremos lutar por algo, que somos as primeiras a criticar ou vice-versa. Porra louca isto, então tu vai cair julgando um poema q fiz recentemente, se chama PUTA. rs ps. tô amando meu vocabulário "mermo, tu, as mina" É libertador falar assim kkkk

Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 15:37 · Editado



Dias [REDACTED] Manda o poema que fiquei curiosa. 😊

Curtir · Responder · 17 de junho às 15:33



Alessandra [REDACTED] Mandei para a página agora. Tá carregando. rs

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 15:34



Dias [REDACTED] 🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷

Curtir · Responder · 17 de junho às 15:34



Dias [REDACTED] Me marca qndo sair. Vou trancar agora. 🍷🍷🍷🍷🍷

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 15:48



Alessandra [REDACTED] Gata, mandei pra página, mas ainda não aprovaram. Apresentei em um Slam aqui do Rio esses dias.

Putá

Sou puta? prostituta? dona do auê?  
Sou sua mãe, sua irmã  
Sou o espelho que reflete você.  
Sou filha de Deus, sobrinha do diabo.  
Me fez sentir um cachorro  
que abanou o rabo, deu amor, mas não foi amado.

Beba a sua culpa  
e morra sufocado.  
Com a culpa de ter me rejeitado,  
apedrejado  
me batido, violentado.

Minha saia curta me faz puta?  
Meu salto fino me faz puta?  
Meu batom vermelho me faz puta?  
Rebolar até o chão me faz puta?  
Minha troca de namorado me faz puta?

Então sou puta!

Putá que eu seja. Não é seu problema.  
Posso andar nua, mas não sou puta sua.  
Sou puta da vida, puta de mim.

Sou livre sim!

Fui uma criança confusa,  
de corpo e alma ferida.  
uma adolescente perdida  
uma adulta rebelde  
de surras ardidas.

Sou puta  
e daí?  
Feche sua boca suja  
de chamar toda mulher livre de puta e  
lave com sabão, engula na espuma suas lições, seus sermões.

Saiba que me chamar de puta não me insulta.  
Pago meu aluguel, minhas contas, meus cartões.

Porque ser puta para mim é elogio.  
Ser brasileiro é ser filho da puta  
Somos filhos do constante cio  
Do racismo, sexismo, machismo.

Puta escândalo falar de puta.

Ficar putinho não adianta. Vou falar.

E seu falso moralismo, não pode me calar.

Moralidade? vc ama? mas me chama de puta na cama.

Acordar de manhã e pegar o trem lotado.  
Já faz de mim uma grande filha da puta.  
Chego atrasada, com direito advertência.  
Trabalhando 8 horas sem nenhuma clemência.  
Tu é puta. Tu aguenta. Pare de enrolação e enriqueça o patrão.  
Rala igual uma condenada pra ganhar salário de fome.  
Sempre é a mesma coisa, trabalho, mas o mes nem acaba e meu dinheiro some.

Sou puta em degradê, sou puta em paetê  
em brilho, em cinza, em preto, em branco, em colorê.

Sou puta  
gozo e faço gozar  
dou duro, não tenho de que me envergonhar.  
Respeite o meu direito de ser puta  
Sem precisar pagar pedágio e nem multa  
Minha vida é livre, é digna e é de luta.

Puta que escolhe se quer ou não dar.  
Não me escondo, não sou hipócrita  
não preciso falar que te amo para meu dinheiro ganhar.













Ela é puta, eu sou puta. quem não é?!  
Você é pai, filho, marido da puta, mané.  
Somos puta quando nos vendemos constantemente para o sistema.  
Somos puta quando enganamos, trocamos nossa fé.

Puta escritora, puta costureira, puta repórter  
Puta atriz, puta poeta, puta da vida.

Já estou puta só de imaginar que você está a pensar que sou puta.  
Nunca pisei na zona, mas se tivesse pisado, é sua mente que está em coma.  
Putinha, putona! Enxergue as feridas, as marcas, isso é pior que glaucoma. Sua mente está em coma.  
Puta que pariu, cai e ninguém viu,  
Estava frágil e apareceu um pra dizer, vou te comer.  
Então coma! E assumo.  
Meu aborto clandestino, meu estupro, minha dor de abandono, de desprezo, de vergonha, nada soma.

Puta que pariu isto aqui é Brasil.



Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 17:08


 Dias      Mana, que lindo estou em êxtase.   
Posso publicar em meu face, te marco lá, e dou os créditos é que amei demaaaaaaaisss.     



Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 19:24

 Alessandra  Sim, se quiser te mando o vídeo.  
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 19:25

 Dias  Por favor!   
Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 19:26 · Editado

 Alessandra  me passa em inbox teu whatsapp  
Curtir · Responder · 17 de junho às 19:27

 Escreva uma resposta...

 Pily  Achei que pra julgar as imãs já tinha homem e branco  
Curtir · Responder · 16 · 17 de junho às 15:32



Marcia [REDACTED] Ah tá!



Curtir · Responder · 17 de junho às 15:46

Thay [REDACTED] Oi aproveitando esse post alguma mana de SP com filhos que quer rebolar a raba ? Deixas as crianças brincarem comer um doce escutar uma música to disponível (cansada de rebolar a raba com a galinha pintadinha)

Curtir · Responder · 11 - 17 de junho às 15:49

Dora [REDACTED] Kkkkkkkk

Curtir · Responder · 17 de junho às 15:51

Carol [REDACTED] Nossa eu aqui. Olar td bem? Vamo?

Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 16:32

Leh [REDACTED] Olha nos aqui

Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 17:53

Thay [REDACTED] Olá meninas bora ? Vo ADC vocês posso ?

Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 18:13

Escreva uma resposta...

Juliana [REDACTED] Se eu soubesse disso nem tinha balançado minha raba até as cinco da manhã 😂😂

Curtir · Responder · 5 - 17 de junho às 15:54

Joana [REDACTED] Apesar de rebolar muito por aí, eu concordo com tudo o que ela disse.

Tem mina que acha que tá abalando por fazer tudo o que quer, tá no direito Dela, mas depois n chora quando vira depósito de porra.

Curtir · Responder · 7 - 17 de junho às 15:54

Ocultar 16 respostas

Nátali [REDACTED] Nê nom

Curtir · Responder · 17 de junho às 15:55

Paula [REDACTED] Meu deus, moça. Sei nem o q dizer, meus olhos ardem

Curtir · Responder · 4 - 17 de junho às 15:56

Manuela [REDACTED] Meus olhos sangram...

Curtir · Responder · 3 - 17 de junho às 15:56

Carol [REDACTED] Vc tá reproduzindo discurso machista mulher

Curtir · Responder · 6 - 17 de junho às 15:58

Dora [REDACTED] Depósito de porra 100or. Por favor fia Não reproduz fala machista

Curtir · Responder · 2 - 17 de junho às 15:59

Juliana [REDACTED] Assustada aqui 😂

Curtir · Responder · 17 de junho às 15:59

Paula [REDACTED] É como se dissesse "olha a mina ali usando uma saíinha curta, tá no direito dela, mas depois não chora qd for estuprada"

Curtir · Responder · 5 - 17 de junho às 15:59

Luanne [REDACTED] Tem um povo que eu tenho a impressão que se perdeu no caminho qdo entrou nesse grupo. Inacreditável!!!

Curtir · Responder · 7 - 17 de junho às 16:04



Pamela



Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 16:31



Ediana Em outras palavras, se você não é recatada e do dar merece ser estuprada e não respeitada. Me poupe, se poupe e nos poupe.

Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 17:40



Nath Em outras palavras "To nem aí com sua vida de puta, mas n reclama depois" Para ta? Ta feio ta? Ta machista ta?

Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 18:51



Ludmila Nossa mana que nojo do que você falou não existe isso de mulher ser depósito de porra não isso é machismo puro

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 23:58



Manuela



Curtir · Responder · 1 a



Escreva uma resposta...



Erika Meu Deus q grupo é esse gente?

Curtir · Responder · 4 · 17 de junho às 15:59



Jozi Não entendi? Explica a dúvida por favor?

Curtir · Responder · 17 de junho às 17:50



Jozi Fabiana

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 17:55



Fabiana Erika Hoffmann esse grupo tem muita emoção, cola aí rsrsrsrsrs

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 18:02 · Editado



Erika Nossa gente. Tem uma aí chamando mulher de depósito de porra Q isso?

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 17:58



Juliana Isso é Brasil 😂😂😂

Curtir · Responder · 17 de junho às 17:58



Escreva uma resposta...



Patricia Legal..mesmo foi achar dentro de todos os comentários...

Mulheres negras delicadas com a alma de outra..sem o meme do deboche.. Sem a cara de desaforo...

Acho que preciso apenas desconstruir e aceitar quem já consegue ver por cima do muro...

Muro fechado bem na minha cara...

Fiz um furo...e consegui ver...

Obrigada pela bagunçada aqui na minha certeza.



.....

Curtir · Responder · 10 · 17 de junho às 16:00



 **Patricia**  .quando eu crescer...quero ser meio você....🤔

Obrigada pelo abrir de olhos sem voadora.



Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 16:02

 **Juliana**  O grupo é para isso! Quebrar preconceitos, ninguém tem razão de nada nessa vida

Curtir · Responder · 17 de junho às 16:06

 **Fabi**  Ain q fofa! Obrigada pelas palavras! esse grupo é pra que crescamos juntas.

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 16:08 · Editado

 **Dora**  Mas vc conseguiu enxergar que reproduziu a fala do opressor? Se sim valeu a pena.

Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 16:07

 **Patricia**  Consegui..Simm.

Muito mais pela capacidade de me ver do que com os deboches e ofensas nas entre linhas...

Foi com a delicadeza de algumas que furei o muro...

Onde posso me apoiar e sumir pra ver além

Quando for empoderar alguém essa será minha abordagem..

A Calma a e paciência...

Obrigada a quem..me tocou...





Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 16:39



 **Luciana**  To Muito fã da 

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 17:04



 Escreva uma resposta...

 **Nany**  Não ouço (consequentemente não danço) porque as letras não me descem, mas uma mana comentou aqui ontem que já existem algumas mulheres usando o funk como meio empoderador, letras com conteúdo. Vocês podiam bem indicar umas músicas bacanas, né? Só criticar não rola, e eu bem queria rebolar a raba ao som de umas letras decentes, dançar é vida!



Curtir · Responder · 8 · 17 de junho às 16:00

 **Juliana**  Mas para rebolar a raba não precisa ser ao som de funk. Acredite!! Tem vários outros hits para isso..



Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 16:05 · Editado

 **Nany**  Acredito florzinha, mas as batidas do funk são ótimas! Além do mais, seria maravilhoso transformar essa cultura em um meio empoderador ao invés de condenar toda uma expressão cultural periférica que serve de lazer a população (que, aliás, pode se modificar mas nunca vai deixar de existir. Logo, "proibir" o funk não rola)



Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 16:13

 **Juliana**  Acontece q o questionamento do post nem foi relacionado ao funk, foi citado o ato de rebolar e condenar uma mulher por ser sensual, está fora da realidade do grupo..O funk como qlq outro estilo musical é gosto e gosto não se discute




Curtir · Responder · 17 de junho às 16:18

 **Nany**  Perdão, pela forma que foi falada interpretei que ela falava especificamente do funk - que é o estilo musical mais próximo da nossa realidade, e bastante sexual em letra e dança. Quanto a condenar a mulher, claro, não concordo nem um pouco.




Curtir · Responder · 17 de junho às 16:31

 **Fabi**  Concordo com a questão da indicação de musicas.é uma boa.e se for de minas empoderadoras melhor ainda

Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 16:49

 **Juliana**  Nanny  vc é linda e fofa! Perdão oq doida??😂😂 muito bom ver q aqui tem pessoas assim, abertas ao diálogo

Curtir · Responder · 17 de junho às 16:59

 **Juliana**   falem oq quiser da Anita, mas gosto dela pq ela em suas letras coloca os homens no seu lugar e deixa bem claro exatamente isso, posso rebolar o quanto eu quiser pq o corpo é meu, mas fico com vc se eu quiser😁

Danço horrores ao som dela

Curtir · Responder · 17 de junho às 17:01

 Escreva uma resposta...



 **Andreia** Adoro rebolar minha raba. 🍑🍑  
 Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 16:01


 **Juliana** 🍑🍑  
 Curtir · Responder · 1 · 17 de junho às 16:03

 Escreva uma resposta...

 **Carolina** E se for pra conquistar homem, mulher ou animais????  
 Oqq tu tem a ver????? Cacete  
 Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 16:32

 **Patricia** Delicada que da gosto...nossa... 🍑  
 Curtir · Responder · 17 de junho às 16:43


 Escreva uma resposta...

 **Liana** Hj eu não reboło mais, por estar deficiente, mas já rebolei muito.  
 Parece que há uma vontade de rebolar, então, rebola ,se solta...  
 Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 16:37 · Editado

 **Geisa** Moça, eu juro que te entendi. Pois a alguns anos atrás eu tb pensava desse jeito. Mas como vc percebeu, hj tem pra tudo: as mana rebola porque quer, rebola pra macho, pra reforçar esteriotipos alheios, pra mostrar que sabe ou que não sabe , pra miga invejosa, pra terapia, pra porra toda e pra ser feliz ou pra nada disso e OK!!! E o que nós podemos fazer é...Aceitar e torcer para que cada dia mais e mais manas façam o que acreditam em paz. E não se preocupe pq cada uma aqui vai colher só o que plantar. PS- eu sou uma mocinha reboladeira. Tenho 40 anos.  
 Curtir · Responder · 10 · 17 de junho às 16:34

 **Lexys** Ri e amei  
 Curtir · Responder · 2 · 17 de junho às 16:40

 Escreva uma resposta...

 **Carol** MINHA FILHA EU REBOLO MINHA RABA ONDE EU QUISERRRRR  
 SE EU QUISER SARRAR NO HOMEM, EU VOU SARRAR... PORQUE EU QUERO!!  
 Block nessa machista  
 Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 16:42

Ocultar 14 respostas

 **Patricia** Filha...já foi...rebolado..  
 Pode rebolar..ai...sem a sua grosseria já consegui ver além.  
 Curtir · Responder · 17 de junho às 16:45

 **Carol**



Curtir · Responder · 17 de junho às 16:46





Patricia Não assino recibo de grosseria...

Curtir · Responder · 1 a



Carol Kkkkk só da raba de mulher alheia né?

Curtir · Responder · 17 de junho às 16:58



Patricia Não acompanhou.. né..?!

Então assim...antes de me dar Block..  
Poderia ler minha resposta é ter mais um pouco de cuidado com outra  
mana preta..  
Descartar uma pessoa em processo de construção é muito  
cruel..sendo você a desconstruida..  
Vim pra aprender..você só pra me atacar..  
Paz..

Curtir · Responder · 17 de junho às 17:03



Carol Não suporto mulher machista, bjo

Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 17:10



Patricia Pode ficar com seu beijo..

Prefiro alma perto..  
Quem não suporta não se une..  
Mulher machista também sofre e pode se curar..  
Já as estúpidas..quase nunca..  
Tá pra desconstruir ou só pra ter "" razão""..  
Sabe de nada da minha luta..senhora..  
Curtir · Responder · 17 de junho às 17:18



Carol Não sei da sua luta, estamos falando do seu comentário

Curtir · Responder · 17 de junho às 17:21



Carol Julgar outra mulher, que lindo ne? Cheia de palavras  
bonitas e postando isso, não condiz.

Curtir · Responder · 2 - 17 de junho às 17:22



Ale Carol 🍌🍌🍌🍌

Curtir · Responder · 17 de junho às 17:28



Patricia Carol...entrei achando exatamente o que você leu.  
Numa discussão de 4 horas..consegui desconstruir isso..  
Você chega..no meio do nada ..onde já tinha sido exposto toda minha  
fragilidade e machismo

Consegui ver de outra forma...mas você só me atacou..  
Sem debater sem ter o cuidado de ler o que já tinha sido falado..  
Só quer em caixa alta me dar um Block ...  
Afastar uma Mulher preta em processo de empoderamento..  
Owwwwww.

Curtir · Responder · 17 de junho às 17:35



Carol Block foi modo de dizer, se eu tivesse te bloqueado vo  
nem ia ta lendo meus comentarios.  
E que ótimo que seu machismo foi desconstruído, não ataquei vo em  
nenhum momento, só achei um absurdo uma mulher dizendo que a  
outra rebola pra se insinuar pra homem, as vezes ela só rebola porque  
ela quer e porque gosta, só.

Curtir · Responder · 2 - 17 de junho às 17:47



Patricia Sim...entendi isso..

Minha postura foi machista..  
Mas não foi os ataques em o super poder de quem já sabe disso...que  
me ver..  
Foi exatamente quem veio com a abordagem da calma e foi pacifica  
comigo.  
Já disse tenho 42 anos..  
Minha formação ..não tinha essa dinâmica que tem a sua..  
Aprendi tudo na vida apanhando..  
Mas hoje me nego a receber grosseria com.o forma de  
aprendizado...é isso eu desconstrui sozinha pra consegui quebrar um  
ciclo de violência extrema na infância.  
Pra poder criar meu filho homem..pra aprender a respeitar..quem sabe  
uma filha sua... no futuro..  
Não somos raivosas é esse reprodução..é Racista..que a meu  
entender é muito pior que machista....

Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 18:08





Jessica [redacted] ATA  
 Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 18:03

Jessica [redacted] ATA



Curtir · Responder · 2 - 17 de junho às 18:09

Jessica [redacted] ATA



Curtir · Responder · 10 - 17 de junho às 18:12

Nath [redacted] Hdudhudhdid AMANDO ESSA PESSOA

Curtir · Responder · 2 - 17 de junho às 18:21

Dora [redacted] Quero aprender fazer quadradinho 🤔🤔🤔

Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 18:32

Escreva uma resposta...

Manuele [redacted] Não alimentem o mico  
 Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 18:13

Yara [redacted] Se eu comentar serei processada  
 Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 18:10

Jessica [redacted] ATA



🤔 1

Curtir · Responder · 1 - 17 de junho às 18:17

Juliana [redacted] preconceito e machismo mascarado de opnião  
 Curtir · Responder · 5 - 17 de junho às 18:57

Mirelle [redacted] Adoro rebolar minha raba  
 Curtir · Responder · 2 - 17 de junho às 19:03



Taísa [REDACTED] Homem machista já é ruim, agora mulher propagar comentários machistas NÃO dá...



Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 19:08



Wanessa [REDACTED] Parabéns pela sua retratação.

Curtir · Responder · 7 · 17 de junho às 23:25



Fabi [REDACTED] Adorei ver que houve aprendizado. parabéns mana é assim que nós crescemos

Curtir · Responder · 8 · 17 de junho às 23:45



Patricia [REDACTED] "Culpa" sua...



Obrigada por ajuda...

Obrigada por nosso papo...

Obrigada por me ouvir de forma respeitosa.

Curtir · Responder · 3 · 17 de junho às 23:58



Escreva uma resposta...



Sarah [REDACTED] Muito linda a retratação. A desconstrução seria completa se não tivesse ido me ofender em outro post e depois me bloqueado. Só consegui ver pq sou umas das adm's do grupíneo. Aí fico pensando: desconstruiu mexmo? Seguimos

Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 23:55



Liah [REDACTED] Eu até fiquei pensando em chamar alguma adm pra ver o que poderia ser feito nesse post. Muito deboche, muito projeto de mene e pouca ajuda, de fato.

Esse lance do block foi depois da retratação?

Curtir · Responder · 2 · 18 de junho às 00:02



Dora [REDACTED] dependente da retratação ja somos silenciadas em todos os lugares e agora até aqui. Desonesto isso.

Curtir · Responder · 1 · 18 de junho às 00:06



Sarah [REDACTED] Sim, flor, depois da retratação. Inclusive tbm usei memes com ela. Usei pra não falar o que realmente tava pensando pq não seriaa produtivo. Mas ela falou o que quiz (e como quiz) mas só recebeu os tapinhas nas costas... Não temos aqui obrigação de sermos tutoras de ninguém ainda que eu admire quem saiba ser didática nessas situações. Mas falei o que achei necessário e acreditando que uma mulher de 42 como ela msm disse estava pronta pra ouvir opiniões assim como estava pronta pra dar as dela

Curtir · Responder · 3 · 18 de junho às 00:08 · Editado



Liah [REDACTED] Eu sou muito paciente e procuro ser didática, ainda mais com uma mulher que tem idade de ser minha mãe (pois a minha tem 38 anos, rs) e que demonstra saber pouco desse lance todo que nos envolve hoje: movimento negro, empoderamento feminino, entre outros...

Nos encontramos muito fragilizadas, por tudo o que passamos, por tudo o que sabemos que vamos passar.

Nós somos feridas abertas, criando uma casquinha que em breve a branquitude irá puxar pra nos fazer sangrar de novo. Não procuremos "treta" entre si. Estamos muito ocupadas SOBREVIVENDO.

Paz e bem pra nós, irmãs. Um dia apos o outro! ❤️❤️

Curtir · Responder · 1 · 18 de junho às 00:11



Sarah [REDACTED] Me sugere silenciar então?

Curtir · Responder · 18 de junho às 00:23



Liah [REDACTED] Não, eu sugiro você ir conversar com ela inbox. Acredito que ela vai se retratar também em ter lhe chamado de vulgar e tudo terminará da melhor forma.

Porém como não é possível, realmente é complicado.

Tudo em seu tempo, talvez ela ainda te desbloqueie e a chame para conversar.

Curtir · Responder · 18 de junho às 00:28





Sarah [REDACTED] Inbox não dá, tomei Block rs (eu vejo os post's dela pq sou adm, mas não consigo mandar msg)

Curtir · Responder · 18 de junho às 00:27



Escreva uma resposta...



Dora [REDACTED] Como se dá essa desconstrução se fala o que quer, não gosta de ouvir e ainda bloqueia silenciando e não dando chance da outra parte envolvida se defender?

Conte-me mais sobre isso.

Curtir · Responder · 5 · 17 de junho às 23:59



Patricia [REDACTED] Não a moça em questão me fez chorar...mexeu numa ferida que ela não faz idéia...

Prefiro não ouvir dela...nada mais...

Me proteger das pedradas é uma questão de escolha...sinto muito...

Ela não conhece minha luta nem eu a dela...

Mas falta de empatia no crescimento da outra é maldade desnecessária...

De boa...

Curtir · Responder · 2 · 18 de junho às 00:07 · Editado



Dora [REDACTED] Ela te fez chorar e anés de se retratar vc ofendeu muitas aqui. Qdo se faz um post sabendo q vai dar treta e vc sabia disso, tem q estar preparada pra tudo e não pra ler so o que te faz feliz.

Curtir · Responder · 3 · 18 de junho às 00:08



Lu [REDACTED] Por isso que nem comentei num post de uma aqui que se a opinião nao for o que ela quer ler ela surta. Eu ewwww

Curtir · Responder · 18 de junho às 00:13 · Editado



Dora [REDACTED] Quer dizer todos na postagem falaram, e ela diz q uma mana fez ela chorar pelamor e ainda silenciou a mana bloqueando. Tá certinho

Curtir · Responder · 18 de junho às 00:16



Escreva uma resposta...



Sarah [REDACTED] Dizer que eu sou vulgar sem saber da minha vida tá tranquilo então? Mas eu é que fiz chorar... Ata

Curtir · Responder · 2 · 18 de junho às 00:10 · Editado



Kinah [REDACTED] Desconstruindo e vivendo!

Curtir · Responder · 2 · 18 de junho às 00:11



Mila [REDACTED] Ela conseguiu piorar kkkkkkkk

Curtir · Responder · 2 · 18 de junho às 00:15



Dora [REDACTED] Né

Curtir · Responder · 1 · 18 de junho às 00:19



Escreva uma resposta...



Paloma [REDACTED] Nosss isso ainda Ta rolando vixiiii .

Curtir · Responder · 1 · 18 de junho às 01:24



Uly [REDACTED] Deus nos dibre de ver mulher preta reproduzindo discurso de poder em um grupo de mulheres pretas, Deus nos dibre. Não, pera... Leiam pelo menos o primeiro volume da "História da Sexualidade" do Foucault, vai ser muito esclarecedor pra quem tem dúvidas sobre o controle dos nossos corpos pela veiculação desse tipo de "fala".

Curtir · Responder · 5 · 18 de junho às 03:20



Kênia [REDACTED] Gostei.

Curtir · Responder · 18 de junho às 03:58



Bárbara [REDACTED] Ixiii. Perdi a treta. Mas se voce se desculpou, ok. A desconstrução é diaria mesmo

Curtir · Responder · 1 · 18 de junho às 04:09



Mariana [REDACTED] eu rebolo minha raba na privacidade do meu quarto pq infelizmente tenho vergonha de dançar em publico... cada coisa que eu tenho que le...

Curtir · Responder · 18 de junho às 09:04



Camila [REDACTED] Mana liberte-se! Balance a raba onde quiser, não tenha vergonha de fazer algo que te faz bem... Já somos julgadas balançando a raba ou não

Curtir · Responder · 1 · 18 de junho às 09:53



Escreva uma resposta...

 **Joelma** [redacted] a prova de que o fundo do poço tem subsolo...  
Curtir · Responder · 3 · 18 de junho às 13:44

 **Kinah** [redacted] Têm kkkkk  
Curtir · Responder · 18 de junho às 13:52

 Escreva uma resposta...

 **Jessica** [redacted] Adorei a retratação pública ❤️ parabéns pela desconstrução  
Curtir · Responder · 1 · 18 de junho às 15:46

 **Thay** [redacted]



   2

Curtir · Responder · 2 · 18 de junho às 19:30

 **Caroline** [redacted] Obrigada pela retratação!  
Curtir · Responder · 18 de junho às 19:53

 Escreva um comentário...



## APÊNDICE 1 - Entrevistas

As entrevistas a seguir foram realizadas no dia 22 de outubro de 2016 em São Paulo com as participantes do debate proposto que ocorreria naquele dia, intitulado “Wine na mesa”.

Dentre as entrevistadas estão: Lys Ventura - produtora de festas em São Paulo, Welida – hairstylist e dançarina, conforme foram apresentadas na divulgação. Dentre as convidadas estava também Carol Romero – beauty stylist e Lay – rapper, as duas especificamente não foram entrevistadas, pois a Lay eu pretendia estruturar uma entrevista em outro momento justamente por ela ser a fundadora do grupo “Bucepower Gang” porém no momento do debate ela respondeu a algumas questões que eu tinha em mente e quanto à Carol Romero acabei por não entrevista-la pois no momento que cheguei ao local onde seria realizado o debate ela estava maquiando a Kamilah e não a reconheci como uma das convidadas mas durante o período que estive no local conversei com ela em outros momentos de forma informal.

As entrevistas que seguem foram todas improvisadas, excluindo-se a da Kamilah que fiz anteriormente e que não consta aqui por não ser necessário, tendo em vista que já havia entrado em contato com Kamilah previamente e estruturado minhas questões, mas não contava com tamanha solicitude e apoio de sua parte. Após a entrevista com Kamilah fiquei no local sentada aguardando o início do debate e durante esse período Kamilah veio até mim duas vezes me apresentar separadamente a Welida e a Lys Ventura como promotoras de outras festas, dizendo que eu poderia conversar com elas também sobre estas, conversar num sentido “entrevistar”, pois, imagino que ela pensou que poderia ser do meu interesse uma vez que eu estava pesquisando festas. Dada a surpresa de minha parte por este súbito apoio que Kamilah estava oferecendo acabei por improvisar as duas entrevistas pois julguei não ser de bom tom recusar ou marcar para um outro momento já que havia um despendimento por parte da Kamilah em me apresentar àquelas mulheres devido à minha pesquisa.

As entrevistas que seguem estão apresentadas pela ordem que foram feitas neste dia em questão antes do acontecimento do evento, outro fato a ser demarcado é que depois de entrevistar a Welida e a Lys Ventura percebi que estas eram integrantes da mesa que seria composta, esta constatação só se deu no momento em que elas foram chamadas à mesa. Minha falta de percepção se deu pelo fato de que no cartaz de divulgação todas elas apresentavam um cabelo diferente, ou estavam com o cabelo liso ou com tranças, e a foto também estava muito próxima e em preto e branco, no dia do debate todas elas apresentavam cabelo no estilo *black power* ou natural.

As demais entrevistas foram também improvisadas, mas como sabia que haveria a possibilidade de tal feita, estruturei algumas questões apenas em pensamento, não em um bloco de notas e as fiz de maneira mais natural, num tom de conversa. Estas entrevistas, de Tássia Reis e de Gabi Ziriguidum foram feitas em dias diferentes, sendo estes demarcados no texto.

## ENTREVISTA 1 – WELIDA

Welida, na data desta entrevista trabalhava como *hairstylist*, mas já desenvolveu trabalho como dançarina nas primeiras festas de *dancehall* que ocorreram em São Paulo.

**Priscila:** A Kamilah me falou que você começou com as festas do *dancehall*...

**Welida:** eu fui uma das primeiras, não fui eu que comecei mas posso te dizer que eu fui uma das precursoras aqui, quem começou foi a Tainá, e logo depois dela veio eu, veio a Ana... [uma interrupção neste momento pois a Erica, dona do estabelecimento, veio passar a senha do *wifi* para a Welida]

**Priscila:** e como é a questão do *dancehall*? Ela (Kamilah) me falou que as mulheres lá na Jamaica têm uma questão diferente com o corpo, da dança e tal.

**Welida:** então, lá é cultural, a aceitação é normal, por exemplo, eles (os homens jamaicanos) dizem que não fazem sexo oral, mas eles dançam sensualmente, então é cultural...

**Priscila:** algumas coisas são permitidas

**Welida:** exatamente, outras não...o que seria vamos supor assim, seria o funk aqui que é super sensual mas que a gente é um país que é meio sem regras né, tudo pode, e eu concordo que tudo pode, obviamente que tudo tem seu limite, cada pessoa sabe até onde chegar, o que é legal e o que não é legal, mas, por exemplo, lá é uma coisa normal como o samba é normal aqui né, então é uma cultura que agrega muito que pra mim na época era novo, mas era uma coisa que eu adorava, sempre amei dançar livremente, dançar sem estereótipo, dançar sem me preocupar com o que as pessoas estavam falando.

**Priscila:** e aí você trouxe para cá

**Welida:** e aí eu já gostava da *cena*, já estudava isso antes e aí eu descobri a *cena* aqui no Brasil, eu não sabia que tinha.

**Priscila:** você é estudante de música?

**Welida:** não, estudante que eu digo da “*cena*”, do movimento *dancehall*. Aí aqui também tinha a cena que era a “Família 7 velas”, a Miss Ivy, a [inaudível], enfim, várias pessoas, a Lei Di Dai, e aí eu dancei com todas elas, eu já trabalhei com todas elas dançando. E a cena foi essa, depois a gente parou um tempo [uma pequena interrupção quando algumas amigas vêm cumprimenta-la]

**Priscila:** e você foi bem recebida daí quando você começou as festas?

**Welida:** sim, inclusive muito bem recebida...

**Priscila:** bastante mulheres dançando...

**Welida:** sim, tinha uma galera na cena, assim, eu acho que até hoje as pessoas estão conhecendo, mas na época era algo mais intimista, não tinha tanta, tanta gente né, mas sim fomos muito bem recebidas.

**Priscila:** e quem apresentava as festas eram as mulheres negras? Ou era meio que dividido?

**Welida:** em sua maioria, tinham mulheres brancas obviamente, mas nós éramos a maioria.

**Priscila:** e onde que eram feitas as festas?

**Welida:** tinha no CCPC, tinha na Holly Club, tinha no Executivo, não tinha muitos lugares, mas os lugares que foram...durou um tempo [uma nova pausa mais longa desta vez, cerca de pouco mais de um minuto pois, ela precisa ouvir um áudio por conta da sua agenda]

**Priscila:** e as mulheres que iam nessa festa eram bem resolvidas também com o corpo o que você acha que rolava?

**Welida:** é que nessa época, não sei se a gente estava muito preocupada...

**Priscila:** com estas questões...

**Welida:** com esse estereótipo de os outro vai achar, do que os outros vão deixar de achar, e nessa época a gente estava preocupada em curtir a noite, e ser feliz, ser livre, dançar, sabe quando vc escuta aquela música e ela bate legal e você curte, então nessa época a gente não levantava esse tipo de bandeira, feminismo na época era algo longe de ser conversado, a gente nem pensava nisso nessa época, mas obviamente a gente já tinha essa liberdade de fazer e foda-se...

**Priscila:** depois que veio surgindo isso...

**Welida:** exatamente, depois vem o nome, igual quando não tinha o nome *bullying*, aí depois, as pessoas...entendeu? já tinha um nome, já existia...

**Priscila:** na minha época era outra coisa...

**Welida:** zoar...é você vai zoar seu amiguinho, mas obviamente sempre foi muito livre a esse respeito... caguei assim... nunca tive dono, então foi isso

**Priscila:** então foi meio livre, mais livre

**Welida:** é foi livre

**Priscila:** e hoje em dia você acha que é a mesma coisa as festas que ocorrem?

**Welida:** hoje em dia a cena tá meio parada né, não tem muita festa de dance(hall) acontecendo, mas as meninas veem como ainda é normal, é super legal, elas tão...como eu posso dizer...elas tão resgatando esse *rolê*..., então, é a única festa *dancehall* no momento, e eu sinto muita falta dessa festa, e a Wine veio justamente pra isso né, pra abraçar a gente de volta, que é sempre muita energia incrível quando a gente se encontra, a gente lembra né dessas festas antigas, tipo eu lembro mais da [inaudível] que estavam, mas a Kamilah estava,

a Ellen estava na cena, eu lembro que tipo...a gente estava há muito tempo nesse *rolê*, minha amiga [inaudível] que está ali também ia muito nas festas, aí era muito bom demais, aí saudade...

**Priscila:** mas daí depois ficou parado, não tinha mais nada?

**Welida:** há vários anos a gente ficou sem festa...

**Priscila:** agora voltou ano passado...

**Welida:** agora voltou ano passado a Wine, a gente ficou bem...três anos sem festa, 3-4 anos.

**Priscila:** e parado para a discussão também né?

**Welida:** exatamente, para a discussão, a cena enfraquece, porque tipo, ela tinha uma porcentagem de chance de crescer, e aí as festas foram acabando, o público também né, porque, por exemplo, na época tinha muito amigo que fazia a cena, por exemplo, porque eu era a bailarina dançarina X, e aí tinha o cara do Reading(?), tinha o Selecta, mas todo mundo era da cena, então, por exemplo, cinquenta pessoas *free* na festa, mas por mais que a gente consumisse não tinha como alimentar pra festa entendeu...

**Priscila:** bom, acho que é isso.

**Welida:** é isso.

## ENTREVISTA 2 – LYS VENTURA

**Priscila:** fala então como que é sua festa

**Lys:** tá, a Fresh *Dancehall* é uma festa que já existe há seis anos, desde 2010, e eu entrei na produção executiva da festa acho que no terceiro-quarto ano da festa...

**Priscila:** e ela ocorre aqui em São Paulo só?

**Lys:** isso, ela é aqui em São Paulo, mas ela...a festa assim... referência no país quando se trata de festa de cultura jamaicana, *dancehall* especificamente, é a Fresh. Foi a primeira que existiu que se consolidou, ela já foi pra vários estados, pra várias cidades, só que ela tem uma residência em São Paulo, atualmente ela não tem tantas edições mensais porque os dj's eles já são um pouco mais velhos, eles tem duas décadas de discotecagem cada um e eles começaram a entrar num ritmo de trabalho muito maior né, e a gente começou a atuar apenas como convidados em algumas edições por já ter um nome uma referência, só que a gente ainda vai fazer a edição de seis anos de aniversário.

**Priscila:** esse ano?

**Lys:** é esse ano, que é uma edição clássica, trazer um artista jamaicano, algo do tipo, que é a coisa que eles sempre priorizam e a gente sempre tá querendo fazer pro pessoal.

**Priscila:** quem frequenta essas festas? Essa festa Fresh.

**Lys:** é, então, geralmente graças à Jah a gente tem um público predominante negro e isso é muito bom porque a música jamaicana ela tem uma raiz preta né.

**Priscila:** é bem parecido com os ritmos daqui?

**Lys:** exato, é parecido, é... é como se fosse um funk jamaicano...

**Priscila:** e a dança também é parecida

**Lys:** a dança também é parecida, ela tem várias variações, existem sons que falam de consciência, drogas, questões raciais, mas também existem os sons que falam de sexo, da sexualidade masculina e também a feminina, existem artistas mulheres que hoje em dia elas não são tão atuantes, mas elas deixaram esse legado. E aí é 100% no vinil com essas músicas e as meninas elas se identificam bastante né por ser um som que é pra dançar, a gente consegue predominar a pista, e então a gente tem esse público assim predominante negro, mas também cola um pessoal...as brancas que respeitam, que conhecem já o conceito, e é isso.

**Priscila:** e como você se interessou pela festa?

**Lys:** na realidade, eu tenho um relacionamento com um dos *dj's* né, que é o dj Magrão, a festa ela tem o *dj* Magrão, que ele é pesquisador de música jamaicana, pesquisador de música brasileira em vinil, enfim, tem o *dj* Fepa que é o idealizador da festa e tem o *dj* Stranjah que é um francês radicado aqui em São Paulo, que também tinha um soundsystem lá fora, ele já foi pra Jamaica mais de 40 vezes então ele traz essa veracidade, e aí eu comecei a me relacionar com o *dj* Magrão, já produzia outras festas no boteco Prato do Dia, que é o lugar que tem aqui também de resistência jovem, e obviamente por ser uma das festas que eu mais cultivava o amor, um carinho, e me identificava culturalmente falando, eu me disponibilizei pra ajudar eles né, e como eles também já são pessoas mais velhas e não tem tanto esse domínio em comunicação...tem o domínio, mas não tem o tempo pra executar isso né, de planejar e tal, além de separar os discos de vinil e ir lá, enfim, então tava faltando alguém ali pra agilizar esse lado e eu já cheguei junto com eles e é isso, a gente é uma família.

**Priscila:** você já se interessava com as questões raciais?

**Lys:** sim, sim, na realidade eu, desde de criança, a gente é negro mas se descobre negro conforme a gente vai né, crescendo, evoluindo, mas graças à Deus eu já tinha uma noção racial, uma consciência racial antes de eu começar a produzir a festa, bem antes, porque eu já tinha envolvimento com o hip-hop, já trabalhava com...enfim, passagens aéreas pra Flora Matos, pro Emicida, no comecinho da carreira deles, e o hip-hop com suas letras também me ajudou muito a enxergar o que tava errado e o que tava certo, e o oque poderia ser melhorado, então ele me ajudou a trazer muita essa questão racial, e o reggae também com certeza.

**Priscila:** você mora aonde aqui?

**Lys:** eu moro na zona oeste, mas eu sou da zona leste. São extremos assim na cidade porque a zona leste ela...a maioria é região periférica, tem a parte alta né, classe média, mas a zona



oeste já é o oposto né, é onde já fica a galera um pouco mais média alta-alta, então eu também aprendi a me adaptar, socialmente falando, com os vizinhos e enfim, no bairro, mas assim, a ZL é minha área do coração e é isso.

**Priscila:** e as pessoas lá também tem bastante consciência negra, assim de...vão nesses bares, nessas festas?

**Lys:** atualmente sim, porque na realidade, quando a Fresh já existia a gente tinha um público preto que colava mesmo de longe, Cidade Tiradentes, sei lá, vários lugares assim dos extremos pra prestigiar, mas atualmente com a ampliação das festas desse gênero e também dessa ideologia, desse conceito, a galera começou a se ligar mais. Tem a Wine, por exemplo, que faz uma região mais central e as pessoas colam porque são pessoas que trabalham ali pelo centro e ficam no samba, então obviamente eles começaram a perceber essa movimentação.

**Priscila:** a Fresh onde é que ela mais toca?

**Lys:** a Fresh é mais itinerante, a última vez que a gente teve uma residência assim, frequente, foi no Morpheus, que é aqui perto, é uma região oeste central que fica perto da Avenida São João, que é lá a música do Caetano Veloso, mas a gente vai pra onde chamam a gente, Capão Redondo, Mauá, Itaquera, Goyanazes...

**Priscila:** mas ela não é mensal?

**Lys:** então, atualmente faz, vamos ver, maio pra outubro...faz cinco meses que eu não produzo uma edição mensal porque, com esses convites também e meus outros trabalhos de produção ficou bem inviável, mas a última foi em maio que a gente trouxe o Derrik Parker, que é um artista jamaicano muito legal, cantou numa quadra de escola de samba, é isso, atualmente eu venho preferindo fazer assim né, ao invés de fazer, por exemplo, uma edição clássica, que lógico, é muito boa, a preferência, é legal também trazer uma coisa maior né, que dê uma dimensão, que alcance mais pessoas, tenha capacidade, e isso leva um tempo de planejamento porque eu faço tudo sozinha, mas é isso.

**Priscila:** e as mulheres negras, como você elas, vão bastante nessas festas?

**Lys:** sim, sim, vão bastante, desde quando era lá no Zé Presidente que foi onde...um dos lugares onde a festa passou, que foi quando eu comecei a frequentar que foi em 2012, já tinha muita mulher negra assim sem essa onda já da internet que também veio em benefício da gente, mas elas já iam, já frequentavam e só começou a aumentar, e aumentar, e isso é ótimo porque é nosso né...é uma coisa que já fala com a nossa alma, já se identifica.

**Priscila:** a Kamilah tava falando que essa festa né, o *dancehall* né, é da Jamaica e a dança assim é muito sensual também, e as mulheres elas veem algum problema com isso, acha que elas se relacionam com o corpo, essa questão da sexualidade, do sensual, é uma questão posta, assim?

**Lys:** é eu acho que assim, a sexualidade assim, ela sempre foi muito presente né na mulher preta, porque a mulher preta, porque a mulher preta ela foi sexualizada desde sempre, mas de uma forma pejorativa né. Com a festa a gente conseguiu trazer uma autonomia pros corpos, uma...um domínio e um respeito, porque os homens que colam, eles respeitam, eles não chegam encoxando, eles não chegam saca...se interessando, se apropriando do nosso corpo, é tipo a gente que manda na pista, as mulheres que dançam do jeito que elas querem, mas também além da dança sensual existe toda uma tradição de passinhos né, tipo...tem a tradição da “*dancehall queen*” que surgiu lá na Jamaica, que são mulheres que faziam concursos ou que eram as próprias donas do baile, que colocavam suas roupas minúsculas e faziam suas performances, além de ser uma performance sexual, também era uma performance de entretenimento, tinha muito passinho, muita brincadeira com o corpo. Hoje em dia tá um pouco generalizado, mas eu acho que é tudo uma questão de evolução, de a gente também ensinar o que a gente aprendeu né, compartilhar, não é só isso, você pode rebolar mas você também pode fazer um *espacate* e aí chegar outro e fazer uma estrela encima de você, é tudo isso assim que vai além da sensualidade feminina.

**Priscila:** você diria então que a festa é um movimento também?

**Lys:** com certeza, com certeza, os *dj's* assim...eles...eles consideram a festa como uma ação pra se divertir, foi com esse propósito que ela foi criada, de compartilhar as músicas que eram até então muito difíceis de chegar na cidade através dos discos de vinil, mas acabou se tornando um movimento porque é assim que as coisas se transformam né, e quando é positivo pra gente tá ótimo, principalmente pra mim que me identifico muito.

**Priscila:** obrigado Lys.

#### ENTREVISTA 4 - TÁSSIA REIS

Tássia Reis é uma cantora paulistana negra de rap, nascida em Jacareí no Vale do Paraíba, ganhou visibilidade a partir de 2014 quando lançou seu primeiro álbum “Outra esfera”, antes de ser cantora Tássia era dançarina de hip-hop o que acabou por aproximá-la do rap, e ela começou a compor e com o lançamento do videoclipe “Meu rap jazz” ganhou mais visibilidade. O estilo de suas músicas transita justamente entre o rap e o jazz em um som único. A entrevista a seguir ocorreu no Executivo Club no dia 17 de fevereiro de 2017 pouco antes do *pocket* show que ela faria naquele dia e local como evento da festa daquela edição da Wine.

**Priscila:** você e alguns outros artistas, o Liniker, a Mc Linn da Quebrada, são os novos nomes assim... que estão surgindo, e são todos artistas negros, você vê alguma ligação por que isso ocorre? São artistas que estão com propostas diferentes né?

**Tássia:** acho que você falou os pontos que interseccionam a gente, a gente vem de origem da periferia, a gente vai começar a fazer nosso trabalho independente, a gente faz o que a gente acredita e encontrar uma potência dentro disso, então, acho que tudo que eu puder falar além disso é muito óbvio, 'ah a resistência, não sei o que...', só de existir a gente já é a própria...a nossa existência é a resistência, acho que se torna um pouco pleonasmo [uma jovem interrompe pedindo para dar um beijo na Tássia e dizer que tem o máximo respeito]

**Priscila:** dentro do meio da música você sofreu algum preconceito, alguma dificuldade para chegar, para fazer o seu trabalho?

**Tássia:** sim, desde quando eu nasci... [risos]

**Priscila:** mas, mais por ser mulher, por ser mulher negra, por ser da periferia?

**Tássia:** não sei, tem horas que você nem sabe mais o porquê...

**Priscila:** não sabe nem mais de onde que tá vindo né...

**Tássia:** não, não é isso, não tô dizendo que eu não consigo identificar os 'porquês', não é isso, mas assim, são várias as coisas que acontecem e nem sempre ela vai estar estampada ali, às vezes fica na dúvida: 'eu não ser aceita porque eu sou preta, ou porque eu sou mulher, ou pelas duas coisas?', e várias outras coisas que acontecem tipo...o machismo e o racismo estão na estrutura da nossa sociedade e isso já influencia qualquer coisa que eu vá fazer, se eu quiser ser médica eu vou passar um [inaudível]

**Priscila:** e sua música é influenciada por isso? Você canta sobre isso?

**Tássia:** não, eu canto sobre mim, e isso me afeta e afeta todo mundo...

**Priscila:** todo mundo reconhece alguma coisa na sua música né...

**Tássia:** acho que todo mundo não na minha música, se não reconhece deveria entender que as estruturas elas influenciam todos nós e desprivilegiam muitas pessoas.

**Priscila:** e você já tinha vindo na festa?

**Tássia:** não, ainda não, é a primeira vez mesmo.

**Priscila:** é a minha também [risos]

**Tássia:** é que geralmente sexta-feira ou eu não tô na cidade, ou eu tô trabalhando.

**Priscila:** o que você pensa enquanto mulher negra, essa ideia da sexualidade e a sexualização...

**Tássia:** sexualidade ou sexualização?

**Priscila:** sexualidade, porque assim, essas festas elas trabalham muito com o corpo, as danças elas são muito sensuais, e algumas vezes as próprias feministas negras criticam né esse uso do corpo que você pode cair na hipersexualização.

**Tássia:** ai, acho que eu entendo essas festas e as manifestações corporais como uma forma de liberdade, uma forma de expressão nossa, uma origem ancestral e deve ser muito respeitada por isso, quem hipersexualiza os nossos corpos não é a gente, é o padrão branco que fetichiza as coisas, que tem fetiche das coisas e menospreza a nossa cultura, a gente tá aqui exaltando os nossos corpos, é diferente, a gente tá se divertindo, eu venho das danças urbanas, dançar pra mim é um pilar da minha vida.

**Priscila:** dançar e cantar...

**Tássia:** não, é que dançar veio antes na minha vida, eu comecei a dançar aos 14 anos, eu comecei a cantar depois.

**Priscila:** essas músicas assim você dançava?

**Tássia:** também, eu dançava danças urbanas, são vários tipos de danças diferentes.

**Priscila:** e você é de onde aqui?

**Tássia:** eu sou de Jacareí, no vale do Paraíba

## ENTREVISTA 5 - GABI ZIRIGUIDUM

Gabi Ziriguidum é professora de dança e idealizadora do projeto “Celebre seu corpo”, participou do aulão de Batekoo com o estilo Kuduro. A entrevista a seguir foi realizada no dia do evento (08/07/2017)

**Priscila:** eu queria saber o que você pensa, como você vê essa relação do corpo da mulher negra, a sexualidade e a dança, como você relaciona tudo isso...

**Gabi:** como eu encaro tudo isso junto né? A dança preta, a mulher preta, e a sexualidade...

**Priscila:** ...os usos do corpo que ela (mulher negra) faz...

**Gabi:** é, é uma potência muito grande né, o corpo na verdade é a maior arma que a gente tem, e pra mim, nas minhas...na minha referência que eu tenho, a dança é o maior poder que uma mulher pode ter, qualquer pessoa, mas, mulher em si mais, e a gente tem uma relação muito forte com pelve, com o sensual, com essa coisa do chakra, da energia, então, acho que...ai desculpa eu tô tremendo...

**Priscila:** não tem problema...

**Gabi:** não, sério...rsrs

**Priscila:** calma...rsrs

**Gabi:** mas assim, eu acho que tudo isso se funde em um poder só que a gente tem que ter muito cuidado na hora de passar essa mensagem pra outras pessoas né, pra elas não acharem que é algo só sexualizado, e só veem aquilo sendo que tem uma mensagem por trás disso, nosso corpo, a gente passa uma mensagem de poder né, igual a mesma coisa quando eu falo: ‘a mulher negra já nasce feminista mas ela não sabe’, e aí ela já nasce lutando pelo direito de existir mas não está de igual-igual pro outro, e aí eu vejo uma referência muito forte também nas meninas de favela mesmo lá do Rio, elas vão pro baile funk independente do corpo delas, elas *colam* com um shortinho, *colam* com uma calça, e aí você vê uma mulher daquela, ela descer o morro num horário que pra gente não deveria ser, mas pra gente é perigoso, ir pro baile tipo, proibidão, dançar funk, tipo, de um lado a polícia, de outro lado, tá ligado, os bandidos ali, e tá ali celebrando um corpo, tá ligado, é uma parada muito forte, é uma potência muito forte, e aí a gente tem que ter uma sinceridade muito forte pra poder realmente entender e ver onde é que tem um poder e a mensagem disso.

**Priscila:** tem dentro das próprias mulheres negras, feministas negras, já vi discussões assim... que elas estariam reforçando estereótipos quando fazem esse tipo de dança, o que você pensa sobre isso?

**Gabi:** não, acho que não tem um reforçar estereótipo, acho que é... dança preta pra mim, tudo que faz assim (mostrando um movimento com a pelve) é dança preta

**Priscila:** África tem muito isso também né...

**Gabi:** é, África é muito [inaudível] a gente tem muito essa coisa de mãe, essa coisa 'mãe África' essa coisa materna, essa coisa do ventre, então acho que não tem um estereótipo, tudo é pelve, tudo é pelve, na verdade o poder todo tá aqui, tá ligado, quando a gente faz esse movimento de rebolar a gente lubrifica nossa vagina, já acontece muitas coisas, então assim, pra mim não tem estereótipo nenhum, eu acho que dança preta é isso, e dança que veio de gueto é isso, o corpo é isso, a gente tem que saber celebrar ele como tem que ser celebrado, não se privar de nada sabe, mas aí quando a gente fala de mulher preta a gente...vem tudo que é preto, até do que envolve a dança, então realmente o funk é pelve, o kuduro é pelve, danças tribais também tem muito pelve, tudo é pelve e tudo tá...é uma mãe África só que tudo tá envolvido nessa pélvis.

**Priscila:** e como você se envolveu com a dança...com todas essas relações?

**Gabi:** então, eu comecei a danças com 11 anos. Comecei com dança afro-brasileira e depois eu fui pra danças urbanas e daí eu estudei *dancehall*, e aí um belo dia eu falei: 'cara, quer saber, não dá pra eu guardar essa coisa dentro de mim', porque eu nasci na Angola, fui batizada em Salvador, mas eu fui registrada no Rio, e aí conheci um amigo meu de Angola e a gente começou a fazer vários vídeos, e aí eu falei...e já despertou uma parada dentro de mim que eu falei 'mano, eu não posso mais dançar outro estilo assim', acho que o estilo que me caracteriza, que me diz, que fala sobre o meu corpo é esse, eu quando comecei a estudar o kuduro e o afrohouse, são os estilos mesmo daonde eu vim né, porque da minha terra que é Angola, então a dança...e também eu entrei na dança por eu me sentir bem e também eu tenho um projeto chamado "Celebre seu corpo", que eu uso a dança como empoderamento corporal, como ferramenta né, e as danças africanas como base, essa coisa da celebração do pélvis, e aí todo vez que eu fazia...eu perdi 20 quilos, antes quando eu fazia as audições as essoas falavam : 'ah não você dança bem, mas você não vai passar', tipo, aí eu ia fazia a audição a galera me olhava dançar ficava tipo 'ohh, nossa!!!', mas aí depois falava ' não acho que você não se encaixa no perfil', quando eu era pequena também tinha uma professora que me chamava sempre pra poder dançar, ensaiar né no caso, e aí eu ajudava ela a montar coisas, eu tinha 8 anos na época, só que chegava na hora ela nunca deixava eu dançar, até que um dia ela falou que não adiantava eu dançar como uma bailarina se eu não tiver o corpo de uma, e aí isso tudo foi se acumulando, acumulando, e eu recepei o que é o projeto e eu caí em si que realmente a dança é realmente a maior potência que eu tenho sobre meu corpo, e é isso.

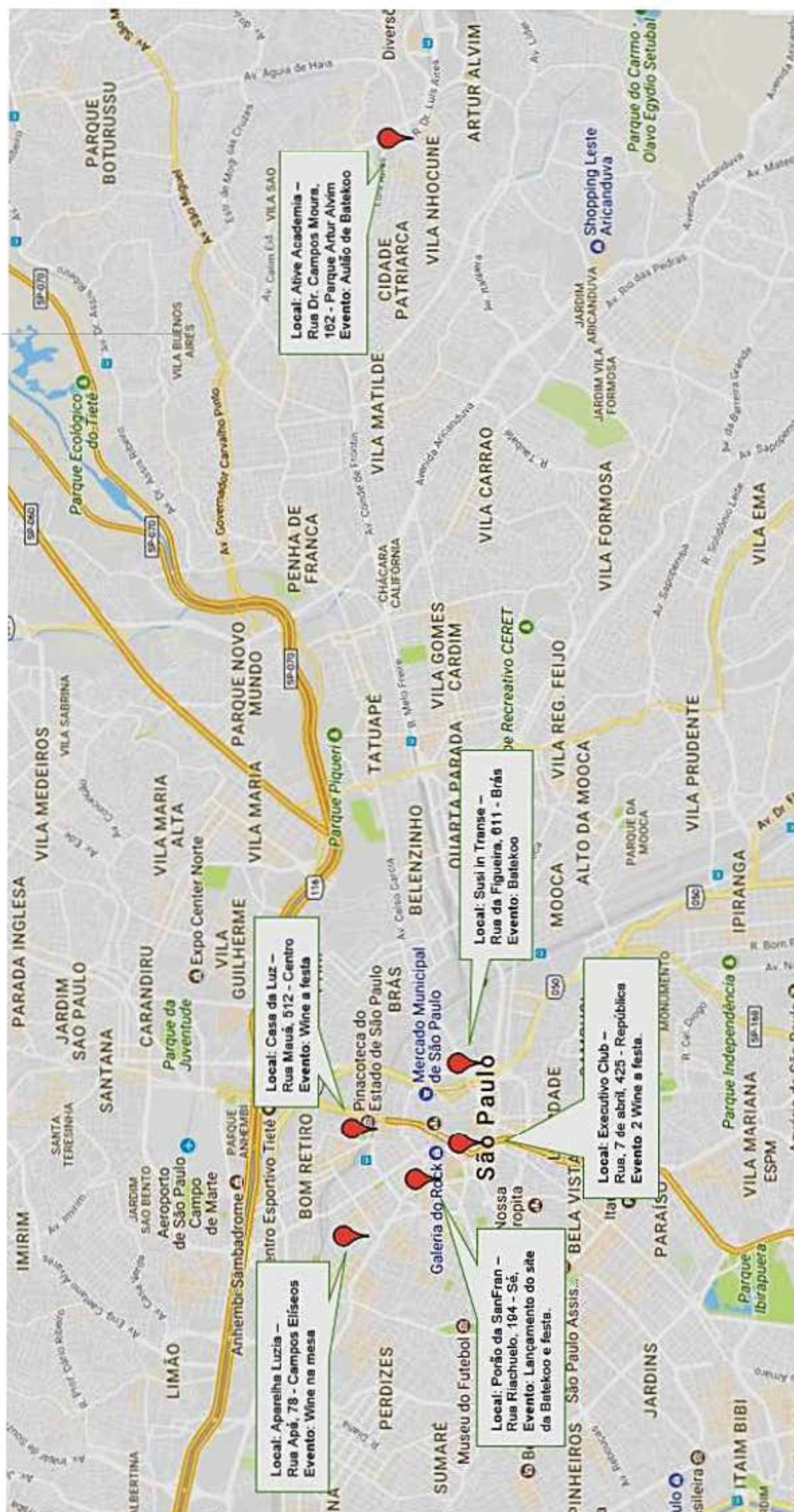
**Priscila:** você se relaciona com o seu corpo com o mundo a partir da dança

**Gabi:** a partir da dança, e é aí que eu me liberto, porque na verdade na África é isso, quando a gente usa pra comemorar, pra celebrar, a morte, comida, tudo isso a gente usa a dança, e realmente é isso, tudo uma celebração corporal, tudo envolve o corpo que é a gente num só, acho que é isso.

**Priscila:** Obrigada.



## APÊNDICE 2 - MAPA GERAL DO CAMPO – SÃO PAULO – SP (2016 A 2017)



Fonte: a autora/Google